



UNIFACS

UNIVERSIDADE SALVADOR

LAUREATE INTERNATIONAL UNIVERSITIES*

MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL E URBANO

VALÉRIO ALMEIDA DE CARVALHO VILELA

**NOVO OESTE: UMA ANÁLISE DO PROCESSO MIGRATÓRIO DA CIDADE
DE LUÍS EDUARDO MAGALHÃES – BA**

Salvador
2018

VALÉRIO ALMEIDA DE CARVALHO VILELA

**NOVO OESTE: UMA ANÁLISE DO PROCESSO MIGRATÓRIO DA CIDADE
DE LUÍS EDUARDO MAGALHÃES – BA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Urbano (PPDRU), Desenvolvimento Regional e Urbano, UNIFACS Universidade Salvador UNIFACS, Laureate International Universities, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Maria Couto Mello.

Salvador
2018

Ficha Catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNIFACS
Universidade Salvador, Laureate International Universities.

Vilela, Valério Almeida de Carvalho

Novo Oeste: uma análise do processo migratório da cidade de Luís Eduardo Magalhães – Ba. / Valério Almeida de Carvalho Vilela. - Salvador: UNIFACS, 2018.

260 f. : il.

Dissertação apresentada ao Mestrado em Desenvolvimento Regional, da Universidade Salvador – UNIFACS, Laureate International Universities como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Maria Couto Mello.

1. Migração interna – Brasil – Ba - Luís Eduardo Magalhães. 2. Políticas Públicas. 3. Manifestações Culturais. I. Mello, Márcia Maria Couto, orient. II. Título.

CDD: 304.98142

*Dedico este estudo à Vitorina Vilela, minha mãe,
por ter dedicado boa parte de sua vida para edu-
car seus filhos.*

AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares eu tenho o maior sentimento de apoio e gratidão. Em especial, a minha mãe Vitorina Vilela, que desde que nasci mostrou a importância da educação em todos os estágios da vida, inclusive no campo profissional, na qual sigo seus passos também como educador. Agradeço a Vandré, meu irmão, meu amigo e minha fortaleza que me incentivou desde o início a realizar o curso neste programa de mestrado e principalmente a não me fazer desistir mesmo quando enfrentei problemas que me fraquejaram durante esta caminhada. A Minha Irmã Vilany e meus sobrinhos, pela generosidade em realizar os meus traslados para Salvador. Vocês foram às pessoas que me encorajaram para conclusão deste trabalho. Muito Obrigado!!!

Um agradecimento especial eu faço à minha orientadora, Professora Dra. Márcia Mello. Agradeço pela confiança que foi depositada em mim, mesmo com a distância geográfica, entendendo minhas dificuldades e me tratando sempre de forma muito gentil e carinhosa, algo raro de se encontrar no meio acadêmico. Seus ensinamentos levarei por toda minha trajetória profissional. Um agradecimento especial também às professoras Ana Licks e Liliana Mariano que fizeram parte da banca de avaliação, contribuindo de forma significativa para o meu aprendizado.

Não poderia deixar de agradecer aos amigos e membros do grupo Badas e Ladas: Rônei, André, Fernanda, Thayrone, Patricia, Januária, Ana Cláudia, Alexandre Magno, Wagner e João José, Renata, Crisna, que me ajudaram com uma informação, um texto, ou uma palavra, para que este curso se tornasse mais leve e proveitoso. Ao meu companheiro afetivo Alexandre Cunha, pelas palavras de incentivo, ausências, instabilidades emocionais e por estar ao meu lado acreditando que seria capaz de concluir este trabalho.

Agradeço aos dirigentes da Faculdade São Francisco de Barreiras, em especial o Professor Tadeu Bergamo, que me oportunizou realizar esse sonho, compreendendo minhas ausências e dedicação para este estudo. Sem este apoio, seria impossível chegar até aqui. A Janaina Ferreira, minha colega de

setor que também se desdobrava para suprir minhas ausências e aos coordenadores de cursos nos quais também incentivaram neste processo.

Por fim, agradeço a todos os meus colegas de curso, Cléber, Renata, Rafaela que sempre se preocuparam comigo, e aos professores do curso que sabiamente me auxiliaram em todos os momentos que necessitei.

“TODA UNANIMIDADE É BURRA”

Nelson Rodrigues.

RESUMO

As políticas públicas do governo federal com vistas à ocupação dos vazios demográficos por volta dos anos 70 e 80 fez com que a modernização tecnológica no cultivo agrário influenciasse os fluxos de migração no cerrado da Bahia. Assim, o presente estudo tem por objetivo geral investigar os impactos socioculturais do processo migratório na constituição da cidade de Luís Eduardo Magalhães – BA. Esta dissertação também faz um levantamento para identificar os principais fatos históricos que levaram a criação da cidade, entender as razões que impulsionaram a migração para esta localidade e analisar as principais manifestações culturais presentes no cotidiano do município. Para isso, realizou-se uma pesquisa exploratória através de informantes-chaves, para coletar dados que subsidiasse uma averiguação qualitativa na busca de informações que revelassem um perfil de uma cidade que ainda está em construção, quanto a sua identidade cultural. Após esta análise foi possível perceber as dualidades inerentes ao processo de crescimento acelerado de uma pequena cidade, revelando as mesmas problemáticas de prevalência do poder econômico, hegemonia de tradições de grupos detentores deste poder, segregação e precárias condições de infraestrutura que são visíveis na cidade.

Palavras Chaves: Políticas Públicas. Migração. Manifestações Culturais.

ABSTRACT

The public policies of the federal government in view of the occupation of the demographic vacuums around the 70's and 80's made the technological modernization of agrarian cultivation influences migration flows in the cerrado of Bahia. Thus, the present study has as general objective to investigate the socio-cultural impacts of the migratory process in the constitution of the city of Luís Eduardo Magalhães - BA. This dissertation also makes a survey to identify the main historical facts that led to the creation of the city, to understand the reasons that motivated the migration to this locality and to analyze the main cultural manifestations present in the daily life of the municipality. For this, an exploratory research was conducted through key informants to collect data that would subsidize a qualitative inquiry in the search for information that would reveal a profile of a city that is still under construction, as well as its cultural identity. After this analysis, it was possible to perceive the dualities inherent to the accelerated growth process of a small city, revealing the same problems of prevalence of economic power, hegemony of traditions of groups holding this power, segregation and precarious infrastructure conditions that are visible in the city.

Keywords: Public Politics; Migration; Cultural manifestations.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Origem da população residente de LEM	78
Gráfico 2 - Ocupação de Trabalhadores dos trabalhadores de acordo com a atividade econômica.....	79
Gráfico 3 - Frequência de alunos em idade escolar	87
Gráfico 4 - Expectativa de vida ao nascer	91
Gráfico 5 - Características sulistas mais presentes em LEM	115

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa dos Territórios de Identidade do Estado da Bahia	36
Figura 2 - Mapa Territórios de Identidade da Bacia do Rio Grande	43
Figura 3 - Fazenda de Algodão na Cidade de São Desidério-Bahia	49
Figura 4 - Vista aérea do Arraiá do Cidadão na cidade de Luís Eduardo Magalhães.....	57
Figura 5 - Panfleto de divulgação da Festa da Colheita	60
Figura 6 - 12ª Edição da Bahia Farm Show em Luís Eduardo Magalhães.....	61
Figura 7 - Solenidades da Semana Farroupilha no CTG Sinuelo dos Gerais em LEM.....	63
Figura 8 - Mapa de delimitação da região do MATOPIBA.....	68
Figura 9 - Primeira casa construída na sede do atual município, derrubada em 2000	70
Figura 10 - Fotografia de Enedino Alves da Paixão, conhecido como Negão..	71
Figura 11 - Primeira caixa d'água do posto Mimoso em 1982	72
Figura 12 - Posto Mimoso localizado no entroncamento das BR's 020/242	72
Figura 13 - Mapa da cidade de Luís Eduardo Magalhães no Estado da Bahia	73
Figura 14 - Maiores PIB'S Per Capita da Bahia em reais.....	82
Figura 15 - Localização do Bairro Santa Cruz.....	84
Figura 17 - Índice de Desenvolvimento Humano Municipal – Geral.....	86
Figura 18 - A busca por terras.....	94
Figura 19 – Organograma da categoria “Busca por Terras”	95
Figura 20 - Árvore de categoria “Continuidade das Tradições Sulistas”	105
Figura 21 - Organograma da Categoria “Continuidade das Tradições Sulistas”	107
Figura 22 – Família reunida tomando chimarrão em praça pública de LEM ..	112
Figura 23 - Fachada de empresa especializada em itens de churrasco	116
Figura 24 - Árvore de categorias "Festas Populares".....	119
Figura 25 - Organograma da Categoria “Festas Populares”	120
Figura 26 - Arraiá do Cidadão 2018 em LEM.....	122
Figura 27 - Mateada em Luís Eduardo Magalhães	125
Figura 28 - Árvore da categoria Segregação e Problemas Sociais	129
Figura 29 - Organograma da categoria “Segregação e Problemas Sociais” ..	130
Figura 30 - Condomínio Residencial no bairro Jardim Paraíso	133
Figura 31 - Residência no Bairro Santa Cruz.....	134
Figura 32 - Praça da Bíblia no bairro Santa Cruz.....	136

Figura 33 - Árvore de Categoria “Afetuosidade”	141
Figura 34 - Organograma da Categoria “Afetuosidade”	142

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Caracterização Socioeconômica e Educacional dos Entrevistados	22
Tabela 2 - Frequência de palavras recorrentes em discurso	26
Tabela 3 - Características gerais do território da Bacia do Rio Grande	45
Tabela 4 - Comparação do PIB e IDH dos municípios de São Desidério e Buritirama	48
Tabela 5 - População de Luís Eduardo Magalhães – BA entre 1991 e 2010...	76
Tabela 6 - Emprego e Renda da cidade de Luís Eduardo Magalhães	80
Tabela 7 - Longevidade, Mortalidade e Fecundidade - Município - Luís Eduardo Magalhães – BA	90
Tabela 8 - Qualificação de características de Sulistas e Baianos	146

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AMMO	ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DO MIMOSO DO OESTE
AIBA	Associação De Agricultores E Irrigantes Da Bahia
BFS	Bahia Farm Show
CARIG	Colonizadora E Administradora Vale Do Rio Grande
CREAI	Carteira De Crédito Agrícola E Industrial
CTG	Centro De Tradições Gaúchas
EBDA	Empresa Brasileira De Desenvolvimento Agrícola
EMBRAPA	Empresa Brasileira De Pesquisa Agropecuária
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IDHM	Índice De Desenvolvimento Humano Municipal
IPEA	Instituto De Pesquisa E Econômica Aplicada
LEM	Luís Eduardo Magalhães
MATOPIBA	Acrônimo que define as fronteiras dos Estados do Maranhão, Tocantins e Piauí
MDA	Ministério De Desenvolvimento Agrário
ONG	Organizações Não Governamentais
PAD - DF	Programa De Assentamento Dirigido Do Distrito Federal
PIB	Produto Interno Bruto
PRODECER	Programa De Desenvolvimento Dos Cerrados
PRONAT	Política De Desenvolvimento Territorial E No Programa De Desenvolvimento Sustentável De Territórios Rurais
SEPLAN	Secretaria de Planejamento do Estado da Bahia
SEI	Sistema Eletrônico De Informações
TI	Território De Identidade
VAB	Valor Acrescentado Bruto

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	19
1.1.1 O campo de investigação e seus sujeitos.....	20
1.1.2 Procedimentos analíticos	24
2 CULTURA, TERRITÓRIO E MIGRAÇÃO	28
2.1 A CULTURA E SUAS RELAÇÕES TERRITORIAIS	28
2.2 PERCURSO REFLEXIVO SOBRE TERRITÓRIO E TERRITÓRIOS DE IDENTIDADE.....	33
2.3 PROCESSOS MIGRATÓRIOS COMO FATORES DE DIFUSÃO E EXPANSÃO CULTURAL.....	37
3 CARACTERIZAÇÃO DO TERRITÓRIO DE IDENTIDADE DA BACIA DO RIO GRANDE	42
3.1 CARACTERÍSTICAS GERAIS DO TERRITÓRIO DA BACIA DO RIO GRANDE.....	42
3.1.1 Dimensão cultural do Território da Bacia do Rio Grande.....	49
4 CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO E PROCESSO HISTÓRICO DE FORMAÇÃO DA CIDADE DE LUÍS EDUARDO MAGALHÃES	67
4.1 O PROCESSO DE EMANCIPAÇÃO POLÍTICA DA CIDADE DE LUÍS EDUARDO MAGALHÃES E O DESENVOLVIMENTO LOCAL.....	73
4.2 CARACTERÍSTICAS DEMOGRÁFICAS E SOCIAIS DE LUÍS EDUARDO MAGALHÃES.....	75
4.2.1 Demografia.....	75
4.2.2 Emprego e Renda	78
4.2.3 Panorama Econômico de LEM	81
4.2.4 Educação	86
4.2.5 Saúde.....	89
5 UM PEDAÇO DO SUL BRASILEIRO NO OESTE DA BAHIA	93
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	149
REFERÊNCIAS	153
APÊNDICE A - Roteiros de Entrevistas	160
APÊNDICE B - Transcrições das Entrevistas	166

1 INTRODUÇÃO

Desde o início do século XX, as políticas públicas que incentivavam a agricultura no Brasil tinham como atribuição básica a busca de um mecanismo para realizar o crédito agrícola de forma eficaz e promover a “ocupação dos vazios demográficos” por meio da absorção dos excedentes populacionais que faziam pressão no Centro-Sul do país.

Com a crise de 1929, no Estado Novo no Brasil, o poder precisou se reorganizar, a partir dos órgãos governamentais. Com o objetivo de promover a agricultura, foi criada a Carteira de Crédito Agrícola e Industrial (CREAI) do Banco do Brasil, em 1937, que se destinava a fomentar a produção e modernizar as atividades agrícolas. Esse processo teve início nas operações de crédito aos produtores rurais de melhor capacidade financeira, que passaram a ser atendidos por uma política creditícia oficial. No entanto, os resultados obtidos não foram satisfatórios (RAMOS, 2001).

Novos elementos tiveram de ser acomodados mediante interesses que surgiam com a crise do café. Assim, no período que compreende o biênio de 1945 a 1947, pretendeu-se construir um Estado capaz de quebrar os desequilíbrios regionais pela implantação de uma política demográfica e criar um Brasil industrial, urbano, moderno e com alto padrão de vida (BRASIL, 2002).

A emergência da Segunda Guerra mundial agravou a crise no Brasil, levando ao fim o processo de substituição de importações enquanto modelo de desenvolvimento. Houve a necessidade de transitar para um novo modelo, verdadeiramente autônomo, cabendo ao Estado sua criação por meio de investimentos governamentais que substituíam o impulso externo (GONÇALVES, 1997) consolidou-se a transformação da agricultura em instrumento de desenvolvimento no processo de industrialização em substituição às importações.

Como consequência, o movimento “A Marcha para o Oeste”, considerado um projeto Geopolítico de ocupação do “Sertão”, que se desdobrou na construção das cidades de Brasília e Goiânia, deslocou populações para os sertões do Brasil e possibilitou que os equipamentos da vida urbana chegassem para estas regiões. Mais que isso, levou o poder central para o interior, o que serviu para iniciar um processo de deslocamento da nova fronteira agrícola brasileira do Centro-Sul para o

Centro-Oeste, além da criação de novas fronteiras a exemplo do MATOPIBA (Acrônimo que define as fronteiras dos Estados do Maranhão, Tocantins e Piauí). Nessa conjuntura, nascem os primeiros programas de pesquisa e órgãos responsáveis para aplicar políticas públicas de desenvolvimento (HAESBAERTH, 1997).

Tendo em vista o incremento do governo brasileiro na pesquisa agrícola, desenvolvida principalmente pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), o Cerrado consolidou-se como importante área de expansão da agropecuária nacional. Assistiu-se um acelerado processo de expansão da área cultivada e a diversificação de culturas provocada pela intensa migração de pessoas. Os investimentos direcionaram-se às inovações tecnológicas, bioquímicas, técnicas de manejo do solo e adaptações de cultivos às condições agroecológicas do Cerrado (RAMOS, 2001).

Na região Oeste da Bahia, inicialmente dois programas foram desenvolvidos pelo governo federal, para que dessa maneira se concretizasse e se produzissem os frutos necessários para a sua expansão. De acordo o relatório Geral de Nº 48 do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento / Agência de Cooperação Internacional do Japão (2002), o Programa de Desenvolvimento dos Cerrados (PRODECER) foi um programa baseado na complementaridade da cooperação econômica e na reciprocidade de interesses entre o Brasil e o Japão. De um lado, o Brasil recebia investimentos japoneses destinados a financiar a pesquisa agropecuária e, de outro, o Japão se beneficiava da maior oferta de soja no mercado internacional.

Todavia, seria necessário expandir a área cultivada no país para suprir as necessidades de uma população em expansão. Ou seja, entende-se que havia o intuito de atender aos interesses internacionais através da venda de máquinas, insumos e do cultivo de produtos destinados ao mercado externo, mas tal iniciativa tinha como objetivo a “materialização de um celeiro capaz de alimentar uma importante fração da população mundial, tomando em consideração o desenvolvimento econômico e social do Brasil no século XXI” (BRASIL, 2002, p. 3).

Outro programa que foi fruto da intervenção do Estado a partir de políticas agrícolas foi o Programa de Assentamento Dirigido do Distrito Federal (PAD-DF), com a função de promover a modernização da atividade produtiva através da

introdução de uma tecnologia moderna, visando, conseqüentemente, o aumento da produção e da produtividade. Dessa maneira, utilizou-se o estudo para correção do solo da região Oeste da Bahia, como forma de tornar fértil essa região que ainda era inexplorada (PITTA, 2005).

A partir da década de 1980, o que se percebeu nas cidades do extremo Oeste da Bahia foi o início de um grande fluxo migratório para as cidades de Barreiras, Mimoso do Oeste (atual Luís Eduardo Magalhães), Formosa do Rio Preto e São Desidério, alterando significativamente a dinâmica espacial destes municípios com reflexos nas questões sociais, econômicas, ambientais e culturais. De acordo Pitta (2005), na cidade de Barreiras e em Luís Eduardo Magalhães, em especial, a economia centrou-se na agricultura, destacando-se na produção de grãos como soja, milho, arroz e algodão.

A cidade de Luís Eduardo Magalhães (LEM) que, foi emancipada do município de Barreiras em 30 de Março de 2000, pela lei estadual baiana 7619/00, teve iniciado o seu processo de ocupação na década de 1980, basicamente por migrantes oriundos do sul do país e dos baianos que ali já habitavam. LEM, como é conhecida, na sua formação expressa tradicionalmente os traços culturais dos estados sulistas, embora haja uma concentração de migrantes que chegaram de diversas partes do país com a mesma esperança de crescer e vencer.

Em LEM, gaúchos, catarinenses, paranaenses, goianos e paulistas, plantaram suas lavouras e impulsionaram o crescimento da região, o que fez progredir o pequeno povoado de Mimoso do Oeste. Uma pequena aglomeração de casas que surgiu ao redor de um posto de combustível, hoje se transformou num pujante município, conhecido como a “A Capital do Agronegócio”, atraindo investimentos de grandes indústrias para a cidade, assim como, revelando problemas de desigualdades sociais e de infraestrutura urbana. A má distribuição de renda no município é visível na forma de segregação, em vários sentidos. Inclusive, a rodovia BR-242, que corta o município, parece estabelecer uma divisão socioeconômica e cultural muito impactante

A formação cultural do município está pautada numa grande diversificação de tradições, hábitos e costumes em uma localidade que ainda está em processo de formação e busca pelo seu traço de identidade cultural. O que fica evidente na cidade é a disseminação da cultura sulista para seus habitantes, enraizada ainda no

processo histórico dos efeitos da migração, bem como, a disseminação destas tradições através de eventos culturais e folclóricos, presentes no calendário festivo oficial da cidade.

O presente estudo se justifica pelas peculiaridades que são percebidas em Luís Eduardo Magalhães, assim que se chega à cidade. O município possui um “ar” diferente, que é observado no sotaque típico da população sulista do Brasil ou nas rodas de chimarrão que acontecem em algumas praças, assim que se começam as primeiras andanças naquela cidade. A presença de outros símbolos e expressões folclóricas ou culturais oriundas do Sul do Brasil, também vão se revelando na medida em que se atenta para o reconhecimento dessas características.

As motivações pessoais do pesquisador em querer entender as alterações que trazem a tona algumas particularidades, inclusive com ênfase nas práticas culturais, fazem parte do discurso de muitas pessoas que moram em cidades vizinhas e percebem a singularidade de LEM em relação às outras localidades que compõe o mesmo Território de Identidade. As comparações de hábitos, tradições festivas, gastronomias e arquiteturas são apenas algumas das diferenças percebidas que serão analisadas ao longo do estudo.

Uma vez que não se tem conhecimento sobre outros estudos envolvendo uma investigação com ênfase nos efeitos do processo histórico e migratório da cidade de LEM, é possível confirmar o ineditismo da temática proposta para este trabalho e a expressiva contribuição que deixa para aquele município. Justifica-se, portanto, investigar e analisar as práticas culturais que se firmam naquele município, bem como, identificar as principais alterações na ocupação e no uso espaço, reveladas pelos hábitos e costumes cotidiano dos seus habitantes.

Assim sendo, esta pesquisa buscou realizar uma investigação especificamente sobre os impactos socioculturais advindos do processo migratório na constituição da cidade de Luís Eduardo Magalhães – Bahia, para analisar as principais variáveis que podem ser estabelecidas a partir dos questionamentos que são apresentados como a problemática do presente estudo.

Define-se, portanto, que o objetivo geral desta pesquisa é investigar os impactos socioculturais do processo migratório na constituição da cidade de Luís Eduardo Magalhães – BA.

Quanto aos objetivos específicos:

- a) Identificar os fatos do ponto de vista sócio histórico que levaram à criação da cidade de LEM;
- b) Entender as razões que impulsionaram o processo de migração em direção à região Oeste do Estado da Bahia;
- c) Identificar e analisar as principais manifestações culturais existentes na cidade de LEM.

Para que se alcançasse o objetivo proposto neste estudo, serão apresentados os procedimentos metodológicos isoladamente no item que se segue, detalhando o campo de investigação e seus sujeitos, os instrumentos de coletas de dados, bem como, os procedimentos analíticos.

Esta pesquisa foi estruturada em seis capítulos. Além deste primeiro capítulo que apresenta a introdução com a exposição da temática proposta e os procedimentos metodológicos deste estudo, o segundo capítulo traz o aporte teórico desta dissertação, como forma de subsidiar o entendimento das ideias centrais que irão compor as discussões levantadas durante o trabalho.

O terceiro capítulo consiste na caracterização do objeto de estudo e informa sobre as peculiaridades do Território de Identidade da Bacia do Rio Grande, apresentando as características demográficas, econômicas e culturais, onde está inserida a cidade de LEM.

O processo histórico de formação da cidade de LEM compõe o capítulo quatro, enquanto a análise e a discussão dos resultados revelados através das entrevistas com os informantes chaves estão expostas no capítulo cinco.

O capítulo seis refere-se à conclusão deste estudo, levantando o olhar crítico dos principais aspectos revelados durante este estudo em consonância com os objetivos propostos para a execução desta dissertação.

1.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para o desenvolvimento deste trabalho, foi realizada inicialmente uma pesquisa bibliográfica, baseada na análise de literatura já publicada em forma de livros, revistas eletrônicas, artigos, teses, dissertações, entre outros documentos,

assim como, a utilização de coleta de dados em fontes oficiais, a exemplo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Na concepção de Lakatos & Marconi (1992) esse é o primeiro passo de toda pesquisa científica cujo fim é colocar o pesquisador em contato com o que foi escrito sobre determinado assunto.

A presente investigação constitui-se em uma pesquisa de campo metodologicamente desenvolvida sob os princípios da abordagem qualitativa, que nas acepções de Lüdke (1986) tem como finalidade obter dados voltados para compreender as atitudes, as motivações e os comportamentos de determinados grupos de pessoas. É importante perceber que é um tipo de investigação que considera apenas aspectos subjetivos, os quais não podem ser traduzidos em números.

Conseqüentemente, esta pesquisa tem caráter exploratório, um tipo de abordagem que tem como finalidade proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. A grande maioria dessas pesquisas envolve: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão (GIL, 2007). Além disso, foram utilizados registros em relatórios de visitas para que se confrontasse o conteúdo e percepções do pesquisador, com os discursos dos entrevistados que serão apresentados na análise e discussão dos resultados.

1.1.1 O campo de investigação e seus sujeitos

Para o desenvolvimento do presente estudo de caso, o recorte espacial da pesquisa de campo abrangeu a cidade de Luís Eduardo Magalhães – Bahia. Para adentrar no universo específico da cidade, tornou-se necessária a identificação de portadores de informações em que pudesse representar o coletivo dentro de seus segmentos específicos, onde estão inseridos em um grande espaço populacional. Essas pessoas são detentoras da história, dos processos sociais de seus grupos e de informações relevantes para contribuição do tema proposto.

Definiu-se, que para a produção da coleta de dados para esta dissertação, seria utilizada a técnica da entrevista semiestruturada com pessoas chaves, de forma individualizada.

A leitura de algumas matérias jornalísticas publicadas em revistas e jornais locais permitiu identificar no universo de pessoas ligadas à história de LEM que seriam os entrevistados, considerados informantes chaves, para esta pesquisa. Logo, se iniciou o contato com esses indivíduos, através de um breve e-mail solicitando agendamento, explicando o intuito da pesquisa e comentando previamente o roteiro da entrevista semiestruturada, para que estes se familiarizassem com a temática central deste trabalho.

Cabe comentar que a busca pelos informantes chaves iniciou-se em agosto de 2017, quando a pesquisa começava a ganhar forma e os contatos iniciais com esses representantes começaram a serem realizados. A adesão voluntária se constituiu de forma rápida com alguns entrevistados, que acabaram também colaborando com indicações de outras pessoas que estavam dispostos a contribuir. Todavia, houve dificuldades com a recusa de alguns dos informantes chaves para participar das entrevistas semiestruturadas, que alegando motivos pessoais se recusaram em cooperar com este estudo.

Em relação a esta técnica metodológica, Flick (2013) diz que as entrevistas semiestruturadas são conduzidas sob a guia de um rol de perguntas preparadas previamente preparadas pelo pesquisador, porém, com certa flexibilidade para que os entrevistadores se desviem da sequência estipulada, dependendo dos temas e ideias elencados pelo depoente. Além disso, importa destacar que:

[...] para o sucesso de uma entrevista estruturada é necessário que o entrevistador sonde em momentos adequados e conduza a discussão da questão em maior profundidade. Ao mesmo tempo, os entrevistadores devem trazer à entrevista todas as perguntas que sejam relevantes para esta questão. As questões abertas devem permitir espaço para as visões específicas e pessoais dos entrevistados e também evitar influenciá-los. Essas perguntas abertas devem ser combinadas com perguntas mais focadas, que se destinam a conduzir os entrevistados além das respostas gerais e superficiais e a introduzir temas que eles não teriam mencionado espontaneamente. (FLICK, 2013, p. 115).

Elaborado especificamente para este trabalho, o roteiro das entrevistas foi dividido em 3 blocos principais que se desdobram em questões abertas e fechadas para melhor compreensão e análise das informações. O primeiro bloco é composto por perguntas generalizadas a respeito dos dados demográficos dos entrevistados, a exemplo de gênero, escolaridade, renda, profissão e naturalidade. Os dados arrolados que definem o perfil dos entrevistados podem ser visualizados na tabela 01:

Tabela 1 - Caracterização Socioeconômica e Educacional dos Entrevistados

Entrevistado	Gênero	Faixa Etária	Escolaridade	Renda Mensal	Naturalidade
A	Feminino	75- 80 anos	Especialização	10 salários	Barreiras-BA
B	Feminino	45 – 50 anos	Especialização	15 salários	Ponta Grossa - PR
C	Masculino	45 – 50 anos	Especialização	20 salários	Galiléia – MG
D	Feminino	80 – 85 anos	Fundamental	20 salários	Soledade – RS
E	Masculino	80 – 85 anos	Pós Doutorado	30 salários	Tangará - SC
F	Masculino	65 – 70 anos	Especialização	10 Salários	Ibirubá – RS
G	Feminino	55 – 60 anos	Graduação	8 salários	Campo Novo - RS

Fonte: Elaboração do Autor (2018).

No segundo bloco, os itens da entrevista foram personalizados. Para cada indivíduo entrevistado foi montada uma pergunta específica com questões voltadas às políticas públicas e ao processo de migração, fazendo referências com o campo de atuação de cada um dos participantes.

Já no terceiro e último bloco, os questionamentos abordam itens como: identidade cultural, hábitos e costumes, além da percepção destes sujeitos em relação aos aspectos sociais da cidade de Luís Eduardo Magalhães, revelando singularidades a respeito de movimentos culturais que também são discutidos nesta dissertação.

Assim, os questionários foram aplicados a sete informantes-chaves, que contribuíram voluntariamente para esta dissertação, concedendo entrevistas semiestruturadas. A escolha destes informantes buscou extrair a opinião do coletivo, uma vez que eles representam categorias específicas de formadores de opinião que colaboraram diretamente na constituição deste objeto de estudo, conforme classificação abaixo:

a) Historiadora Local:

Considerando que o município de Luís Eduardo Magalhães, com 18 anos de emancipação política, não tem uma publicação específica sobre sua história, foi necessário recorrer à única historiadora da cidade, que através de fotos, mapas e algumas publicações próprias em revistas locais, discorreu sobre o processo de formação socioespacial da cidade, com informações que foram confirmadas posteriormente na medida em que a pesquisa ia se constituindo.

b) Primeiro migrante para a cidade de LEM:

Após relatos colhidos e compilados da historiadora com a indicação do primeiro migrante a chegar à região Oeste da Bahia, conseguiu-se chegar até esse informante, que mesmo com uma idade avançada pôde relembrar os fatos e motivações pessoais que o fizeram “desbravar” a cidade de LEM, impulsionando o crescimento da cidade através da produção agrícola e atuação na política.

c) Ex- técnico de Planejamento e Pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA (Brasília)

A aplicação da entrevista com o ex-técnico de Planejamento e Pesquisa do IPEA que atuou no órgão entre os períodos de 1972 a 1995, trouxe uma série de informações sobre as políticas públicas que foram institucionalizadas no Brasil, para o desenvolvimento da região Centro Oeste do país, sendo este entrevistado uma fonte que acompanhou todo o processo de planejamento e crescimento da região Oeste da Bahia.

d) Presidente da Associação Comercial de Luís Eduardo Magalhães – ACELEM.

A associação Comercial de Luís Eduardo Magalhães foi um dos primeiros órgãos particulares a se formarem na cidade, com o intuito de fomentar ações para o município no desenvolvimento do comércio local. A escolha por este informante chave teve o objetivo de revelar as características empreendedoras que foram trazidas pelos migrantes que se instalaram na cidade, principalmente os sulistas, na abertura de comércios e serviços que sustentam o agronegócio no município na perspectiva local-regional.

e) Diretora de Cultura do Município de LEM

A abordagem na perspectiva da cultura e expressões folclóricas no município de Luís Eduardo Magalhães permitiu um acesso às políticas municipais para compreender o foco nas questões voltadas aos projetos desenvolvidos pela prefeitura, levando em consideração a diversidade das manifestações culturais que são visíveis na cidade. O contato com este órgão permitiu uma compreensão dos discursos que estão enraizados no tocante a

segregação, tradições e problemas sociais que se alastram na medida em que há um aumento populacional em determinadas regiões, neste caso específico, a cidade de Luís Eduardo Magalhães-BA.

f) Presidente da Feira: Bahia Farm Show

O desenvolvimento do agronegócio na região Oeste da Bahia impulsionou a tecnologia de suprimentos e máquinas agrícolas para o desenvolvimento local regional, além de impulsionar a criação de serviços voltados para o segmento. Atualmente a Bahia Farm Show é considerada um dos principais eventos do setor, atraindo consideravelmente investidores e expositores no período de realização do evento. A busca de informações com o presidente da Feira pôde trazer nuances específicas sobre a organização, empreendedorismo, economia e hábitos da cidade, entre os meses de maio e junho.

g) Fundador do Centro de Tradições Gaúchas – CTG

A chegada dos primeiros migrantes sulistas à cidade de LEM, influenciou diretamente nos hábitos e costumes da cidade, principalmente no que diz respeito à cultura sulista do Brasil. A constituição do CTG na cidade aponta uma forma de integração e preservação dos traços culturais deste grupo social, em um território bem distante do seu local de origem, promovendo ações que enaltecem e difundem a cultura dos Pampas através de eventos e tradições que também são abertos para toda a população. Os dados coletados nesta entrevista possibilitaram um olhar diferenciado desta agremiação que se preocupa em continuar promovendo a integração deste povo.

1.1.2 Procedimentos analíticos

A coleta de dados com a aplicação dos questionários junto aos informantes chaves foi iniciada em agosto de 2017 e foi concluída em julho de 2018. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas para uma melhor análise das informações.

Para Silva e Luzia (2007), a transformação do documento oral (entrevista) em um registro escrito envolve três instâncias: 1) transcrição literal, palavra por palavra, 2) textualização e, por fim, 3) transcrição. As autoras (idem) defendem que a

transcrição literal confere materialidade, sob a forma de um registro escrito, às palavras ditas no contexto da entrevista. Já a textualização permite em editar os textos, organizando as frases em agrupamentos para manter os sentidos que foi dito oralmente. A transcrição tem o intuito de formar uma composição teatralizada que é construída a partir destes depoimentos.

Os áudios transcritos deste trabalho corresponderam a 3 horas e trinta minutos de gravação, onde após todo o tratamento linguístico dado aos textos, foi possível converter em ideias chaves para melhor compreensão e assim, encontrar as categorias temáticas para a construção das narrativas.

Os dados obtidos foram classificados, descritos e discutidos à luz da análise de conteúdo conforme Bardin (1977/2016). A autora estabelece três fases para a análise de conteúdo, a saber: 1) pré-análise, 2) exploração do material e, por fim, 3) tratamento dos resultados e interpretação.

Assim, dentro da análise temática foi possível encontrar o núcleo dos sentidos, a partir da frequência de aparição de palavras (temas) que traduziram as narrativas discutidas nesta dissertação. Com o auxílio da plataforma digital *Word Coutner*¹, foi possível também encontrar as ideias chaves através das categorias que emergiram dos discursos dos entrevistados, por meio da recorrência de palavras. De acordo Freitas e Janissek-Muniz (2000, p.31), “A análise temática consiste em averiguar ou medir a dimensão das respostas [...] nesse tipo de técnica são feitas análises de palavras, e não de respondentes”.

Na tabela 2, é possível verificar as palavras e as ideias chaves contidas nas narrativas dos entrevistados, a partir da frequência com que são usadas nos seus discursos:

¹ É um contador de palavras que fornece uma extensa estatística sobre a contagem de palavras, contagem de caracteres, o número de caracteres sem espaços. Esta ferramenta também informa o número de sílabas, palavras monossílabas, palavras polissílabas, frases, parágrafos, palavras únicas, palavras curtas, palavras longas. Esta prática ferramenta de contagem de palavras é executada em todos os navegadores populares, como Firefox, Chrome, Opera, Safari, Internet Explorer. Esta é uma métrica muito importante de uma escrita. Além disso, essa ferramenta também inclui muitos outros recursos, como legibilidade, densidade de palavras-chave para maximizar sua produtividade de escrita, além de formação de representações imagéticas com as palavras recorrentes. A ferramenta é útil para usuários que escrevem em blogs, fóruns, sites, análises de produtos, trabalhos acadêmicos. Ela também vem com um recurso de salvamento automático - o texto é salvo no navegador para que o usuário possa continuar a trabalhar nele mais tarde. Disponível em: <https://wordcounttools.com/>. Acessado em 20/06/2018.

Tabela 2 - Frequência de palavras recorrentes em discurso

Palavra	Frequência
Desbravador	45
Terras	44
Cultura	42
Sulista	40
Chimarrão	33
Gaúcho	31
Segregação	18
Afetuosidade	15
Tradição	15
Políticas Públicas	12
Festas Populares	10
Violência	10
Cultura	09
Infraestrutura	08
Isolamento	05
Integração	04
Parentes	04
Associação	03
Conflitos	02
Desenvolvimento	02
Expulsão	02

Fonte: Elaboração do Autor (2018).

As palavras e as ideias chaves encontradas através da recorrência de palavras nos discursos dos entrevistados induziram à análise e fizeram emergir as seguintes categorias: **Busca por terras; Continuidade das Tradições Sulistas; Festas Populares, Segregação / Problemas Sociais e Afetuosidade.**

Com o auxílio da plataforma *Word Coutner*, as ‘árvores de palavras’ que foram criadas de acordo a recorrência no discurso dos entrevistados, reforçam também a escolha das categorias, na medida em que os tamanhos das palavras aparecem nesta imagem e também a sua disposição arquitetural. A partir das citadas árvores, a plataforma possibilita uma reprodução visual que permite uma melhor compreensão do sentido do discurso dos entrevistados, triangulando com a análise dos temas propostos neste trabalho.

À representação visual das árvores com as categorias anteriormente citadas, acompanham organogramas horizontais, construídos de acordo com as palavras extraídas do *Word Countner*. A organização das palavras obedece a uma narrativa de forma hierárquica, que é apresentada de acordo com os fragmentos dos depoimentos dos entrevistados, reforçada com dados, fotografias e referenciais teóricos utilizados durante esta pesquisa, com o intuito de obedecer ao rigor científico deste estudo dissertativo.

2 CULTURA, TERRITÓRIO E MIGRAÇÃO

Para traçar o percurso reflexivo e científico acerca da temática escolhida neste trabalho, buscou-se recorrer ao arcabouço teórico conceitual de diversos autores, como subsídio necessário para um estudo na qual será pautada a pesquisa. Discutem-se inicialmente os conceitos de cultura nos diversos campos da ciência para se chegar ao enfoque direcionado no que diz respeito aos costumes que são repassados de geração para geração, de acordo a interação dos indivíduos no meio em que vivem.

São expostos os aspectos conceituais dos territórios de identidade, enquanto formação de hábitos e tradições adquiridas por uma determinada sociedade, sobretudo ao processo de adaptação de suas influências externas e internas como parte do processo da globalização cultural, que também pode ser identificado a partir do momento em que o indivíduo se territorializa em decorrência da cultura global – local, no desenvolvimento de tecnologias, efeitos de migração e demais fenômenos exógenos.

Aborda-se a temática de migração como movimento populacional de diversos grupos com características distintas, constituindo-se como um fator de difusão cultural, formando assim, territórios similares aos seus de origem, transformado a dinâmica espacial do lugar como reprodução ou simulacro da sua cultura original.

2.1 A CULTURA E SUAS RELAÇÕES TERRITORIAIS

Para compreender os processos de relações territoriais a partir dos conceitos relacionados à cultura é importante fazer um resgate nas mais diversas abordagens do tema para que assim seja compreendida a sua relação com outros campos do saber, principalmente com as ciências sociais, sendo possível comparar as concepções adotadas no sentido de uma interpretação mais ampla. Esse diálogo interdisciplinar irá permitir identificar uma gama de características e códigos norteadores que serão responsáveis pela análise dos grupos sociais em estudo.

As principais contribuições teóricas acerca dos conceitos engendrados sobre a cultura tiveram seu desenvolvimento principalmente na Europa e na América do Norte, em destaque na Alemanha, na França e nos Estados Unidos da América, com o intuito de estabelecer as relações que o homem reconhece em seu meio e a

sua interação com a organização territorial. Desde então a cultura tornou-se um conjunto de práticas comuns a um grupo social, composta de aspectos materiais e imateriais, sendo transmitida através de gerações (COSGROVE, 1998, p.121).

Para reforçar a contextualização do conceito acima defendido por Denis Cosgrove (1998), buscou-se analisar o surgimento e a evolução do termo com base nos estudos de Denys Cuche (2002), onde é enfatizado que o termo teve origem do latim, por volta do século XIII, significando o cuidado particular dispensado ao campo e ao gado para designar uma parcela da terra cultivada. Essa abordagem estava vinculada às questões agropecuárias, ao espaço rural e a “cultura” de uma determinada planta, sendo o termo ainda muito utilizado na atualidade. Sendo pouco disseminado até o século XVII, impõem-se através do sentido figurativo no século XVIII, com vários “usos”, como “cultura das artes”, “cultura das letras”, “cultura das ciências”, dentre outros. Posteriormente, a cultura foi entendida como “formação”, “educação” do espírito e passa a designar a “ação de instruir”, fazendo com que esse conceito passe a ser sinônimo de instrução (CUCHE, 2002).

Segundo Brum Neto (2012, p.77) a diversidade de significados referentes ao termo cultura originou uma oposição conceitual entre o que é “ser natural” e o que é “ser cultural”. O natural indica algo em que não houve alteração (no sentido de transformação pelo homem), seria o que é puro e, por isso, “sem” cultura. Para o autor (ibidem), a expressão “cultural” pressupõe alteração, via cultura específica, através dos meios técnicos desenvolvidos pelos grupos sociais. Sendo assim, subtende-se que os povos podem ser categorizados como naturais ou culturais e os termos cultura e civilização passam a ser empregados conjuntamente, devido à concepção de cultura desenvolvida na França. Para Cuche (2002, p. 21), a cultura “passa a ser vista como a soma dos saberes acumulados e transmitidos pela humanidade, considerada como totalidade, ao longo de sua história”.

Já no início do século XIX, com o desenvolvimento da geografia, o termo cultura na Europa, principalmente na França e na Alemanha, se insere no contexto de classificação dos povos, ou seja, as alterações vistas no ambiente e na paisagem de um determinado povo era reflexo de uma análise que aquelas pessoas eram detentoras de técnicas mais avançadas, sendo assim, mais desenvolvidas culturalmente. Esse tipo de discussão foi levantada ainda na Alemanha, no final do século XVIII, quando se criou o vocábulo Kultur. Esse conceito foi se aprimorando de

forma distinta, sendo concebido como aquilo que é autêntico e que contribui para o enriquecimento intelectual (CUCHE, 2002).

Ainda no âmbito da geografia, o termo cultura foi revisto na Alemanha quando Friedrich Ratzel introduziu o conceito de “geografia cultural”, no ano de 1880, através da obra intitulada *Culturgeographie der vereinigten staaten von nord-amerika unter besondere berücksichtigung der wirtschaftlichen verhältnisse*, cuja temática centra-se na migração chinesa na Califórnia (CLAVAL, 1999). Posteriormente, o autor propôs discutir a “Antropogeografia”, onde ele estabeleceu as causas geográficas da distribuição do homem em seus territórios e a influência da natureza sobre esses grupos, ideia que será discutida ao longo do trabalho na perspectiva das causas e efeitos do processo de migração.

Na perspectiva do pensamento de Paul Claval (1999), foram definidos dois termos para classificar a palavra “cultura”: *naturvölker*, ou povos primitivos, para designar aqueles povos sem técnicas muito desenvolvidas, e *kulturvölker*, ou povos civilizados, os quais desenvolveram técnicas mais avançadas. Desta forma, fica evidente a relação do termo entre cultura e técnica, ou seja, o desenvolvimento da técnica está atrelado à cultura e o inverso a sua natureza. Assim, no final do século XIX, a concepção de cultura estava intimamente ligada ao nível de desenvolvimento de determinados povos, levando em consideração as práticas agrícolas como principal atividade econômica, responsável pelas alterações do ambiente natural.

Dentro desta discussão sobre o conceito da cultura, percebe-se que a principal divergência teórica entre os pesquisadores franceses e alemães centrava-se no significado da palavra. Enquanto na Alemanha utilizava-se o termo *kultur*, na França recusava-se esta denominação preferindo o termo *civilização*. A partir de 1970 vários estudos se debruçaram para realizar um resgate histórico do termo, a partir de críticas feitas sobre estudos culturais e algumas teorias. Isso explica a reestruturação pela qual passou a ciência geográfica, buscando respostas aos novos problemas oriundos da relação sociedade-natureza, com influências das alterações advindas dos processos tecnológicos, políticos, sociais, econômicos e também culturais (BRUM NETO, 2002).

Na visão de Vilela (2016, p.31), percebe-se que no campo da modernidade existem três concepções fundantes acerca do entendimento da cultura, a saber:

- 1) cultura enquanto modos de vida que caracterizam uma coletividade. Segundo Isaura Botelho (2001) esta abordagem conceitua a cultura como um sistema de signos criados pela interação social dos indivíduos, que formam seus modos de sentir, pensar; criam suas identidades e constroem seus valores.

- 2) cultura como obras e práticas da arte, da atividade intelectual e do entretenimento. Aqui tal concepção é entendida enquanto produção de bens e serviços de consumo, formando uma cadeia produtiva dentro de um circuito econômico. Conforme cita Albino Canelas Rubim:

A profusão das 'indústrias', dos mercados e dos produtos culturais na atualidade; o acelerado desenvolvimento das sócio-tecnologias de criação e produção simbólicas; o aumento inusitado dos criadores; o surgimento de novas modalidades e habilidades culturais; a concentração de recursos nunca vista neste campo sugerem não só a importância do campo cultural na contemporaneidade, mas abrem, sem garantir, perspectivas de uma rica diversidade (multi)cultural e possibilidades de reorganizações da cultura. (RUBIM,1997, p.114).

Quanto ao advento da economia criativa, percebe-se que além das atividades tradicionais da cultura já consagradas a exemplo do teatro, da dança e da música, outros setores também ganharam notoriedade dentro das indústrias criativas, principalmente aos que estão relacionados à tecnologia. Contudo, quando existe uma relação entre cultura e mercado, podem ocorrer dois fenômenos distintos: a mercantilização da cultura, quando as atividades culturais visam o lucro comercial e passam a ser distribuídos em massa para atingir tal objetivo e a culturalização da mercadoria quando objetos do cotidiano ganham valor simbólico, a exemplo de lugares que ganham notoriedade através do *marketing* turístico.

- 3) Cultura como fator de desenvolvimento humano quando o campo da cultura se relaciona com o campo social. Este entendimento possibilita que as atividades culturais sejam capazes de provocar atitudes críticas e o desejo de atuar politicamente; nas atividades terapêuticas e da saúde; enquanto ferramenta pedagógica/educacional; no enfrentamento dos problemas sociais; na diminuição da violência e na emancipação humana.

Entre as décadas de 1960 e 1970, segundo Zigmunt Bauman (2013), teria ocorrido o primeiro intercâmbio semântico na noção de cultura, através das teorias do sociólogo francês Pierre Bourdieu. Na visão de Bourdieu (2011), em meados do século XX a cultura teria se afastado do ideal que a teria acompanhado durante a influência do Iluminismo. Para o sociólogo, os “instruídos” estavam substituindo sua antiga “missão proselitista” pela “tarefa” de separar aquilo a ser considerado como “bom” ou “mau” gosto, “refinado” ou “vulgar” - tarefa cuja participação era banida a todos os que não fossem considerados “educados” o bastante para dela fazer parte. Bourdieu (2011) evidencia que, naquele momento, em vez de buscar estabelecer uma “condição humana universal”, a cultura atuaria como um aparato de reforço das diferenças e hierarquias sociais. Sendo assim, a cultura teria sido convertida em um dos mais privilegiados mecanismos de distinção social.

Já no século XXI, e ainda sob o signo da distinção, Bauman (2013) assinala a imersão da cultura nas lógicas de mercado da globalização. Se na fase do Iluminismo, período ao qual se refere como “modernidade sólida” (exatamente porque, para o pensador, os valores conservavam algo de estável ou permanente em sua constituição) a cultura tinha como propósito formar cidadãos para os nascentes Estados Nação, hoje, sem embargo, a cultura miraria a formação de indivíduos não necessariamente “instruídos” ou “esclarecidos”, e sim consumidores.

Trazendo as reflexões do efeito da globalização na constituição de novos modos de vida e das alterações das dinâmicas sócio espaciais, a concepção de cultura na contemporaneidade é vista como uma nova organização do mundo. De acordo com Gilles Lipovetsky (2008, p. 32):

O mundo hipermoderno, tal como se apresenta hoje, organiza-se em torno de quatro polos estruturantes que desenham a fisionomia dos novos tempos. Essas axiomáticas são: o hipercapitalismo, força motriz da globalização financeira; a hipertecnificação, grau superlativo da universalidade técnica moderna; o hiperindividualismo, concretizando a espiral do átomo individual daí em diante despreendido das coerções comunitárias à antiga; o hiperconsumo, forma hipertrofiada e exponencial do hedonismo mercantil. Essas lógicas em constantes interações compõem um universo dominado pela tecnicização universalista, a desterritorialização acelerada e uma crescente comercialização planetarizada. É nessas condições que a época vê triunfar uma cultura globalizada ou globalista, uma cultura sem fronteiras cujo objetivo não é outro senão uma sociedade universal de consumidores.

Desta maneira, esse novo modelo do padrão de consumo ditado pelos processos da globalização, produzem um mundo racional-material, de novas culturas

simbólicas carregadas de significados individuais e sociais para atender a intensificação das trocas mercantis que são produzidas dentro destes novos quadros de padrões de vida.

2.2 PERCURSO REFLEXIVO SOBRE TERRITÓRIO E TERRITÓRIOS DE IDENTIDADE

As relações de poder estabelecidas em diversos níveis da cadeia social fazem emergir diversas conceituações sobre “Território” como diferentes formas de ocupação e uso de espaços locais e regionais. Desta forma, as relações que são constituídas através destes espaços podem ser consideradas como naturalistas, ou seja, o território como imperativo funcional do Estado; ou podem apresentar uma visão voltada ao indivíduo, reforçando desta maneira os aspectos culturais dentro de seus respectivos espaços.

Na visão de Rogério Haesbaert (1995, p.91) o território pode ser classificado em três vertentes básicas, na qual permite enxergar nelas diferentes perspectivas de poder e apropriação. Essas três perspectivas podem ser caracterizadas da seguinte forma:

- 1) jurídico-política, ou de “o território é visto como um espaço delimitado e controlado sobre o qual se exerce um determinado poder, especialmente o de caráter estatal”, o que pode se associar à ideia de poder-controle-propriedade;
- 2) cultural(ista) “prioriza dimensões simbólicas e mais subjetivas, o território visto fundamentalmente como produto da apropriação feita através do imaginário e/ou identidade social sobre o espaço em que a ideia de poder-consenso é vinculada à apropriação enquanto tornar próprio no sentido de atribuir dimensão espacial a manifestações na ordem da identidade/cultura;
- 3) econômica —que destaca a desterritorialização em sua perspectiva material, como produto espacial do embate entre classes sociais e da relação capital-trabalho, voltado para a concepção de poder-dominância, isto é, calcada na divisão territorial do trabalho, partindo do contexto do modo de produção capitalista, em que uma classe subjuga outra.

Portanto, é possível entender que o conceito de território navega no que Haesbaert (1995) vai chamar de dois extremos: o funcional, isto é, o território fisicamente

definido sem, contudo, haver uma territorialidade, ou seja, uma relação entre os indivíduos e o espaço que consubstancie este território enquanto tal, este extremo está mais próximo de um espaço funcional para o Estado. Na outra extremidade está o território essencialmente simbólico, ou seja, aquele em que existe uma territorialidade manifestada nos indivíduos sobre certos espaços, mas cuja territorialidade não é suficiente para ter reconhecido aquele espaço como seu território, entre estes dois extremos existem diversas nuances a serem observadas.

Desta maneira, ao conceituar “Território de Identidade” percebe-se uma ligação com a abordagem voltada ao indivíduo, na qual o destaque está direcionado para as questões de identidade como elemento que reforça a territorialidade e desta maneira institui-se, portanto, o território. Para Rafael Echeverri (2009), a identidade é a “expressão de traços diferenciadores e distintivos da população pertencente a um espaço o que a converte no espírito essencial, básico e estruturante do território”. Toda identidade é influenciada por alterações históricas, geográficas, biológicas e pelas instituições, sejam estas produtivas, como o trabalho, ou reprodutivas, como a família.

O sentido de pertencimento a um território está diretamente associado aos atores sociais e suas inter-relações dentro de diversos aspectos como, por exemplo, as manifestações culturais, migrações, modos de produção, ambiente natural e etc. Estas interações, conforme Milton Santos (2008), estão atreladas a forma como estas pessoas se identificam e se relacionam com estes espaços, através deste diálogo direto com as pessoas que moram nestas localidades, dando legitimidade as manifestações pelas quais passam ser culturais e não construções técnicas.

Diante da falta de integração com as políticas nacionais, a Bahia vai emergir como um dos primeiros Estados a promover a sua política de planejamento territorial. Nesse sentido, os territórios de identidade nasceram a partir de unidades de planejamento para impulsionar o desenvolvimento de determinadas regiões do Estado da Bahia com características homogêneas. De acordo a Secretaria de Planejamento do Estado da Bahia (SEPLAN, 2015) é formada uma nova visão multidimensional que se firmam a partir destas similaridades por um conjunto de diversos elementos, tais como: culturais, sociais, ambientais, políticos e econômicos.

Desta maneira, esses territórios de identidade valorizam a pluralidades destes setores e corroboram com o delineamento de políticas públicas que são firmadas

para possibilitar uma interlocução entre estes setores governamentais e seus atores sociais. Ainda de acordo a SEPLAN (2015), através de uma política de desenvolvimento regional implantada no ano de 2007 pelo governo do Estado da Bahia, criou-se uma nova regionalização institucional, pautada na valorização do concreto, do simbólico, do sociocultural e identitário, percebido como uma nova ação estratégica que não mais dependia dos aspectos econômicos somente, e sim, pela abordagem sociocultural que ressignificava o conceito de “região”.

O território é a base geográfica da existência social, que engendra todos os tipos de relações, onde tudo acontece, ou seja, é no território que a população constrói a sua identidade e os seus sentimentos de pertencimento onde expressa seu patrimônio cultural e define o seu destino (Secretaria de Planejamento do Estado da Bahia. [SEPLAN], 2015).

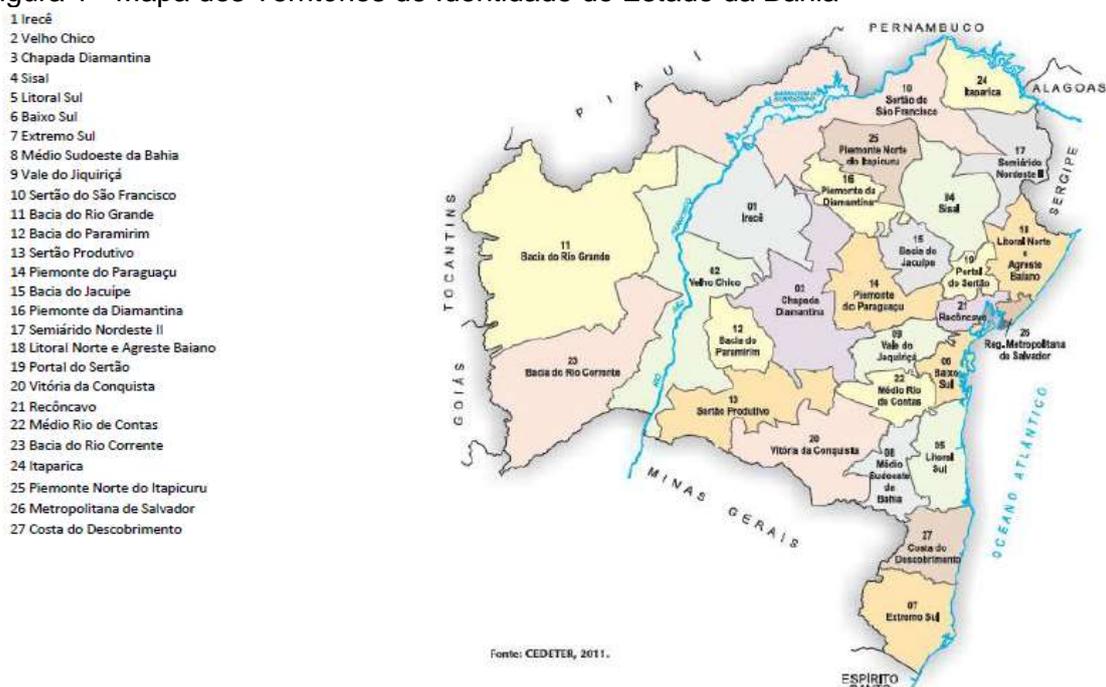
As ações idealizadas e implementadas pelo Governo da Bahia baseiam-se em aspectos fundamentais para o planejamento governamental do estado, que são: os campos socioeconômicos, físico-cultural, político-organizativo e simbólico cultural que constituem o território e reunidos num espaço geográfico, propiciam a formação de identidades individuais e coletivas que evocam sentimentos de pertencimento que contribuem para a sua identificação enquanto território único (SEPLAN, 2015).

Para Janaina Dias e Frederico Costa (2017) a definição e conceituação de Territórios de Identidade advêm de uma metodologia utilizada pelo Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA) e implementada na Política de Desenvolvimento Territorial e no Programa de Desenvolvimento Sustentável de Territórios Rurais (PRONAT). Os programas e as políticas públicas para o desenvolvimento no âmbito do governo federal a partir de 2003 passaram a valorizar a participação popular e a inclusão social incorporando esses conceitos ao modelo de desenvolvimento territorial no país.

Neste sentido, Mireya Valencia (2011) afirma que ao incorporar a dimensão territorial como parte da estratégia de desenvolvimento, a Bahia busca ativar um modelo de gestão social capaz de se adequar à situação específica de cada território, de modo a responder com efetividade aos desafios encontrados em meio à diversidade do Estado. Desta maneira são fortalecidas redes de cooperação, de diálogo e de execução de políticas públicas que permitem, por sua vez, a construção de novos arranjos institucionais, com garantia da participação da sociedade civil e do controle social.

Identificar prioridades temáticas identificadas e reconhecidas a partir da realidade local possibilitou o governo do estado da Bahia buscar o desenvolvimento equilibrado e sustentável entre suas regiões. Na Bahia existem 27 territórios de identidade que foram construídos a partir da especificidade de cada região, que foram constituídas a partir do sentimento de pertencimento e representação social, para que desta maneira, fossem traçadas as unidades de planejamento de políticas públicas do estado, conforme mostra mapa abaixo na figura 1:

Figura 1 - Mapa dos Territórios de Identidade do Estado da Bahia



Fonte: CEDETER (2011).

O estado incorporou uma pluridimensionalidade de aspectos nas ações do planejamento governamental, tendo como pressuposto norteador dessa abordagem o sentimento de pertencimento da população de cada território de identidade e a participação ativa da sociedade organizada na definição dos rumos dos seus territórios. A regionalização territorial se articula numa abordagem política que coloca a cultura no centro de um processo de regionalização institucional do território estadual (SERPA, 2015).

Na visão estratégica do Estado, o eixo central é descentralizar as ações de políticas públicas e democratizar o processo de planejamento através de suas políticas de desenvolvimento territorial e regional. Desta forma, observa-se que o aspecto da cultura e modos de vida, são reconhecidos de modo estruturante e estratégico para

que sejam temas direcionadores de políticas públicas, e não mais um tema periférico conforme afirma Serpa (2015). O fortalecimento da cultura em todos os 27 territórios configura um importante instrumento para a consolidação da política de maneira geral, incentivando a participação popular no desenvolvimento político, social e econômico do estado.

2.3 PROCESSOS MIGRATÓRIOS COMO FATORES DE DIFUSÃO E EXPANSÃO CULTURAL

Os movimentos migratórios acompanham o homem desde os tempos primitivos, alargando as fronteiras geográficas e a expansão do conhecimento cultural de determinados grupos sociais. Considerando o significado da própria palavra “migrar”, entende-se como um movimento de mudança de territórios, ou seja, um processo que impulsiona a des-re-territorialização, pois assim implica movimentos de saída (perda de territórios) e de chegada (construção de “novos” territórios). (BRUM NETO, 2012)

Conforme o pensamento de Haesbaert (1997, p. 41), o conceito de multiterritorialidade pode ser analisado dentro da seguinte perspectiva:

O território envolve sempre, ao mesmo tempo mas em diferentes graus de correspondência e intensidade, uma dimensão simbólica, cultural, através de uma identidade territorial atribuída pelos grupos sociais, como forma de “controle simbólico” sobre o espaço onde vivem (sendo também, portanto, uma forma de apropriação), e uma dimensão mais concreta, de caráter político-disciplinar: a apropriação e ordenação do espaço como forma de domínio e disciplinarização dos indivíduos. Historicamente, podemos encontrar desde os territórios mais tradicionais, numa relação quase biunívoca entre identidade cultural e controle sobre o seu espaço, de fronteiras geralmente bem definidas, até os territórios-rede modernos, muitas vezes com uma coesão/identidade cultural muito débil, simples patamar administrativo dentro de uma ampla hierarquia econômica mundialmente integrada. Poderíamos dizer que hoje, na “pós” ou “neo” modernidade, um traço fundamental é a multiterritorialidade humana, como diz Barel, onde, de acordo com o espaço/tempo em que estamos e os interesses em jogo, determinadas identidades são ativadas em detrimento de outras. (HAESBAERT, 1997, p. 42).

Charles Tilly (1978), após reconhecer que existe uma boa dose de arbitrariedade na definição de quem é migrante, procura estabelecer tipologias migratórias associadas a duas variáveis que consideram importantes: a distância

entre origem e destino, e o grau de ruptura (com a origem) de quem emigrou, seja um indivíduo, uma família, um trabalhador etc. Essas duas variáveis indicam a fronteira, ainda que sempre arbitrária, entre um simples deslocamento ou mobilidade e uma experiência migratória. Assim, tanto deslocamentos de curta distância, mesmo que definitivos, como uma viagem turística ao Japão, mesmo que do outro lado do planeta, escapam ao que normalmente compreendemos por fenômeno migratório. De caráter distinto desse tipo mais comum de mobilidade, as migrações abrangem outras categorias e, segundo Tilly (1978), podem ser classificadas em:

- a)** Locais: quando o indivíduo se desloca a um mercado (seja este de trabalho, de terras, seja mesmo matrimonial) geograficamente contíguo, que normalmente já lhe é familiar.
- b)** Circulares: quando o indivíduo se desloca a um mercado por um determinado intervalo de tempo definido, ao cabo do qual retorna a sua origem.
- c)** De carreira: em que o indivíduo se desloca respondendo a oportunidades de ocupação de postos oferecidos por uma organização a que pertence ou associados a uma profissão que já exerce.
- d)** Em cadeia: que envolve o deslocamento de indivíduos motivados por uma série de arranjos e informações fornecidas por parentes e conterrâneos já instalados no local de destino.

Desta forma, a migração se constitui como um fator de difusão cultural na medida em que se percebe a presença de culturas semelhantes em espaços diferentes, ou também, culturas distintas num espaço homogêneo. Ainda na concepção de Brum Neto (2011), se a migração for considerada como movimento de saída e de chegada, reporta-se também à des-reterritorialização, à transformação, à dinâmica da cultura sobre o espaço e à difusão de culturas e identidades sobre o globo. Ao migrarem, os grupos sociais levam seus costumes e valores, como uma herança, guardando semelhanças e inserindo transformações nos seus *patterns* culturais.

No contexto inerente ao processo de reterritorialização resgata-se a linha de raciocínio de Claval (1999, p. 159), quando afirma que “[...] os materiais mudam de um lugar para outro”. Assim, mediante a necessidade de adaptação, os códigos transformam-se, principalmente, aqueles que são reproduzidos com maiores dificuldades. O “novo” espaço requer ajustes culturais para que o grupo possa se reterritorializar.

Na perspectiva do processo migratório, a evolução é diferenciada entre os grupos sociais que saem do seu território de origem e os que permanecem, pois se tornam semelhantes e diferentes a partir do surgimento de “novas” relações sociedade-natureza. Os emigrantes, em relação aos seus países de origem (nossos imigrantes) estão sempre defasados da cultura que se estabelece após sua partida, bem como sofrem influência da cultura do país que os recebe (CUCHE, 2002).

Do ponto de vista da cultura, o processo de migração permite transpor os códigos culturais em determinado espaço e desta maneira materializá-lo em outro, distinto do espaço de origem, tornando-o diversificado e plural na perspectiva das interações culturais. De acordo Claval (1999) a cultura tem que ser marcante o suficiente para suplantar a transposição no espaço e manter-se “viva”. Caso contrário tende a se diluir e assumir outra.

Na visão de Cucho (2002, p. 230), o processo migratório revela que:

apenas o que reforça a representação dominante de suas culturas será observado nos sistemas culturais próprios dos imigrantes. Isto é, os aspectos mais visíveis e mais surpreendentes. Serão destacadas as “tradições”, os “costumes”, os “traços culturais” mais “exóticos” [...]. A “cultura dos imigrantes” é definida a partir de toda uma série de sinais exteriores (práticas alimentares, religiosas, sociais, etc.) cujo significado profundo ou coerência não são compreendidos, mas que permitem situar o imigrante enquanto imigrante, lembrar suas origens.

O processo de transformação cultural é percebido mediante as dificuldades com o surgimento de inovações como instrumento para a readaptação ao ambiente. Essas condições externas impostas pela migração acelera o caráter evolutivo da cultura, modificando alguns códigos locais para que ocorra a adaptação.

Para Brum Neto (2011, p.97) a permanência e a mobilidade estão implícitas na questão migratória, marcando a adaptação ou não ao “novo” território. A adaptação permitirá ao grupo identificar-se novamente sobre uma base espacial e ser identificado pelos demais grupos sociais. Nesse processo, a formação territorial permite a reconstrução social, mas não a permanência constante, pois o curso evolutivo das sociedades impõe a necessidade da mobilidade espacial.

Entende-se portanto, que a migração faz parte do processo de transição e difusão cultural, sendo responsável pela (re) construção de territórios, organizando esse espaço através de agrupamentos sociais e desta maneira, propagando novas culturas e formando novos modelos de sociedades, baseados em distintos códigos culturais.

Cada cultura caracteriza-se por um sistema original de representações e de construções intelectuais onde se recebe de nosso entorno um sistema hierarquizado de preferências e valores, segundo Claval (1999, p. 81). Então, pode-se dizer que no território, estão impressas as marcas culturais. Nesta abordagem os processos migratórios permitem designar uma simbologia da cultura a partir destes territórios que recebem tais fluxos de grupos sociais. Mas destacamos que existem outros termos, como signos ou símbolos, os quais também são utilizados para o estudo da (i)materialidade da cultura no espaço. Desse modo, Brum Neto (2007, p. 44) afirma que os códigos culturais:

[...] constituem-se na simbologia responsável pela visibilidade da cultura e, também, pela sua transmissão. Encontram-se impressos nas diferentes paisagens, através do estilo das casas, vestuário típico, arte, gastronomia, música, religiosidade e festividades. Além desses, existem outros códigos que, embora não sejam visíveis, também são responsáveis pela materialização da cultura no espaço, como aportes culturais, com destaque para os valores, ideologias e convenções. Neste processo de codificação cultural, salienta-se a comunicação, oral e escrita, como um dos códigos essenciais para transmissão e projeção da cultura no tempo e no espaço.

A partir das ideias acima expostas, procurou-se entender as relações dos aspectos da cultura, modos de vida e fluxos migratórios, no intuito de entender as suas especificidades, identificando as similaridades que se manifestam de diversas formas na cidade de Luís Eduardo Magalhães- Bahia, principalmente pelas novas dinâmicas socioespaciais que ainda hoje exerce uma forte influencia na manutenção

dos símbolos sulistas e códigos culturais advindas processo de migração dos sulistas do país.

Os teóricos apresentados nesse capítulo ajudarão na construção de uma análise crítica nos próximos capítulos sobre os impactos socioculturais do processo migratório na constituição da cidade de Luís Eduardo Magalhães – BA.

Nesse estudo, a ocupação territorial nos remete diretamente às atividades humanas sendo feitas ao longo de um território, que é um movimento interessante de centralidade epistêmica de ocupação e que possui aspectos de cunho cultural antropológico, social, político. No próximo capítulo serão apresentadas as caracterizações do objeto de estudo dessa dissertação.

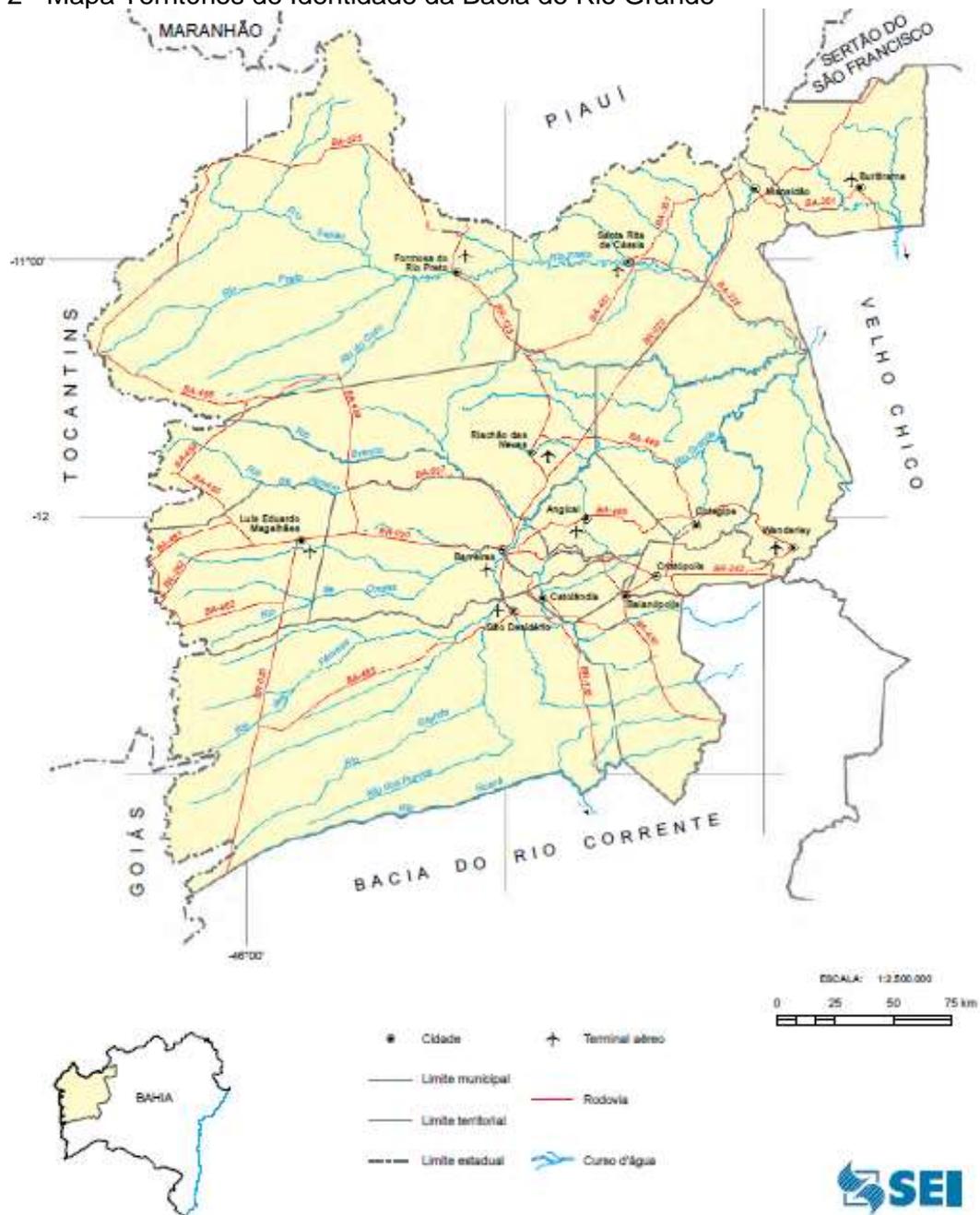
3 CARACTERIZAÇÃO DO TERRITÓRIO DE IDENTIDADE DA BACIA DO RIO GRANDE

Para a construção de uma análise sobre os aspectos que fazem uma interlocução com o culturalismo e simbolismo dentro do enfoque territorial e as características gerais do território de identidade da Bacia do Rio Grande e a cidade de Luís Eduardo Magalhães – Bahia faz-se necessário conhecer o processo histórico de formação socioespacial da cidade caracterizado pela migração de várias pessoas oriundas de diversas partes do Brasil, em especial do sul do país, responsáveis pelo crescimento da região e pelo desenvolvimento de uma nova fronteira agrícola em solos baianos.

3.1 CARACTERÍSTICAS GERAIS DO TERRITÓRIO DA BACIA DO RIO GRANDE

O Território de Identidade da Bacia do Rio Grande localiza-se no extremo Oeste da Bahia, possui extensão total de 75,8 mil quilômetros quadrados e uma população estimada em 524.220 mil pessoas, conforme levantamento do censo de 2010 do IBGE. O território de identidade é composto por 14 municípios: Angical, Baianópolis, Barreiras, Buritirama, Catolândia, Cotejipe, Cristópolis, Formosa do Rio Preto, Luís Eduardo Magalhães, Mansidão, Riachão das Neves, Santa Rita de Cássia, São Desidério e Wanderley, devidamente localizados conforme mostra figura 2:

Figura 2 - Mapa Territórios de Identidade da Bacia do Rio Grande



Fonte: Superintendência De Estudos Econômicos e Sociais Da Bahia (2015).

O território de identidade da Bacia do Rio Grande, faz parte da área de abrangência do Semiárido, com o município de Buritirama inserido na Região Semiárida. Ocorre o clima sub-úmido a seco na porção nordeste, englobando área de clima semiárido em Buritirama e Mansidão. Na porção central, entre Formosa do Rio Preto e Baianópolis, predomina o clima úmido a sub-úmido, com estação seca bem definida e chuvas de primavera/verão (SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA, 1998).

O mapa rodoviário do território de identidade da Bacia do Rio Grande tem a BR-242 como a principal rodovia. Popularmente conhecida como rodovia Salvador – Brasília, a estrada inicia em Maragogipe (BA) e finaliza em Sorriso (MT), sendo que o trecho principal está compreendido entre Rafael Jambeiro (BA) e Brasília. Com uma extensão total de 2.311,7 km, além da importância na escoação da produção de grãos da região oeste, a BR-242 é a via de acesso às áreas ecoturísticas da Chapada Diamantina. A partir de Salvador, a ligação para a rodovia ocorre no entroncamento com a BR-116, no município de Rafael Jambeiro, trecho este que possibilita o acesso a outras rodovias do estado (BR-101 e BR-324) e aos portos de Salvador e Aratu.

A bacia hidrográfica do Rio São Francisco ocupa todo o território. A drenagem, especialmente na porção sul do território de identidade, possui padrão paralelo, caso raro no território brasileiro, formado aqui em virtude do relevo escarpado e direção da erosão dos vales. Destacam-se os rios Balsa, Bastardo Grande, Bom Jesus, Branco, Cabaceira de Pedras, da Estiva ou Galheirão, da Pratinha, das Fêmeas, das Pedras, de Janeiro, de Ondas, do Borá, do Livramento, do Ouro, do Santo, dos Porcos, Grande (que dá nome ao território por sua relevância enquanto afluente do São Francisco), Guará, Preto, Roda Velha, São Desidério, Sapão, Sassafrás, além das veredas, importante elemento da hidrografia, tanto paisagisticamente como para a manutenção do cerrado, mas que vem desaparecendo com o avanço do agronegócio, segundo informações do Sistema Eletrônico de Informações – SEI (1998).

Barreiras, Luís Eduardo Magalhães, Riachão das Neves e Santa Rita de Cássia abrigam as indústrias do território de identidade, pouco mais de 20, com empreendimentos voltados para o beneficiamento do algodão e cereais, a fabricação de biodiesel e ração animal, os artefatos de barro e cerâmica, e outras atividades (BAHIA, 2013).

O espelho d'água mais importante da área é o açude da barragem de Heliópolis, no município de Santa Rita de Cássia, enfatizando ainda a existência de paleolagoas, como nos municípios de Mansidão e Cotegipe, que indicam queda de meteoritos ali, preteritamente.

O perfil territorial da Bacia do Rio Grande é bastante desigual e por vezes contraditório, pois se percebeu realidades distantes entre os municípios em termos de população, extensão territorial e economia conforme se observa na tabela 3.

Tabela 3 - Características gerais do território da Bacia do Rio Grande

MUNICÍPIO DA BACIA DO RIO GRANDE	ÁREA KM ²	ESTIMATIVA POPULACIONAL 2017	DENSIDADE DEMOGRÁFICA 2010(HAB./KM ²)	PIB PER CAPITA 2015 (R\$)	IDH – M 2010
ANGICAL	1.530,050	14.690	9,21	8.585,54	0,625
BAIANÓPOLIS	3.320,723	14.323	4,14	8.253,48	0,589
BARREIRAS	7.538,152	157.638	17,49	24.145,84	0,721
BURITIRAMA	4.046,736	21.786	4,97	5.237,30	0,565
CATOLÂNDIA	720,423	3.669	4,06	17.273,98	0,582
COTEGIPE	4.282,775	14.414	3,25	8.457,40	0,590
CRISTÓPOLIS	1.052,837	14.403	12,73	7.930,19	0,614
FORMOSA DO RIO PRETO	15.901,745	25.912	1,38	63.256,70	0,618
LUÍS EDUARDO MAGALHÃES	4.245,046	83.557	15,25	55.074,20	0,716
RIACHÃO DAS NEVES	5.978,998	23.313	3,87	31.449,12	0,578
SANTA RITA DE CÁSSIA	6.030,084	29.146	4,39	6.980,28	0,605
SÃO DESIDÉRIO	15.116,398	33.661	1,82	83.234,58	0,579
WANDERLEY	2.920,679	12.935	4,22	10.289,20	0,600

Fonte: IBGE 2018

Nota: Elaboração Própria.

Este Território de Identidade tornou-se uma das mais dinâmicas regiões da Bahia nas últimas décadas, apresentando um grande fluxo migratório devido à expansão do agronegócio, particularmente o cultivo de commodities agrícolas como soja, café, milho e algodão, que vem se traduzindo em um grande crescimento da região, sobretudo, atraindo grandes investimentos em infraestrutura e atração de empresas nacionais e internacionais. (CARDOSO, 2012)

Ainda segundo Cardoso (2012), esse crescimento demográfico se acentuou com a concentração de bens e serviços na cidade, aliada ao investimento na modernização

agrícola. Essa marcante função da cidade é resultado da migração sulista e nordestina vista que foi estabelecida, nesse município, uma estrutura capaz de modernizar o campo e atrair migrantes de variados municípios do Brasil. Por um lado, a capacidade técnica em trabalhar a terra e introduzir novas variações genéticas pelas multinacionais transformou o Cerrado Baiano um grande exportador de grãos. Por outro lado, ainda não foi possível obter melhorias sociais para a população mais pobre e para outros municípios que integram o mesmo Território de Identidade.

O primeiro município a ser criado foi Cotegipe, em 1820, como consequência do povoamento em torno da Igreja de Nossa Senhora do Campo. Antes denominado de Campo Largo, o atual topônimo foi instituído em 1925 com a transferência da sede do município para o antigo distrito de Avaí. Santa Rita de Cássia foi o segundo município a ser criado em 1840. Os demais foram constituídos entre o final do século XIX e meados do século XX. E Luís Eduardo Magalhães foi o último a ser criado, antes denominado Mimoso do Oeste, distrito de Barreiras, emancipado no ano 2000 (SEI, 2012).

Conforme se observou na Tabela 3, que resume os dados sobre as características gerais dos municípios que compõe o território de identidade da Bacia do Rio Grande, percebe-se as singularidades de cada município e suas respectivas características. É notório que o município com maior número de habitantes no TI é a cidade de Barreiras, com uma população estimada (2017) em 157.638 pessoas, logo após, a cidade de Luís Eduardo Magalhães com 83.557 (2017) habitantes e nenhum dos demais municípios tem população superior a 35 mil pessoas, o que demonstra que a densidade demográfica do território se concentra basicamente nestes dois municípios. Este aumento populacional no município de Luís Eduardo Magalhães de forma vertiginosa é observado no trecho abaixo, conforme salienta Fátima Vasconcelos Nunes (2011):

Como nos versos de triste berrante, o progresso cobriu a poeira da estrada, e a rodovia 242 de hoje, que corta Luiz Eduardo Magalhães, levou o então distrito de Mimoso do Oeste à condição de capital industrial e econômica do Oeste Baiano. A cidade é uma das que mais prosperam e crescem no país. Na trajetória, histórias de pujança, energia e vigor. Um cenário bem diferente do encontrado nos idos de 70, quando o Cerrado recebia os idealizadores que se transformaram nos empresários do agronegócio. A poeira cedeu lugar ao progresso, que agora singra (sic), emergente, os mares do desenvolvimento. Nas terras a perder de vista, regadas a pivôs

com tecnologia de ponta, Luís Eduardo exporta, para todos os continentes do mundo, o que brota do chão que o Cerrado cobriu. (NUNES, 2011, p. 22).

No contraponto dessa variação de perfil territorial em relação ao número de habitantes, o município de Catolândia é o que apresenta os menores valores de população, estimada em 2017 em 3.669 mil habitantes, bem como de extensão territorial de 720,423 km², sendo considerado também o menor município do Estado da Bahia. Em relação a Luís Eduardo Magalhães, vale ressaltar que a cidade com seus 83.557 habitantes foi emancipada há apenas 18 anos, enquanto Catolândia possui 56 anos de emancipação política, preservando uma paisagem de uma cidade com características rurais e sem técnicas avançadas, prevalecendo ainda, as atividades tradicionais da agricultura de subsistência.

No que se refere ao Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M), encontra-se grandes disparidades nos municípios deste território. Este índice é composto por mais de 180 variáveis socioeconômicas, que dão suporte à sua análise e ampliam a compreensão dos fenômenos e dinâmicas voltados ao desenvolvimento municipal. Ainda de acordo a tabela 2, anteriormente comentada a cidade de Barreiras destaca-se com o valor de 0,721, o que representa de acordo este índice, condições medianas de educação, renda e saúde, e logo após, o município de Luís Eduardo Magalhães com 0,716.

A interligação entre estes dois municípios que justifica um IDH-M maior em relação às outras cidades do território da Bacia do Rio Grande continua sendo a chegada de Multinacionais que se estabelecem nestas duas cidades através desta nova rede urbana que foi criada, principalmente com a mecanização do campo que se conecta cada vez com o mercado internacional, e desta maneira, obtendo ganhos consideráveis nas vendas de produtos voltados ao agronegócio. Segundo Cardoso (2012), Cada vez mais novos equipamentos e possantes implementos agrícolas são introduzidos nas fazendas muitos deles de empresas sediadas fora do país, mas com escritórios na região Oeste da Bahia, como é o caso da John Deere, da Cargill, e da Bunge Alimentos.

Em geral, foi possível perceber algumas desigualdades socioeconômicas consideráveis entre alguns municípios e seus habitantes, ao considerar-se o IDH-M e o Produto Interno Bruto - PIB per capita. Como por exemplo, o município de São Desidério que apresenta um PIB per capita de R\$ 83.234,58, mas,

contraditoriamente, apresenta o IDH-M de 0,579, valor próximo ao que é constatado no município de Buritirama que apresenta um valor de 0,565 e o menor PIB per capita do território conforme descrito na tabela 4.

Tabela 4 - Comparação do PIB e IDH dos municípios de São Desidério e Buritirama

PIB X IDH	PIB	IDH
SÃO DESIDÉRIO	R\$ 83.234,58	0,579
BURITIRAMA	R\$ 5.237,30	0,565

Fonte: Elaboração do Autor (2018).

De fato, a racionalidade econômica produz consequências e uma delas encontrasse na relação campo-cidade, como nos lembra Denise Elias e Renato Pequeno (2006), na qual a reestruturação agropecuária brasileira advinda da revolução tecnológica invade o campo, porém processa-se de forma socialmente excludente. E isso quer dizer que as bases da estrutura anterior não foram modificadas, pois se mantêm intocadas sejam elas sociais, territoriais ou políticas.

Mesmo com uma população relativamente pequena se comparada às cidades vizinhas agrícolas como Barreiras e Luís Eduardo Magalhães, São Desidério com apenas 33.661 habitantes (2017) foi considerada no ano de 2010 pelo IBGE, uma das maiores produtoras de Algodão do Estado da Bahia, representando 47% da produção brasileira do produto, e 16% do que é colhido no Brasil, segundo a Associação Baiana dos Produtores de Algodão – ABAPA.

Figura 3 - Fazenda de Algodão na Cidade de São Desidério-Bahia



Fonte: Prefeitura Municipal de São Desidério, maio (2018).

Para Cardoso (2012) muitas vezes, nessas regiões, a associação com o desenvolvimento se faz apenas com o aumento da produtividade e na análise dos índices econômicos (PIB, renda per capita, entre outros.). Pouca ou nenhuma ação socioeconômica e cultural é estabelecida com a qualidade de vida das populações tradicionais do Cerrado. As manifestações, as crenças, os mitos, as histórias, ou seja, os valores culturais são deixados de lado como conhecimentos inferiores. Além do mais, municípios como a cidade de São Desidério ainda continuam dependentes de serviços nas áreas de saúde, educação e lazer, onde a população ainda se desloca para cidades maiores, como Barreiras e Luís Eduardo Magalhães.

3.1.1 Dimensão cultural do Território da Bacia do Rio Grande

O simbolismo da cultura presente no Oeste da Bahia, em especial no território da Bacia do Rio Grande é caracterizado por diversas manifestações com temas variados, que perpassam pela religião, pelo folclore, culinária, artesanato, além de festas de colheitas que também integram o calendário agrícola da região. Essa pluralidade cultural que se insere em uma região extremamente diversificada, permite o reconhecimento do papel que a cultura exerce em um determinado espaço geográfico e nele se re-territorializa a partir de símbolos materiais e imateriais dentro das suas sociabilidades locais.

Neste sentido, Nestor Garcia Canclini (2008) comenta que a hibridização refere-se ao modo pelo qual modos culturais ou partes desses modos se separam de seus contextos de origem e se recombinaem com outros modos ou partes de modos de outra origem, configurando, no processo, novas práticas. Desta maneira, percebe-se no território de identidade da Bacia do Rio Grande expressões culturais que se efetivam de modo atemporal e desterritorializado, a fim de esclarecer o ecletismo das manifestações e suas significações provocados pelos cruzamentos culturais da atualidade, principalmente a partir do processo de migração de grupos sociais neste território, como é o caso dos sulistas.

O extremo Oeste da Bahia tem sua história cultural marcada por influências sertanejas, indígenas, quilombolas e de imigrantes de diversas partes do país. Essa condição faz da região uma detentora de diversidades culturais que são expressas nos espaços festivos, nas feiras livres e nas comunidades tradicionais. De acordo com Cuchê (2012) essa concepção de cultura, também se refere à capacidade de o homem adaptar-se ao seu meio, mas também adaptar esse meio ao próprio homem; em suma, essa cultura torna possível a transformação da natureza, sendo um instrumento contra as explicações naturalizantes dos comportamentos humanos.

Na memória local, por exemplo, através de relatos obtidos através da história oral, Pitta (2017) cita que a cidade de Barreiras expressava um verdadeiro bucolismo na década de 70, típica de uma sociedade rural em que as pessoas “focavam” nas calçadas de suas casas, enquanto observava as crianças brincando de cirandinha, cabra cega, giribita e chicotinho queimado. Dentre as manifestações populares mais presentes nas cidades mais antigas do oeste baiano, como Barreiras e Angical, que foram os primeiros municípios deste território, percebe-se a presença das festas de padroeiros e os rituais de celebração católica.

Nesta ótica, Liberaldina Rezende (2013) analisa que as festas populares têm como características básicas: a superação das distâncias entre os indivíduos, a produção de um estado de efervescência e a transgressão das normas coletivas. Elas também evidenciam o conflito entre as exigências da vida séria e de natureza humana. As festas e as religiões refazem e fortificam o espírito cansado pelas angústias do cotidiano. Nelas, os indivíduos estão mais livres em suas imaginações e possuem uma vida menos tensa.

Destacando o Reisado, a Festa do Divino Espírito Santo, Nazaro, São João e mais atualmente as festas de colheitas nos municípios de Luís Eduardo Magalhães e São Desidério, estas manifestações populares ganharam força por meio da organização comunitária e de instituições ligadas a grupos culturais. Para Cardoso, (2016, p. 25), as festas se fazem presentes na vida dos grupos culturais e ocupam a memória dos mais velhos que viveram outros momentos importantes da história local. São essas condições que viabilizam a compreensão de uma cultura fruto das experiências no lugar e no território.

Para Zulmira Nóbrega (2010, p.43) a noção de festas e manifestações religiosas, portanto, em particular, mudou acentuadamente nas últimas décadas. O termo que teve grande sucesso entre os estudiosos foi aquele relativo à “invenção da tradição”. Tal conceito assegura que a tradição, longe de ser um evento puro, surgido da história ou do mito e aí permanecendo estacionado, a delinear os caracteres individuais e coletivos, interage com as comunicações de massa e tradicionais e com a política espetacularizada, resultando num complexo processo intercultural.

Para uma melhor compreensão da cultura territorial, cabe arrolar e descrever as principais manifestações que possuem uma maior expressividade simbólica e cultural para sua população, bem como, destaque no calendário de eventos das cidades. Cabe, portanto, comentar isoladamente as que possuem um maior destaque no eixo local-regional, uma vez que, estas expressões culturais representam um momento de cooperação, confraternização e reencontros, além de alterar a visibilidade do território no sentido mercadológico em busca de atração de investimentos e visitantes, como é o caso dos eventos voltados ao agronegócios.

1) Festa do Nazaro

Típica festa icônica local que encerra simbolicamente os arroubos da materialidade do carnaval. Nelson de Araújo (1996) viu o Nazaro como um singular costume da noite de Quarta-feira de Cinzas: “Trata-se de uma sátira a quem se excedeu no Carnaval, pois de tais excessos morreu o Nazaro, supostamente levado à sepultura pela noite da Quarta-feira de Cinzas. Este é o motivo por que os amigos não permitem que seja visto no estado em que ficou. A punição para os que desobedecem é serem eles próprios, ou suas casas de portas e janelas abertas,

maculados pelo pó do café, a farinha de trigo e quejandos que lhes atiram”. Em 1991, Nelson de Araújo (1996) ainda assistiu a manifestação, moderada, “para não incorrer nos excessos que critica”. Com alguma variação, o Nazaro se formou como típica manifestação do folclore regional que acontece nas ruas do centro, e muito presente nas cidades de Barreiras e Angical. Para o médico e escritor da cidade de Barreiras, Luiz Pamplona, a festa do Nazaro é uma tradição centenária:

Essa prática cultural do Nazaro é vivida principalmente nas cidades de Barreiras e Angical, consideradas as cidades mais antigas do território da Bacia do Rio Grande e desde 13 de setembro de 2017, através da lei 1.266, a festa foi reconhecida como patrimônio imaterial cultural da cidade de Barreiras. Nos outros municípios que integram o território de identidade da Bacia do Rio Grande e em especial na cidade de Luís Eduardo Magalhães, essa festa não é realizada, o que pode ser observado no discurso acima de Pamplona (2008) em que registra a ausência desta manifestação cultural por volta dos anos 70, justamente por conta da chegada dos imigrantes na região, que gerou conflitos com os moradores da cidade. A ausência da expansão fronteiriça deste evento para Luís Eduardo Magalhães, por exemplo, pode ser percebido pelo período da não realização da festa entre as décadas de 70 e 80, período no qual a cidade estava se firmando no seu processo sociocultural na qual não incluiu no seu calendário de manifestações culturais.

2) Celebração do Reisado

O Reisado ou Folia de Reis se expressa pela celebração do nascimento do menino Jesus. De acordo Cardoso (2016) é tradição que cada família organize a lapinha e o presépio e no dia 6 de janeiro, dia de santos Reis, e assim, acontece à festa alusiva à peregrinação dos três reis magos que presentearam o menino Jesus.

Os reis magos, na representação nos grupos culturais, se organizam nos meses de dezembro e início de janeiro para visitar as casas tocando instrumento de cordas e percussão ao mesmo tempo em que dançam com vestimenta e adereços que mesclam cores douradas, vermelhas, brancas e azuis, com a presença de muitas danças e participação dos foliões (Essa festa também é conhecida como Folia de Reis). As orações e cantorias são acompanhadas com a bandeira da Sagrada

Família quando os mais velhos ditam o ritmo e abrem o cortejo que adentra as casas para abençoar e solicitar doações para a Festa de Reis.

Os primeiros registros da Folia de Reis no Brasil datam do século XVIII e desde então a festa se difundiu pelos estados brasileiros tendo ainda hoje grande presença na zona rural. O grande fluxo de pessoas vindas do campo para as cidades, principalmente a partir da década de 1960, fez com que a celebração também tomasse forma nas áreas urbanas brasileiras, em muitos casos com menos visibilidade e em outros, adaptadas ao estilo e modos de vida destas localidades

Esta manifestação cultural é muito presente nas cidades de Angical, Barreiras, Riachão das Neves, Santa Rita de Cássia, São Desidério e Wanderley. Nestes municípios, grupos de pessoas fazem um cortejo que passam nas casas onde tem presépios, para fazer uma visita, animando o festejo com músicas e cordéis, embalados por violas, pandeiros e outros instrumentos. Já na cidade de Luís Eduardo Magalhães não há registros de que a festa é realizada, reafirmando a pluralidade cultural entre as cidades que compõe o mesmo território de identidade, confirmando a existência de sociedades e grupos tradicionais, pautadas em uma “cultura da mudança”. Sobre estes impactos da transitoriedade cultural, Fayga Moreira e José Barros (2009) citam que para além das polaridades e oposições extremas, a cultura tem que conviver com uma tensão contínua entre mudanças e permanência, dois elementos fundamentais para se entender a diversidade, pois se é a permanência que garante que línguas, conjuntos simbólicos, ritos, fazeres e saberes culturais não sejam extintos, é também a mudança que garante os devires no campo da criação e experimentação nas culturas e entre as culturas.

3) Festa do Divino Espírito Santo

De origem europeia e datada do período medievo, a Festa do Divino Espírito Santo é considerada uma das realizações festiva mais antiga do povo brasileiro. Sua celebração inicia-se há cinquenta dias após o domingo de Páscoa. É considerada uma festa móvel, de acordo com o calendário católico, sendo uma homenagem à descida do Divino Espírito Santo sobre os doze apóstolos de Jesus. (Rezende, 2015)

Vale destacar que, tendo origem bem remota e ligada aos cultos pagãos dos cananeus em reverência à terra e à colheita dos alimentos (cereais), passa a ter referência às celebrações israelitas ao Pentecostes. Consoante o Novo Testamento da Bíblia e ao calendário cristão, refere-se à descida do Espírito Santo sobre a Virgem Maria e os discípulos do Cristo. Para Marques (2000), fato que marca a expansão da Igreja pelo mundo.

Os festejos do Divino para as historiadoras Deus e Silva, “[...] foram de propósito comemoradas em maio para se evitar o paganismo das ‘Maias’, cantadas e dançadas pelas ruas.” (MARQUES, 2002, p.13). À medida que a Igreja se fortalece (século IV), essas festas vão tomando dimensões diferentes de região para região, transformando-se em celebrações festivas cristãs como homenagem aos santos católicos.

De acordo Cardoso (2012), a manifestação possui uma expressão folclórica, porém, sua realização e significado se dão pela intermediação das igrejas católicas. Na celebração eucarística é destinado um lugar junto ao altar para que o imperador ou imperatriz possam, após coroação, receber as bênçãos do Divino Espírito Santo e, a partir de então, exercer o seu reinado. Para encerrar a festa, é celebrada uma missa nas principais igrejas das cidades e logo após, é solto um presidiário nesta festa que representa a liberdade, com a utilização da pomba branca que também é um signo muito representativo para os devotos do divino espírito santo.

Tradicionalmente, essa festa é praticamente presente em todas as cidades da região Oeste da Bahia, em especial no território da Bacia do Rio Grande, exceto na cidade de Luís Eduardo Magalhães que de acordo relato do Coordenador da Pastoral da Juventude da igreja Católica de LEM, Murilo Rebouças, a tradição dos festejos do Divino na cidade não conseguiu se estabelecer no município. Como pode-se perceber, as cidades também possuem suas referencialidades múltiplas Conforme cita Moreira e Barros (2009) a multiplicidade própria aos deslocamentos e encontros do espaço urbano produz um amálgama ininterrupto entre essas dimensões. A cidade pode ser vista como um “plano de coengendramento e criação”, no qual identidades múltiplas se fazem, desfazem e refazem a todo instante. Espaços produzidos por relações que não cessam de produzir sentidos, o urbano desnaturaliza identidades, embora seja povoado por elas.

Na visão de Vilela (2016) as manifestações culturais são expressões que geralmente fogem do circuito comercial, capitalista e mercadológico, evidenciando estilos e gêneros que tem como objetivo confirmar e valorizar a sua própria identidade, proporcionando novas possibilidades culturais.

Para além de sua configuração através das fronteiras, dos espaços de circulação e de suas edificações, a vida na cidade forma e é formatada por “corredores semânticos”, ou seja, uma sociabilidade urbana diversificada, portadora de uma vitalidade sócio - significacional complexa e muitas vezes desconhecida. Como afirma Janice Caiafa (2002), as cidades são marcadas por operações singulares de exteriorização, movimento e troca.

Historicamente, as cidades surgem provocando o povoamento espacial e a produção de espaços públicos. A ocupação coletiva gera heterogeneidade, de alguma forma misturando os habitantes e em diferentes graus desagregando os meios fechados e familiares. Há um trânsito que marca as cidades e que implica também certas formas de comunicação e de produção subjetiva. Tais experiências certamente se deixam afetar pelas novas formas da produção comunicativa. (CAIAFA, 2002, p.124).

A dinâmica cultural das cidades, afeta consideravelmente os processos de sociabilidades e integração da comunidade, estabelecendo a diversidade entre as culturas locais, através da multiplicidade dos grupos, se organizando em torno de uma identidade construída em nome de uma história em comum, principalmente pelas referências de tradições e costumes que são passados de geração para geração e considerando que a cultura não precisa necessariamente ser considerada rígida ou estática. Segundo Milton Santos (2001) a cidade é o único lugar onde se pode contemplar o mundo com a esperança de produzir um futuro. Santos (2001) traz uma contribuição quanto a apreensão do espaço urbano, no tocante a natureza do espaço, suas divisões e transformações que refletem no modo de como as pessoas se relacionam.

4) Festas Juninas

O São João é uma das manifestações mais esperados no ano praticamente por todas as cidades que compõe o território da Bacia do Rio Grande. Sobre as festas Juninas que é um evento muito forte em cidades do interior do Nordeste, Chaveiro (2005) resgata a importância dos símbolos nas paisagens sertanejas que ajudam a

compor o universo cultural das simbologias presentes, através de comidas típicas e danças de grupos de quadrilhas.

Para Nóbrega (2010), São João é a principal festa de todo Nordeste, se consideradas as manifestações em homenagem ao santo em todos os Estados da região. De origem rural, representa a mudança de estação climática e a chegada do ciclo da fartura proporcionada pela colheita do milho e do feijão, além de marcar a crença no santo que representa a purificação e regeneração da vegetação e das estações. Na sua gênese mística, São João é simbolizado como o santo do amor e do erotismo, além de amante da festa e bastante simpático aos seus aspectos lúdicos. Suas celebrações, assim, desenvolvem rituais significativos na vida das pessoas, como atividade de aproximação social e demonstrações de pertencimento identitário.

A crença nas simpatias faz parte de um sistema cultural que está fortemente ligado a uma paisagem e a um tempo acompanhados de danças, leilões, casamentos, promessas, orações. O universo cultural que tem por base essas tradições define o homem como ser simbólico que necessita da festa, do afeto, da comunhão, da força divina e sobrenatural. Mais do que a devoção aos santos e santas, as festas e celebrações “emocionam” quem dela participa, como bem nos lembra Maia (2013), ao nos apresentar o migrante e seu retorno real ou imaginativo às festividades do seu lugar de origem.

Nas cidades que compõe o território da Bacia do Rio Grande, configura-se como uma das festas mais tradicionais e efervescentes, se tratando de festejos religiosos e culturais. Tradicionalmente entre os dias 23 e 24 de Junho, a população organiza fogueiras nas portas de casa, e se integram com vizinhos e amigos com muita música e comidas típicas.

A cultura junino-festiva se deriva de uma considerável força popular e surge anualmente como um acontecimento as memórias ativas no imaginário local, com celebrações em diferentes pontos geográficos destes municípios, em versáteis modos de comemorar, compondo sociabilidades especiais, a curiosa e original dimensão sócio espacial.

Em Luís Eduardo Magalhães, a tradição das festas juninas também ganhou um novo formato a partir da gestão do atual Prefeito Oziel Oliveira. A festa que antes, se restringia a iniciativa dos moradores em locais particulares, agora ganhou uma

releitura do que fora criada por Oziel Oliveira em 2001, ainda em sua primeira gestão como prefeito da recém-cidade criada Luís Eduardo Magalhães quando a Avenida Ayrton Sena se transformava em vila junina e barracas feitas de palha ofereciam as delícias típicas da época. Em 2017 a festa ganhou o nome de “Arraiá do Cidadão” que acontece nos dias 23 e 24 (Figura 4) na área que fica em frente o mercado municipal no Bairro Santa Cruz, bairro este, conhecido por ter a maior população de migrantes nordestinos e também, por concentrar boa parte da população carente da cidade.

Figura 4 - Vista aérea do Arraiá do Cidadão na cidade de Luís Eduardo Magalhães



fonte: prefeitura municipal de luís eduardo magalhães, (2017). disponível em www.luiseduardomagalhães.ba.gov.br, acesso em 18/04/2018.

Na edição do “Arraiá do Cidadão” em 2017, a prefeitura municipal montou uma estrutura com barracas de comidas típicas, parque de diversões, concurso de quadrilhas juninas com premiação em dinheiro, atrações musicais, além de disponibilizar serviço de transporte para os moradores de outros bairros se locomoverem até o local do evento. Segundo os dados divulgados pela assessoria de comunicação da prefeitura, a festa recebeu cerca de 20 mil pessoas, o que reafirma o interesse por parte da população em participar deste novo formato da festa. Segundo Canclini (1983), em seu estudo sobre os santos e as festas religiosas, conclui que à proporção que os processos de urbanização e burocratização avançam as relações capitalistas de produção introduzem-se no campo. No caso, as festas do meio rural deixam de ter um caráter essencialmente

sagrado e adquirem um caráter profano, inerente ao próprio processo de desenvolvimento capitalista. Complementando o pensamento da autora, percebemos que as celebrações festivas ligadas à religiosidade também foram urbanizadas em moldes de eventos grandiosos com emprego de tecnologia, padrões de consumo, exploração promocional e mercantil, além de apropriação política partidária.

Neste sentido, percebe-se que as tradições populares quando ganham dimensões maiores quanto ao seu formato de produção, passam a ser cooptada como um produto econômico, inclusive como um incremento ao turismo, vislumbrando em sua simbologia a espetacularização para ampliar sua capacidade mercantil, inclusive de alto interesse para os empresários locais, sejam através fornecimento de produtos ou serviços para a constituição do evento, ou seja, na condição de empresas patrocinadoras, utilizando-se do espaço para veiculação de mensagens publicitárias.

Quanto a estas questões, Rubim (2010) considera que em tempos da modernidade e, mais intensamente, na contemporaneidade, o espetáculo se autonomizou das práticas sociais políticas e religiosas, enquadrando-se nos parâmetros da indústria cultural. Dessa forma o espetáculo encontra-se, em medida significativa, associado aos campos cultural e midiático, que apresentam interfaces crescentes, a partir da emergência de uma cultura cada vez mais industrializada e mediatizada, atendendo a interesses econômicos e políticos.

Nesta perspectiva, Lipovetsky (2015) critica as novas relações individualistas da pós-modernidade que influencia diretamente nos modos de vida e convivência desta sociedade atual, pautada no liberalismo globalizado, na mercantilização quase generalizada dos modos de vida e na exploração da razão instrumental. O autor defende que, na hipermodernidade, as normas e referências não são mais fornecidas pelas instituições tradicionais. Estas, de certo modo, também se adaptam à lógica consumista. A sociedade está fascinada pela frivolidade, pela superficialidade, pela flexibilidade, pelo espetáculo e pela inconstância das opiniões.

5) Festa da Colheita

A festa, na sua gênese, revela a íntima relação do homem com a natureza. Conforme cita Henri Lefebvre (1958), a natureza propicia o acontecimento festivo através do ciclo regular das estações do ano, e, portanto, da boa colheita. Desta forma, as festas eram um acontecimento coletivo, desde os seus preparativos até o festejar, pois cada comunidade ou aldeia trazia o alimento que era servido a todos os presentes, para celebrar datas de um calendário rústico marcado pelas estações do ano. A natureza, no decorrer do ano, propiciara a fartura, com a chuva ou sol na medida certa; festejava-se em agradecimento, mas também para garantir a continuidade desta fartura.

Desta maneira, a Igreja se apoderou das festas consideradas pagãs, transferindo o poder e os atributos da natureza a um Deus supremo; não é mais a natureza que dá o alimento, mas Deus que permite a ela tal atributo. É a Deus que os homens devem agradecer. A festividade passou da ordem da natureza para a dos santos, unindo o calendário católico ao agrário, unindo o sagrado e o profano. Explica Thompson (1998, p. 51):

Em geral, o clero que exerce suas funções pastorais com desvelo sempre encontra maneiras de coexistir com as superstições pagãs e heréticas de seus rebanhos. Por mais deploráveis que essas soluções de compromisso pareçam aos teólogos, o padre aprende que muitas das crenças e práticas do “folclore” são inofensivas. Se anexado ao calendário religioso anual, podem ser assim, cristianizadas, servindo para reforçar a autoridade da igreja. O mais importante é que a igreja devia em seus rituais, controlar os ritos de passagem da vida pessoal e anexar os festivais populares ao seu próprio calendário.

Na era industrial necessidades novas são constantemente criadas. A partir do crescimento das cidades de Barreiras, Luís Eduardo Magalhães, São Desidério e Formosa do Rio Preto, como uma nova fronteira agrícola, uma nova rede urbana foi criada e as atividades do agronegócio se conectam cada vez mais ao mercado internacional, realizando transações cada vez maiores em uma economia local-regional dependente da agricultura primária, com técnicas sofisticadas de produção.

A “Festa da Colheita” é uma festa religiosa, que acontece singularmente na cidade de Luís Eduardo Magalhães, desde mesmo antes de o município ser emancipado. A tradição surgiu, quando os agricultores sulistas se juntaram inicialmente na fazenda Odisseia, depois na Associação dos Moradores do Mimoso

do Oeste (AMMO), depois na Igreja Nossa Senhora Aparecida, com o intuito de agradecer a fartura do campo do ano anterior. Os agricultores ajudaram financeiramente na construção da Paróquia Nossa Senhora Aparecida e em 2004 criaram a Gruta da Padroeira e o salão de eventos onde acontece a festividade.

A festa é realizada tradicionalmente no último domingo de maio, que coincide com a finalização da colheita da soja na região e proximidade da colheita do algodão (junho até agosto). Durante o evento, é realizada uma missa, seguida por um almoço e logo, após, sorteio de prêmios (Figura 5).

Figura 5 - Panfleto de divulgação da Festa da Colheita

27 DE MAIO
Centro de Eventos N. Sra.
Aparecida GRUTA

Festa da Colheita
2018

PROGRAMAÇÃO
9 H - MISSA PRESIDIDA POR DOM JOSAFÁ
12 H - ALMOÇO
16 H 30 MIN - SHOW DE PRÊMIOS

SHOW DE PRÊMIOS

1 CARRO FORD KA 0Km
2 MOTOS HONDA
2 TELEVISORES
1 BICICLETA FISHER
MIL REAIS EM DINHEIRO

Informações
(77) 3628-1737 @aparecidalem

Paróquia Nossa Senhora Aparecida
Luís Eduardo Magalhães/BA

Fonte: Diocese de Luís Eduardo Magalhães (2018).

Neste sentido, a igreja ao permitir alguns elementos (os considerados “inofensivos”) das manifestações festivas pagãs, foi caracterizando-os como folclóricas. Da união entre o sagrado e o profano, estabeleceram as festas religiosas populares com caráter folclóricos que também é muito peculiar em outras regiões do Estado da Bahia.

6) Bahia Farm Show

A Bahia Farm Show é considerada a maior vitrine do Agronegócio do Norte e Nordeste do Brasil e hoje está entre as três maiores do país em volumes de negócios. A feira é realizada no final do mês de Maio na cidade de Luís Eduardo Magalhães, com a participação de empresas de máquinas agrícolas, implementos, insumos, aviação e serviços e instituições públicas e privadas. Em 2017 (Figura 6) a 13ª edição atingiu a marca histórica de R\$ 1.531 bilhão em volumes de negócios, assumindo a segunda posição de vendas por visitantes no Brasil em eventos de agronegócio de acordo a Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia (AIBA).

Figura 6 - 12ª Edição da Bahia Farm Show em Luís Eduardo Magalhães



Fonte: Site oficial da Bahia farm show, 2018, disponível em www.bahiafarmshow.com.br, acesso em 19/04/2018.

De 2005 a 2007 era chamada de Agrishow LEM, uma franquia da Agrishow de Ribeirão Preto (SP), uma das maiores do gênero no mundo. A partir de 2008, cria-se a marca própria e o evento recebe o nome de Bahia Farm Show. Além de vitrine do potencial agrícola regional, a BFS movimentava a economia, não somente de Luís Eduardo Magalhães, mas de outras cidades da vizinhança. A cada edição segundo a AIBA, são cerca de mil empregos gerados no período e uma demanda astronômica pela rede hoteleira, restaurantes e comércio.

Neste sentido, o evento expressa uma relação direta entre ação política, economia e as condicionantes territoriais no município, na medida em que os agentes que realizam este evento estão ligados às associações de classe voltadas à agricultura empresarial, a exemplo da AIBA que é a organizadora do evento,

juntamente com o poder público. Sobre os aspectos da geografia política, Antônio Fonseca (2013) afirma que Geografia política, leva em conta a dinâmica global, as influências da política nacional e o conteúdo territorial que diferenciam os municípios. Nesse sentido, este localismo pode ser interpretado como:

Um movimento e/ou conjunto de decisões e ações políticas, econômicas e institucionais muitas vezes de caráter reivindicatório, engendrado por agentes dominantes locais que atuando a partir de uma base territorial, ao mesmo tempo em que buscam maior visibilidade local, articulação e cooperação intermunicipal, também buscam competir na busca de empresas, recursos e investimentos para o seu território. (FONSECA, 2013, p.162).

Podemos, portanto, afirmar que o município de Luís Eduardo Magalhães/BA está inserido em contexto de localismo. Esta afirmação é reforçada pelo resultado da análise comparativa realizada por Fonseca (2011) que concluiu que o modelo de gestão territorial adotado para o município desde a sua emancipação é empreendedorista. Isso significa que os agentes políticos e econômicos locais estabelecem parcerias, criam estratégias e meios com a finalidade de dar visibilidade ao território.

Com isso, pode-se perceber que o evento para a cidade de LEM e região Oeste da Bahia, representa um meio pelo qual se estabelece novas parcerias, são atraídos novos investimentos, e negociações políticas são fecundadas em prol da pujança da economia local. Comungando ainda esta concepção, Fonseca (2011) reforça que após a emancipação do município, o modelo de gestão adotado pelos agentes baseou-se no empreendedorismo. Neste modelo, o prefeito era um gerente disposto a “vender” sua mercadoria – o território municipal – para quem tivesse interesse em investir no local. Para tanto, os agentes, grupo composto pelo prefeito, secretários e representantes dos agricultores, desenvolveram uma política de marketing territorial. Além disso, como parte do modelo de gestão empreendedorista, o prefeito costumava planejar as políticas territoriais pautadas nas parcerias “com governo estadual e federal, setor privado e associações”.

Assim, pode-se verificar que a vertente da globalização e a economia local competitiva refletem não apenas a dinâmica econômica da cidade, bem como, ressignificam as influências externas de acordo com as especificidades territoriais (política, economia, agentes, etc).

7) Semana Farroupilha

Comemorada somente nas cidades de Barreiras e Luís Eduardo Magalhães, a Semana Farroupilha é um evento tipicamente sulista que já integra o calendário de eventos destes municípios. Na cidade de LEM a prefeitura municipal através da Lei Nº. 379/2009, 27 DE OUTUBRO DE 2009, institucionalizou no calendário oficial de eventos da cidade a Semana Farroupilha, a ser comemorada no dia 20 de Setembro, data que marca o dia do gaúcho e a data inicial da revolução farroupilha. Durante a semana, os Centros de Tradições Gaúchas – CTG's promovem atividades recreativas, culturais e de lazer, visando a preservação e valorização dos hábitos e costumes das tradições gaúchas, através de desfiles nas principais avenidas destas cidades, torneio esportivo de bocha, bolão, cartas, tiro de laço e finalizam com um almoço festivo nas sedes dos CTG,s (Figura 7).

Figura 7 - Solenidades da Semana Farroupilha no CTG Sinuelo dos Gerais em LEM



Fonte: Redes sociais da Prefeitura Municipal de Luís Eduardo Magalhães (2018). Acesso em 22/04/2018.

Sobre a formação dos Centros de Tradições Gaúchas nestas cidades, Haesbaert (1997) cita que O CTG Sinuelo dos Gerais, considerado o primeiro da Bahia (dado contestado pelo presidente da CBTG, que cita como anteriores os de Salvador e Ilhéus), acabou surgindo em um espaço mais nitidamente “gaúcho”, a localidade de Mimoso do Oeste (Que hoje é a cidade de Luís Eduardo Magalhães). Inaugurado em 1991, ele congregava em 1992 cerca de 200 associados. Considerando uma

média de cinco dependentes para cada associado, mil pessoas é um número bastante significativo para a participação direta de uma associação criada em uma área de migração sulista recente como é o oeste baiano.

A força do movimento é atestada por uma espécie de rede tradicionalista que se configurava mesmo antes da inauguração do CTG, quando muitos sulistas chegavam a se deslocar quase 400 quilômetros, em excursões de ônibus, para frequentar “fandangos” no CTG mais próximo, localizado em Formosa, no Estado de Goiás, cidades estas, próximas a LEM. Através do CTG’s, revive-se, mesmo em áreas muito distantes das sulistas, uma identidade regional que de alguma forma tenta reproduzir no interior dessas associações o modo de vida das estâncias do Pampa fronteiro – a começar por sua sede, o “galpão”, uma espécie de réplica do local mais tipicamente gaúcho dentro das fazendas, abrigo da peonada, que se confraterniza em torno do “fogo de chão” e das danças tradicionais.

Apesar de seu papel fundamental no fortalecimento de uma posição conservadora, as tradições, num sentido geral, tornam-se vitais a uma comunidade na medida em que “têm sempre uma parte de legitimidade histórica” e “permitem aos seus membros formar suas identidades [...] e construir solidariedades coletivas” segundo a concepção de Rainer Rochlitz (1992). O CTG, por outro lado, ao se manifestar como um espaço profundamente disciplinador (tomando a acepção de disciplina de FOUCAULT, 1984), onde os papéis se pretendem muito bem definidos, os “bons costumes” são sempre enaltecidos e preservados (por exemplo, na proibição do uso de minissaias) e um “clima familiar” é mantido, algumas famílias nordestinas, identificadas com esses valores de classe média, também começam a identificar-se com o “ambiente sadio” do Centro de Tradições Gaúchas, assumindo um caráter multicultural entre as tradições sulistas e nordestinas.

Já na visão de David Harvey (1989) as adaptações de algumas culturas em territórios dos de origem, podem ser consideradas “reinvenção” das tradições, conforme trecho abaixo:

o trabalho ideológico de inventar a tradição tornou-se de grande significado no final do Século XIX precisamente porque esta era uma época em que as transformações nas práticas espaciais e temporais implicavam uma perda de identidade com o lugar e repetiam rupturas radicais com todo sentido de continuidade histórica. (p. 272).

Neste sentido, a cultura não deve ser confundida com a identidade cultural, pois segundo Cuche (1999) a cultura depende em grande parte de processos inconscientes. A identidade remete a uma norma de vinculação, necessariamente consciente, baseada em oposições “simbólicas”. Ou seja, a identidade depende da relação existente entre duas ou mais culturas, onde ela aparece como uma modalidade de categorização da distinção, baseada na diferença cultural.

Assim, em se tratando desta identidade sulista, é evidente a relação entre os elementos inseridos no mundo vivido, no cotidiano da expressiva parcela da população, sendo elas sulistas ou não, e sua reinvenção de tradições nestes novos espaços de sociabilidades para se adaptar também aos costumes locais. É em meio a essa dinâmica complexa e contraditória que se coloca o embate de identidades e o processo reterritorializador promovidos pelos sulistas em solos dos territórios da Bacia do Rio Grande.

De acordo com Moreira; Barros (2009), Caiafa (2002) e Rubim (2010) um conceito bastante aceitável de ordem territorial afirma que o que se busca é a organização racional do território baseado em um conjunto de ações político-administrativas e planejamento físico acordado, de acordo com as estratégias de desenvolvimento socioeconómico, em harmonia com o meio ambiente e as tradições históricas e culturais da população.

Assim, entende-se que a constituição dos territórios da Bacia do Rio Grande integraram o critério cultural, porque se entende que o planejamento requer uma leitura rigorosa de aspectos antropológicos que permitem compreender as lógicas de operação e relacionamento que ocorrem dentro de uma dada comunidade, seu acompanhamento histórico, que permite a avaliação do passado, mas também a possibilidade de visualizar o futuro.

Segundo Fonseca (2009), a cultura deve ser entendida não apenas como o conjunto de produções simbólicas dos domínios das artes e letras, mas também como conhecimentos, práticas, crenças, valores, normas, costumes e, em resumo, as realidades que organizam e moldam as relações cotidianas de uma sociedade com o ambiente que habitam, como os modos de articulação que tornam a vida em comum viável e possibilitam sua reprodução e sua mudança.

Dentro dessa vertente, no intuito de compreender os componentes que integram a ocupação do território e a constituição cultural que se estabelece em LEM, no

próximo capítulo serão mostradas as características do município e processo histórico de formação da cidade.

4 CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO E PROCESSO HISTÓRICO DE FORMAÇÃO DA CIDADE DE LUÍS EDUARDO MAGALHÃES

Com o processo de desconcentração espacial das atividades da agricultura e da agroindústria no Sul e Sudeste do Brasil a partir de 1980, percebe-se o aumento do fluxo e a expansão dessas atividades, sobretudo, nas áreas do cerrado baiano. Essa nova configuração na região Oeste da Bahia passa a dinamizar a economia local e inserir o agronegócio baiano na cadeia nacional e internacional (HAESBAERT, 1997)

A paisagem do Oeste Baiano começa a ser modificada com o mito do progresso que vem substituir o “atraso” da região, pois a pecuária e as culturas tradicionais dificilmente promoveriam a desejada modernização. Diante desse quadro iniciou-se com a EMBRAPA e a EBDA os primeiros estudos da viabilidade da soja na região, principalmente por volta de 1975 a 1978.

Júlia Adão Bernardes (2009) define como fronteira agrícola uma nova racionalidade econômica que surge associada ao uso de recursos técnicos modernos e se liga à expansão dos mercados capitalistas dando um novo uso a terra. Entretanto, as inovações tecnológicas que são empregadas no oeste baiano não eliminam totalmente as estruturas econômicas e políticas anteriores à sua existência. Dão origem a lugares de convivência entre as antigas práticas agrícolas e a agricultura moderna, sendo traduzidas nos cerrados nordestinos como antigas ocupações que convivem hoje com a agroindústria, o que produz conflitos de diferentes naturezas na região (BERNARDES, 2009).

A expansão da agricultura moderna nessa região se distingue da ocorrida no centro-oeste brasileiro por volta do final dos anos de 1970, devido a maior permanência dessas atividades tradicionais no local, mas, assim como no cerrado do centro-oeste brasileiro, a expansão da agricultura moderna na região do MATOPIBA também promove uma enorme concentração fundiária, e a tendência apresentada é a da incorporação das áreas naturais, assim como de pastagens e terras não utilizadas na produção da soja (BERNARDES, 2009).

A delimitação da região do MATOPIBA assim como a produção de soja nos municípios que a compõe, pode ser vista na figura 8.

Figura 8 - Mapa de delimitação da região do MATOPIBA



Fonte: Nota técnica Embrapa (2014)².

Sobre o processo de crescimento da região Oeste da Bahia, a historiadora Ignez Pitta através de entrevista oral,³ relatou que os cerrados baianos entre os anos de 1870 a 1978 eram terras não cultiváveis, por possuírem uma grande concentração de alumínio. Este fator fazia com que o solo ficasse muito ácido e desta maneira, dificultava o nascimento das plantas e o desenvolvimento da agricultura. Sendo assim, alguns estudos científicos foram desenvolvidos em laboratórios para tentar corrigir este solo, já que o cerrado baiano é uma terra plana, rica em nascentes e diversidade de espécies de plantas, porém, não eram agriculturáveis.

No final dos anos de 1970, um projeto denominado PAD – DF (Programa de Assentamento Dirigido do Distrito Federal), desenvolvido em Brasília, foi coordenado por um professor universitário sulista, com o intuito de analisar o pó do calcário para corrigir e neutralizar a acidez do solo do cerrado baiano. Contou com dois importantes agrônomos que realizaram estudos com o calcário dolomítico e o pó de gesso e desta maneira utilizou esta técnica para fertilizar os solos e posteriormente iniciar o processo de produção agrícola na região.

Segundo Queiroz (2012), o processo acelerado de urbanização na cidade de Luís Eduardo Magalhães, se deu através de financiamentos estatais para o

² Disponível em <https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/mapitoba-conheca-a-ultima-fronteira-agricola-do-brasil.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em 03/07/2017

³ Ignez Pita é pesquisadora e historiadora dos municípios de Barreiras e Luís Eduardo Magalhães. Os dados e as informações aqui apresentados, foram coletados em entrevista gentilmente cedida, especificamente para o desenvolvimento desta pesquisa, em Barreiras, 19/07/2017.

desenvolvimento destas novas atividades com o intuito de atrair investimentos de grandes grupos de empresários para a região:

Tendo como base econômica e material o desenvolvimento obtido nos anos 1970, a cultura de soja no cerrado baiano se inicia fortemente nos anos de 1980 com base em financiamentos do governo federal para a ocupação e modernização dos cerrados e da divulgação dos resultados obtidos pelas pesquisas de melhoramento agrícola da Embrapa. Este fenômeno foi conduzido também, como já citado anteriormente, por uma forte onda de migração sulista para a região, população que sai do sudeste e sul do Brasil por conta de vários motivos, dentre outros, a concentração da propriedade da terra naquela região; os poucos recursos destinados à agricultura, especialmente dos pequenos produtores; e as inovações tecnológicas introduzidas ao campo que provocavam expulsão dessa população camponesa para outras áreas. (QUEIROZ, 2012, p.68).

Ainda segundo os depoimentos da historiadora Ignez Pitta, no início da década de 1980, o então governador da Bahia, João Durval apostou nas pesquisas que vinham sendo desenvolvidas na região e instalou uma empresa estatal na cidade de São Desidério (que fica há 28 quilômetros de Barreiras). Era um moinho de calcário com o objetivo de reduzir os custos de frete que vinham sendo feitos para que esta matéria prima chegasse até a cidade de Barreiras. Desta forma, o avanço da técnica impulsionou o desenvolvimento agrícola nas terras do Gerais entre as cidades de Barreiras e o então município de Mimoso do Oeste. Na visão da historiadora, é importante salientar que houve duas figuras importantes no processo destes estudos iniciais sobre o calcário dolomítico, que foram os sulistas agrônomos, Antônio Guadagnin e Hilário Kappes, que logo após, trouxeram uma rede de amigos e familiares vindos do Rio Grande do Sul para habitar o cerrado baiano.

Segundo Ilário (2011), um fator de grande importância nesse período de modernização da região foi à migração de moradores de diversas áreas do Brasil, mas principalmente do sul e sudeste, para Barreiras e Mimoso do Oeste e seu entorno devido à característica de presença ainda de várias áreas com baixos preços da terra para agricultura na região. A capitalização dos migrantes sulistas, além de seu domínio das técnicas de agricultura moderna, torna ainda mais atraente à oferta de terras na região para esse grupo migrante, que encontra ali, porém, formas de ocupação da terra anteriores a sua chegada, o que gera um conflito por terras entre os novos moradores e os antigos camponeses.

Ainda segundo os relatos de Pitta (2017), as primeiras fazendas foram adquiridas no cerrado baiano pelos sulistas Constantino Oliveira, Hilário Kappes e Antônio Guadagnin, nas quais os primeiros cultivos foram de produção de arroz para em seguida avançar para a soja. Estas terras eram compradas por um valor muito baixo e estes produtores recebiam incentivos para plantio através de recursos do Banco do Brasil.

Embora a cidade de Mimoso do Oeste possuísse habitantes nativos, que foram os trabalhadores do processo da extração da borracha da mangabeira, uma das primeiras residências e/ou ponto comercial (Figura 9) da cidade foi o boteco do baiano Enedino Alves da Paixão, mais conhecido como Negão (Figura 10). Ela servia de descanso para os caçadores e a população brejeira, que ia a Barreiras para fazer o rancho, buscar socorro em caso de doença ou simplesmente comprar mantimentos, mesmo antes da instalação do posto de gasolina, que posteriormente irá marcar a vinda de muitos migrantes para a região.

Figura 9 - Primeira casa construída na sede do atual município, derrubada em 2000



Fonte: Celso Polina (2001).

Figura 10 - Fotografia de Enedino Alves da Paixão, conhecido como Negão



Fonte: Celso Polina (2001).

Para Schlosser (2014), o evento que proporcionou a origem da cidade foi a instalação do posto de gasolina Mimoso, em 1982 (Figura 11). No quilômetro 90, da BR 020, Arnaldo Horácio Ferreira (pecuarista goiano) adquiriu, em agosto de 1979, a área de terra que ia da nascente do Rio Cabeceira de Pedras até o então Posto Sertanejo, atual Posto Porto Brasil, onde estava localizada a Fazenda Mimosa, fazendo referência à distância do posto de gasolina a Barreiras.

Foi, justamente, este empreendimento que acabou dando início à ocupação territorial daquela área. Devido ao fluxo sempre constante de veículos, por causa do dinamismo econômico proporcionado pelo cultivo de grãos, o posto foi ampliando as suas prestações de serviços, passando a comercializar mercadorias. Logo, o lugar despertou o interesse da empresa de colonização CARIG (Colonizadora e Administradora Vale do Rio Grande) que criou próximo ao posto de gasolina em 1984 o loteamento Rancho Grande. Os primeiros habitantes deste loteamento eram produtores agrícolas gaúchos, descendentes de alemães e italianos que vieram para a região com o intuito de cultivar a soja. (SCHLOSSER, 2014, p.21).

Figura 11 - Primeira caixa d'água do posto Mimoso em 1982



Fonte: Schlosser (2014).

Conforme os depoimentos de Pitta (2017), a ideia de Arnaldo Horácio em construir o posto de gasolina (Figura 12) no local era dinamizar a economia do distrito, pois os agricultores que começaram a levar máquinas agrícolas para o local precisavam se deslocar a cidade de Barreiras para abastecer seus equipamentos. Desta forma, o posto começou a abastecer também os caminhões que vinham de Brasília para outras partes do país e tinham que necessariamente passar pela rodovia BR 242.

Figura 12 - Posto Mimoso localizado no entroncamento das BR's 020/242



Fonte: Site Terra Mac Empreendimentos imobiliários (2017). Acesso em 20/08/2017.

O loteamento da família que foi construído logo após a implantação do posto de gasolina já dava início a aspectos de planejamento no local. Para Pitta (2017), este período inicial foi considerado um dos mais críticos na cidade de Mimoso do Oeste, município de Barreiras. Ela cita que muitos migrantes vieram para a cidade, atraídos pelas terras baratas e acabavam expulsando e matando os nativos da cidade. Estes confrontos foram bastante violentos e diversos atentados eram registrados na cidade no início do processo de formação, cidade esta, que ainda pertencia à cidade de Barreiras.

4.1 O PROCESSO DE EMANCIPAÇÃO POLÍTICA DA CIDADE DE LUÍS EDUARDO MAGALHÃES E O DESENVOLVIMENTO LOCAL

Luís Eduardo Magalhães está localizada no entroncamento entre as rodovias BR-020 (Barreiras - Brasília) e BR-242 (Barreiras – Salvador), que ligam a Região Oeste à capital do país e a capital do estado, respectivamente. Com uma população estimada em 81 mil habitantes segundo dados do IBGE sua distância com relação a Brasília é de 540 km e a Salvador é de 995 km. Sua localização geográfica (Figura 13) foi o que potencializou o seu surgimento e desempenho econômico, tornando-se o principal alvo do fluxo migratório direcionado a esta região.

Figura 13 - Mapa da cidade de Luís Eduardo Magalhães no Estado da Bahia



Fonte: IBGE (2017).

O município está localizado na porção Oeste do Estado à latitude 12°05'31 sul e à longitude 45°48'18 oeste, estando à altitude de 720 metros, sendo considerada, portanto, uma das cidades mais altas da Bahia. Situa-se na Microrregião de Barreiras e na Mesorregião do Extremo Oeste Baiano, e ocupa uma área total de 4.018,778 km², representando quase 10% do total do Estado.

Referente ao clima, o município situa-se na zona de abrangência de tropical semi-úmido com temperaturas que variam de 15 graus no inverno a 40 graus entre os meses de agosto a outubro, com umidade relativa do ar que pode chegar a 13%, considerada estado de emergência pela Organização Mundial de Saúde – OMS, segundo informações do SEI, (1999).

A vegetação dominante na cidade é a do bioma Cerrado. Dentre suas variações, ocorre o Cerrado Arbóreo Florestado, o Cerrado Gramíneo Lenhoso e o com aspecto de parque. Ainda que o bioma Cerrado seja o tipo de vegetação mais comum do domínio Cerrado, pode-se encontrar também a Floresta de Galeria, Floresta Estacional Semidecidual e Decidual Montana e Caatinga compondo a paisagem, segundo os estudos do SEI (2016).

Em 30 de Março de 2000 o distrito de Mimoso do Oeste, através da Lei estadual de nº 7.619 consegue sua emancipação política do município de Barreiras e torna-se o mais novo município do Estado da Bahia. O projeto de lei que emancipou o município (mesmo considerado inconstitucional⁴) foi da então deputada estadual Jusmari Oliveira que deliberou juntamente com o senador Antônio Carlos Magalhães a criação do novo município, cujo nome remete ao falecido deputado e filho do então senador ACM.

A cidade que surgiu inicialmente como um aglomerado de loteamentos nas proximidades do posto de combustível denominado “Mimoso do Oeste” (ALVES, 2006), localizado no entroncamento das rodovias BR-242 e BR-020. Nos arredores do posto se instalam os migrantes sulistas recém-chegados e

⁴ A criação do município foi alvo de muitas críticas, como a que afirmava ser a lei estadual baiana 7619/00 inconstitucional, sendo também o referendo que autorizou a criação do município, tendencioso e parcial, já que não foram consultados todos os moradores envolvidos. Em 2007 o STF declarou a inconstitucionalidade da criação do município, dando ao legislador federal prazo de 2 anos para legalizar a situação. Mediante Emenda constitucional o congresso avalizou a criação do município.

que passam a ser em grande parte produtores agrícolas e a exercerem funções de comércio e serviços necessárias ao povoado e as empresas que se instalaram. Esses novos moradores principalmente sulistas promovem o comércio de terras com vistas à agricultura, dando início a uma especulação imobiliária que se fortaleceu nos anos posteriores em detrimento das oportunidades trazidas pelo agronegócio.

Sobre a forma de urbanização em Luís Eduardo Magalhães, Ilario (2011, p.44) afirma que “[...] Luís Eduardo Magalhães apresenta uma urbanização especializada, diretamente relacionada ao agronegócio. O crescimento do município foi diretamente proporcional ao aumento da produção de *commodities* nos Cerrados” (ILÁRIO, 2011, p 44). Suas culturas agrícolas são o cultivo da soja, café, algodão, arroz e milho com a expansão de diversas indústrias em outros segmentos de *comodities*.

Como reflexos deste crescimento acelerado na cidade alguns problemas de ordem social como o aumento dos índices de violência e sentimento de insegurança nas ruas começaram a ficar evidentes. A segregação socioespacial ocorre em Luís Eduardo Magalhães, assim como a distribuição e acesso a riqueza produzida pelo agronegócio é seletiva e atinge apenas parte da população dos municípios que o abrigam. Sobre estes fatores, Ilario (2011) afirma que a pobreza nessa região é um problema da estrutura da sociedade que se manifesta no território brasileiro. Está presente em todos os municípios da região, não apenas em LEM, devido, principalmente, ao grande contingente de migrantes que se descola para o oeste baiano em busca de trabalho nas lavouras. Ao mesmo tempo, essas atividades agrícolas apresentam elevado grau de mecanização e necessidade de pequeno contingente de mão de obra – em grande parte mão de obra especializada – não absorvendo, assim, esse contingente de trabalhadores que ali se instala.

4.2 CARACTERÍSTICAS DEMOGRÁFICAS E SOCIAIS DE LUÍS EDUARDO MAGALHÃES

4.2.1 Demografia

Nos últimos 17 anos, de acordo os dados disponíveis pelo IBGE (2018), a população da cidade de Luís Eduardo Magalhães cresceu cerca de 345,47%, passando de 18.757 mil habitantes para uma população estimada em 83.557 mil no

ano de 2017. Entre os anos 2000 e 2010 a população da cidade cresceu uma taxa média anual de 12,35%, enquanto no Brasil neste mesmo período foi de apenas 1,17%. Analisando um período mais longo, como por exemplo, entre os anos de 1991 e 2000, a população de LEM cresceu a uma taxa média anual de 12,31%, ou seja, uma taxa bem superior do que foi registrado em todo o Estado da Bahia que representou um percentual de 1,08 e no Brasil de 1,63% no mesmo período, conforme corrobora a tabela 5:

Tabela 5 - População de Luís Eduardo Magalhães – BA entre 1991 e 2010

População	População (1991)	% do Total (1991)	População (2000)	% do Total (2000)	População (2010)	% do Total (2010)
População total	6.600	100,00	18.757	100,00	60.105	100,00
População residente masculina	3.512	53,21	9.723	51,84	31.056	51,67
População residente feminina	3.088	46,79	9.034	48,16	29.049	48,33
População urbana		0,00	15.699	83,70	54.881	91,31
População rural	6.600	100,00	3.058	16,30	5.224	8,69

Fonte: Pnud, Ipea e Fjp (2017).

Esse grande crescimento populacional, observado na tabela acima, representa a pujança do agronegócio que evidenciou essa nova fronteira agrícola no cerrado baiano, acelerando o processo migratório para as principais cidades do território da bacia do Rio Grande, em especial, a cidade de LEM, mudando todo o perfil populacional desta região. Sobre o processo de mobilidade populacional e migração, Menezes (1985) afirma que:

São consideradas migrações as formas de deslocamentos populacionais entre áreas de origem e de destino, que se situa no paradigma histórico-estrutural das migrações e coloca o centro da análise na capacidade dos migrantes sem circular, construir e apropriar-se de espaços, dessa maneira, produzindo territórios e identidades sociais. Portanto, podemos identificar um deslocamento das noções estáticas de origem e destino ou tipologias de migrações para noções que tentam dar conta da heterogeneidade dos migrantes e outros atores envolvidos nos processos migratórios, da intensidade dos movimentos migratórios, das diferenciações dos fluxos, dos espaços e outras dimensões dos processos migratórios. (MENEZES, 1985).

Sobre o processo migratório na cidade de Luís Eduardo Magalhães, logo no final dos anos de 1970, motivado pelo desenvolvimento do agronegócio na região Oeste da Bahia, percebe-se que um fluxo populacional de pessoas de diversas partes do país partiu da sobreposição de atividades primárias, pelas novas técnicas da

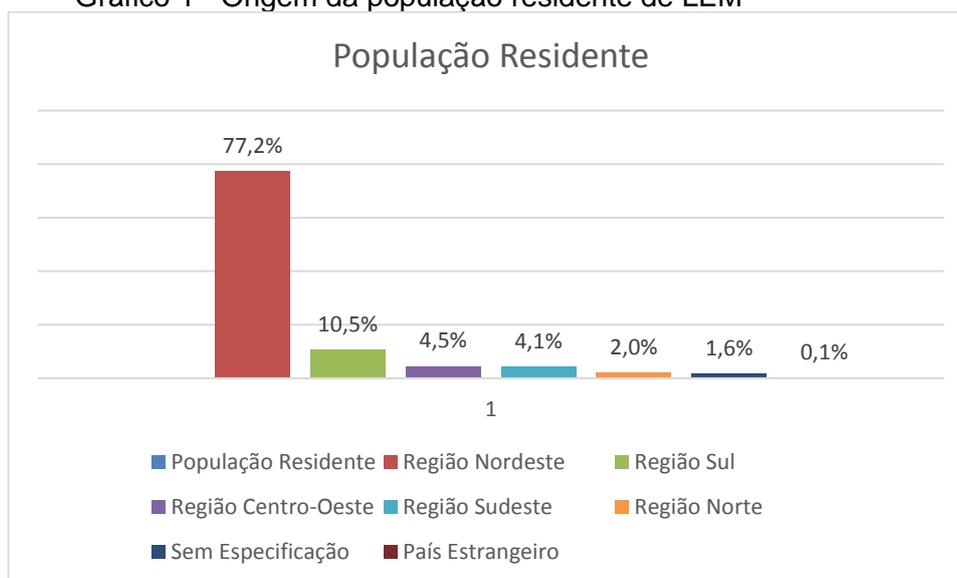
agricultura moderna em consonância com as fortes relações capitalistas e industriais.

No primeiro movimento migratório, a região Oeste da Bahia recebeu os sulistas, que se fixaram principalmente na cidade vizinha de Barreiras por volta de 1970, representando os primeiros empreendedores rurais da região conforme relatos de Pitta (2017). Logo após, com início das atividades agrícolas na região, o próximo fluxo migratório foi de nordestinos, a maioria baianos provenientes da região de Irecê, que chegaram às cidades de Barreiras e Luís Eduardo Magalhães por volta do final dos anos de 1970, inebriados pelo novo “Nordeste”, rotulado de “Eldorado” da soja, chegaram em busca de novas oportunidades de trabalho, conforme cita Pitta (2017).

Conforme cita Haesbaert (1997), a chegada dos sulistas aos cerrados nordestinos, a partir do final da década de 1970, insere-se em múltiplas dinâmicas: mundial, nacional e “regional”; e dimensões econômicas, política e cultural. Trata-se antes de tudo de um processo de expansão dos espaços capitalistas na fase da globalização agroindustrial, financeira e técnico-informacional, e não simplesmente uma “modernização sulista”, como alguns ainda apregoam, ignorando o papel de outros grupos capitalistas, de caráter nacional ou transnacional, provenientes do Sudeste do país (incluindo descendentes de japoneses) e da própria região Nordeste.

Sobre o fluxo de migração na cidade de LEM, como é observado no gráfico 1, a população residente na cidade de em 2010 era de 60.105 mil habitantes. Os migrantes da região Nordeste ainda são maioria, representando um número de 46.405 nordestinos, logo após, a maior parte de migrantes são oriundos da região Sul do país, representando um total de 6.310 pessoas, o que reforça a existência de uma grande população advinda desta região, sendo estes, responsáveis por boa parte da nova reconfiguração do espaço da região oeste da Bahia, considerada a maior fronteira agrícola do Estado.

Gráfico 1 - Origem da população residente de LEM



Fonte: IBGE (2010)

Nota: Elaboração própria (2018).

A reterritorialização gaúcha em LEM, segundo Haesbaert (1997), encontra-se articulada através de múltiplas redes que, além de manterem localmente a coesão do grupo ou de uma fração dele, se estendem extra-regionalmente, num realimentar constante de seus vínculos com o Sul, especialmente aqueles relacionados à sua identidade cultural e sociopolítica. Assim como, Às vezes é entre os migrantes que, paradoxalmente, essa ligação com o Sul e com o gauchismo aparece com mais força, como se o aumento da distância e o confronto com outros grupos culturais fortalecesse uma identidade, estratégia capaz de, em parte, eliminar a própria distância. Articula-se também uma rede migratória pautada no parentesco, sendo esse fluxo, muito importante para o desenvolvimento da cidade de LEM quando no seu estágio de expansão, os sulistas tiveram que trazer seus parentes que eram médicos, professores e dentistas para oferecer os serviços básicos que ainda eram carentes na cidade.

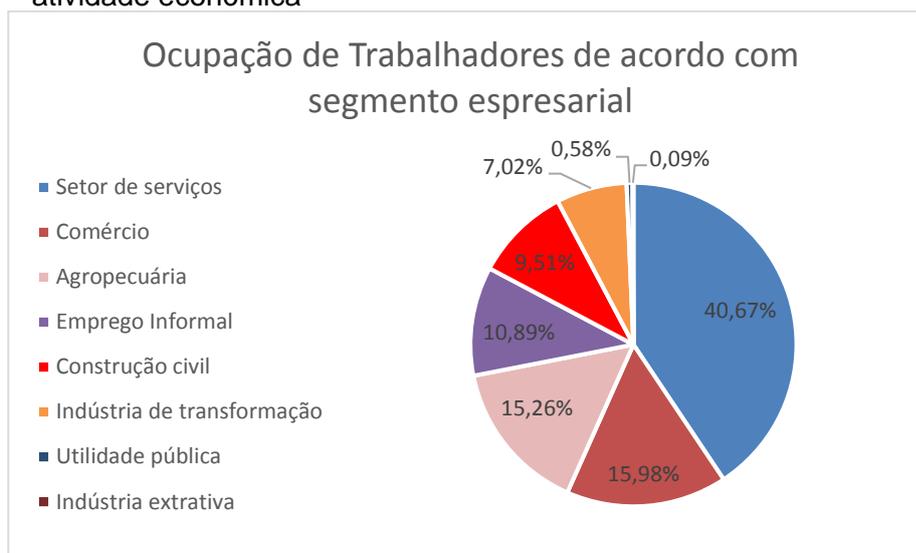
4.2.2 Emprego e Renda

Historicamente a população da cidade de LEM teve um crescimento vertiginoso a partir das décadas de 1980 e 1990 com a atração de indústrias e empresas especializadas no ramo do agronegócio, o que motivou a ida de muitas pessoas para esta região, gerando conseqüentemente novos postos de trabalho em diversos

setores da economia local, motivadas, sobretudo, pela possibilidade de desbravar um território em ascensão com a expansão das novas tecnologias rurais.

De acordo com o IBGE no censo de 2010, das pessoas ocupadas na faixa etária de 18 anos ou mais do município, 15,26% trabalhavam no setor agropecuário, 0,09% na indústria extrativa, 7,02% na indústria de transformação, 0,58% nos setores de utilidade pública, 9,51% no setor de construção civil, 15,98% no comércio e 40,67 no setor de serviços (Gráfico 2). O que deixa claro que muito embora as atividades principais que envolvem a economia da cidade sejam no setor agropecuário, o setor de serviços é o que apresenta uma maior taxa de empregabilidade.

Gráfico 2 - Ocupação de Trabalhadores dos trabalhadores de acordo com a atividade econômica



Fonte: IBGE (2010).

Nota: Elaboração própria (2018).

Percebe-se que o passo que acompanha o crescimento demográfico da cidade em grande escala é o mesmo que revela profundas transformações na configuração territorial da cidade, motivadas pelos empregos urbanos gerados pelas empresas, que não somente giram em torno do agronegócio, mas também no fornecimento de diversos serviços que acompanham essa nova configuração.

Neste sentido, Santos, (2004) afirma que o circuito superior da economia urbana depende da necessidade da articulação entre atores locais, que residem e atuam

nas cidades médias, que buscam a conquista do mercado para seus produtos e serviços, e entre os atores que são externos às cidades médias. A cidade pode ser analisada através das divisões do trabalho coexistentes, que se compreendem pelos circuitos da economia urbana, na qual se distinguem em função dos diversos setores, como os de diferentes graus de tecnologia, capital intensivo e organização complexa, assumidos pelas atividades urbanas. Quando estes são bem organizados, capital em grande circulação, trata-se do circuito superior e quando é ao contrário, trata-se do circuito inferior.

Segundo o Instituto de Pesquisa e Econômica Aplicada - IPEA, conforme mostra tabela 6, entre 2000 e 2010 a taxa de atividade da população, ou seja, a população economicamente ativa passou de 71,27% em 2000 para 78,12% em 2010. Já a taxa de desocupação passou de 7,09% em 2000 para 6,96% em 2010. Em se tratando do rendimento médio mensal essa variação fica em torno de 2 a 5 salários mínimos, representando 90,18% da população em 2010, o que acaba sendo a mesma média salarial dos municípios da bacia do rio grande.

Tabela 6 - Emprego e Renda da cidade de Luís Eduardo Magalhães

Ocupação da população de 18 anos ou mais - Município - Luís Eduardo Magalhães - BA		
	2000	2010
Taxa de atividade - 18 anos ou mais	71,27	78,12
Taxa de desocupação - 18 anos ou mais	7,09	6,96
Grau de formalização dos ocupados - 18 anos ou mais	39,73	59,38
Nível educacional dos ocupados		
% dos ocupados com fundamental completo - 18 anos ou mais	33,20	56,40
% dos ocupados com médio completo - 18 anos ou mais	14,94	39,52
Rendimento médio		
% dos ocupados com rendimento de até 1 s.m. - 18 anos ou mais	39,45	12,12
% dos ocupados com rendimento de até 2 s.m. - 18 anos ou mais	75,25	67,77
% dos ocupados com rendimento de até 5 s.m. - 18 anos ou mais	91,40	90,18

Fonte: PNUD, IPEA e FJP, (2017).

Sobre os efeitos da globalização na perspectiva dos espaços urbanos, Santos (1994) afirma que as possibilidades técnicas e organizacionais de transferir à distância produtos e ordens determinam especializações produtivas solidárias no nível mundial e nas relações de trabalho. Alguns lugares tendem a tornar-se especializados, no campo como na cidade, e essa especialização se deve mais às condições técnicas e sociais que aos recursos naturais, o que exige do trabalhador uma busca incessante pela especialização. As novas localizações industriais, a expansão da agroindústria e a substituição de culturas foram extensas e rápidas, levando a grandes transformações na organização do espaço. A partir do sistema

urbano preexistente, as superposições verificadas trouxeram mudanças substanciais quanto à forma, ao tipo e à intensidade das relações, criando um novo espaço e um novo sistema urbano, ambos redefinidos.

Na visão de Robert Castels (1998), os efeitos desta globalização continuam sendo uma referência não só economicamente, mas também psicológica, cultural e simbolicamente dominante (1998, p.578). O que corrobora com a moderna concepção de Harvey (1992) que afirma que intrinsecamente os reflexos da globalização afetam nas mudanças da identidade pessoal do novo tipo de trabalhador que se quer constituir. Esse processo "... mascara e fetichiza, alcança crescimento mediante a destruição criativa, cria novos desejos e necessidades, explora a capacidade do trabalho e do desejo humanos, transforma espaços e acelera o ritmo da vida." (HARVEY, 1992, p.307).

4.2.3 Panorama Econômico de LEM

O comportamento econômico da cidade de Luís Eduardo Magalhães é oriundo basicamente das atividades desempenhadas no setor da agricultura, respondendo pela geração de produtos de alto valor para o consumo interno e as exportações da Bahia, segundo dados do IBGE (2015). Destaque para frutas como Abacaxi, laranja, mamão melancia e goiaba, além de grãos como soja, feijão e café. Conforme mostra a figura 14 (2015), o PIB per capita da cidade é de R\$ 55.074,20 milhões, representando a 6º posição de todo o estado da Bahia.

Figura 14 - Maiores PIB'S Per Capita da Bahia em reais

São Francisco do Conde	219.845,83	1º
São Desidério	83.234,58	2º
Camaçari	71.012,33	3º
Cairu	67.787,99	4º
Formosa do Rio Preto	63.256,70	5º
Luís Eduardo Magalhães	55.074,20	6º
Conceição do Jacuípe	50.855,82	7º
Mucuri	48.612,00	8º
Dias d'Ávila	42.670,66	9º
Itapebi	40.980,04	10º

Fonte: IBGE (2015).

A força do setor agropecuário acaba por dinamizar outros setores da economia. Este segmento representa, segundo o IBGE, 60% pela produção de grãos de todo o Estado, o que impacta também no aumento do IDH-M (Índice de Desenvolvimento Humano do Município) que é de 0,716 (2010). Os produtores de grãos do Oeste da Bahia ajudaram o estado a colocar sete municípios do estado entre as 100 maiores economias agrícolas do Brasil. E com destaque para: São Desidério, em primeiro, e Formosa do Rio Preto em segundo lugar, o que lidera um ranking que tem ainda Barreiras em 11º, Correntina em 17º, Luís Eduardo Magalhães em 20º, Riachão das Neves em 44º, segundo esta mesma pesquisa do IBGE (2015).

No contraponto deste crescimento na cidade de LEM é possível enxergar também algumas desigualdades que são visíveis no município. Segundo Cardoso (2012) é “natural” encontrar nas cidades do agronegócio periferias urbanas que contrastam com o crescimento econômico alcançado por esses municípios nas últimas décadas. São submundos que se avolumam em precárias condições de infraestrutura. Para se ter uma ideia dessa realidade, basta apenas transitar pela BR-242, no perímetro urbano de LEM, por onde escoam toda produção agroindustrial e desviar em direção às periferias para perceber outro país, como se o poder público ali não exercesse seu papel social.

Apesar de todo este crescimento econômico, a cidade apresenta sérios problemas de infraestrutura e pobreza e que em parte pode ser justificado pelo seu exagerado aumento populacional em um curto espaço de tempo. Uma das localidades mais vulnerável nesta questão é o bairro Santa Cruz corresponde à primeira área periférica da cidade, sendo criado no ano de 1986, quando LEM ainda era apenas um povoado do município de Barreiras. Conforme Oliveira (2012), o setor imobiliário e a elite local determinaram o processo de periferização planejada do referido bairro, que ocorreu precocemente, ocasionando uma nítida segregação socioespacial na cidade.

Atualmente, o bairro é o mais populoso do município e concentra uma população de baixa renda, sofrendo dos problemas oriundos desse inchaço. A descrição ainda aborda um tema significativo que retrata a divisão intraurbana ocasionada pelas rodovias BR's 020 e 242, que cortam a cidade. Tal divisão tem relação, inclusive, com a própria origem do bairro, que foi o segundo a ser criado na cidade, por volta de 1986 (SANTOS ; SOUZA, 2015)

Naquele período, existia o bairro Mimoso do Oeste (atualmente conhecido como Mimoso I) ao norte das referidas rodovias, que era ocupado especialmente por investidores e pelas famílias dos fazendeiros que chegavam à região e o bairro Santa Cruz ao sul, destinado aos trabalhadores rurais que vinham trabalhar nas fazendas, pois os lotes tinham preços mais acessíveis. Dessa maneira, o Santa Cruz se tornou um reduto das pessoas de menor poder aquisitivo, o que contribuiu para que o bairro tivesse uma grande população. Além disso, confirma a divisão do espaço urbano por classe social (OLIVEIRA, 2012).

Para Oliveira (2012), esse aspecto fortaleceu a alusão à localização dos moradores em relação aos outros bairros do lado oposto das rodovias (Figura 15), em destaque de vermelho). No entanto, pode representar uma divisão do espaço, uma representação carregada de significados moldados ao longo do seu processo de formação, faz uma referência a certa distância não só espacial (centro-periferia) como também social.

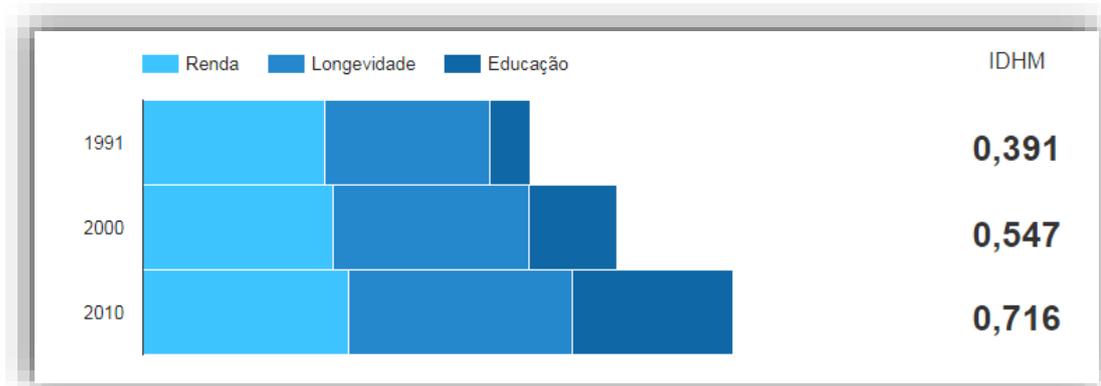
Figura 15 - Localização do Bairro Santa Cruz



Fonte: Google Maps, 2018. Grifo nosso. Disponível em: www.google.com.br. Acesso em: 06/06/2018.

Essa segregação afirmada pela autora é visível nos modos de vida do bairro, a começar pela identificação dos nomes das ruas, onde em sua maioria representam nomes de cidades da Bahia, muitas vezes, locais de origem da população residente, assim como, os nomes dos estabelecimentos comerciais (Figura 18). Neste bairro, a maioria das ruas não são asfaltadas o que favorece o acúmulo de poeiras nas residências dos moradores, além da ausência de saneamento básico. A falta de pavimentação nas ruas, não só do bairro Santa Cruz, mas também de outros bairros mais antigos da cidade, é um problema que pode ter sido ocasionado pelo acelerado crescimento da cidade e pela falta de previsão legal de alguns aspectos do planejamento urbano, já que, por exemplo, parte da definição dos critérios de aprovação de novos loteamentos, como a exigência de pavimentação de ruas, surgiu efetivamente apenas com o Plano Diretor Urbano (Lei Municipal nº255), elaborado somente em 2007.

Figura 17 - Índice de Desenvolvimento Humano Municipal – Geral



Fonte: PNUD, IEPA, FJP (2017).

Nesta perspectiva, Milton Santos (2010), observa que o estágio atual da globalização está produzindo mais e mais desigualdades sociais, e, ao contrário do que se esperava no passado, continuam a crescer o desemprego, a pobreza, a fome, a insegurança do cotidiano, num mundo onde se ampliam as fraturas sociais. Dessa maneira, um grande dilema a ser desvendado em nossa atualidade é a confusão entre quem é o cidadão e quem é o consumidor, pois a educação, a moradia, a saúde, o lazer aparecem como conquistas pessoais e não como direitos sociais, e essa doença cívica. Essas proporções vão tomando um lugar sempre maior em cada indivíduo, o lugar do cidadão vai ficando menor, e até a vontade de se tornar um cidadão por inteiro se reduz. Talvez por isso, esses que são, na realidade, tidos como bens públicos, passem a não sê-lo, transitando do lugar de “dever social” do Estado para o de bens de mercado (SANTOS,1987).

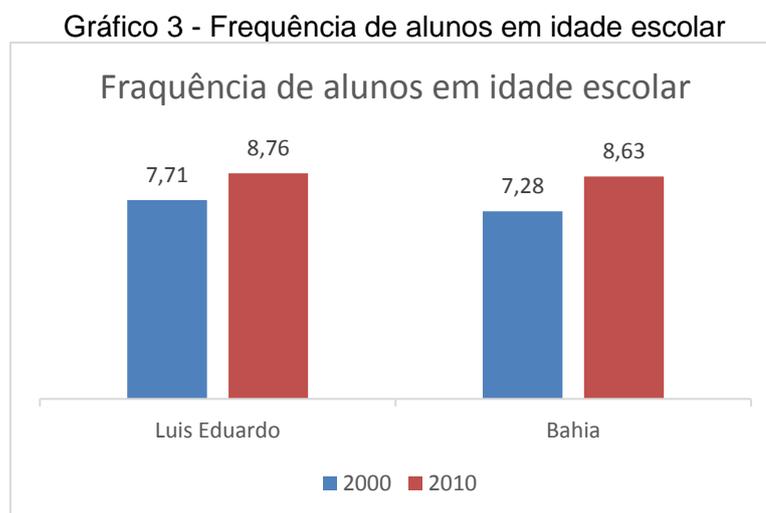
4.2.4 Educação

A situação da Educação no município de Luís Eduardo Magalhães tem apresentando um aumento significativo nos indicadores avaliados de acordo o IBGE, em comparação com o censo de 1991, 2000 e 2010. Esse crescimento é reflexo da espacial que foi firmada no município, a partir dos avanços nos setores descritos neste trabalho, assim como, o processo de emancipação político da cidade.

Atualmente, a infraestrutura educacional do município é composta por 42 estabelecimentos de ensino fundamental e 08 unidades de ensino médio, contando com um número de 834 professores entre o ensino fundamental e médio na rede

pública, segundo dados do IBGE (2015). A proporção de crianças na faixa etária de 6 a 14 anos de idade, representa 96,4%, somando um número de 17.482 alunos matriculados.

Sobre os indicadores que representam os anos de expectativa de estudos no município, fator este, que sintetiza a frequência escolar da população em idade escolar, indicando o número de anos de estudo que uma criança que inicia a vida escolar no ano de referência deverá completar ao atingir a idade de 18 anos, o município também constatou um pequeno aumento (Gráfico 3). Entre os anos de 2000 e 2010, ela passou de 7,71 para anos para 8,76 anos, em comparação com a UF que teve um número de 7,28 anos para 8,63.



Fonte: Elaboração do autor (2010).

Neste sentido, é possível perceber de acordo com as temáticas vistas neste trabalho, dentro dos aspectos de espaço, globalização e cidadania, a educação envolve-se como um processo que fornece uma fonte de respostas para a grande disposição em enfrentar essa nova estruturação do mundo. De acordo o pensamento crítico de Milton Santos (1998), a educação atualmente está voltada para atender as demandas do meio global, como forma da população se manter integrada como parte útil e empregada da sociedade, que atendem as lógicas da economia neoliberal. Desta maneira, o papel social e político da educação na perspectiva do desenvolvimento do pensamento crítico e ideológico do cidadão ficam em segundo plano no modelo econômico atual:

[...] se o ensino ficar atrelado ao mercado, ou à técnica, ele será cada vez mais canalizado para a subserviência, sobretudo porque a ciência tende cada dia a ficar mais longe da verdade. Porque a ciência é feita para responder à demanda técnica e do mercado. Por conseguinte, ela estreita o seu objetivo. (SANTOS, 1998, p. 6).

Essa tendência educacional que enobrece a aprendizagem do indivíduo por si mesmo, enquanto desmerece o valor da aprendizagem com caráter para o desenvolvimento humano, tem como perspectiva comparada às “[...] competências que alimentam a ideologia da renovação e adaptação constantes e necessárias para se viver na sociedade dinâmica” (DUARTE, 2001, p.121). Esta sociedade dinâmica faz menção à chamada sociedade do conhecimento, que Santos alertava ser um engodo para a maioria da população, por ser ainda inacessível.

Assim, também, o professor Demerval Saviani (1999) defende que a educação deve ser mudada, para contemplar um homem voltado para um ser filosófico, que facilite a compreensão do mundo e a interpretação da realidade. E que o papel de uma teoria crítica da educação é “[...] dar substância concreta a essa bandeira de luta de modo a evitar que ela seja apropriada e articulada com os interesses dominantes.” (SAVIANI, 1992, p. 42).

Santos, reconheceu em seus estudos que a informação e o dinheiro acabaram por se tornar ditadores da vida real, considerando que a maior parte da população não os possui, e que, dessa forma, representam a situação em que o desenvolvimento tecnológico limita-se ao aproveitamento de um número restrito de pessoas. Os maiores níveis de educação institucionalizada, nesse sentido, figuram-se como um benefício exclusivo para essa classe dominante. Sendo assim, essa educação indicaria uma forma de liberdade emancipadora do homem, capaz de desenvolver humanidades, ou seja, em favor do desenvolvimento do homem integralmente em todas as suas potencialidades e não meramente algumas habilidades e competências forjadas pela lógica produtiva do capital.

4.2.5 Saúde

Em Luís Eduardo Magalhães a ampliação das áreas urbanas ocorreu de forma rápida e desordenada o que acabou ocasionando um processo de apreensão do espaço urbano que é um fato comum na maioria das cidades brasileiras onde sofrem com problemas relacionados à infraestrutura e principalmente demandas na área da saúde.

Mesmo com todo esse aparente avanço que é visível na cidade, à infraestrutura hospitalar da cidade ainda está muito longe de alcançar os parâmetros mínimos recomendados por órgãos ou autoridades de saúde. De acordo os dados disponíveis no IBGE, a cidade de LEM possui apenas 12 estabelecimentos de unidades de saúde com convênio com o Sistema Único de Saúde – SUS, sendo que a Organização Mundial da Saúde recomenda a existência de pelo menos 4 leitos para cada grupo de 1.000 habitantes.

Nas últimas décadas, tanto na literatura nacional, como internacional, observa-se um extraordinário avanço no estudo das relações entre a maneira como se organiza e se desenvolve uma determinada sociedade e a situação de saúde de sua população (ALMEIDA-FILHO, 2002). Esse avanço é particularmente marcante no estudo das iniquidades em saúde, ou seja, daquelas desigualdades de saúde entre grupos populacionais que, além de sistemáticas e relevantes, são também evitáveis, injustas e desnecessárias (WHITEHEAD, 2000).

A primeira geração se dedicou a descrever as relações entre pobreza e saúde; a segunda, a descrever os gradientes de saúde de acordo com vários critérios de estratificação socioeconômica; e a terceira e atual geração está dedicada principalmente aos estudos dos mecanismos de produção das iniquidades ou, para usar a expressão de Adler, está dedicada a responder à pergunta: como a estratificação econômico-social consegue “entrar” no corpo humano?

De acordo Paulo Buss e Alberto Filho (2007), o principal desafio dos estudos sobre as relações entre determinantes sociais e saúde consiste em estabelecer uma hierarquia de determinações entre os fatores mais gerais de natureza social, econômica, política e as mediações através das quais esses fatores incidem sobre a situação de saúde de grupos e pessoas, já que a relação de determinação não é uma simples relação direta de causa-efeito. É através do conhecimento deste

complexo de mediações que se pode entender, por exemplo, por que não há uma correlação constante entre os macroindicadores de riqueza de uma sociedade, como o PIB, com os indicadores de saúde.

Analisando o índice de mortalidade infantil (mortalidade de crianças com menos de um ano de idade) no município de LEM, conforme mostra tabela 7, o número passou de 32,0 óbitos por mil nascidos vivos, em 2000, para 15,5 óbitos por mil nascidos vivos, em 2010. Entre 2000 e 2010, a taxa de mortalidade infantil no país caiu de 30,6 óbitos por mil nascidos vivos para 16,7 óbitos por mil nascidos vivos. Em 1991, essa taxa era de 44,7 óbitos por mil nascidos vivos.

Tabela 7 - Longevidade, Mortalidade e Fecundidade - Município - Luís Eduardo Magalhães – BA

	1991	2000	2010
Esperança de vida ao nascer	61,5	68,2	74,5
Mortalidade infantil	61,9	32,0	15,5
Mortalidade até 5 anos de idade	78,8	41,1	16,8
Taxa de fecundidade total	3,1	2,5	2,2

Fonte: PNUD, IPEA e FJP (2010).

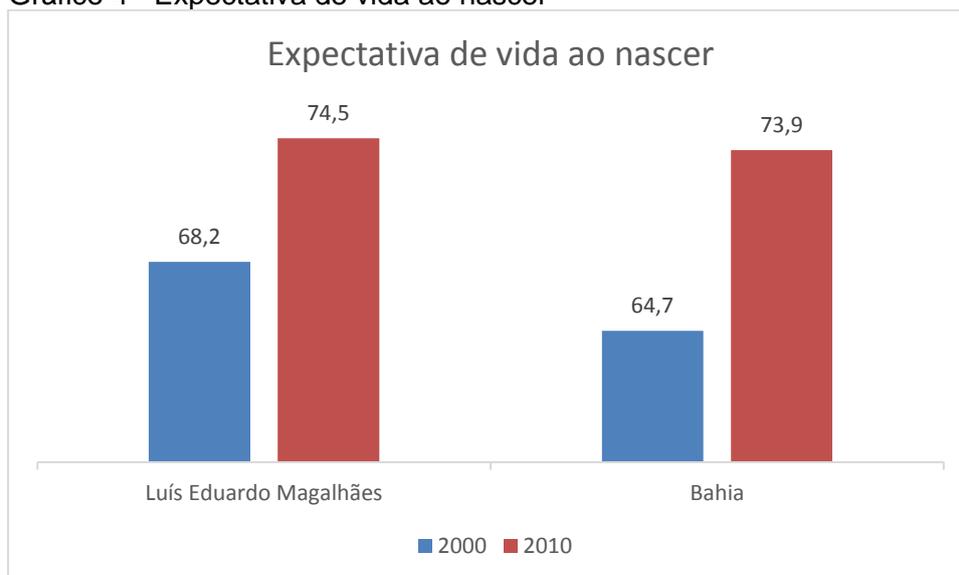
Com a taxa observada em 2010, o Brasil cumpre uma das metas dos objetivos de desenvolvimento do milênio das nações unidas, segundo a qual a mortalidade infantil no país deve estar abaixo de 17,9 óbitos por mil em 2015. Na tabela 7 é possível ver a diminuição do índice de mortalidade infantil no município, taxa de fecundidade e expectativa de vida ao nascer.

Em relação à taxa de fecundidade (estimativa do número médio de filhos que uma mulher teria até o fim de seu período reprodutivo), observa-se na figura 20, que houve uma redução de 3,1 filhos em 1991, para 2,2 filhos em 2010, o que representa uma tendência mundial de redução no número de filhos, uma vez que, essa taxa no Brasil é de 2,5 filhos por mulher.

Essa queda na taxa de fecundidade em LEM é reflexo de vários fatores como, por exemplo, projetos de educação sexual, planejamento familiar, utilização de métodos contraceptivos, expansão da urbanização, dentre outros fatores. Já sobre a expectativa de vida ao nascer, que é o indicador utilizado para compor a dimensão de longevidade do IDH-M, o município apresentou um crescimento de 6,3 anos na última década passando de 68,2 anos em 2000 para 74,5 anos em 2010. Já o índice geral do Estado da Bahia foi de 64,7 anos em 2000 e 73,9 em 2010, ficando em um

número muito próximo do que já é representando pelo índice global da unidade da federação (Gráfico 4).

Gráfico 4 - Expectativa de vida ao nascer



Fonte: PNUD, IPEA e FJP (2010).

Para Buss e Filho (2007) as desigualdades em saúde referem-se às diferenças, em um sentido descritivo, nos níveis de saúde entre grupos socioeconômicos distintos. Os padrões diferenciados de morbidade e mortalidade em grupos populacionais são determinados por múltiplos aspectos: distribuição desigual dos fatores de exposição e do acesso a bens e serviços de saúde, fragilidade das estruturas sociais de apoio à saúde e insuficiência de investimento em políticas sociais, especialmente em sociedades com grande nível de concentração de renda e baixo nível de coesão social. Os determinantes demográficos e aqueles relacionados ao ambiente construído e ao hiper-adensamento populacional podem, ainda, agregar novos contornos à desigualdade em saúde nas populações urbanas.

Em Luís Eduardo Magalhães os serviços de saúde ainda provocam algumas fragilidades no que diz respeito à oferta de serviços especializados para tratamentos de patologias graves e principalmente nos atendimentos dos serviços públicos, que ainda são precários, principalmente para a população de baixa renda, sendo que

nestes casos onde não há oferta de médicos especializados em determinadas áreas os pacientes são removidos para Brasília, Salvador ou Goiânia.

Desta maneira, essas reflexões apresentadas nos aspectos econômicos, sociais, trabalho e renda, educação e saúde, são remetidas ao processo de expansão territorial acelerado da cidade, pautada em um modelo econômico desigual e excludente, o que gera uma estrutura socioespacialmente fragmentada e segregada, marcada por contradições e iniquidades sociais. Para compreender o processo migratório e a influência na constituição do espaço e na formação cultural de LEM será mostrada no próximo capítulo uma análise e discussão dos dados colhidos nas entrevistas realizadas com informantes-chaves que contribuiram com a pesquisa relatando sobre aspectos importantes na constituição do território.

5 UM PEDAÇO DO SUL BRASILEIRO NO OESTE DA BAHIA

Este capítulo apresenta a análise dos resultados obtidos através da pesquisa de campo, cujo procedimentos e técnicas foram descritas no capítulo 1, na qual resultou na codificação e categorização dos temas, sendo emergidas cinco categorias. As temáticas que serão apresentadas a seguir revelam singularidades da cidade de LEM, que buscam compreender os principais impactos socioculturais causados em decorrência das políticas públicas implementadas no Oeste da Bahia, assim como, os efeitos do processo migratório que estimularam a vinda de diversas pessoas do Sul do Brasil, interferindo diretamente no cotidiano da cidade.

Desta Maneira, a construção das narrativas a seguir versará dentro das seguintes categorias: **1) Busca por Terras, 2) Continuidade das Tradições Sulistas, 3) Festas Populares, 4) Segregação / Problemas Sociais, 5) Afetuosidade.**

1) Busca por Terras

Os primeiros desbravadores desta cidade foram os sulistas. Eles sempre estão em busca de terras melhores. Terra, dinheiro e vencer na vida... (ENTREVISTADO E, 2018).

Para se entender os reflexos das políticas públicas que foram implantadas na região Centro-Oeste do Brasil e em especial a definição de novas fronteiras agrícolas a exemplo da cidade de Luís Eduardo Magalhães, faz-se necessário conhecer o perfil dos primeiros migrantes que chegaram ao município por volta dos anos de 1980. O baixo preço da terra e a introdução do agronegócio nessa região provocaram diversas alterações na esfera geopolítica social.

Esta categoria discute o fluxo migratório e a busca por terras, principalmente por agricultores sulistas do Brasil, que ainda hoje representam um percentual relevante da população da cidade, o que influencia diretamente os hábitos e costumes examinados na cultura local.

A partir dos depoimentos, verificam-se os termos-chave de compreensão dessa categoria, apontados na Figura 18, os quais se relacionam ao fluxo migratório para a

cidade de LEM, em especial os sulistas, que saíram de suas terras de origem em busca de oportunidades de melhorias em solos baianos. Assim, é possível verificar que a escassez de terras no território do Sul do Brasil, também impulsionou a vinda destes migrantes para à cidade, o que revela algumas particularidades do município em relação a tradições, manifestações culturais e problemas sociais. Para esta categoria palavras como dinheiro, Bahia, empreender, terras, desbravadores e conflitos, deixa evidente a representatividade que este grupo conseguiu imprimir na cidade.

Figura 18 - A busca por terras

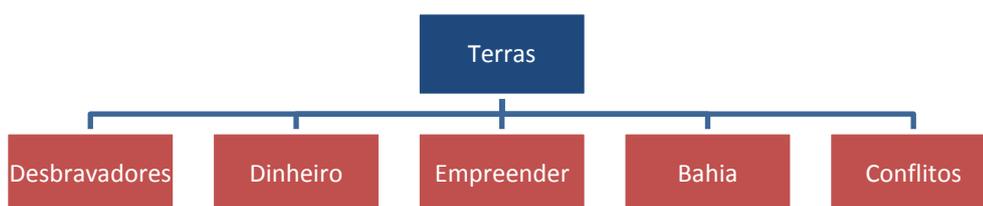


Fonte: Elaboração do autor (2018).

De acordo com o organograma representado na Figura 19, percebe-se que os estudos de correção do solo do cerrado baiano foram um fator decisivo para o fluxo migratório de diversos grupos nas cidades de Barreiras e Luís Eduardo Magalhães, considerada uma área do “Além São Francisco”, no Oeste da Bahia. Os fatores que impulsionaram a vinda destas pessoas para a região baseou-se no ato de desbravar essas terras e trazer a produção agrícola para campos que eram considerados improdutivos, mas que ao mesmo tempo possuíam grande potencial com áreas planas, riqueza hídrica e terras virgens para serem exploradas. As características de

aventurar-se em um território extramamente distante de seu local de origem permitiu que boa parte destes migrantes sulistas viessem em busca de uma vida melhor e com um perfil empreendedor para implantar tecnologias e investir no potencial do agronegócios de toda a região.

Figura 19 – Organograma da categoria “Busca por Terras”



Fonte: Elaboração do autor (2018).

Esse processo migratório de sulistas para o interior do Brasil, segundo Haesbaert (1997) com foco no campesinato, representa uma complexa “diáspora” – não no sentido mais usual de migração provocada por perseguições políticas ou religiosas, mas pela “perseguição do capital”, muito distinta ao se tratar do camponês expulso da terra pela modernização ou pela concentração da propriedade e do empresário em busca de novas áreas agrícolas para investir ou de novas terras com crédito fácil para iniciar seu processo empreendedor.

Esta descrição histórica-geográfica pode ser confirmada também de acordo o pensamento de Waibel (1979) quando afirma que o processo migratório se desdobrou na área do Oeste da Bahia, em detrimento dos interesses que os sulistas se deu sempre, prioritariamente, em direção a zonas rurais tidas como “virgens” ou pouco exploradas, basicamente áreas de mata, numa reprodução, em parte, do modo de ocupação tradicional que se verificou com os imigrantes europeus no Sul do País.

Essas características presentes no perfil deste grupo social, foi ressaltada no discurso do entrevistado E, quando diz que estes traços europeus provenientes do processo de colonização é resquício da colonização dos povos italianos e alemães:

É preciso entender como é que aconteceu a ocupação do sul do Brasil. A reforma agrária precedeu a ocupação, pois foi uma coisa que não é como aqui no Nordeste, onde há pecuária, que foi o fator de ocupação do solo. A colonização do sul aconteceu com os imigrantes italianos, alemães. A reforma agrária precedia porque eles entregavam pra cada imigrante um chão, chamava colônia, que é um pedaço de terra que a família que estava chegando se instalava em cima dele, mas quando a família se desmembrava com os casamentos, não tinha lugar pros outros. Então, foi normal que esses fossem migrando rumo a oeste de Santa Catarina, Oeste do Paraná, hoje também estão em Mato Grosso, e já estão chegando até em Rondônia. (ENTREVISTADO E, 2018).

No discurso do entrevistado acima é possível compreender alguns traços, inclusive de ordem histórica, sobre a “vocação” que geralmente o sulista do Brasil tem em migrar. Fato este, que foi confirmado ao longo desta pesquisa, principalmente quando de forma enfática, os entrevistados afirmaram que um dos principais motivos para descobrirem o Oeste da Bahia, enquanto uma região potencial para se construir a vida, foi de fato a ausência da oferta de boas condições de trabalho em suas cidades de origem, o que ocasionou a busca para áreas destinadas à atração migratória a exemplo de Barreiras e Luís Eduardo Magalhães.

Ainda segundo o Entrevistado E, o capital também exerceu uma forte influência para este tipo de grupo social, uma vez que, a possibilidade de ganhar dinheiro com a cultura agrícola e o investimento em tecnologias, fez com que o sulista se desprendesse de seu território com muita facilidade, conforme afirmação abaixo:

Eu diria, que eles (sulistas) têm assim, essa importância de possuir terra na cultura de origem europeia, dos imigrantes de origem europeia. A terra pra eles é onde se pisa, a terra é muito importante. E aí, vêm terras e terras, quais são as terras melhores? Então eles vão sempre em busca das terras melhores. E a terra aqui, só quando houve, a pesquisa lá no Sul, possibilitou avanços tecnológicos na produção agrícola, é que o pessoal pôde vir pra cá, senão não teria vindo pra cá. Então, é nessa perspectiva, principalmente envolvendo a tecnologia também, que se torna mais lucrativa a atividade agrícola. Então confirmamos que é terra e dinheiro, ganhar dinheiro! (ENTREVISTADO E, 2018).

Nesta perspectiva, fica perceptível que o conhecimento das práticas agrícolas por parte dos sulistas que migraram para diversas regiões do país, fez deles detentores

de técnicas que ainda não eram utilizadas nas cidades para qual migraram. No discurso de boa parte dos entrevistados e da maioria dos empresários que trabalham no ramo do agronegócio na cidade de LEM, eles admitem que ao chegar na cidade, os nativos não tinham conhecimento de técnicas em que pudessem melhorar a agricultura local, que até então era de subsistência, para começar a ganhar dinheiro com o potencial que a região poderia oferecer.

Neste sentido, o uso dos pivôs agrícolas e uso de fertilizantes nos solos da região, trouxe uma discussão dos impactos que o agronegócio têm causado principalmente voltado para as questões ambientais. O que se percebe é que não há políticas ou técnicas firmadas para minimizar os efeitos que a utilização destas tecnologias tem provocado no meio ambiente. A utilização dos pivôs de irrigação em grandes fazendas de soja e arroz ao longo das rodovias que ligam Barreiras e Luís Eduardo, interfere diretamente nas baixas vazões dos rios, em especial o Rio de Ondas e o Rio Grande⁵ que abastecem o Oeste da Bahia com o fornecimento de água potável e como atrativo para o turismo local.

Nesta mesma linha de raciocínio a Entrevistada D, ratifica em sua fala sobre essa busca incessante do sulista sobre “terra”. *Os sulistas são todos doidos por terra e pra vencer na vida. A gente vai onde está melhor.* O que fica evidente no discurso deles que o melhor lugar para se viver é de fato onde se ganha dinheiro, assumindo por muitas vezes uma característica vista pelos baianos locais como pessoas “Individualistas” e “gananciosas”, ignorando às vezes qualquer situação para se dar bem na vida.

Lipovetsky (2005) explica que o advento do Estado moderno e a expansão da economia liberal implicam diretamente no surgimento do individualismo. A economia mercantil, a generalização e expansão do sistema valorativo de troca, suscitaram o surgimento do indivíduo preocupado com o alcance de seus interesses particulares. Desenvolvem-se a compra e venda de terras, a industrialização com o conseqüente deslocamento de parcelas da população, passando a haver então uma nova forma de o homem se relacionar, desarticulando-o do referencial comunitário que o formava. Uma mudança de amplas proporções que podem ser resumidas em uma palavra: individualismo.

⁵ O Rio Grande é o principal afluente da margem esquerda do Rio São Francisco que banha o Oeste da Bahia.

Confirmando este posicionamento, Roche (1969, p.243) afirma que os sulistas também possuem este perfil por imposição do Estado Nacional, passando essas características para as gerações posteriores:

Com efeito, é a colonização alemã que o Rio Grande do Sul deve o ressurgimento de sua agricultura. Os imigrantes alemães e seus descendentes, dos quais nove décimos ainda são agricultores, corresponderam largamente ao desejo e à esperança da administração brasileira, que encorajara sua imigração para povoar as zonas até então abandonadas pelos luso-brasileiros, e para explorá-las, desbravando-as e cultivando-as depois. De sorte que, em 1885, um autor alemão pôde escrever a propósito do Rio Grande do Sul: 'a agricultura é exclusivamente nossa'.

Já na visão de Santos (1993), o processo induzido de migrantes sulistas para áreas de fronteiras agrícolas do país, fez parte da estratégia de urbanização do Brasil. O próprio Estado nacional, em conjunto com os grupos econômicos privados interessados, traçou as políticas que possibilitassem a transferência dessa população para as novas áreas. Tais políticas visavam: estimular o pequeno produtor do Sul a vender sua propriedade ao vizinho; oficializar um discurso voltado à população sulista com o intuito de convencê-la das vantagens em migrar para uma área de colonização; fundar cooperativas e associações agrícolas para comandar o processo de transferência de colonos de uma região para outra; possibilitar, nas áreas de colonização, acesso a terras baratas, a créditos agrícolas bancários e a financiamentos facilitados para aquisição de lotes agrícolas e terrenos para residências nas agrovilas.

Outro aspecto levantado para justificar a saída dos sulistas de suas terras de origem para o Oeste da Bahia foram às políticas de indenização de terras na construção da Reserva de Itaipú, localizada em umas das regiões de Foz do Iguaçu. Essa afirmação foi reforçada no discurso do Entrevistado A, quando diz que as terras nos Estados do Sul do Brasil estavam insuficientes para que as famílias que alí residiam pudessem continuar vivendo da agricultura:

Itaipu Binacional é logicamente um rio volumoso, na hora que barra a quantidade de terra que ele vai alagar, é enorme. Então, muitíssima gente, ou pequenos produtores iam ter suas terras indenizadas e as terras lá valem muito, porque o Rio Grande do Sul é pequenininho. Aliás, a Itaipu é até no Paraná e esses estados são pequenos. Então, as famílias naquele tempo eram grandes, e lá não tinha mais pra onde crescer, a pessoa tinha uma terra e ela queria ampliar, não tinha como

comprar etc. E ainda houve o fechamento da barragem de Itaipu neste período. (ENTREVSTADO A, 2018).

Essa constatação da escassez das terras no sul do Brasil, também ficou evidente no discurso do Entrevistado G ao afirmar que a vinda para a região Oeste da Bahia se deu como uma tentativa para melhorar sua condição de vida: *“Viemos pra cá porque a terra lá estava ficando pouca pra todos os filhos. No caso, a gente veio fazer um teste aqui pra ver se produzia ou não”*. Afirma o entrevistado que diz ter recebido a proposta de amigos que aqui já estavam se instalando.

Nestes depoimentos, é possível perceber que estes migrantes chegaram à região Oeste da Bahia com o espírito de arriscar e assim começar uma nova vida. As dificuldades enfrentadas por eles também foram diversas, uma vez que, a cidade de Luís Eduardo Magalhães no início da década de 80, cujo nome era Mimoso do Oeste, pertencia ao município de Barreiras, e os principais serviços básicos como comércio, feiras livres, hospitais e supermercados ficavam localizados na cidade vizinha, deixando claro um verdadeiro isolamento geográfico da cidade.

Sobre esta questão, fica claro que as moradias em LEM até então eram precárias e serviços básicos como energia elétrica era algo que ainda não existia, assim como os serviços de comunicação e até linhas de transporte para Barreiras. O Entrevistado G cita que o deslocamento era muito complicado e que às vezes passavam por muita necessidade: *“Aqui faltava tudo. Pra comprar um quilo de carne a gente tinha que fazer quase 120 km, para chegar até Barreiras. Foi uma época muito sofrida. Não gosto nem de lembrar”*.

Neste quesito, fica evidente que todas as dificuldades encontradas no início e o espírito de desbravar e empreender na região Oeste se tornou uma das maiores características dos sulistas. No depoimento do Entrevistado C, fica reforçado o espírito aventureiro destes sulistas que saíram de suas regiões em busca de terras, sobretudo, com o intuito de ganhar dinheiro: *“A característica que eles têm que é peculiar é: serem realmente desbravadores, de ir à frente, de não olhar adversidade; mas olhar oportunidade: isso é tipicamente do sulista.”*

Sendo assim, observa-se que a grande maioria dos sulistas que residem em LEM ou Barreiras, atribui o crescimento da região Oeste no aspecto do agronegócio, em

decorrência do empreendedorismo deles mesmos. Em registros feitos no diário de campo, percebe-se que os discursos destes grupos permeiam na ideia de que se não fossem os sulistas para trazer as técnicas do cultivo da agricultura, apoiado nas políticas públicas estabelecidas pelo governo, a região continuaria invisível dentro do Estado da Bahia. Para eles, os baianos deste Território de Identidade possuíam vocação para o comércio e não para a agricultura, o que reforça a questão de que mesmo com o desenvolvimento do agronegócio nas cidades de Barreiras, São Desidério e Luís Eduardo Magalhães, a maioria dos agricultores é de fora ou do sul do Brasil, o que confirma que poucos baianos da região Oeste entraram no segmento agrícola.

Para Alves (2005, p. 55) Luís Eduardo Magalhães nasceu não da centralidade de uma paróquia, como estamos acostumados a verificar na história das cidades brasileiras, mas de um posto de combustível chamado Mimoso do Oeste, fundado por migrantes sulistas, para servir de ponto de abastecimento e de descanso de caminhoneiros. Ao redor do posto, surgiu um pequeno povoado com o mesmo nome, onde residiam basicamente famílias sulistas (os trabalhadores das empresas que se instalavam nas proximidades e os médios e grandes produtores agrícolas).

Esta particularidade foi comentada pelo Entrevistado A, que sinaliza um estilo de organização e integração dos sulistas que chegaram ali primeiro, apontando para uma cidade que teria a capacidade de se planejar, vislumbrando um futuro promissor para que realmente as técnicas investidas no agronegócio dessem certo:

Eles viram que ali naquele lugar tinha toda condição de ser um ponto de apoio, porque antes eles tinham que vir aqui comprar o óleo para os tratores e, então, ele fez primeiro o posto e depois o loteamento. Este loteamento antes de ser chamado de Mimoso do Oeste, tinha inicialmente o nome de CARIG (Colonizadora e Administradora Vale do Rio Grande). O que se percebe é que muitas cidades nascem desordenadas, lá não, já nasceu de um loteamento. (ENTREVISTADO A, 2018)

A integração e forma de organização deste grupo social em diversos aspectos sociais revelam uma característica tipicamente sulista na visão dos baianos em que se analisa também com certa dualidade. Ao mesmo tempo em que se criticam o “individualismo” do sulista nas suas interações pessoais, percebe-se que entre o próprio grupo há uma maneira diferenciada de se integrarem. Esta integração aparenta ser meramente corporativista, para que desta maneira, continuem

detentores no novo capital agroindustrial, juntamente com o poder da oligarquia tradicional.

Sobre esta questão, Bauman (2013) afirma que a ideia de progresso foi transferida da ideia de melhoria partilhada para a de sobrevivência do indivíduo. O progresso é pensado não mais a partir do contexto de um desejo de corrida para frente, mas em conexão com o esforço desesperado para se manter na corrida. Desta forma, fica perceptível que a maneira pela qual os sulistas se organizam entre si, nega a abertura de canais de participação de outros povos de cultura diferentes, talvez sendo esta a abordagem que os baianos atribuem para o modelo fechado que os mesmos disseminam e que os consideram como individualistas.

Já no processo de chegada e reconhecimento do território por parte dos sulistas em solos baianos, ficaram perceptíveis alguns conflitos de terras entre os nativos que ali já se encontravam e estes novos grupos que estavam se instalando. Os habitantes que ali moravam se concentrava em uma população pequena, que plantava mandioca, feijão, farinha de tapioca, criava gado e assim conseguiam se manter antes do desenvolvimento expressivo da cidade. Os sulistas que ali chegaram, segundo relatos dos entrevistados, praticamente expulsaram estes nativos, como discorre o entrevistado A:

O cerrado baiano não era intensamente habitado, mas ele tinha habitantes. Então, muitas pessoas foram mortas ou expulsas. E não era quem ia chegando depois, eram nativas de lá. Isso foi terrível. Foi uma coisa tão terrível, tão terrível... A gente sabia por alto o que estava acontecendo, que as pessoas estavam sendo mortas. Tem uma pessoa aqui que eu conheço, até tenho um bom relacionamento com ele, que consta que só esse parece que matou 56 pessoas (ENTREVISTADO A, 2018).

Em relação a estes conflitos de terras e assassinatos que ocorreram durante o início da ocupação na cidade de LEM, foi um tema bastante recorrente nas entrevistas realizadas, muito embora, os entrevistados não se sentiam confortáveis em entrar nesta temática. No entanto, eles não negam os confrontos existentes entre os migrantes recém-chegados na região e os nativos, o que provoca um sentimento de raiva e desprezo para a população sulista, atribuindo muitos destes assassinatos a eles.

Nesta mesma linha de pensamento Elisabeth Maniglia (2005) afirma que a distribuição da terra cria uma problemática em diversas regiões do Brasil, pois os

posseiros e pequenos proprietários são os que se veem prejudicados, uma vez que devem se pôr a enfrentar fazendeiros e grileiros com maior poder político e econômico, esses que usam da violência e da corrupção para expulsar os grupos com menor poder das terras.

Ainda sobre esta questão, o Entrevistado A explica que o perfil dos nativos que habitavam nestas terras do cerrado era de moradores extremamente humildes e que ainda eram famílias que trabalharam naquela localidade desde que a região fazia o processo da extração da borracha da seringueira por volta de 1960 e vendiam para a cidade de Juazeiro. Ainda segundo o entrevistado, houve omissão por parte do governo do Estado em não apoiar esses moradores nativos, principalmente no governo de Antônio Carlos Magalhães.

Então, quando os sulistas chegaram aqui encontraram pessoinhas da roça, ignorantes, fracas até de saúde. Eles estavam prontos pra enfrentar gente... Não se sabe ao todo quantas pessoas foram mortas, quantas pessoas eles expulsaram, tocaram fogo na casa, foi assim, um horror. As pessoas chegavam expulsas em Barreiras e apelavam para o governo do estado e, o governo do estado não fazia nada (ENTREVISTADO A, 2018).

Já na visão de Martins (1991) o aparecimento da violência no espaço agrário alimenta-se da crise da dominação política do Estado brasileiro, onde se assiste a uma disseminação da violência, por estar os aparelhos repressivos do Estado vinculados à uma violência social e política difusa no campo. O Estado não cumpre com suas funções legítimas de proteção e isso multiplica os atos violentos contra a população rural.

Neste sentido, o Entrevistado E também concorda com o posicionamento do Entrevistado A e pontua esses conflitos de terras como algo extremamente violento e sangrento no período da chegada dos sulistas na região Oeste da Bahia.

Foi um embate muito sério. A coisa teria sido muito mais rápida, se isso fosse uma coisa resolvida por parte do governo. Teve muitos crimes ligados a isso, violência e tal. Tivemos incêndios criminosos e até ataques com aviões, foi algo extremamente violento. (ENTREVISTADO E, 2018).

Sobre esta questão, observa-se que a negligência do Estado foi um fator crucial para que a ocupação de várias terras no cerrado baiano fossem apropriadas sem escrituras e com uma documentação até então questionável, segundo relatos de Pitta (2018). Também, dois grandes políticos do Estado da Bahia, Prisco Viana e Nilo Coelho, se tornaram peças chaves para que convencessem os políticos a facilitarem as linhas de crédito através do Banco Central para estes agricultores, o que inicialmente era muito difícil de acontecer, já que essas instituições financeiras realizavam uma série de exigências para a concessão de empréstimos. Ainda segundo Pitta (2018), várias pessoas que tiveram suas terras desapropriadas, procuraram apoio do governador Antônio Carlos Magalhães na cidade de Salvador, porém, nada se resolveu para que fosse contornada a situação o que demonstrou uma certa falta de interesse do Estado em acolher essa população que questionava sobre estas apropriações .

No entanto, na visão do *Entrevistado G*, esses conflitos de terras foram cruéis, porém necessários para o desenvolvimento da cidade:

Realmente tivemos muitos problemas de terras sem escrituras, assassinatos e atos truculentos. Sei que o Enedino Paixão, o primeiro morador da cidade (Foto página 76), teve sua casinha indenizada e transferiram ele pra um lugar bem longe daqui, quase no povoado de Roda Velha, mas se não fosse isso a cidade de Luís Eduardo Magalhães não seria esta potência que é hoje. (ENTREVISTADO G, 2018)

Dentro desta perspectiva, Lipovetsky (2005) afirma que as marcas do modo de operação pós-moderno são a sedução, a indiferença e o consumismo, questões estas que, aparecem como relevantes para o entendimento deste tempo. O discurso do entrevistado G reafirma o sentimento de indiferença e naturalidade que esta nova sociedade individualista prega, atrelada à ótica do consumo e do capital, deixando a entender de acordo com o discurso acima, que o progresso justificaria a matança de pessoas naquela localidade.

A expulsão de Enedino Paixão do então distrito Mimoso do Oeste revela uma disputa que vai além da nova divisão territorial, estabelecida com a chegada da modernização agrícola. Ao questionar os entrevistados sobre que fim teve Enedino, nenhum deles soube informar, a exemplo do motivo de sua morte. Em LEM, existe apenas uma avenida que carrega o seu nome que conforme análise a seguir, fica

localizada no lado que concentra a maior periferia da cidade. Segundo o ex – presidente do CTG de LEM, em breve será realizada uma homenagem a ele durante os eventos festivos da agremiação.

Desta forma, fica evidente que os primeiros migrantes que chegaram à região Oeste, em especial os sulistas, conseguiram consolidar as cidades de Barreiras e Luís Eduardo Magalhães em grandes modelos agrícolas e em territórios modernizados, apoiados em técnicas de produção de grãos, tornando viável a agricultura produtivista. Por outro lado, esse fluxo é representando por um modelo econômico excludente, na medida em que modificam os espaços de vida dos nativos e também revelam outras questões voltadas para os aspectos sociais e ambientais que já são visíveis na paisagem da cidade.

O fenômeno da migração pode ser analisado sob diferentes pontos de vista, de acordo com ideologias, posições políticas, do ponto de vista de um migrante ou não migrante, do campo ou da cidade, de uma pessoa pobre ou de uma pessoa rica, etc. mas ninguém pode negar que é um fenômeno que já faz parte de nossa vida cotidiana (COSGROVE, 1998; SANTOS, 1998; HAESBAERT, 1997). Para que esse fenômeno ocorra sempre existirão várias razões ou motivações, como a melhoria das condições de vida.

A pobreza tem sido uma das principais causas da migração interna. E esta é a realidade histórica e estrutural que objetivamente demonstra a incapacidade do Estados para resolver os problemas existenciais de pobreza da população é um fenômeno que emerge de forma autônoma no processo evolutivo dos povos que tem suas raízes históricas na desigualdade social e econômica que caracteriza nossa nação.

2) CONTINUIDADE DAS TRADIÇÕES SULISTAS

“A cultura que mais se aproxima com a nossa (sulista) é justamente a baiana. Porque o estilo de algumas danças é muito semelhante. Tem uns gingados diferentes e tal. Mas a essência da cultura baiana, que é mantida, essa é muito semelhante à nossa.” (Entrevistado F).

O processo migratório é um fator decisivo para a modificação de um determinado território nas suas mais diversas esferas. Esta territorialização provoca um choque cultural inevitável para estes grupos de migrantes que deixaram suas

famílias, costumes e hábitos a fim de residir em outras localidades separadas por uma grande distância geográfica. Da mesma forma, novas formas de ocupação destes espaços acabam influenciando diretamente nos hábitos e costumes de toda uma cidade, bem como da apreensão do espaço urbano.

Conforme mostra a figura 20, é possível identificar através da recorrência dos discursos alguns elementos que evidenciam as tradições e símbolos sulistas na cidade de Luís Eduardo Magalhães, como forma de preservar e até mesmo de compreender o processo de transposição geográfica de identidade deste grupo no âmbito local– regional. Estes símbolos e elementos da cultura sulista irão aparecer nos discursos dos entrevistados, na medida em que se observa que os migrantes que chegaram a LEM, sentiram a necessidade de preservar e dar continuidade a algumas tradições da sua cultura de origem.

Figura 20 - Árvore de categoria “Continuidade das Tradições Sulistas”



Fonte: Elaboração Própria (2018).

Tendo o município essa particularidade, percebe-se que existe uma convivência com uma pluralidade cultural. Um indivíduo não pertence a uma única cultura, mas a várias culturas diferentes (ABBUD, 1998; BAUMAN, 1999;

CASTELLS, 1999; CESNIK ; BELTRAME, 2005; SOARES, 2001; VILELA, 2016), até porque “nossas sociedades” se interconectaram globalmente e tornaram-se culturalmente inter-relacionadas” (CASTELLS, 1999, p.19). Neste sentido, pode-se observar que não é pelo fato de determinadas pessoas compartilharem algumas culturas, que se pode classificá-las com a mesma identidade. Se por um lado elas pertencem a algumas comunidades culturais em comum, por outro lado elas também pertencem a várias outras comunidades culturais diferentes.

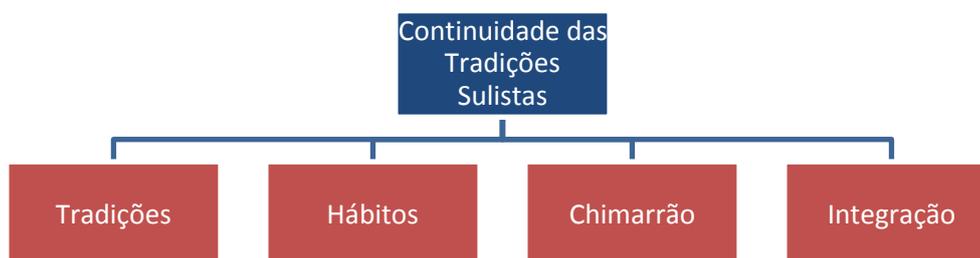
Desta forma, percebe-se que a ideia do relativismo cultural está muito atrelada com as características do espaço onde ela está inserida. Essa teorização pode ser constatada também no município de LEM, onde vários fatores ligados às questões políticas, sociais e do poder hegemônico, reforçam essas especificidades globais e dinâmicas que representam uma totalidade singular analisada pelas suas particularidades.

Sobre esta questão do relativismo cultural, Cuche (1999) afirma que sua preocupação não era somente descrever fatos culturais, mas entendê-los inseridos em um conjunto de outros fatos aos quais estão ligados, ou seja, relacionando os fatos aos seus contextos e produzindo coerência, pois não se pode analisar um traço cultural independentemente do sistema cultural ao qual ele pertence e que lhe dá sentido.

Para entender essa questão na cidade de LEM basta chegar ao município, que é perceptível verificar através de diversos traços existentes. O curioso entrelaçamento entre duas culturas distintas que se complementam em diversos elementos constituintes destes modos de vida. Na figura 21 pode ser observada a relação da introdução e permanência da cultura sulista na cidade, bem como a fácil identificação destes aspectos no cotidiano de seus moradores.

A arquitetura das residências; expressões como “guri”, “bah” e “tchê”; as rodas de chimarrão em praças públicas; a gastronomia e as festividades do CTG – Centro de tradições gaúchas, reforçam as identidades naquele município como uma maneira de preservar sua cultura e ao mesmo tempo expandi-la. .

Figura 21 - Organograma da Categoria “Continuidade das Tradições Sulistas”



Fonte: Elaboração do autor (2018)

Neste sentido, percebe-se que as novas cidades que surgem nos cerrados brasileiros em decorrência do movimento migratório sulista, indica que certos valores culturais nascidos no Rio Grande do Sul são mantidos na trajetória do grupo. Constrói-se, assim, um “espaço fora do lugar”, como aponta Haesbaert (1997) - fazendo uso de uma expressão de Augé (1992) – para identificar a padronização dos espaços urbanos construídos por sulistas fora de seu lugar de origem. Segundo tal autor, essa manifestação representaria uma re-territorialização da cultura “gaúcha” nas regiões de fronteira agrícola, no seu caso, nos cerrados do Oeste baiano.

Em entrevistas realizadas durante este estudo, foi possível perceber como os sulistas já estão ambientalizados na cidade de LEM, e isso foi identificado logo de início quando ao escolher os informantes chaves para a pesquisa, o local de nascimento da maioria dos entrevistados era de cidades do Sul do Brasil, (Tabela 1). A partir de então, foi possível extrair com muita facilidade, particularidades que compõe a preservação e expansão dos símbolos sulistas naquele lugar, percebendo também que estes primeiros migrantes que chegaram à cidade, exerciam cargos de poder pelo fato de terem sido “pioneiros” do município.

Essa “descoberta” de uma área sem uma cultura firmada ainda, de acordo os fatores comentados na categoria anterior, reforçam a introdução de hábitos e costumes de seus primeiros habitantes, e a sua influência no processo de formação cultural de um determinado espaço. Esta afirmação ficou clara no depoimento do

Entrevistado E, que relata o motivo pela qual em LEM há uma prevalência da cultura de origem dos primeiros migrantes:

“É interessante à ligação com a origem. Percebe-se que é muito mais forte a cultura de origem dos territórios destes grupos sociais. Aí que vem então às novas gerações, que vão dar outra conotação a isso, mas essas que são os primeiros migrantes, eles vão ficar com a influência da origem, e isso fica muito bem estabelecido” (ENTREVISTADO E, 2018).

Já na visão do Entrevistado C essa característica do Sulista também como forma de se organizar em sociedade ou comunidade, reforça um certo bairrismo que é peculiar a este grupo de pessoas, algo muito encontrado nos discursos dos entrevistados: *“O sulista gosta de preservar suas tradições, os seus costumes. Por isso que eles estão sempre em comunidade”*. Esta afirmação demonstra alguns traços observados na cidade LEM, principalmente nos discursos dos próprios sulistas em que se orgulham de sua cultura de origem e exteriorizam isso de forma muito clara para o seu grupo de convívio. Ainda sobre esta questão, segundo o Entrevistado C, existem famílias na cidade que só conversam em Alemão, justamente com a finalidade de não deixar perder suas principais raízes europeias, mesmo estando muito longe da sua cultura de origem.

Nesta perspectiva, Cuche (1999) aponta que as relações de poder afetam diretamente a sócio-construção da cultura, levando alguns sociólogos a acreditar que cada grupo social faz parte de uma subcultura particular, dependendo das relações de poder a que cada grupo esteja exposto. Apesar do entendimento da pluralidade de culturas em uma mesma sociedade, ou polivalência cultural, Bauman (1999) diz que o conceito de subcultura vinculado ao poder, não pode ser condizente com uma abordagem interacionista de cultura.

Já em LEM, se percebe que há subculturas de agrupamentos de acordo com os grupos de migrantes que ali se estabeleceram. O que se observa é que há uma distinção entre a cultura sulista, vista como detentora do poder e composta pela classe dos empresários em LEM e a cultura dos migrantes nordestinos, vista como inferior e integrante da força do trabalho. Desta forma, é prudente afirmar que há

hierarquias entre culturas porque há hierarquia social. “A Cultura da classe dominante, é sempre a cultura dominante” Cuche (1999). Neste sentido, percebe-se que não se trata de uma cultura ser mais importante do que a outra; trata-se de determinados grupos terem maior poder para impor suas culturas sobre outros grupos.

Lefebvre (1986) também confirma essa afirmação sobre este aspecto, quando diz que a cultura que se incorpora tradicionalmente em um novo território é a cultura dos detentores do poder. A apropriação e a dominação do espaço deveriam aparecer juntas, “mas a história (aquela da acumulação) é também a história da sua separação, da sua contradição” (p. 193), e quem leva a melhor, gradativamente, é o dominante. Dessa forma, o território deve ser visto na perspectiva não apenas de um domínio ou controle politicamente estruturado, mas também de uma apropriação que incorpora uma dimensão simbólica e identitária, dependendo do grupo ou classe social a que estivermos nos referindo.

Sobre estes agrupamentos que diferem determinadas culturas dentro de um mesmo espaço, pode-se destacar o Centro de Tradições Gaúchas de LEM. Esta agremiação exerce um forte poder para a preservação e a disseminação da cultura sulista na cidade, uma vez que, a maioria de seus associados, são os detentores do poder econômico, sendo representados por comerciantes, agricultores e empresários que desenvolvem diversas atividades culturais na cidade. Esta associação se estabeleceu em LEM na data de 19 de Janeiro de 1991, conforme retrata o Entrevistado F:

O CTG surgiu da necessidade de integrar o ambiente familiar e proporcionar uma diversão saudável para a “filharada”. Eu sempre pensava no que a gente iria oferecer amanhã, pra esses ‘piá’ (sic) quando eles crescessem mais um pouco, e então resolvemos montar o Sinuelo dos Gerais” contou entusiasmado. (ENTREVISTADO F, 2018)

Para Oliven (1992) através dos CTG’s, revive-se, mesmo em áreas muito distantes da campanha gaúcha, uma identidade regional que de alguma forma tenta reproduzir no interior dessas associações o modo de vida das estâncias do Pampa fronteiriço – a começar por sua sede, o “galpão”, uma espécie de réplica do local

mais tipicamente gaúcho dentro das fazendas, abrigo da peonada, que se confraterniza em torno do “fogo de chão”.

Este pensamento é comungado pelo Entrevistado F. que enfatiza o lema criado para o CTG assim que foi instalado na cidade: *“Reacender o brilho da chama da tradição no novo pago do nosso chão.”* Questionado o significado da palavra “pago” o entrevistado responde que significa chão – *“Local ou terra que estamos residindo, que nos deu oportunidade e que queremos enaltecer”*. Desta maneira percebe-se o intuito de dar continuidade às tradições sulistas naquela localidade, utilizando espaços de interações e relacionamentos com pessoas também ligadas ao ramo da agricultura e a outras detentoras de algum tipo de poder, utilizando o espaço como ideia de simulacro para as tradições gaúchas.

A abertura para a participação de outras culturas dentro do CTG em LEM é outra questão para ser analisada. O status social e o prestígio que o centro de tradições representa no município, confirma o vínculo do poder entre as classes superiores e aqueles que possuem interesse em participar, mesmo não sendo da cultura sulista. É comum perceber de acordo com a fala dos entrevistados, que a classe média de LEM geralmente frequenta os eventos realizados pelo CTG, como forma de se introduzirem socialmente em grupos sociais em que de certa forma dá destaque a seus participantes.

Essa confirmação também se constatou quanto a atuação do atual “patrão”⁶ do CTG que não é sulista e sim Baiano. Sua escolha de acordo com relatos de um dos entrevistados, é que ele já era uma figura conhecida no ramo da política na região Oeste da Bahia, o que de certa forma se percebe que há um interesse por parte do grupo em manter pessoas influentes para a composição desta agremiação. Esta escolha, apesar de muitas vezes nada bairrista em seus propósitos, pode se manifestar como contraponto à racionalidade funcional das grandes redes, fundadas basicamente pelos interesses da economia de mercado e não com o intuito de perpetuar as tradições da sua cultura, sendo contraditório com o que é disseminado pelo próprio CTG.

Neste sentido, Canclini (2011) afirma que o hibridismo através de um prisma positivo que se fundamenta, sobretudo, no multiculturalismo como um espaço que

⁶ Cargo principal dentro do CTG, eleito pelos associados, fica com a incumbência de gerar receitas, pagar as contas, mediar conflitos, responder pela entidade durante sua gestão, e dar continuidade as tradições sulistas.

possibilita o diálogo entre as culturas, um fator novo que resulta do embate entre duas culturas diferentes. O hibridismo visto sob o prisma do autor abriria espaço também a uma espécie de tolerância às diferenças culturais e entrelaçamento de culturas distintas.

Já em relação aos símbolos sulistas presentes na cidade de LEM, estes elementos são vistos por toda a cidade o que também acabou se incorporando ao estilo de vida dos seus moradores. Ao perambular pelo município os sotaques e o grande número de empresas voltadas para o segmento agrícola já chamam bastante atenção para quem visita o município pela primeira vez. O hábito de tomar chimarrão nas portas de casa ou em praças públicas já faz parte do cotidiano dos sulistas que formam pequenos agrupamentos em espaços públicos. Para o Entrevistado C, são muito comuns estes símbolos sulistas nos espaços públicos, conforme afirmação:

Reunimos nas praças públicas só pra ficar vendo o tempo passar; conversar em família; com amigos; uma cultura totalmente sulista. O nordestino não tem essa cultura aqui, de se juntar. Ele tá fazendo um som, um forró, um frevo, um pagode, com um carro no meio e um som. O sulista ele vai pra sentar e conversar com os amigos, conversar com a esposa, tomar um chimarrão, deixar as crianças brincarem na praça. Aos finais de semana pegamos aquelas cadeiras tipo de praia e vamos para as praças e conversamos sobre lavouras, trabalho, essas coisas. (ENTREVISTADO C, 2018).

O discurso acima foi presenciado nas visitas de identificação de características e códigos culturais por parte deste pesquisador, para averiguar de perto alguns hábitos sulistas presentes na cidade. A Praça do Bairro Jardim Paraíso aos domingos reúne inúmeras famílias com uma grande área verde para piquenique, brinquedos e carrinhos de comida. A figura 22 retrata uma família de sulistas, goianos e mato-grossenses em uma roda de chimarrão, como forma de opção de lazer, uma vez que na cidade, estas atividades são escassas. O Entrevistado F confirma sobre o hábito de tomar chimarrão na cidade, através do seu discurso: “O Chimarrão junta as pessoas. O chimarrão é uma forma de se relacionar, sentar sem ocupação”

Enquanto prática cultural local em LEM, tomar chimarrão possui uma dimensão material proporcionada pelo contato entre pessoas, entre estas e o chimarrão e também uma dimensão não palpável, que é concebida enquanto uma criação de seu

imaginário. Este, por sua vez, é constantemente alimentado pelo contato frequente entre as pessoas a partir dos momentos de sorver o mate, que podem ser rodas de chimarrão ou não, e contar causos. Nestes momentos “as pessoas contam causos, riem, falam muito, gesticulam. Então, não é comum estar em uma dessas rodas de forma calada, porque ela é praticamente um momento das trocas imbuídas de oralidade.” (DURAYSKI, 2013, p. 35).

Figura 22 – Família reunida tomando chimarrão em praça pública de LEM



Fonte: Registro do autor (2018).

Estas rodas de chimarrão em praças públicas é algo que acontece em poucas praças da cidade de LEM. O que foi observado e registrado no diário de campo é que estas praças geralmente estão localizadas em bairros de classe de média ou na praça central da cathedral da cidade, onde se concentra boa parte de seus residentes migrantes sulistas. A primeira percepção que se tem é que aquele espaço é totalmente desconexo culturalmente falando, dos hábitos e tradições nordestinas ou até mesmo do Território da Bacia do Rio Grande. Ao visitar as praças do bairro Santa Cruz, por exemplo, onde fica localizada a maior periferia da cidade, foi possível constatar que as praças estavam totalmente vazias, com aspecto de

abandono e pouca representatividade para os moradores daquele território. As formas de diversão dos moradores da periferia daquele lugar durante a visita eram os pequenos bares com cadeiras nas calçadas, com o som alto dos veículos e pessoas consumindo bebidas alcoólicas aos arredores destes estabelecimentos.

Neste contexto, buscar uma ideia de “cultura” que abarque as representações e práticas populares nas cidades contemporâneas, evidencia uma característica de manifestações culturais que se distinguem e alteram a paisagem das cidades de acordo as classes sociais. Segundo Serpa (2009) hoje, em um novo cenário onde predomina as manifestações de cultura contemporânea, ainda existem fissuras quanto à democratização dos espaços públicos para o lazer em bairros populares. Essa constatação ficou evidente nestes espaços públicos de LEM também em detrimento da ausência e manutenção dos equipamentos urbanos de lazer nestas localidades, que serão comentados posteriormente nesta pesquisa.

Outro elemento sulista bastante característico, passível de fácil identificação em LEM, é o sotaque. De acordo a fala dos entrevistados, é uma das características mais difíceis de perder em relação à continuidade das tradições sulistas em novos territórios. Como existem muitos agrupamentos na cidade, o uso das gírias e palavras específicas do vocabulário deles, faz com que haja uma integração destas expressões também no vocabulário do Baiano, a exemplo da utilização de palavras como “Guri” ou “Piá” que representam a nomenclatura de “Menino ou Criança”. Sobre esta questão, o Entrevistado C evidencia essa característica através das influências dos grupos de convivência, conforme cita o exemplo de sua filha:

O sotaque deles é bem forte aqui na cidade. A minha filha é baiana, e tem 13 anos de idade. Eu sou mineiro, minha esposa é nordestina. E minha filha não sabe o que fala, tem dia que ela chega falando sotaque gaúcho, daqui a pouco nordestino, daqui a pouco mineiro. É uma confusão na cabeça, porque a escola dela é praticamente de gaúcho: tudo sulista. A única ‘pretinha’ da escola é ela. (ENTREVISTADO C, 2018).

Sobre esta questão, pode se observar em LEM que é mais fácil os nordestinos ou baianos se apropriarem de expressões dos sulistas, do que a relação contrária. Haesbaerth (1997) afirma que com poucos signos capazes de projetar positivamente os símbolos de sua identidade, a maior parte dos nordestinos acaba corroborando a imagem de superioridade que a cultura sulista tende a difundir. Isto se revela em fatos corriqueiros como o uso de elementos do linguajar sulista (apesar

de considerado “mais errado” por alguns, muitos enaltecem o sotaque gaúcho, principalmente o do erre palato-nasal, considerado incorreto e indicador de maior status).

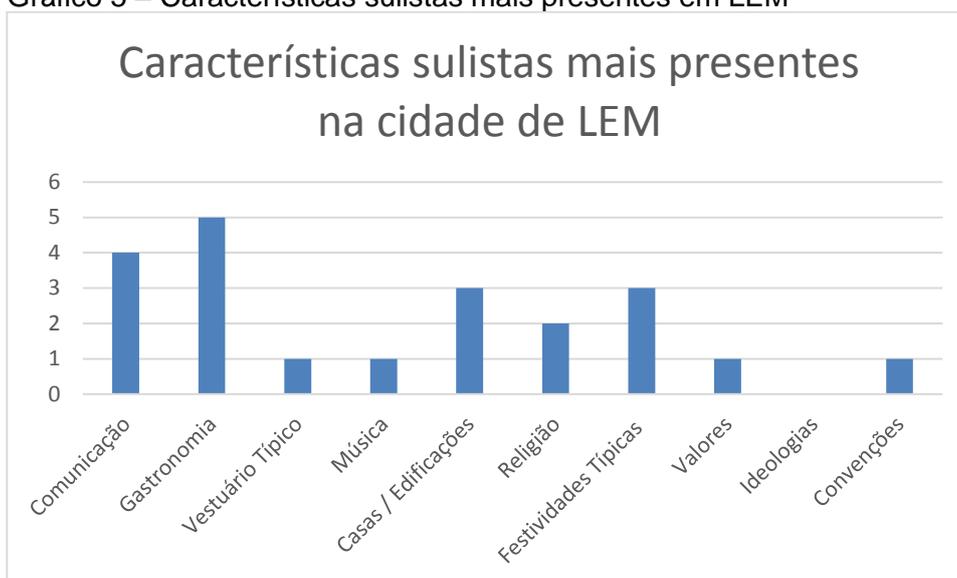
Neste sentido, percebe-se que a utilização destes jargões ou expressões tipicamente vindas do colonizador, facilita o acesso mais rápido aos benefícios que estes grupos detentores do poder podem proporcionar a parcelas emergentes ou em fase de ascensão de sua classe social, para assim, serem aceitas com mais facilidade por estes grupos. Assim como outros hábitos que também acabaram sendo incorporados na vida de outros migrantes, conforme depoimento do Entrevistado G: *“A maioria dos nordestinos tomam chimarrão. A gente faz chimarrão aqui e tem gaúcho que não toma, daí vem o nordestino e toma e já colocou isso como hábito”*.

Já em relação à gastronomia, este é outro ponto muito forte em relação à influência sulista nos hábitos de vida da cidade de LEM. O famoso churrasco gaúcho é muito presente nos restaurantes da cidade ou em eventos sociais que são organizados para reunir as famílias. A tradição do bom churrasco é algo que já está enraizado nas festividades ou hábitos alimentares de praticamente todos os moradores da cidade. As comidas nordestinas como feijoada, galinha caipira ou Mocotó, são facilmente trocadas pelos grandes ‘costelões’ que são assados no espeto ou os tradicionais acompanhamentos do churrasco que também fazem parte do cardápio.

Esta afirmação pode ser confirmada no gráfico 5, que indagou aos entrevistados sobre quais eram os principais hábitos sulistas mais presentes na cidade de LEM, sendo o churrasco e sotaques os principais indicadores destes símbolos no município.

Haesbaerth, (1997) critica esta imposição de hábitos e tradições sulistas em territórios nordestinos desde o início da ocupação em LEM. Segundo o autor, no oeste baiano, eles advogaram para o “tradicionalismo” gaúcho o monopólio da tradição, como se somente a sua cultura, os seus costumes e a sua história tivessem valor, valessem a pena ser cultuados, rememorados, como se apenas eles tivessem “origens”, memória, identidade, forçando hábitos tradicionalmente da sua cultura, para os solos baianos.

Gráfico 5 – Características sulistas mais presentes em LEM



Fonte: Elaboração própria. (2018).

Esta contradição e também adaptação cultural ficou evidente também no discurso do Entrevistado B, que comenta que este hábito hoje na cidade não é somente do sulista. Os baianos também já aderiram o hábito dos tradicionais churrascos em suas comemorações ou almoços de família: “*O baiano hoje, está muito adaptado ao churrasco. Até porque é uma comida mais rápida de se preparar*”. Já o Entrevistado D comenta que as empresas perceberam este filão de mercado e principalmente os próprios sulistas começaram a empreender neste nicho específico, conforme comenta a seguir:

Aqui perto de minha casa existem várias churrascarias que geralmente estão sempre muito cheias. Além disso, existem muitos itens disponíveis no supermercado e casas específicas para venda destes itens, já que há uma demanda de mercado muito forte aqui na cidade. (ENTREVISTADO D, 2018).

Esta afirmação foi confirmada através do registro fotográfico (Figura 23) em que se percebe claramente o reflexo da segmentação mercadológica através destes grupos homogêneos que buscam suprir suas necessidades e desejos, sendo estes empreendimentos na maioria das vezes criados em sua grande maioria por migrantes sulistas, uma vez que tradicionalmente eles entendem com mais profundidade dos principais itens a serem vendidos, associando a uma maior credibilidade para o seu público-alvo.

Figura 23 - Fachada de empresa especializada em itens de churrasco



Fonte: Registro do autor (2018).

Sobre estas questões levantadas, Santos (1996) afirma que "cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente" (SANTOS, 1996, p.273). Para ele, a importância de estudar os lugares reside na possibilidade de captar seus elementos centrais, suas virtudes locais de modo a compreender suas possibilidades de interação com as ações solidárias hierárquicas. Desta forma, este tecido urbano é globalizado e alterado pelas próprias pessoas, sendo elas as responsáveis pelas formas em que se desenham o processo da sua própria cultura.

As pessoas se reordenam nas comunidades modificando o local. Todas essas modificações podem ser observadas no espaço público. a versão de uma esfera pública apresentada como um "espaço democrático" em que todos os cidadãos têm o direito de intervir. E há outros ambientes físicos ocultos que muitas vezes representa com mais precisão o espaço democrático, como muitos espaços cotidianos invisíveis no discurso dos profissionais na cidade, onde ainda se expressam publicamente diversos segmentos da população ou através de outras formas de interação entre estes grupos (SERPA, 2015; HAESBAERT, 1995; SANTOS, 2009; VALENCIA, 2011).

O reconhecimento dos códigos sulistas presentes na cultura local de LEM são visíveis, o que provoca uma convergência de hábitos e tradições que são vivenciadas pelos seus moradores, embora, foi necessário discutir nesta pesquisa a relação direta entre a perpetuação da cultura de um grupo específico em decorrência de seu poder econômico, político e social, sobrepondo determinadas culturas e tradições de grupos maiores, refletindo em diversas formas de integração e socialização.

3) FESTAS POPULARES.

Esse impacto de globalização é que vem “infectando”, a cultura local. Mas também nunca houve uma preocupação local, não tem nenhuma cultura local, ela não tem nenhuma autodefesa, ela fica muito mais ligada ao tradicionalismo religioso, ligado ao catolicismo e as festas religiosas. Mas isso está sendo enfraquecido pela vinda dessas mudanças. Entrevistado E.

As festas populares estão presentes em nosso cotidiano através de um universo multifacetado e fragmentado em linguagens, códigos e símbolos, se manifestando em diversos territórios com grupos sociais distintos, através de sua cultura local. As potencialidades culturais de um município podem ser evidenciadas pelas suas tradições, manifestações folclóricas, hábitos e história cultural que serão discutidas a seguir no âmbito do município de LEM.

A globalização cultural estabelece como um dos principais fatores o resgate e formação das novas gerações no amor pela sua cultura, especialmente aquelas tradições que compõem sua identidade (HAESBAERT, 1995; SANTOS, 2009; VALENCIA, 2011). Cada desenvolvimento cultural possui transformações qualitativas inevitáveis que defendem aspectos valiosos de estágios de gerações anteriores, que preservam as estruturas culturais, autênticas de maneira absoluta. Por outro lado, a interação cultural está estabelecendo transformações históricas nas sociedades como um processo de comunicação constante e de forma híbrida.

Uma das principais características da globalização é a compreensão tempo-espço, com o desaparecimento das fronteiras (BAUMAN, 1999; CASTELLS, 1999, HARVEY, 1992) em que as distâncias estão mais curtas e os acontecimentos impactam mais rapidamente sobre todo mundo. Essa compressão tempo-espço afeta diretamente as identidades na medida em que o tempo e o espço são também as coordenadas básicas de todo o sistema de representação.

Sobre este processo, pode-se associar aos efeitos da “Aculturação” de uma determinada sociedade a partir das influências externas que voluntariamente são introduzidas aos comportamentos e estilos de vida de determinados grupos sociais. Na visão de Burns (2002) a aculturação "é o processo pelo qual o empréstimo de um ou de alguns elementos da cultura ocorre como resultado de um contato de qualquer duração entre duas sociedades diferentes." (BURNS, 2002, p.128). Derivados do conceito de aculturação, Burns (2002, p.129) indica ainda os processos de simbiose cultural e assimilação, significando "a substituição de um conjunto de traços culturais por outro".

Na tensão entre o global e o local, sempre coexistirá (BAUMAN, 1999; CASTELLS, 1999; DAMATTA, 2001), as identidades são transformadas. A globalização propõe, concomitantemente, a difusão e a acultur-ação (DAMATTA, 2001); significados que podem ser transpostos além das fronteiras ou redefinidos localmente. Identidades mais locais dependem dos meios econômicos (BAUMAN, 1999).

Trazendo esta discussão para o eixo local – regional de LEM, é possível perceber na Figura 24 quais são as maiores evidências culturais presentes no município, relacionando as tradições religiosas e culturais com os novos modelos de tradições que estão chegando à cidade, principalmente com a vinda dos grupos de migrantes. Estas interações culturais evidencia uma preocupação em expandir tais manifestações de grupos menores em termos populacionais, porém, maiores em relação ao poder econômico.

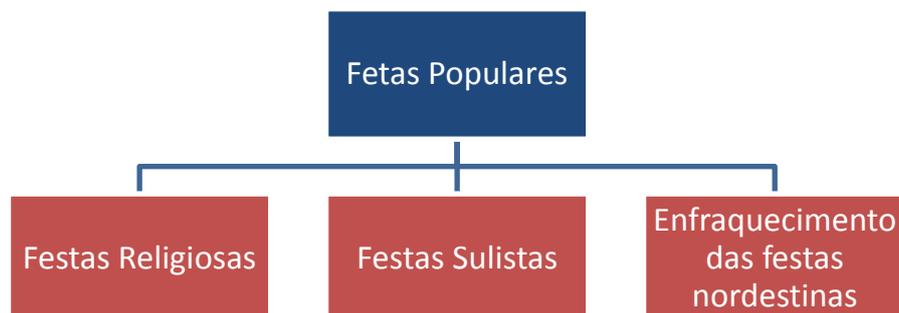
Figura 24 - Árvore de categorias “Festas Populares



Fonte: elaboração do autor (2018).

As características das manifestações e festas populares visíveis em LEM refletem uma particularidade da força dos grupos sociais sulistas, uma vez que, os simbolismos folclóricos do Território da Bacia do Rio Grande onde está inserida a cidade, não apresentam estas interferências de culturas vindas de outros Estados de uma forma tão expressiva, como acontece no município. Desta maneira, é possível identificar que os formatos atuais destas representações simbólicas culturais através das festividades no município atendem a interesses políticos e econômicos com uma visão capitalista e globalizada, enfraquecendo sobremaneira as tradições de grupos mais voláteis em relação a estes aspectos, conforme mostra a figura 25.

Figura 25 - Organograma da Categoria “Festas Populares”



Fonte: Elaboração do autor (2018).

Tradicionalmente as festas populares cultivam e reproduzem coletivamente as tradições de uma comunidade através de produtos materiais, comunicativos e símbolos que expressam as interações de uma determinada sociedade. No sentido coletivo, as festas se relacionam com as pessoas e os lugares onde elas ocorrem. Ligam-se também aos seus autores, idealizadores e organizadores; de modo geral, relacionam-se com o povo, inscrevem-se numa dinâmica social momentânea, de modo que “está sobre a vontade de certos atores sociais: padres, festeiros, organizadores, poder público”. (D’ABADIA, 2014, p.44).

Na cidade de LEM, é perceptível que o calendário festivo da cidade se divide em duas esferas bastante distintas em relação aos traços de identidade do município. Embora o território ainda esteja em processo de formação de identidade cultural, uma vez que é a cidade mais nova da Bahia, é notório que a única festividade voltada para o religioso e tradicional comparando com as cidades que compõe o mesmo Território de Identidade, é o São João. O outro lado fica dividido entre as festividades sulistas que acontecem no município e a feira de negócios que já se consolidou como uma das maiores do Brasil dentro da sua categoria.

Ao analisar a tradição do São João nos novos moldes que acontecem na cidade, percebe-se que houve uma revitalização enquanto seu novo formato. A festa foi redesenhada pela prefeitura municipal no ano de 2015 com novas características que serão discutidas a seguir. Até então, esta manifestação no município era tradicionalmente realizada de uma forma muito simples pelos migrantes de Irecê que ocuparam a cidade. De acordo com o relato do Entrevistado G, a fogueira e os fogos no período de Junho era um símbolo muito expressivo desta festa na cidade, já

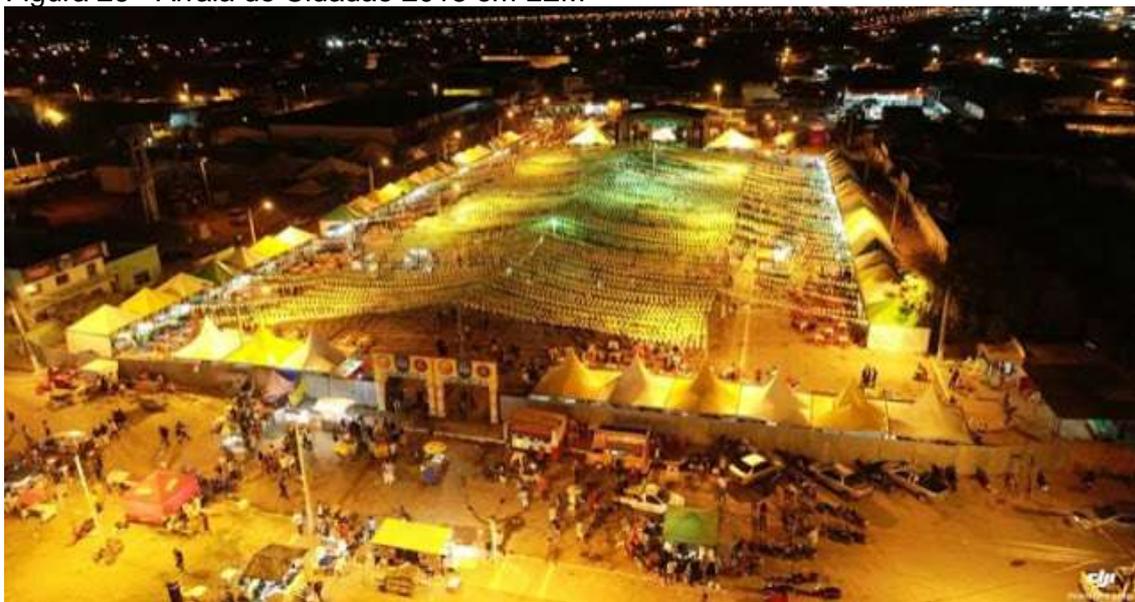
quem era de outros Estados do Brasil, a exemplo do sul, não conhecia esta festa popular:

“No meu ponto de vista, uma das coisas que me chamou atenção quando cheguei aqui vinda do sul foram os fogos de artifício. A gente comemora o natal e o ano novo, que tradicionalmente utilizam-se muitos fogos. E eu quando cheguei aqui me perguntava: Mas o que é isso? Não é ano novo agora, e era São João! E aquilo me chamou atenção”. (ENTREVISTADO G, 2018).

Atualmente a festa é realizada em uma grande praça pública no Bairro Santa Cruz, onde tradicionalmente sua maior população é composta por nordestinos e em mais dois bairros da cidade com uma estrutura menor. A prefeitura de LEM em parceria com o Governo do Estado da Bahia, investe em uma grande estrutura com três dias de eventos durante o mês de junho, no formato de eventos juninos que já acontecem em outras cidades do Brasil, conforme figura 26. Este novo formato pode ser considerada “espetacularizada” no ponto de vista cultural e social, uma vez que o sentido da representação da festa de acordo sua origem, perde sua essência no que diz respeito a sua tradição. Para o Entrevistado E, este novo modelo de festa é reflexo do processo da globalização:

Esse impacto de globalização é que vem “infectando” a cultura local. Mas também nunca houve uma preocupação local. A cultura local ela não possui nenhuma autodefesa e assim, fica muito mais ligada ao tradicionalismo religioso, ligado ao catolicismo e as festas religiosas. Mas isso mesmo percebe-se que está sendo enfraquecido pela vinda dessas mudanças, pelo capital. (ENTREVISTADO E, 2018).

Figura 26 - Arraiá do Cidadão 2018 em LEM



Fonte: Redes sociais da Prefeitura Municipal de Luís Eduardo Magalhães (2018).

Para Nóbrega (2010) na contemporaneidade, surge um novo modelo de celebração, especialmente nas grandes festas populares organizadas pelo poder público constituído, com novos perfis e maior complexidade, aglutinando interfaces culturais, projetos político-econômicos, interesses da mídia e processos conflitantes, mantendo o aspecto sócio-histórico em relação ao lúdico, mesmo que manifesto em modelo diverso das formas antigas.

Desta maneira, é importante lembrar que, em tempos de economia eletrônica global (GIDDENS, 2002), a globalização não é só econômica, mas também política, tecnológica, cultural e social. Com o processo de globalização em curso, bem como a espetacularização urbana, fruto muitas vezes do marketing turístico, cidades estão em busca de cada vez mais de se diferenciarem de outros territórios a fim de captação de visitantes para fins turísticos ou em investimentos em prol do capital. Assim, as relações de sentimento de pertença se perdem, tendo em vista novos modelos constituídos nesta relação cidadania-mundo (VILELA, 2016).

Neste sentido, o Entrevistado C, afirma que o formato da festividade em LEM também atende aos interesses políticos, principalmente pelo fato de ser realizada em pontos periféricos da cidade: *“Na verdade, são intenções políticas em se realizar o São João no bairro Santa Cruz”*. Assim, fica claro que estrategicamente a prefeitura municipal utilizou-se do bairro periférico também como maneira de realizar campanha política, uma vez que, o acesso direto a população carente da cidade

reforça sua imagem enquanto figura pública, utilizando-se do evento como espaço para imposição de discursos e divulgação de materiais publicitários da prefeitura municipal.

Na visão do Entrevistado G, o intuito em realizar a festa de São João neste formato na praça do bairro Santa Cruz é enaltecer uma tradição que é tão grande no Nordeste, para que mais pessoas tenham acesso ao evento, porém, ressalta que nem todos tem interesse em participar, pois a imagem que se tem do bairro é que é uma localidade perigosa e violenta:

Foi uma forma que encontramos de valorizar a tradição nordestina, com uma organização muito parecida de outras cidades aí fora. O espaço daquela praça é apropriado para este tipo de evento. A única desvantagem que vejo é que algumas pessoas deixam de ir para lá por ser um bairro periférico. (ENTREVISTADO G, 2018).

Desta maneira, percebe-se claramente que a maior parte do público que frequenta o “Arraiá do Cidadão” é predominantemente nordestina, uma vez, que sua maior população se concentra naquele bairro. Por outro lado, fica claro que os depoimentos preconceituosos por parte de alguns moradores que residem em bairros de classe média, em relação ao espaço onde é localizada a festa, reforça o estereótipo de uma construção imagética da sociedade de LEM em relação ao bairro, que amplia a desvalorização do mesmo e conseqüentemente diminui a autoestima também de seus moradores, reforçando desta maneira um discurso segregacionista conforme será mostrado na próxima categoria. Por outro lado, também pode-se refletir que a execução da festa em um bairro periférico, pode ser uma prática higienista por parte do poder público, para proteger a elite dos bairros mais carentes.

Neste contexto, Santos (2001) afirma que estas distâncias espaciais entre lugares tão próximos, mas divergentes quanto às configurações socioeconômicas, são percebidas ao diferenciar os espaços luminosos dos espaços opacos, sendo o primeiro aqueles que acumulam densidades técnicas e informacionais, atraindo atividades com maior conteúdo e capital e o segundo os subespaços onde estas características estariam ausentes.

Ao se discutir os aspectos de festas populares na cidade de Luís Eduardo existe um contraponto em relação aos eventos populares que são promovidos na cidade, conforme pontuado durante esta dissertação. Ao indagar os entrevistados sobre essas manifestações sulistas existentes na cidade e corroborando com as respostas expostas no gráfico 05, é visível a presença da força sulista também nestas expressividades culturais, inseridas também as tradições do município.

As festividades organizadas pelo CTG ou outras entidades ligadas ao agronegócio, reforçam a presença de vários eventos consolidados no calendário festivo de LEM. O mês de setembro acabou se consolidando com um dos mais emblemáticos para os sulistas que ali vivem, pelo fato de comemorarem a tradicional Semana Farroupilha. De acordo com o Entrevistado F, a representatividade que esta festa possui para este grupo é equiparada as festividades do dois de Julho no Estado da Bahia:

A gente faz um desfile até em 7 de setembro. A Prefeitura convida o CTG, e aí uma turma vai a cavalo e a outra vai em um carro alegórico, decorado com as características do Rio Grande do Sul. A partir do dia 13 de setembro até o dia 20, que é considerado o dia do gaúcho. É como se fosse o 02 de julho para os baianos. (ENTREVISTADO F, 2018)

Outra atividade que também integra a semana farroupilha em LEM é a famosa “Mateada”, (Figura 27) que reúne diversos sulistas na praça pública tendo apoio do CTG e TV Oeste – Afiliada local da Rede Globo e recebe um público de mais de mil e duzentas pessoas na noite. A tradicional mateada é organizada pela emissora local em parceria com empresas privadas de LEM. O Evento é realizado na Praça Albano Pedro Lauck, localizada no bairro de classe média - Jardim Paraíso, e lá acontece uma intensa programação com atrações musicais típicas sulistas e muito bate papo ao ar livre. Ainda de acordo com o Entrevistado F, a parceria das instituições privadas neste evento é fundamental para que se firme como mais uma festa da semana farroupilha em LEM:

É um evento que já está consolidando na cidade. Temos apoio de grandes empresas que inclusive fornecem as ervas para o mate e assim, ficamos aqui assistindo as danças gaúchas e atrações musicais do Rio Grande do Sul na praça pública, tomando nosso chimarrão e matando a saudade do Sul. (ENTREVISTADO F, 2018).

Figura 27 - Mateada em Luís Eduardo Magalhães



Fonte: Tv Oeste (2016) – Disponível em: redeglobo.globo.com/redebahia/noticia/2014/09/tv-oeste-realiza-evento-gaicho-em-luis-eduardo-magalhaes-bahia.html. Acesso em: 02/08/2018.

Sobre esta questão, observa-se que a principal emissora de comunicação da Região Oeste da Bahia, acaba se adequando também aos interesses privados de grupos de empresários da cidade de LEM. Ao desenvolver esse tipo de parceria com estes grupos que necessitam da comunicação para reforçar suas tradições na cidade, a emissora também cria vínculos de parcerias para vendas de publicidades e cotas de patrocínio para empresas do ramo do agronegócio, e desta maneira, cria conteúdos específicos para enaltecer a cultura sulista na cidade, entendendo que os grupos de empresários na maioria sulistas, são potenciais clientes para anunciar seus produtos e serviços na emissora.

Na visão de Bauman (2003) a comunicação concentrada, também se revela nessa era de modernidade líquida, onde a mídia é uma “entidade nebulosa e ativa, presente e invisível, predominante e ubíqua”, que permeia todos os níveis da sociedade. Essa entidade “expressa principalmente a visão do mundo prevalecente nos blocos de poder predominantes em escala nacional, regional e mundial”. Ela está presente também localmente, ela é a mídia, e a grande corporação da mídia é

aquela que “realiza limpidamente a metamorfose da mercadoria em ideologia, do mercado em democracia, do consumismo em cidadania”. Sendo este de fato, o principal motivo pelo qual os veículos de comunicação se adequam as novas formas de geração de projetos e conteúdos com interesses mercadológicos dentro da localidade em que atua.

Já no entendimento de Bordeau (2011) o consumo midiático é, finalmente, investigado empiricamente, e ligado aos hábitos de classe, sendo, portanto analisado como resultante de condições objetivas e subjetivas de estilos de vida na esfera da cultura. Neste sentido, os veículos de comunicação atendem através das pesquisas de mercado ou de opinião pública, os anseios do seu público alvo, através da guerra da audiência, para que desta forma seja convertido em mais vendas de espaços publicitários.

Outro grande evento voltado ao ramo dos negócios na cidade de LEM e que tradicionalmente atrai um grande público para a cidade é a Feira de Negócios – Bahia Farm Show. Em 2018 a feira entrou na sua 14ª edição e movimentou cerca de 1,8 bilhões de reais em volume de negócios, injetando dinheiro na economia local das cidades de Barreiras e LEM durante a primeira semana do mês de julho. Segundo a Entrevistada B, a feira nasceu com o intuito de aproximar as tecnologias, máquinas e equipamentos para agricultores locais que não podiam se deslocar para São Paulo e hoje se tornou uma referência para o país inteiro:

Foi através do Prefeito Oziel Oliveira juntamente com a associação ABAPA, que perceberam que ir para Ribeirão Preto em São Paulo se tornaria algo inviável para participar de feiras de negócios com um porte grande. Então, pela logística que o produtor precisava sair daqui pra ir pra lá, almejaram ter uma feira própria, de nível, e principalmente para atender os interesses do MATOPIBA. (ENTREVISTADO E, 2018).

O formato da feira em LEM habitualmente foi muito comparado com a Feira Agropecuária realizada em Barreiras chamada de Expoagro que tradicionalmente durante 40 anos conseguiu atrair investidores e a comunidade em geral, com uma programação que variava desde os leilões de gados, até mesmo a shows com grandes atrações do cenário musical atual. Com a consolidação da Bahia Farm Show em LEM, foi possível perceber que a Expoagro em Barreiras perdeu sua característica de atrair expositores no ramo agrícola para o evento e há cerca de três

anos a feira já não é mais realizada. Em LEM por sua vez, percebe-se características diferentes em relação ao formato em que a feira acontece na cidade. Os moradores dos municípios vizinhos criticam o evento na cidade, uma vez que, ele não abre espaço para manifestações culturais e folclóricas, tornando-se um evento exclusivo para fomentar apenas vendas de produtos ligados ao agronegócio.

O enfraquecimento das tradicionais manifestações culturais nas cidades que compõe o Território da Bacia do Rio Grande ficou visível principalmente com as alterações do espaço ocorridos no tecido urbano deste território o que gerou produtos destes complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns em um mundo globalizado. Na visão do Entrevistado A, as manifestações culturais tradicionais da Bahia e nordeste que ainda possuem força em nossa região são as ligadas à religião: *“As festas propriamente religiosas é que ainda consegue manter a tradição e o acesso à cultura, exceto na cidade de LEM”*.

Desta maneira, é possível perceber que as raízes das expressões folclóricas mais fortes em LEM são as ligadas às culturas sulistas ou a eventos voltados ao agronegócio, que aparentam dar uma maior visibilidade ao município nas relações de poder e capital, substrato chave para a permanência da cidade no eixo do domínio da cultura de grãos. Expressões folclóricas típicas do Território de Identidade da Bacia do Rio Grande, como Nazaro, Festa do Divino espírito Santo, Folia de Reis, Vaquejadas e Carnaval não aparecem no calendário festivo da cidade, o que é possível perceber que naquele território se implantou uma identidade cultural voltada a outras tradições totalmente diferentes das outras 13 cidades que compõe o TI.

Corroborando com esta ideia, o Entrevistado E, também concorda com essa visão de que as manifestações propriamente nativas vêm perdendo forças na região Oeste da Bahia:

As vaquejadas eram consideradas grandes acontecimentos nas cidades do Oeste da Bahia. Em Formosa do Rio Preto ela ainda é forte, mas aqui entre Barreiras e LEM ela se perdeu e está se modernizando a festa. É mantido o evento, mas percebe-se que está perdendo a importância da vaquejada e isso é muito triste da gente ver. Houve um retrocesso muito grande, uma do dinamismo dos centros urbanos tradicionais. (ENTREVISTADO E, 2018)

Portanto, foi possível identificar os principais impactos socioculturais que foram ajustados em detrimento à cultura híbrida que foi estabelecida no município de LEM,

alterando as normas sociais e os padrões de cultura local com efeitos nas festas populares e cerimônias religiosas, língua e padrões de comportamentos aqui já discutidos. O que se observa em relação a estes aspectos é que em LEM as tradições nordestinas ou baianas vêm se enfraquecendo cada vez mais, por outro lado, há um interesse pelos grupos sulistas, poder público e veículos de comunicação, em enaltecer as tradições destes grupos, para que reforcem ainda mais o poder econômico, social e político que eles exercem no eixo local-regional.

4) SEGREGAÇÃO E PROBLEMAS SOCIAIS

*“Então, você sai da cultura sulista e aí vai para um bairro que a cultura é nordestina e você vê o sofrimento. As casas não têm uma estrutura. Eles não se importam com a limpeza e vivem ‘aglomerados’. Pegam um terreno e fazem três, quatro, cinco casas. Falta saneamento básico. Infelizmente.”
Entrevistado C.*

A cidade de Luís Eduardo Magalhães desde o início do seu processo de ocupação espacial, construída ao redor de um posto de gasolina, já apresentava aspectos de segregação entre sulistas e nordestinos, que mais tarde iria impor também uma divisão de locais de origem e de classe social. Os primeiros loteamentos que foram desenhados para o município atendiam a lógica do capital, ou seja, os terrenos próximos do comércio ou ao lado do primeiro posto de combustível, que separavam as famílias tradicionalmente sulistas e empresários que estavam se instalando no local. Já os migrantes que vinham para trabalhar nas fazendas, acabaram ocupando o outro lado da rodovia BR 242 com condições de infraestrutura precárias em um território cercado de desigualdades e muita pobreza.

A seguir, serão analisadas as desigualdades sociais e os impactos socioculturais reveladas durante esta pesquisa na cidade de LEM, estabelecidas como formas de segregação dentro do tecido urbano.

Na figura 28 se expressa os principais problemas sociais que foram verificados na cidade, como reflexo do crescimento acelerado do município, discutido nos capítulos anteriores, bem como uma visão segregacionista por parte dos sulistas e nordestinos, presente nos discursos dos entrevistados. Na árvore de palavras,

questões como: infraestrutura, saúde, violência, separação e divisão, compõem o universo desigual que a cidade apresenta, mesmo com um alto índice de rentabilidade econômica através da pujança do agronegócio na região, fenômeno este, que faz parte do universo de grandes centros urbanos do país.

Figura 28 - Árvore da categoria Segregação e Problemas Sociais



Fonte: Elaboração do autor (2018).

A transformação do espaço social advinda do processo de migração, como efeito das políticas públicas governamentais impostas para atender a lógica do capital, dentro do cerrado baiano, em especial na região Oeste da Bahia, revela uma face perversa que acompanha todos os processos de modernização que foram implantados com o crescimento populacional. Na cidade de LEM é possível perceber de forma clara que a segregação socioespacial se apresenta, sendo esta muito bem definida através de grupos detentores do poder econômico, com uma delimitação de espaços e costumes muito diferentes do que se percebe em outras cidades que compõem o mesmo território de identidade, conforme mostra a Figura 29.

Figura 29 - Organograma da categoria “Segregação e Problemas Sociais”



Fonte: Elaboração do autor (2018).

Em Luís Eduardo Magalhães, a ampliação das áreas urbanas ocorreu de forma rápida, desordenada e, conseqüentemente, sem um planejamento adequado, sendo este um dos motivos pelos quais a cidade sofre com problemas ambientais. Situações como presença de esgoto a céu aberto, disposição inadequada de resíduos sólidos, poluição sonora e do ar se tornaram frequentes, especialmente no bairro Santa Cruz, que de acordo Oliveira (2012), sofreu desde o início de sua ocupação, em 1986, um processo de periferização planejada, que ocasionou uma segregação socioespacial da cidade.

Além destes problemas, foi possível identificar nas entrevistas, a recorrência da palavra “violência”, o que certifica que esta questão não está relacionada somente para as grandes cidades do Brasil, mas permanece presente também em um município que traz um perfil populacional de migrantes, que veem de diversas partes do país e enfrenta as mesmas dificuldades sociais inerentes ao processo de adaptação.

Desta maneira, os problemas sociais de LEM vão se configurando na medida em que há uma evidente separação de grupos de migrantes, segregados pelos seus locais de origem de acordo a fala do Entrevistado E:

Eles (os migrantes do nordeste) se auto-segregaram em relação à cultura local. Isso por que você tem uma cidade que lhe obriga a se auto segregar de acordo com a sua classe social. Geralmente os migrantes que chegam para trabalhar aqui são da própria Bahia, o que chamamos de reserva

migratória. A Bahia já está vocacionada pra migrar. (ENTREVISTADO E, 2018)

Este retrato das desigualdades sociais presentes em LEM revela que a segregação espacial e social é provocada pela pobreza destes agrupamentos de migrantes, muitos deles nordestinos, que chegou à cidade para trabalhar nas lavouras e atividades ligadas também a construção civil. O que é percebido na cidade é que de fato há uma cultura da indiferença com a pobreza através de várias representações desiguais e excludentes nos mais diversos contextos. Os sulistas ou empresas multinacionais assumem as posições de empregadores, enquanto a reserva migratória do Nordeste, vem de diversas partes do país para ocupar as posições de trabalhos subalternos.

De acordo o Entrevistado A, o grupo de migrantes nordestinos enxergou em LEM uma possibilidade de melhorar sua condição de vida e ao migrar para a cidade já foram segregados em loteamentos inferiores e com condições de saneamento básico precário:

Luís Eduardo Magalhães virou uma “mini São Paulo”, devido à atração de empregos para se trabalhar em fazendas. O migrante que lá chegava não tinha como viver naquele custo de vida do outro lado, no moderno. Então, eles receberam um terreno em loteamentos distantes e lá foram se organizando naquelas vilas, dividindo os lotes e trazendo seus familiares. (ENTREVISTADO A, 2018)

Esta afirmação também pode ser corroborada de acordo o ponto de vista de Santos (1993. p.10) que diz que o campo brasileiro moderno repele os pobres, e os trabalhadores da agricultura capitalizada vivem cada vez mais nos espaços urbanos, gerando todas estas desigualdades existentes. Outro fator que contribuiu para o aumento desta pobreza e desigualdades no Brasil é o rápido processo de urbanização que o país conheceu ao longo do século XX, que fez expressar um processo de empobrecimento e até mesmo de expulsão da população que residia no campo ou centros urbanos menores, onde não haviam boas condições de trabalho e perspectiva de ascensão social.

Desta forma, foi observado durante a realização das pesquisas, à segregação de culturas em relação aos modos de vida e formas de convivência entre Sulistas e Nordestinos, ainda carregada de muitos preconceitos. Segundo Haesbaert (1997) mesmo entre os trabalhadores rurais a diferenciação sulista *versus* nordestinos

adquire sua relevância, especialmente devido ao estereótipo que passou a ser difundido do sulista como trabalhador mais qualificado e disciplinado, e do nordestino como trabalhador indisciplinado e sem qualificação.

No ponto de vista do Entrevistado B, em alguns casos estes preconceitos ainda são muito fortes principalmente por conta do poder econômico que os sulistas representam em determinados segmentos:

Há uma prepotência muito grande. Se você cumprimenta uma pessoa em um elevador dos condomínios residenciais chiques da cidade, elas te medem dos pés a cabeça, pelo simples fato deles se sentirem superiores em relação ao restante da população. Em Luís Eduardo tem muito isso, mas nem tanto dos homens, principalmente da mulher. (ENTREVISTADO B, 2018)

Lipovetsky (2005) afirma que o processo de personalização é o combustível da sociedade pós-moderna; é o que alavanca uma nova forma de individualismo, bem diferente daquele anterior observado ao longo da modernidade. Sacudido pela velocidade das técnicas, pela administração, pelo consumismo massivo, pela mídia, pela ideologia individualista e também pelo psicologismo, elevando ao ponto alto a prevalência do indivíduo. A sociedade pós-moderna é então aquela que torna o processo de personalização generalizado, rompendo com a lógica moderna anterior de caráter disciplinar-repressivo.

Em LEM, é muito comum ouvir nos discursos que os sulistas que lá habitam agem de maneira individualista e egoísta. Ainda segundo o Entrevistado B, “Sulista só casa com sulista”, embora seja perceptível que na cidade existe uma grande parcela da população que tem firmado redes de relacionamento entre os dois grupos, fazendo nascer o termo “Baiúcho” (União afetiva entre baianos e gaúchos). Mas mesmo assim, observa-se que estas relações afetivas se configuram entre membros do mesmo estrato social, concluindo-se que o poder aquisitivo entre as pessoas é o fator que determina estas uniões.

Outra questão a ser discutida em relação aos aspectos socioespaciais em LEM é a segregação geográfica através dos bairros dos migrantes nordestinos (Santa Cruz) e outros predominantemente dos sulistas, como é o caso do loteamento Jardim Paraíso. Para Castro (1965, p. 65) estes novos migrantes

chegam sem reservas econômicas de nenhuma ordem e fica durante certo tempo flutuando, desambientados no ritmo urbano. Com recursos limitados, estas pessoas ocupam os lugares mais precários das cidades, moram em alojamentos insalubres, com pequenos cômodos, sem serviços e infraestrutura e vivem em condições deploráveis de moradia. No olhar do Entrevistado C, esta segregação é bem visível e excludente: *“Você pega a cidade de Luís Eduardo, pode dividir ela praticamente em 03 áreas: O centro, o Jardim Paraíso e o proletariado vivendo no bairro Santa Cruz.”*

Durante as visitas de reconhecimento, foi possíveis perceber através das andanças nos dois bairros principais, qual o problema mais visível entre as duas regiões. No bairro Jardim Paraíso as residências trazem um tipo de edificação mais moderna, com padrões de estética mais sofisticada do que as residências do bairro Santa Cruz que além de tudo, conta um péssimo problema de infraestrutura, ruas sem asfalto e esgotos a céu aberto, conforme mostram as figuras 30 e 31.

Figura 30 - Condomínio Residencial no bairro Jardim Paraíso



Fonte: Registro do autor (2018).

Figura 31 - Residência no Bairro Santa Cruz



Fonte: Registro do autor (2018).

O abismo social que compõe as desigualdades visualizadas na cidade de LEM revela uma cidade com problemas sociais cada vez mais visíveis, reflexo de um crescimento desordenado e acelerado. Os serviços básicos de pavimentação e infraestrutura nos bairros mais carentes da cidade demonstra uma ausência de atuação da prefeitura municipal em não investir nas áreas periféricas do município. No bairro Santa Cruz a população divide o lote em duas ou três partes para se construir outras residências no mesmo espaço, como forma de garantir uma renda extra no aluguel destes imóveis. A grande quantidade de placas de “Aluga-se” nestas residências revela uma forma precária de agrupamento de pessoas desconhecidas, que são separadas por portas quase coladas uma nas outras, tornando-se ali verdadeiros conjuntos habitacionais privados.

Sobre as principais reclamações em relação aos aspectos que precisam ser melhorados em LEM, o saneamento básico e a infraestrutura foram os mais pontuados nos discursos dos entrevistados. Para eles, há também uma forma diferente em cuidar dos espaços públicos de acordo o nível de instrução e o grau de pobreza nestes principais bairros da cidade. Para o Entrevistado G, o hábito que os moradores dos bairros periféricos têm em jogar lixo nas ruas, é bastante comum:

Aqui no bairro Santa Cruz, por exemplo, é muito lixo jogado na rua. Parece que é algo da cultura do povo. Mas não é o baiano que tem este hábito, isso é gente que vem de Alagoas, destes outros Estados. Porque lá no Sul, mesmo as pessoas bem pobrezinhas as casas tem sempre um pé de flor na frente, uma árvore, e ali no bairro Santa Cruz deixa muito a desejar. Não precisa pintar a casa, mas se você plantar uma árvore na frente já basta. (ENTREVISTADO G).

No discurso do entrevistado G, percebe-se certo preconceito em relação ao suposto desleixo que é atribuído ao grupo de nordestinos em relação aos cuidados de suas residências. Neste sentido, observa-se que as formas distintas de comparação entre sulistas e nordestinos de acordo com atributos negativos enquanto a esta população, serão evidenciadas na tabela 8 criado por Haesbaert, dentro da próxima categoria.

Sobre esta questão Haesbaerth (1997) afirma que para muitos sulistas que migraram para o Nordeste na última década, a sua identidade nordestina fazia com que a oposição rua-casa, público-privado, adquirisse tamanho valor distintivo que muitas vezes era o próprio nordestino que acabava assumindo a “identidade” dos espaços, na medida em que a vivência do espaço público, iria contra todas as concepções que muitos “gaúchos” tinham da via pública como espaço de disciplinarização do indivíduo. Para muitos sulistas na Bahia a rua, ou o “espaço liberal” dos baianos, ainda hoje é vista antes de tudo como o espaço da sujeira, da “perdição”, do desregramento, da “imoralidade” e da “indecência”.

O Entrevistado C, também corrobora com a visão do Entrevistado G sobre alguns hábitos presentes no cotidiano dos moradores de LEM em relação a esta segregação socioespacial, principalmente no âmbito da preservação e conservação dos próprios moradores, sobre os equipamentos públicos, reforçando a ideia de que os sulistas da cidade possuem uma característica superior de preservação do que os demais habitantes da cidade:

Se a prefeitura da cidade entrega uma praça no bairro, dependendo do bairro, dá um mês pra praça acabar, só fica lá a grama abandonada. Não cuidam, destrói, destroem lixeira, os equipamentos de ginástica e etc. Algumas praças, por exemplo, as do Jardim Paraíso os equipamentos estão lá, novinhos ainda, todo dia tem gente usando. Aí Você vai ao Santa Cruz, na praça Ayrton Senna onde foi colocado o mesmo equipamento, não tem nem a carcaça mais. Então, o sulista tem a cultura de preservação, e tem outras pessoas que tem a cultura de destruição. (ENTREVISTADO C, 2018)

Sobre esta questão, há certa divergência no discurso do Entrevistado C. Ao percorrer algumas praças do Bairro Santa Cruz o principal problema a ser levantado não é a questão exatamente da preservação dos equipamentos das praças, mas sim, a total ausência deles nestes espaços. As praças dos bairros de classe média possuem equipamentos e investimentos totalmente diferentes das praças localizadas na periferia, conforme mostra a figura 32, o que deixa claro que os investimentos do poder público em áreas de lazer em bairros periféricos ainda são muito precários e desta maneira, reforça uma segregação também por parte dos órgãos públicos ao investir de forma distinta em opções de lazer nos bairros da cidade.

Figura 32 - Praça da Bíblia no bairro Santa Cruz



Fonte: Registro do autor (2018).

Segundo Vilela (2016), a ausência de equipamentos urbanos para atividades culturais em bairros periféricos faz com que a população não participe da cena cultural da cidade, enquanto agentes de construção de identidade cultural, sendo esta uma sociedade excludente dos projetos e programas de incentivo à cultura no eixo local/nacional. Estes equipamentos devem configurar-se como espaços de acolhimento, criação, produção e divulgação de práticas, produtos e bens culturais.

Geralmente, os equipamentos urbanos culturais são geridos pelo governo estadual ou municipal, iniciativa privada, Organizações Não Governamentais (ONGs) ou associações comunitárias.

Outra problemática levantada na cidade de LEM que cresce a cada dia é a questão da violência. Conforme relatos dos entrevistados, os índices sobem de forma alarmante em detrimento do crescimento populacional, a pobreza e o uso de drogas por parte dos jovens. Para o Entrevistado D, o problema da violência muitas vezes está associado ao uso abusivo das drogas, que hoje em dia deixou de ser uma mazela de grandes metrópoles e expandiu para cidades menores, o que contraria o senso comum que retrata a pequena cidade como um lugar exclusivamente tranquilo e mais seguro de se morar: *“Existe muita violência aqui e eu acredito que a maior causa do quadro violento da cidade está associada ao uso das drogas”*.

Já para o Entrevistado G, o crescimento populacional e a sensação de insegurança é algo que afeta também na qualidade de vida do cidadão Luís Eduardense:

Aqui está difícil até de fazer amizade. A cidade cresceu muito. Não é aquela cidade que foi um dia. A gente conhecia todo mundo, era amigo de todo mundo, todo mundo passeava. Hoje em dia por causa da violência você não pode mais sentar na frente de casa, tomar chimarrão. Hoje em dia, você tem que ficar trancado. (ENTREVISTADO G, 2018)

Segundo Teixeira e Porto (1998, p. 52), “a insegurança no mundo moderno está cada vez mais ligada à ascensão da violência, que, por sua vez, promove a base e o fortalecimento de um imaginário do medo”. Este sentimento de insegurança tem nome, segundo Souza (2008, p. 9): Fobópole, que corresponde ao “resultado da combinação de dois elementos de composição, derivados das palavras gregas phóbos, que significa medo”, e pólis, que significa cidade”. Ou seja, fobópole é a “cidade do medo” ou “medo da cidade” ou ainda “uma cidade dominada pelo medo da criminalidade”.

O Entrevistado C, também corrobora com o discurso do entrevistado acima, ao afirmar que as residências tiveram que ser adaptadas com os novos recursos tecnológicos de segurança, para coibir os assaltos que são frequentes nos bairros mais elitizados: *“Lá na minha casa, por exemplo, eu tenho cerca eletrônica, tenho*

vigilância eletrônica e mesmo assim a gente se sente inseguros dentro das nossas próprias residências”.

Sobre estes posicionamentos, Bauman (2013) critica esta nova forma de proteção em face aos que tem acesso a estes dispositivos de segurança e a outras classes que não tem condições financeiras de implantá-los. Neste sentido, ele afirma que a elite paga pela sua segurança e os que não têm condições de pagar são guetoizados, e no processo de guetoização ⁷eles também erguem suas placas de “não ultrapasse”, seja ela pela vestimenta, atitudes e desafios à lei e a ordem. O espaço urbano torna-se um território semelhante a um campo de batalha de motins internos. A nova fragmentação do espaço da cidade, o encolhimento do espaço público, a desintegração da comunidade urbana, a segregação e a extraterritorialidade da nova elite são realidades na definição do espaço nesta modernidade líquida.

Ainda sobre esta forma de desintegração da comunidade urbana afirmada por Bauman, o Entrevistado C afirma que os moradores dos bairros mais elitizados da cidade, acabam bloqueando a instalação de bares e casas noturnas, como forma de prevenir a violência: *“No Jardim Paraíso não tem nenhum bar. Lá a gente não permite”*. Desta forma, Bauman (2013) confirma que a vida local pode ficar confinada e invadida pelas determinações extraterritoriais. Elas aparecem de forma caricatural expropriando os poderes éticos dos habitantes locais, despojando-os de todos os meios para limitar o dano, o que ficou claro nos argumentos expostos pelo entrevistado.

Sobre os dados da violência em LEM, no ano de 2016 uma pesquisa da ONG Mexicana *Seguridad, Justicia y Paz* divulgou um estudo que listava as 50 cidades mais violentas do mundo. Este estudo,⁸ colocou o Brasil como um dos maiores violentos no ranking e listou as cidades que mais registraram mortalidades durante aquele ano. Na Bahia, os municípios de Feira de Santana, Vitória da Conquista e Salvador apareceram na lista de cidades que possuíam mais de 300 mil habitantes. Segundo a ONG, se o estudo fosse estendido a áreas com menos de 100 mil habitantes, a cidade de Luís Eduardo Magalhães, no Oeste da Bahia, ocuparia na

⁷ Colocação ou isolamento em guetos como forma de afastar ou mesmo excluir do contato social determinados setores da sociedade.

⁸ Pesquisa disponível em: <http://www.seguridadjusticiaypaz.org.mx/biblioteca/prensa/category/6-prensa>. Acesso em 01/09/2018.

lista o lugar como uma das mais violentas cidades do Brasil. Em 2016, a cidade já registrou 62 homicídios, dados estes que são superiores até aos de capitais como Fortaleza, que registrou 60,77 homicídios a cada 100 mil habitantes em 2015, Natal, que registrou 60,66 e Salvador/Região Metropolitana que registrou 60,63.

Sobre a incidência de assassinatos no município de LEM e com uma visão mais politizada, o Entrevistado E, afirma que os motivos fundantes para que a cidade esteja enfrentando a problemática da violência, são as questões voltadas para o planejamento urbano:

Lá tem um erro fundamental de planejamento urbano. A cidade não tinha nenhuma orientação de futuro. Precisava ter uma visão. Lá não é uma cidade planejada, é uma cidade que aconteceu espontaneamente sem nenhuma diretriz urbana. E hoje, eles começam a sentir os efeitos disso. (ENTREVISTADO E, 2018)

Desta forma, os problemas sociais levantados nesta categoria, reforçam as transformações das últimas décadas que trouxeram diversas alterações na dinâmica econômica, política e social, devido a questões como falta de planejamento urbano, aumento populacional de pequenas e médias cidades, desemprego e uma economia enfraquecida, o que reverbera nestes novos papéis sobre os embates nos espaços geográficos.

A desigualdade espacial ligada ao acesso à terra urbana permite explicar em grande parte a dispersão característica dos assentamentos habitacionais no território da cidade e o fracasso das políticas de ordenamento que, como o plano diretor, procuraram regular o crescimento urbano. Neste sentido, os fatores de ordem social e econômica definiram os papéis de ocupação de determinadas áreas a partir desta conjuntura.

O processo histórico de organização do espaço deve ser visto como uma parte e expressão de transformações que as ações sociais realizam na natureza - das relações de poder afetando e condicionando os grupos sociais em uma interação dialética. O relacionamento não é dado em termos abstratos, mas no quadro das relações de uma organização social, num ambiente específico, baseado em etapas históricas definidas por processos estruturais que eles passam. Ou seja, devemos

conceber o relacionamento dentro de uma dimensão espacial e temporal, subjacente à interação de ambos. (HAESBAERT, 1995; SANTOS, 2009; VALENCIA, 2011).

A organização do espaço então, como resultado de uma construção social das relações de poder em um processo histórico natural da sociedade como um todo, explica o uso do local para refletir sobre o processo de sua organização. Não podemos entender o gerenciamento de recursos e o uso do lugar em países como o Brasil sem olharmos para a expressão local e regional, separadamente da evolução atual do mundo (HAESBAERT, 1995; SANTOS, 2009; VALENCIA, 2011).

5) AFETUOSIDADE

“Essa coisa de dar valor às amizades e preservar as relações entre pessoas, nós aprendemos aqui em LEM. Aprendemos muito com esse lado caloroso dos baianos.” Entrevistado B.

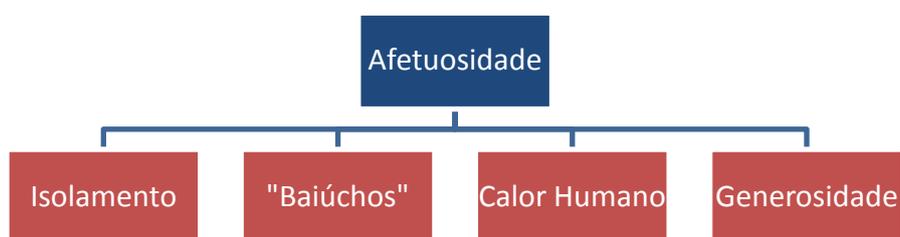
Na análise que compõe esta categoria é possível compreender que apesar de todas as características da identidade dos sulistas com os demais migrantes da cidade, foi possível verificar como as relações de afeto e amizade são cultivadas e reconhecidas no campo da generosidade, solidariedade e calor humano entre os nordestinos e sulistas neste território. Porém, são discutidos também determinados estereótipos levantados em relação a algumas qualificações propagadas entre os grupos de nordestinos e sulistas da cidade.

Em tempos de modernidade líquida acompanhada pelo processo da globalização e pós-modernidade, observa-se o enfraquecimento das relações e dos laços sociais que compõem essas sociabilidades. E desta maneira, prevalece o individualismo. Neste sentido, Lipovetsky (2005) afirma que o deserto é feito por cada um. Cresce o isolamento e o indivíduo o deseja. Por outro lado, nesta condição, acaba por não suportar a si próprio. A relação se esvai sem alardes, sem ensejos, diante de um deserto de independência e neutralidade que sufocam. O individualismo alçado ao extremo e se volta para isso, desprovendo-nos de sentido: é a era do vazio.

Já na concepção de Bauman (2003) a sociedade moderna líquida não se fixa a um espaço ou tempo, sempre dispostos às mudanças e livres para experimentar

Já de acordo a figura 34 percebe-se que existe uma forte relação nas questões de convivência principalmente entre sulistas e Nordestinos no sentido da receptividade e formas diferentes de se relacionarem nos espaços urbanos. Se para o sulista, as distâncias entre o cerrado baiano ao sul do país se torna uma dificuldade para retornar com frequência para suas cidades de origem, o nordestino por sua vez, lhes proporcionam gestos afetuosos que suprem determinadas carências destes grupos, que possuem comportamentos mais frios e reservados.

Figura 34 - Organograma da Categoria “Afetuosidade”



Fonte: Elaboração do autor (2018).

Neste sentido, as relações do cotidiano e as formas de interação entre os indivíduos, apresentam particularidades inerentes à constituição de hábitos e costumes enraizados, que vão se desterritorializando na medida em que os novos lugares proporcionam a subjetividade e intercâmbio entre esses sujeitos. No discurso do Entrevistado E, os nativos da região oeste da Bahia possui uma característica muito forte relacionada com os aspectos da generosidade, afetuosidade e solidariedade. Segundo o entrevistado esta característica é peculiar à cultura ribeirinha, que apresentam um modo singular de se relacionar com o ambiente em que vivem, produzindo e reproduzindo suas necessidades e partilhando-as com todos que estão em sua volta.

Esta relação entre os sulistas e nativos, ou nordestinos na cidade de LEM é vista como parte destas minudências segundo o Entrevistado E:

O fulcro das características do povo daqui para mim é a afetuosidade da cultura ribeirinha. Essa característica de compartilhar, dividir, dar atenção e se preocupar com o próximo, é algo particular destas cidades próximas a regiões que enfrentaram dificuldades como a pobreza, isolamento e abandono. (ENTREVISTADO E, 2018)

Desta maneira, o lugar não está reservado, segundo Santos (1996), à dimensão cultural ou simbólica do espaço, ou seja, não é apenas uma relação social imaterial. O lugar, assim como o território, é simultaneamente uma materialidade e uma imaterialidade; é vivido e percebido; é a dimensão espacial do cotidiano. O lugar, portanto, é a escala da totalidade do cotidiano. Neste sentido, o lugar é onde ocorre a lógica do território entre as redes e os lugares contíguos.

Essas particularidades da cidade de LEM, também podem ser analisadas por conta do isolamento geográfico da região. As capitais mais próximas ficam há 680 quilômetros, como é o caso de Brasília e 950 quilômetros de Salvador. A tendência em valorizar o que vem de fora ou receber de forma afetuosa quem migra para cá, é tipicamente claro nos discursos dos entrevistados e moradores das cidades de LEM e Barreiras. Este sentimento de pertencimento e identificação com o lugar em que vive, exprime uma relação de estima entre a população que alí reside e os novos migrantes que se chegam a cada dia.

Sobre a questão do isolamento geográfico na região Oeste da Bahia, na obra de Grandes Sertões Veredas, o autor Guimarães Rosa utilizou o termo sertão para caracterizar o espaço dos Gerais, a “savana” brasileira. A área de estudo deste trabalho, os cerrados nordestinos, pode assim ser incluída nessa noção mais ampla de sertão. Ou melhor, de sertões, no plural, como Euclides da Cunha propôs, e que se definem por traços geográficos e culturais muito amplos que se confundem com a solidão, a imensidão e o isolamento nos vastos latifúndios de pastoreio extensivo do interior brasileiro. (Haesbaerth, 1997).

Neste sentido, Le Bouerlegat (2006) define os sentimentos de pertencimento em relação ao local em que se vive também como forma de valorizar as relações afetivas entre seus moradores nativos ou com novos residentes destes territórios. Segundo o autor, cada espaço de vida é forma-conteúdo em um lugar existencial, pelo qual nascem sentimentos de afabilidade e de pertença. As distintas formas de existência são engendradas por conteúdos específicos de relação (familiares, comunitárias e etc.) ascendendo por ela um sentimento de afetividade ou de “lugar”

(sentimento de lar, de pátria). As manifestações desse sentimento aparecem como bairrismo, nacionalismo.

De acordo com Tuan (1980) toda comunidade, por menos que seja, possui o fenômeno que ele denominou de “ilusão de superioridade”. Este fato reside no esforço por parte das localidades em manter um sentido de centralidade, a exemplo de:

Corajosamente tentam manter um sentido de centralidade, proclamando que sua cidade é, por exemplo, a “Capital Mundial da Salsicha” (Sheboygan, Wisconsin) ou até desesperadamente, ‘A Maior Cidade do Seu Tamanho’ (Taunton, Massachusetts). (TUAN, 1980, p.36).

Em LEM os moradores também se utilizam destes argumentos através da “ilusão da superioridade” para propagar a ideia de ser o município mais novo da Bahia e possuir o melhor desempenho em relação à produção de grãos no cenário do agronegócio. As expressões: “A cidade que mais cresce no Brasil” e a “Capital do Agronegócio”, é reforçada cotidianamente através do uso de materiais publicitários para enaltecer a vocação agrícola do município. Desta maneira, percebe-se que o uso destes “*slogans*” por parte da população e empresas privadas, revela um bairrismo em relação a outras cidades do TI. Por outro lado, o poder público também se apropriou destas expressões como forma de facilitar e aumentar o poder de barganha nas relações de interesses políticos, através de transações estratégicas para atrair mais investimentos tanto no campo público como também no privado.

Estes laços afetivos com a cidade principalmente dos migrantes que se instalaram no município, manifesta-se com a vontade de continuar residindo em LEM. A adaptação com o novo território, e a vontade de dar continuidade aos projetos no campo profissional e familiar, foi unânime no discurso dos entrevistados. Ao questionar o Entrevistado G sobre a possibilidade de voltar para a sua terra natal, no Rio Grande do Sul, o mesmo foi enfático ao dizer que a terra dela agora é a Bahia: “*Não voltaria de jeito nenhum. Minha Terra é aqui, minha família é aqui e não pretendo voltar*”.

O Entrevistado D, também compartilha do mesmo sentimento do entrevistado anterior ao ser questionado o motivo pelo qual faria voltar para sua terra de origem:

A Bahia é uma bênção para nós. Todo mundo aqui se deu bem. Aqui, adquiri minhas terrinhas e eles nos receberam de coração aberto e a gente

gosta do povo daqui. É uma característica de pessoas gentis que realmente só se vê por aqui. (ENTREVISTADO D, 2018)

Sobre esta questão, observa-se nos discursos dos entrevistados que o retorno para a cidade de origem não está ligado diretamente somente pela adaptação e identificação dos laços afetivos na cidade de LEM, mas revela também um interesse em continuar desenvolvendo suas atividades profissionais com rentabilidade e ganhos financeiros, uma vez discutida na categoria 1 deste trabalho (busca por terras), onde ficou visível através dos discursos uma relação direta entre terras e realização pessoal/profissional.

Esta certa dualidade presente nos discursos dos entrevistados, pode ser corroborado com a visão de Lipovetsky (2005) quando discute sobre a hipermodernidade e individualismo na sociedade contemporânea. Para ele, o hipercapitalismo se faz acompanhar de um hiperindividualismo distanciado, regulador de si mesmo, mas ora prudente e calculista, ora desregrado, desequilibrado e caótico. Já o sociólogo Bauman (2003) também atribui à pós-modernidade uma alteração profunda em todos os aspectos da vida humana: “Na sociedade contemporânea, emergem o individualismo, a fluidez e a efemeridade das relações”. (BAUMAN, 2003).

Ao questionar os entrevistados sobre quais as principais características dos moradores da cidade de LEM, em relação à comparação da cultura sulista versus nordestina, foi verificado que todos reconhecem o jeito afetuoso e gentil dos nordestinos / baianos, no que diz respeito à recepção de novos moradores ou laços de amizade no cotidiano, conforme afirmou o Entrevistado E:

Os sulistas que moraram aqui aprenderam a abrir mais as portas, pois o sulista é “porta fechada”. E o que eu percebi é que o sulista que veio pra cá, ele aprendeu com o baiano esse calor humano. Então se fez muitas amizades entre sulistas e baianos. Porque lá no Sul é mais relacionado a família, não se tem muita relação com o vizinho. Já aqui é diferente. A gente consegue estabelecer relações mais calorosas como se fossem membros da família. (ENTREVISTADO E, 2018).

Neste sentido, o Entrevistado F também confirmou a fala do Entrevistado E, em relação às características de generosidade e afetuosidade dos baianos / nordestinos que residem em LEM:

Aqui, a gente percebe que o pessoal que não é sulista é uma gente mais próxima. Eles quando fazem festas convidam todos. Mesmo que encha a casa, eles convidam todo mundo. Já nós sulistas somos mais reservados e ficamos mais entre a gente. (ENTREVISTADO F, 2018).

Através destes discursos, é possível compreender o sentimento de admiração que os sulistas atribuem em relação a estas características dos nordestinos que residem em LEM. Por mais que alguns entrevistados tenham revelado que aprenderam muito com as relações de afeto dos nordestinos, se percebe ainda certo distanciamento e uma resistência entre os sulistas em incorporar estas características em seus hábitos de vida. Neste sentido, Cuche (1999) afirma que a identidade etno-cultural usa a cultura, mas raramente toda a cultura. Chega-se a conclusão que as pessoas até podem se introduzir em culturas diferentes das suas de raiz, porém, nunca deixará aquela cultura arraigada da sua origem, dos seus costumes tradicionais e das suas crenças.

Já em relação a estas características que associam determinados comportamentos para os grupos de sulistas e nordestinos presentes nos discursos dos entrevistados, percebe-se que muitas delas, acabaram sendo incorporados no senso comum, o que revela uma propagação espontânea na cidade e seu entorno, conforme comentado também em outras categorias deste trabalho. De acordo com a pesquisa realizada por Haesbaerth (1997) na região Oeste da Bahia, foi possível elaborar um espectro de qualificações a partir dos discursos presentes nas falas dos Baianos e Sulistas, conforme mostra tabela 08, em sua visita no cerrado baiano por volta do ano de 1996, de acordo com as características atribuídas para os residentes da cidade, em face a sua naturalidade:

Tabela 8 – Qualificação de características de Sulistas e Baianos

SULISTAS	BAIANOS
INTELIGÊNCIA	BURRICE
TRABALHO	PREGUIÇA, FESTA
AMBIÇÃO	DESPRETIÇÃO
ESPERTEZA	SIMPLICIDADE ; INGENUIDADE
AGRESSIVIDADE	MODÉSTIA; MEIGUICE
DUREZA	TOLERÂNCIA

SULISTAS	BAIANOS
CONSERVADORISMO	LIBERALIDADE
LIMPEZA / ORDEM	SUJEIRA / DESORDEM

Fonte: Haesbaerth (1997).

Ao comparar a qualificação das características do autor acima, com os discursos dos entrevistados desta pesquisa, pode-se perceber alguns estereótipos ainda presentes nestas alocações. Conforme mencionado em categorias anteriores, na cidade, os sulistas ainda carregam o estereótipo de trabalhadores, desbravadores e limpos. Estes atributos foram confirmados nos discursos dos entrevistados nas categorias: Busca por terras e segregação / problemas sociais. Já os baianos, são vistos como tolerantes, meigos, ingênuos e acomodados, conforme também revelados nas categorias mencionadas.

Estas distinções simplificadoras entre sulistas e nordestinos se reproduzem e são reforçadas através do próprio espaço geográfico ainda nos dias atuais na cidade de LEM. É importante observar que essas contraposições aparecem de forma a atribuir um valor superior e mais positivo ao sulista e o mais negativo ao baiano. Muito embora seja justificada a característica da afetuosidade como algo que os sulistas enxergam como qualidade nos baianos, pode-se observar um contraponto na tabela 8, como parte da associação entre as características citadas como permissivos, bonzinhos e ingênuos, para aproveitar destas qualidades dos moradores, através da “cooptação pela gentileza”, afim de exercer o domínio da terra e do capital sem a agressividade e esperteza, típica do sulista também citado nesta tabela.

Sendo assim, todos estes simbolismos culturais refletem o pensamento de um povo, através de sua origem e sua história com afinidades entre os habitantes de um mesmo território, dando ênfase ao sentimento de solidariedade e generosidade entre os nativos da região Oeste da Bahia e seus demais grupos de interferências o que demonstra a capacidade de convivência, mesmo resgatando o histórico de conflitos existentes entre sulistas e baianos no início de ocupação socioespacial do município.

Observa-se que os entrevistados falam de uma maneira geral sobre a identidade cultural criada na região.

A identidade cultural é o conjunto de valores, tradições, símbolos, crenças e modos de comportamento que funcionam como um elemento coesivo dentro de um grupo social e que atuam como substrato para os indivíduos que o formam para basear seu sentimento de pertencimento. No entanto, as culturas não são homogêneas; dentro delas existem grupos ou subculturas que fazem parte da diversidade, dentro deles em resposta aos interesses, códigos, normas e rituais que

esses grupos compartilham na cultura dominante (HAESBAERT, 1997; SANTOS, 2009; VALENCIA, 2011).

Autores como Haesbaert (1997) e Echeverri (2009), compreendem as identidades culturais não apenas como um fenômeno em si, mas como um fenômeno em oposição a outras identidades culturais. Nesta corrente, considera-se que a identidade cultural é definida pela oposição a outros. Como grupo, ele se define como tal, notando e acentuando as diferenças com outros grupos e culturas.

A dinâmica da autodefinição cultural como ocorrida em LEM implica um contato contínuo entre culturas. Além disso, essas relações não são iguais, uma vez que nunca se manifestam isoladamente: a complicada teia de relações criadas pela superposição econômica, científica, cultural e política converte qualquer relação entre duas culturas em uma relação desigual.

O próprio fato de que dentro de uma cultura ou prática cultural existe a consciência de uma identidade comum, implica que há também uma unidade no sentido de preservar essa identidade, para a auto-preservação da cultura. Se a identidade é construída em oposição aos estranhos, as intrusões de outras culturas implicam a perda de autonomia e, portanto, a perda de identidade. Desta maneira, por mais híbrida que se possa parecer às culturas entre os residentes da cidade de LEM, ainda é possível verificar certa dificuldade de integração entre os diferentes moradores do município que foram enraizados através de rótulos criados desde o início de ocupação da cidade, até os dias atuais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada ao longo desta dissertação procurou examinar os reflexos das políticas públicas que foram institucionalizadas para a expansão de novas formas capitalistas de produção, inseridas no contexto da expansão de fronteiras agrícolas ainda inexploradas, em especial nos cerrados baianos. A busca por condições favoráveis de plantio e a modernização da agricultura, levou ao processo de descoberta e migração para cidades do Oeste da Bahia, em especial, Luís Eduardo Magalhães, objeto de estudo para esta pesquisa.

O processo de migração para a região Oeste da Bahia provocou um crescimento populacional principalmente por grupos de sulistas do Brasil que visualizaram em solos baianos a possibilidade de adquirir terras mais baratas e a partir de então iniciar uma nova vida em busca de crescimento econômico e disseminar a tecnologia agrícola neste novo território. Desta maneira, buscou-se analisar neste trabalho os principais impactos socioculturais do processo migratório na cidade de LEM, o que revelou particularidades das novas formas de sociabilidades entre sulistas e nordestinos.

O espaço geográfico segundo Milton Santos pode ser definido como um fato e um fator social. Para Santos (1978) o espaço geográfico não seria somente um reflexo, um meio para a ação da sociedade. O espaço geográfico é, assim, um condicionado e um condicionador. Desta maneira, o espaço geográfico é uma instância social como as demais – economia, política, cultura ou ideologia. O que carrega um conjunto de fluxos com interações de um conjunto de configurações espaciais e dinâmicas sociais.

Diante disto, foi possível inicialmente buscar os fatos históricos que permearam a constituição do município de Luís Eduardo Magalhães, revelando ocorrências destes impactos causados por conta destas políticas públicas, bem como, a identificação dos principais atores ou grupos sociais que delinearão a expansão do município para que hoje ocupasse uma posição de destaque no panorama econômico do Estado e do país. Ainda nesta análise, e no decorrer das entrevistas realizadas, foi possível identificar os conflitos que fizeram parte deste processo de ocupação, bem como, entender o motivo que incentivou em especial o grupo dos sulistas a migrarem para a região Oeste da Bahia.

Nas análises das categorias descritas neste trabalho, foi possível verificar que a escassez de terras no sul do Brasil, o uso das pesquisas de correção de solo e a vocação agrícola destes grupos para trabalhar no cultivo de culturas agrárias, proporcionou uma migração em massa para o cerrado baiano de forma rápida e ao mesmo tempo conflituosa.

Desta maneira, ao analisar os principais impactos socioculturais provenientes do processo migratório na cidade, foi possível categorizar através dos discursos das entrevistas as principais temáticas trabalhadas para atender os objetivos gerais e específicos. Nestes eixos centrais revelados na pesquisa de campo, pode-se constatar que a chegada do grupo sulista na região Oeste da Bahia, modificou sobremaneira a tecnologia do campo e o investimento da produção de grãos em cidades como Barreiras, LEM, Formosa do Rio Preto e São Desidério.

Ao passo que essas mudanças foram processadas para dinamizar a economia local-regional, outros enigmas também foram discutidos como forma de reflexão sobre os futuros problemas que poderão ser desencadeados no aspecto socioambiental na região Oeste. A baixa vazão dos rios na cidade de Barreiras e LEM representam uma interferência do homem e da tecnologia de irrigação implementada para atender as demandas capitalistas impostas por interesses públicos e privados. O que se observa nos discursos dos entrevistados é que estes problemas são pouco discutidos entre os grupos que dominam as técnicas de cultivo na região, muito menos, discutem propostas capazes de minimizar estas agressões que vem ocorrendo no meio ambiente.

Outra questão que também responde o objetivo geral desta pesquisa, são as influências da cultura sulista imposta na cidade de LEM pelos grupos detentores do poder. Sobre esta relação, foi constatada a prevalência dos hábitos e costumes dos grupos sulistas, na cidade. O simbolismo desta cultura está presente através das manifestações festivas e folclóricas que fazem parte do cotidiano dos moradores, que incorporaram hábitos tipicamente sulistas no seu dia-a-dia, o que aponta para uma tentativa de um hibridismo cultural no que tange essas interlocuções dos modos culturais que são visíveis naquele lugar.

Esta discussão também foi levantada ao analisar as principais manifestações culturais e folclóricas do território de identidade da Bacia do Rio Grande. Desta forma, foi considerada a cultura territorial que abarca os 14 municípios em relação a

estas manifestações, e foi observado que praticamente todas as cidades vizinhas a LEM, apresentam tradições que de alguma forma estão ligadas a religiosidade ou ao folclore. Já no município investigado essas práticas culturais não existem, o que deixa evidente a prevalência de eventos ligados ao agronegócio ou até mesmo a tradições gaúchas, a exemplo de festividades específicas do grupo ou formas peculiares de ocupação do espaço público.

Assim, pode-se observar que os grupos de poder institucionalizados no município estão atrelados à agremiação representativa das tradições sulistas na cidade, a classe de empresários ligados ao agronegócio, o poder público representado pela prefeitura municipal e a mídia local que direciona conteúdos específicos para que desta maneira, seja reforçada a cultura sulista neste território. As festividades juninas que acontecem na cidade vêm ‘mascarada’ de uma expressividade nordestina naquele território, servindo de publicidade institucional do poder público, descaracterizando o real sentido da tradição deste tipo de evento no nordeste.

Na concepção de Dummont (1985, p. 277), “Existem duas vias para se reconhecer, de algum modo, o Outro: a hierarquia e o conflito, mas somente o conflito se qualifica como integrador”. Pela forma mascarada e pouco explícita com que geralmente se manifestam os conflitos entre sulistas e baianos nos cerrados do Nordeste, é de se prever um processo ainda muito lento de integração, e que provavelmente acabará por impor a hierarquia (de uma “superioridade” sulista, cada vez mais confundida com o poder dos grandes capitalistas em seu conjunto) muito mais do que a fraternidade igualitária efetivamente integradora.

Outro fato presente no município que também responde o objetivo proposto desta dissertação foram os problemas sociais identificados ao longo deste estudo. Em LEM há um abismo social acentuado pela divisão de migrantes nordestinos e sulistas pelos seus locais de moradias, padrões de residências e ofertas de serviços públicos. Esta separação geográfica ficou explícita desde o momento em que a cidade ainda era distrito do município de Barreiras e desta forma havia uma divisão inicial dos bairros dos migrantes nordestinos e do bairro dos sulistas. A pobreza, violência e as formas de comportamento e interação entre estes dois grupos no espaço geográfico de LEM, reafirmam certos estereótipos de comportamentos em que eleva a cultura sulista como superior, e reduz a nordestina como inferior. Alguns

depoimentos dos entrevistados reforçava um preconceito que ainda existe na cidade, através de características do imaginário popular presentes no próprio discurso do sulista.

Por fim, foi revelado que muito embora haja uma certa forma de segregação pelos motivos identificados durante esta pesquisa, o grupo dos sulistas reconhecem particularidades positivas e afetivas em relação as características do povo nordestino / baiano, através das boas relações de convívio e admiração pelo jeito caloroso e humano que estes nativos tratam os migrantes de fora, independente de qual localidade eles venham, reforçando os laços de amizade e afetuosidade que é tão particular das pessoas do município. Porém, observou-se que ainda existe uma resistência e dificuldade de integração entre os dois grupos, uma vez que, baianos nativos do lugar se sentiram invadidos em relação a chegada destes grupos no município, sobretudo, também pela imposição de hábitos de uma cultura externa no território.

É importante salientar que durante a realização desta pesquisa, a população da cidade não foi ouvida, como forma de ratificar alguns discursos que foram levantados pelos entrevistados. O que desta maneira, possibilita uma abertura para novos estudos de doutoramento ou até mesmo para um novo objeto de estudo para futuros pesquisadores.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, N. et al. Research on health inequalities in Latin America and the Caribbean: Bibliometric analysis (1971-2000) and descriptive content analysis (1971-1995). **Am J Public Health**, n. 93, p. 2.037 - 2.043, 2003.

ALVES, V. E. L. As Novas Dinâmicas Socioespaciais Introduzidas pelo Agronegócio nos Cerrados da Bahia, Maranhão, Piauí e Tocantins. *In*: BERNARDES, J. A. (org.). ; BRANDÃO FILHO, J. B. A. (org.) **A Territorialidade do Capital**. Rio de Janeiro: Arquimedes Edições, 2006.

_____. A mobilidade sulista e a expansão da fronteira agrícola brasileira. **Agrária**, São Paulo, n. 2, 2005.

ARAÚJO, Nelson de. **Pequenos mundos**: um panorama da cultura popular da Bahia. Salvador: UFBA;

BAHIA (Estado). **Catálogo Culturas Populares & Identitárias da Bahia**. Salvador: Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, 2010.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Salvador: Edições 70; Lisboa, 1977.

BRANDÃO, P. R. B. A formação Territorial do Oeste Baiano: a constituição do “AlémSão Francisco” (1827-1985). **GeoTextos**, v. 6. n 1, p 35-50, jul. 2010.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento/Agência de Cooperação Internacional do Japão. Programa de Cooperação Nipo-Brasileira para o Desenvolvimento Agrícola dos Cerrados. **Estudo de Avaliação Conjunta – Relatório Geral**, Brasília, n. 48, janeiro de 2002.

BRASIL. **Ministério da Cultura. Fundação Cultural Palmares**. Certidões expedidas às Comunidades Remanescentes de Quilombos (CRQs), 2015. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/crqs/lista-das-crqs-certificadas-ate-23-02-2015.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2015.

BAUMAN, Zigmunt. **A cultura no mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BERNARDES, J. A. Fronteiras da Agricultura Moderna no Cerrado Norte/Nordeste: Descontinuidades e Permanências. *In*: BERNARDES, J. A. (org.); BRANDÃO FILHO, J. B.A. (org.). **A territorialidade do capital**. Rio de Janeiro: Arquimedes Edições, 2009.

BOTELHO, Isaura. Dimensões da cultura e políticas públicas. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.15, n.2, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk, 2011.

BRUM NETO, Helena. **Os territórios de imigração alemã e italiana do Rio Grande do Sul**. 2011. Dissertação (Mestrado) - UNESP. Presidente Prudente, 2011.

BURNS, Meter. **Turismo e antropologia: uma introdução**. São Paulo: Chronos, 2002.

BUSS, P. M. Globalização, pobreza e saúde. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SAÚDE COLETIVA, 8., CONGRESSO MUNDIAL DE SAÚDE PÚBLICA, 11., 2006. Anais [...]* Rio de Janeiro, agosto de 2006. Disponível em: www.fiocruz.br. Acesso em: 20 maio 2018.

CARDOSO, Evanildo Santos. **Entre-Lugar**. Dourados, MS, v.7, n.13, 2016.

CANCLINI, Nestor Garcia. **As culturas populares no capitalismo**. Brasiliense, 2008. 149 p.

CASTEL, Robert. *As Metamorfoses da Questão Social: uma crônica do salário*. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

CASTRO, Josué de. **Ensaio de geografia humana**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1965.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Tradução: Luiz Fugazzola Pimenta; Margareth Afeche Pimenta. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. Símbolos das Paisagens do Cerrado Goiano. *In: ALMEIDA, Maria Geralda de. (org.). Tantos cerrados: múltiplas abordagens sobre a biogeodiversidade e singularidade cultural*. Goiânia: Vieira, 2005.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. São Paulo: Ática, 1987. (série princípios).

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. *In: CORREA, R. I.; ROSENDAHL, Z. (org.). Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: UERJ, 1999. p. 92-123.

CUCHE, Denys. **La Noción de Cultura em La ciências Sociales**. Tradução: Paula Mahler. Buenos Aires: Nueva Vision, 2002.

D'ABADIA, Maria Idelma. **Diversidade e identidade religiosa: uma leitura espacial dos padroeiros e seus festejos em Muquém, Abadiânia e Trindade – GO**. Jundiáí-SP: Paco editorial, 2014. p.160.

DIAS, Janaina Santos; COSTA, Frederico Lustosa. Cultura, território e política regional no Estado da Bahia, Brasil. **Revista de Investigación en Gestión Cultural**, Córima, 2017.

DUARTE, Newton. **Vigotski e o "aprender a aprender": crítica as apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2001. 296 p.

DUMONT, L. **O individualismo**: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

DURAYSKI, Juliana. **“Tomas um mate?”**: uma análise da cultura de consumo do chimarrão em um contexto urbano. 2013. 117 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2013. Disponível em: <http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/000007/0000071C.pdf>. Acesso em: 16 set. 2018

ECHEVERRI, Rafael. **Identidade e território no Brasil**. Brasília: IICA, 2009.

ELIAS, D. E. Pequeno, Renato. **Agronegócio e desigualdades**. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2006. 483 p.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

FREITAS, H.; JANISSEK-MUNIZ, R. Uma proposta de plataforma para inteligência estratégica. *In*: CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE GESTÃO DO CONHECIMENTO E INTELIGÊNCIA COMPETITIVA, GECIC, 1., 2006, Curitiba/PR. **Anais** [...] Curitiba/PR: Abraic, 2000. (CDROM).

FONSECA, A. A. M. Federalismo, descentralização e localismos no Brasil. *In*: CALDAS, A. et al. **Estado, território e a dinâmica das fronteiras**: reflexões e novos desafios. Salvador: JM Gráfica e Editora, 2019.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1984.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2007.

GONÇALVES, Neto Wenceslau. **Estado e agricultura no Brasil**: política agrícola e modernização econômica brasileira 1960 – 1980. São Paulo: Hucitec, 1997.

HAESBAERT, Rogério. “Gaúchos” e baianos no “novo” Nordeste: entre a globalização econômica e a reinvenção das identidades territoriais. *In*: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **Brasil**: questões atuais da reorganização do território. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 470 p.

_____. Da desterritorialização à multiterritorialidade. *In*: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 10., 2005. **Anais** [...] São Paulo: Universidade de São Paulo.

_____. **O mito da desterritorialização**: “do fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

ILÁRIO, C. G. **Região agrícola competitiva e logística no oeste baiano**. Orientador: Ricardo Abid Castillo. 2011. Dissertação (Mestrado) - Instituto de

Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, SP, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Site Oficial. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=291955>. Acesso em: 20 ago. 2017.

JORNAL A TARDE. Disponível em: <http://atarde.uol.com.br/bahia/noticias/1271220-nazaro-traz-tradicao-as-ruas-de-barreiras-apos-o-carnaval>. Acesso em: 15 maio 2018.

LA BLACHE, Paul Vidal de. **Princípios de geografia humana**. 2. ed. [S. l.] Cosmos, 1954.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1992.

LE BOUERLEGAT, C. A. Ordem local como força interna de desenvolvimento. **Revista Internacional de Desenvolvimento Local – Interações**, Campo Grande, v.1, n.1, p.13-20, set. 2006.

LEFEBVRE, Henri. **De lo rural a lo urbano**. Barcelona: Ediciones Península, 1996.

LIPOVETSKY, G. **A era do vazio**: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Barueri: Manole, 2005. (Original publicado em 1983).

LÜDKE, Menga ; ANDRÉ, Marli E. D. A. **A pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARTINS, José de Souza. **Expropriação e violência**. São Paulo: Hucitec, 1991.

MAIA, Carlos Eduardo Santos. O retorno para a festa e a transformação mágica do mundo: nos caminhos da emoção. *In*: CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia cultural**: uma antologia. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. v. 2, 296 p.

MARQUES, João Francisco. Oração e devoções. *In*: AZEVEDO, Carlos Moreira (Dir). **História Religiosa de Portugal**. Vol.2, Lisboa-Portugal: Círculo de Leitores, 2000. p.650-658.

MANIGLIA, Elisabete. **Criminalidade e violência no âmbito rural**: críticas e reflexões. Disponível em: <http://www.saoluis.br/revistajuridica/arquivos/012.pdf>. Acesso 16 ago. 2018.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia Alemã**: teses sobre Feuerbach. Tradução de Silvio Donizete Chagas. 8. ed. São Paulo: Centauro, 2005

MELLO, Marcia Couto; SILVA, Ariadne Moraes. **Trans – territorialidades, modas e espaços urbanos, moda em zigzague**: interfaces e expansões. São Paulo: Estação das Letras e das Cores, 2011.

MENEZES, M. A. **Da Paraíba prá São Paulo e de São Paulo prá Paraíba [migração, família e reprodução da força-de-trabalho]**. 1985. Dissertação - Universidade Federal da Paraíba, Campina Grande, 1985.

MORAES, Antonio Carlos Robert (org.). ; RATZEL, Friedrich. **Geografia**. São Paulo: Ática, 1990. São Paulo: Hucitec, 1996.

MOREIRA, Fayga ; Barros, José Marcio. Diversidade e identidades: fronteiras e tensões culturais no espaço urbano. **Políticas Culturais em Revista**, v.2, n.2, p. 50-59, 2009.

NOBREGA, Zulmira. **A festa do maior São João do mundo. Dimensões Culturais da Festa Junina na cidade de Campina Grande**. Salvador-BA: Universidade Federal da Bahia, 2010.

NUNES, Fátima Vasconcelos. Luiz Eduardo Magalhães - Capital Econômica do Oeste Baiano. **Jornal São Francisco**, Barreiras, Especial/ capa, p. 22, abr. 2011.

OLIVEIRA, A. A. **Desigualdades sócio-espaciais na cidade do agronegócio: um estudo de caso em Luís Eduardo Magalhães - BA**. 2012. 118 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Ciências Ambientais e Desenvolvimento Sustentável, Barreiras, BA, 2012.

OLIVEIRA, Douglas ; VALENCIA, Mireya. **Percepção de atores sociais sobre gestão estratégica e gestão social no âmbito da política de desenvolvimento territorial no Brasil**. ENAPEGS, 2011. Anais [...] 2011.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. Expressões religiosas populares e Liturgia. **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 43, p. 909-948, fasc. 172, dez. 1983.

OLIVEN, R. G. A fabricação do gaúcho. **Anuário Ciências Sociais Hoje**, São Paulo, p. 57-68, 1992.

PITTA, Ignez de Almeida. **Barreiras, uma história de sucesso**. Documentos Barreirenses - Coleção do Professor -Volume I, Barreiras: Cangraf, 2005.

PORTAL TERRAMAC. **Empreendimentos Imobiliários**. Disponível em: <http://www.terramac.com.br/conheca-luis-eduardo-magalhaes-bahia-o-inicio-de-tudo/>. Acesso em: 20 ago. 2017.

QUEIROZ, Bianca Gomes. **A mudança de centralidade urbana no Oeste da Bahia: o caso de Luís Eduardo Magalhães**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas. Departamento de Geografia, 2012.

ROCHE, Jean. **A colonização Alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969.

RAMOS, Soraia. Sistemas técnicos agrícolas e meio técnico–científico–informacional no Brasil. In: SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001. p.375-387.

REZENDE, Liberalina; SILVA, Sandro Dutra; TAVARES, Giovana Galvão. Patrimônio cultural e turismo: cavalhadas e as potencialidades turísticas de Santa Cruz de Goiás – Brasil. *In*: SANTOS, Margarida; SERRA, Francisco; SANTOS, José; ÁGUA, Paulo. **TMS Conference Series (2013): desenvolvimento e planejamento em turismo**. 2013.

ROCHLITZ, R. Critiquer une tradition: pourquoi, au nom de quoi, comment? **Hermès**, Paris, n. 10, p. 165-172, 1992.

RUBIM, Albino, FERNANDES, Tatiane; RUBIM, Iuri (org.). **Políticas culturais, democracia e conselhos de cultura**. Apresentação Albino Canelas Rubim. Salvador: Edufba, 1997.

SANTOS, F. P.; SOUZA, L. B. Percepção da qualidade ambiental urbana no bairro Santa Cruz em Luís Eduardo Magalhães (BA). **Ateliê Geográfico**, v. 8, n. 2, p.168-197, ago. 2014.

SANTOS FILHO, Milton. **O processo de urbanização no oeste baiano**. Recife: SUDENE, 1989.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: Edusp, 2008c.

_____. **A natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. Espaço e método. São Paulo: EDUSP, 2004b.

_____. **A Urbanização Brasileira**. 5 ed. São Paulo: Edusp, 2009 [1993].

_____. A metrópole: modernização, involução e segmantação". *In*: SIMPÓSIO TRENAS AND CHALLENGES OF URBAN RESTRUCTURING, 1SA-IUPERJ. 1988. **Anais** [...] Rio de Janeiro, 1988.

_____. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 1987.

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 19. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

_____. O professor como intelectual na sociedade contemporânea. *In*: ENDIPE, 9., 1998. Águas de Lindóia - São Paulo. **Anais** [...] 1998.

SAUER, Carl. A noção de modo de vida: exposição e crítica. *In*: SAUER, Carl. **Os pensadores**. São Paulo: Abril, 1995. p. 169 – 201.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 27. ed. Campinas: Autores Associados, 1992. (Polêmicas do nosso tempo).

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO DO ESTADO DA BAHIA. 2015. Biblioteca. Disponível em: <http://www.seplan.ba.gov.br> Acesso em: 20 jul. 2018.

SCHLOSSER, Janne Bandeira de Almeida. **Características históricas e da gestão de políticas públicas de cultura do Município de Luís Eduardo Magalhães**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal da Bahia - UFBA, Salvador, 2014.

SERPA, Ângelo. **Territórios da Bahia. Regionalização, cultura e identidade, Salvador**. Salvador: Editora EDUFBA, 2015.

SILVA, Heloisa da; LUZIA, Aparecida de Souza. A História Oral na Pesquisa em Educação Matemática. **Boletim de Educação Matemática**, v. 20, n. 28, p. 139-162, 2007.

SORRE, Max. **Geografia**. Tradução Januário F. Megale, Maria Cecília França e Moacyr Marques. São Paulo: Ática, 1984.

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS. **Panorama cultural da Bahia contemporânea**. Salvador, 2012. (Série estudos e pesquisas, 92).

TEIXEIRA, Maria Cecília Sanches; PORTO, Maria do Rosário Silveira. Violência, insegurança e imaginário do medo. **Caderno CEDES**, Campinas, v. 19, n. 47, p. 51-66, dez. 1998;

TILLY, Charles. Migration in modern european history. *In*: MCNEILL, William H. ; Adams, Ruth S. (orgs.). **Human migration, patterns and policies**. [S.l.]: Indiana University Press, 1978. p. 48-72.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Deifel, 1980.

VIEIRA, V. S. **O governo local e a promoção econômica a partir do marketing territorial no município de Luís Eduardo Magalhães/Bahia**. 2007. 170 f. Dissertação (Mestrado em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional) - Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Santo Antônio de Jesus, 2007.

VILELA, Vandrê Almeida de Carvalho. **Em busca de um Conselho... A experiência de uma etnografia urbana na região do Nordeste de Amaralina**. 2016. Dissertação (Mestrado) - Universidade Salvador Unifacs, Salvador, 2016.

ZALLA, Jocelito, Menegat Carla. História e memória da Revolução Farroupilha: breve genealogia do mito. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 31, n. 62, p. 49-70, 2011

WHITEHEAD, M. **The concepts and principles of equity and health**. EUR/ICP/RPD 414, 7734r, Geneva: WHO, 2000.

WAIBEL, L. **Capítulos de geografia tropical e do Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 1979.

APÊNDICE A - Roteiros de Entrevistas

Roteiro de Entrevistas - Desbravador	
Bloco 1: Caracterização Sócio-Econômica	
1.1	Nome
1.2	Faixa Etária
1.3	Naturalidade
1.4	Profissão
1.5	Renda Familiar
1.6	Escolaridade
1.7	Atualmente reside em qual cidade?
1.8	Há quanto tempo reside na cidade ou região?
Bloco 2: Processo Migratório em LEM	
2.1	De qual cidade o sr. saiu quando migrou para LEM e por qual motivo?
2.2	Ano em que o Sr. chegou no cerrado baiano e em LEM?
2.3	Como era a cidade/ região, logo quando o sr. chegou ?
2.4	O que mudou desde então?
2.5	Qual atividade agrícola o sr. desenvolvia / desenvolve na região? A mesma que desenvolvia no sul?
2.6	Quais membros da família vieram contigo no processo migratório? Quais as profissões destes membros?
2.7	O sr. ainda possui parentes no sul do país?
2.8	O sr. acredita que os sulistas foram os principais responsáveis pelo desenvolvimento da região Oeste LEM?
2.9	E quais as principais características dos sulistas que provavelmente impulsionaram o crescimento desta região? (Empreendedorismo)
2.10	O que sente falta em LEM ?
Bloco 3: Identidade, Hábitos e Costumes	
3.1	Quais foram os principais hábitos sulistas levados para a cidade de LEM?
3.2	Como se deu o processo de agrupamento dos sulistas no território de LEM?(havia segregação?)
3.3	Qual sua percepção em relação a interação dos demais moradores de LEM com a cultura sulista da cidade?
3.4	Há segregação por parte dos sulistas com outras culturas da cidade? explique
3.5	A expansão da cultura sulista em LEM se deu de forma natural?
3.6	Por que manter viva a tradição sulista em uma cidade tão longe do sul do país?
3.7	O sr. Pretende voltar para o Rio Grande do Sul?
3.8	Quais características sulistas mais presentes na cidade de LEM? Marque até 03 opções <input type="checkbox"/> Comunicação – Oral, escrita, sotaque, obras literárias <input type="checkbox"/> Gastronomia – Pratos típicos, principais produtos <input type="checkbox"/> Vestuário Típico (como é composto Masculino e Feminino) <input type="checkbox"/> Música (estilos e gêneros musicais) <input type="checkbox"/> Casas / Edificações <input type="checkbox"/> Religião <input type="checkbox"/> Festividades Típicas <input type="checkbox"/> Valores (regras morais, tabus, autoridade, leis, responsabilidade, respeito, crenças e normas éticas) <input type="checkbox"/> Ideologias (construções laicas e racionais que dá sentido a história e garante a ordem social) <input type="checkbox"/> Convenções (família e sociedade)
3.9	Ao longo dos anos, houve uma adaptação dos seus modos de viver em LEM ou eles foram preservados? você modificou seus hábitos pelo fato de morar aqui?
3.10	O que mais te desagrada em LEM?

Entrevistado: Agricultor	
Bloco 1:	Caracterização Sócio-Econômica
1.1	Nome
1.2	Faixa Etária
1.3	Naturalidade
1.4	Profissão
1.5	Renda Familiar
1.6	Escolaridade
1.7	Atualmente reside em qual cidade?
1.8	Há quanto tempo reside na cidade ou região?
Bloco 2:	Processo Migratório em LEM
2.1	De qual cidade o sr. saiu quando migrou para LEM e por qual motivo?
2.2	Ano em que o Sr. chegou no cerrado baiano e em LEM:
2.3	Como era a cidade/ região, logo quando o sr. chegou ?
2.4	O que mudou desde então?
2.5	Qual atividade agrícola o sr. desenvolvia / desenvolve na região? A mesma que desenvolvia no sul?
2.6	Quais membros da família vieram contigo no processo migratório? Quais as profissões destes membros?
2.7	O sr. ainda possui parentes no sul do país?
2.8	O sr. acredita que os sulistas foram os principais responsáveis pelo desenvolvimento da região Oeste LEM?
2.9	E quais as principais características dos sulistas que provavelmente impulsionaram o crescimento desta região? (Empreendedorismo)
2.10	O que sente falta em LEM ?
2.11	Qual principal técnica agrícola implementada em seu negócio de certa forma influenciou no agronegócio da cidade e região?
2.12	Qual foi a maior dificuldade enfrentada ao chegar na cidade ou região?
Bloco 3:	Identidade, Hábitos e Costumes
3.1	Em relação ao seu quadro de colaboradores, qual a naturalidade da maioria?
3.2	Há alguma dificuldade de interação por conta da naturalidade do seu grupo de colaboradores?
3.3	Qual principal dificuldade encontrada em relação há alguns hábitos específicos no trabalho, no seu grupo de colaboradores.
3.4	O grupo social teve influencia de outro(s) grupos devido à proximidade e a convivência? (códigos culturais). Como?
3.5	Percebe algum tipo de segregação em relação aos sulistas?
3.6	Quais características sulistas mais presentes na cidade de LEM? Marque até 03 opções
	() Comunicação – Oral, escrita, sotaque, obras literárias
	() Gastronomia – Pratos típicos, principais produtos
	() Vestuário Típico (como é composto Masculino e Feminino)
	() Música (estilos e gêneros musicais)
	() Casas / Edificações
	() Religião
	() Festividades Típicas
	() Valores (regras morais, tabus, autoridade, leis, responsabilidade, respeito, crenças e normas éticas)
	() Ideologias (construções laicas e racionais que da sentido a historia e garante a ordem social)
	() Convenções (família e sociedade)
3.7	Ao longo dos anos, houve uma adaptação dos seus modos de viver em LEM ou eles foram preservados ? você modificou seus hábitos pelo fato de morar aqui?
3.8	O que mais te desagrada em LEM?

Entrevistado: Presidente da Associação de Comerciantes de LEM (ACELEM)	
Bloco 1:	Caracterização Sócio-Econômica
1.1	Nome
1.2	Faixa Etária
1.3	Naturalidade
1.4	Profissão
1.5	Renda Familiar
1.6	Escolaridade
1.7	Atualmente reside em qual cidade?
1.8	Há quanto tempo reside na cidade ou região?
Bloco 2:	Processo Migratório em LEM
2.1	Por qual motivo se formou a ACELEM
2.2	Os empresários da cidade de LEM vieram em sua maioria de quais regiões do País?
2.3	Qual a naturalidade (por UF) da maior parte dos associados?
2.4	O sr. acredita que os sulistas foram os principais responsáveis pelo desenvolvimento da região Oeste?
2.5	E quais as principais características dos sulistas que provavelmente impulsionaram o crescimento desta região?
2.6	Houve alguma dificuldade para implementar a associação na cidade de LEM e qual?
2.7	Qual a principal contribuição do grupo social sulista para a economia do município?
Bloco 3:	Identidade, Hábitos e Costumes
3.1	Há alguma dificuldade de interação entre a classe empresarial por conta da naturalidade do seu grupo de associados?
3.2	Qual principal dificuldade encontrada em relação há alguns hábitos específicos entre os associados?
3.3	A classe empresarial teve que se adaptar a um estilo específico de cultura organizacional, devido à questão cultural sulista? Teve alguma influência? Qual?
3.4	Existe algum hábito específico que foi alterado ou inserido na cultura de gestão dos empresários, devido a algum aspecto de interferência da cultura sulista?
3.5	() Comunicação – Oral, escrita, sotaque, obras literárias () Gastronomia – Pratos típicos, principais produtos () Vestuário Típico (como é composto Masculino e Feminino) () Música (estilos e gêneros musicais) () Casas / Edificações () Religião () Festividades Típicas () Valores (regras morais, tabus, autoridade, leis, responsabilidade, respeito, crenças e normas éticas) () Ideologias (construções laicas e racionais que da sentido a historia e garante a ordem social) () Convenções (família e sociedade)
3.6	Percebe algum tipo de segregação em relação aos sulistas?
3.7	Ao longo dos anos, houve uma adaptação dos seus modos de viver em LEM ou eles foram preservados? Você modificou seus hábitos pelo fato de morar aqui?
3.8	O que mais te desagrada em LEM?

Entrevistado : Patrão do CTG	
Bloco 1:	Caracterização Sócio-Econômica
1.1	Nome
1.2	Faixa Etária
1.3	Naturalidade
1.4	Profissão
1.5	Renda Familiar
1.6	Escolaridade
1.7	Atualmente reside em qual cidade?
1.8	Há quanto tempo reside na cidade ou região?
Bloco 2:	Processo Migratório em LEM
2.1	Ano em que o sr. chegou na região Oeste ou cidade de LEM?
2.2	Qual motivo da sua vinda para a cidade de LEM?
2.3	Quais familiares vieram com o Sr.?
2.4	De qual cidade o sr. saiu quando migrou para LEM e por qual motivo?
2.5	Como era a cidade/ região, logo quando o sr. chegou ? O que mudou?
2.6	Acredita que os sulistas são os principais responsáveis pelo desenvolvimento da região e de LEM?
2.7	Em que ano foi instalado o CTG na cidade de LEM?
2.8	Como surgiu a ideia de criar um CTG em uma cidade tão longe da sua localidade?
2.9	O que sente falta em LEM?
Bloco 3:	Identidade, Hábitos e Costumes
3.1	Qual principal cultura encontrada na cidade de LEM ao chegar no município?
3.2	De que forma os membros do CTC buscam manter e preservar a cultura sulista na cidade de LEM?
3.3	Há uma identidade cultural estabelecida na cidade de LEM? Qual principal traço?
3.4	O sr atualmente acha que a cultura da cidade de LEM se configura como? () Sulista () Baiana () Mista
3.5	O processo de migração para a cidade de LEM ocasionou uma série de mudanças principalmente no que se refere aos hábitos cotidianos. Neste sentido, quais as principais transformações ocorridas na cultura original no que se refere aos seus códigos culturais sulistas?
3.6	Ao longo dos anos, houve uma adaptação dos seus modos de viver em LEM ou eles foram preservados ? você modificou seus hábitos pelo fato de morar aqui?
3.7	O que mais te desagrada em LEM?
3.8	Qual foi a principal contribuição da cultura sulista na cidade de LEM?
3.9	Como o grupo social sulista se insere no contexto regional? (procura se integrar ou se mantém a parte, procurando preservar a cultura de origem evitando a integração ou ha uma integração regional com grupos étnicos distintos).
3.10	Como o grupo social sulista abre espaço para a participação de outros grupos que não sejam sulistas no CTG Sinuelo dos Gerais.
3.11	Quais características sulistas mais presentes na cidade de LEM? Marque até 03 opções () Comunicação – Oral, escrita, sotaque, obras literárias () Gastronomia – Pratos típicos, principais produtos () Vestuário Típico (como é composto Masculino e Feminino) () Música (estilos e gêneros musicais) () Casas / Edificações () Religião () Festividades Típicas () Valores (regras morais, tabus, autoridade, leis, responsabilidade, respeito, crenças e normas éticas) () Ideologias (construções laicas e racionais que da sentido a historia e garante a ordem social)
3.6	social)
3.7	() Convenções (família e sociedade)

Entrevistado: Secretário de Cultura de LEM	
Bloco 1:	Caracterização Sócio-Econômica
1.1	Nome
1.2	Faixa Etária
1.3	Naturalidade
1.4	Profissão
1.5	Renda Familiar
1.6	Escolaridade
1.7	Atualmente reside em qual cidade?
1.8	Há quanto tempo reside na cidade ou região?
Bloco 2:	Processo Migratório em LEM
2.1	Ano em que o Sr. chegou no cerrado baiano:
2.2	O que motivou sua vinda para LEM?
2.3	Quais familiares o acompanharam?
2.4	Como era a cidade/ região, logo quando o sr. chegou ? O que mudou?
2.5	Acredita que os sulistas são os principais responsáveis pelo desenvolvimento da região e de LEM?
2.6	Quais traços da cultura prevaleciam na época da sua chegada a LEM?
2.7	Como é composto o setor de cultura da cidade? (Hierarquia)
2.8	O sr. acredita que ainda há segregação na cidade em relação as moradias, como uma divisão geográfica separada por grupos de migração? (Bairro dos baianos x bairro dos gaúchos?)
2.9	O que sente falta em LEM?
Bloco 3:	Identidade, Hábitos e Costumes
3.1	De que forma os projetos culturais são desenvolvidos nos bairros?
3.2	Quais projetos voltados para valorização da cultura sulista? Caso exista esses projetos, porque sentiu-se essa necessidade ?
3.3	Existe alguma dificuldade para gerenciar os projetos culturais na cidade? Qual?
3.4	Houve alguma dificuldade no início da gestão municipal em estabelecer qual o principal foco a ser dado aos projetos culturais na cidade, uma vez que, o município possui uma diversidade cultural muito acentuada?
3.5	Quais características sulistas mais presentes na cidade de LEM? Marque até 03 opções <input type="checkbox"/> Comunicação – Oral, escrita, sotaque, obras literárias <input type="checkbox"/> Gastronomia – Pratos típicos, principais produtos <input type="checkbox"/> Vestuário Típico (como é composto Masculino e Feminino) <input type="checkbox"/> Música (estilos e gêneros musicais) <input type="checkbox"/> Casas / Edificações <input type="checkbox"/> Religião <input type="checkbox"/> Festividades Típicas <input type="checkbox"/> Valores (regras morais, tabus, autoridade, leis, responsabilidade, respeito, crenças e normas éticas) <input type="checkbox"/> Ideologias (construções laicas e racionais que da sentido a historia e garante a ordem social) <input type="checkbox"/> Convenções (família e sociedade)
3.6	Ao longo dos anos, houve uma adaptação dos seus modos de viver em LEM ou eles foram preservados ? você modificou seus hábitos pelo fato de morar aqui?
3.7	O que mais te desagrada em LEM?

Entrevistado: Presidente da Bahia Farm Show	
Bloco 1:	Caracterização Sócio-Econômica
1.1	Nome
1.2	Faixa Etária
1.3	Naturalidade
1.4	Profissão
1.5	Renda Familiar
1.6	Escolaridade
1.7	Atualmente reside em qual cidade?
1.8	Há quanto tempo reside na cidade ou região?
Bloco 2:	Processo Migratório em LEM
2.1	Ano em que o Sr. chegou no cerrado baiano:
2.2	O que motivou sua vinda para LEM?
2.3	Quais familiares o acompanharam?
2.4	Como era a cidade/ região, logo quando o sr. chegou ? O que mudou?
2.5	Acredita que os sulistas são os principais responsáveis pelo desenvolvimento da região e de LEM?
2.6	Quais traços da cultura prevaleciam na época da sua chegada a LEM?
2.7	Ao longo dos anos, houve uma adaptação dos seus modos de viver em LEM ou eles foram preservados ? você modificou seus hábitos pelo fato de morar aqui?
2.8	O que sente falta em LEM?
Bloco 3:	Identidade, Hábitos e Costumes
3.1	Quais principais traços culturais sulistas percebidos na cidade que faz com que seja pensado em algo específico no aspecto da organização da Feira?
3.2	Qual principal diferença ou particularidade em organizar o evento na cidade de LEM e em outras cidades que acontecem a feira?
3.3	Existe alguma dificuldade para gerenciar o evento na cidade de LEM? Qual?
3.4	O que mais te desagrada em LEM?
3.5	Quais características sulistas mais presentes na cidade de LEM? Marque até 03 opções
	() Comunicação – Oral, escrita, sotaque, obras literárias
	() Gastronomia – Pratos típicos, principais produtos
	() Vestuário Típico (como é composto Masculino e Feminino)
	() Música (estilos e gêneros musicais)
	() Casas / Edificações
	() Religião
	() Festividades Típicas
	() Valores (regras morais, tabus, autoridade, leis, responsabilidade, respeito, crenças e normas éticas)
	() Ideologias (construções laicas e racionais que dá sentido a história e garante a ordem social)
	() Convenções (família e sociedade)
Bloco 4:	Bloco de Atividades
4.1	Como surgiu a ideia da Feira de Negócios na cidade?
4.2	De que parte do país vem os maiores empresários/ agricultores e expositores?
4.3	Quanto movimento em valores a Feira de Negócios para a cidade?
4.4	E quais as principais características dos sulistas que provavelmente impulsionaram o crescimento desta feira?
4.5	Houve alguma dificuldade para o primeiro evento na cidade de LEM e qual?
4.6	Qual a principal contribuição do grupo social sulista para a economia do município?

APÊNDICE B - Transcrições das Entrevistas

ENTREVISTADO A:

IP: Vinte e cinco por cento do território brasileiro é composto pelo Cerrado com “c”. A região se chama Cerrado, acredito que porque antigamente no tempo do Brasil Colônia era chamado Campos Gerais. Até hoje aqui ainda se fala muito o “Gerais”, né?!

VV: Isso!

IP: Porque ninguém dizia Campos Gerais. Era os Gerais. Os Gerais, eu achava muita graça. Era como se fosse um nome porque o substantivo era Campos, Gerais adjetivo, mas ficava... Todo mundo dizia: vou para os Gerais, venho dos Gerais. Então, grande parte da nossa...

(Ela dá uma pausa. Voz distante)

IP: Vou pegar aqui o mapa da Bahia. Esse aqui é um pouquinho antigo é de 1895. É uma xerox. Olha, repara isso aqui. Bom, esse mapa sendo de 1895, os rios ainda nascem todos muito próximos das serras, que separam do planalto lá, que separa Bahia de Goiás. Então, olha... Barreiras... (vamos procurar aqui)... Barreiras! Barreiras ‘tá’ aqui! Você anda alguns quilômetros, quando você chega em Luís Eduardo, é cerrado há muito tempo.

VV: Hmmm...

IP: Então não chega a cem quilômetros de Barreiras essa tira todinha aqui ó: é dos Gerais ou Cerrado. É uma terra, que eu digo assim: eu acho que o nome Cerrado foi formado depois, porque o nome era Gerais, Campos Gerais. Onde ainda tem Campos Gerais: Maranhão, Piauí, Bahia, Goiás, Minas Gerais, dizem que até São Paulo ainda tem, muito pouquinho, mas tem. É uma terra, geralmente plana, com muitas nascentes, nela existe água, chuva. Agora, tudo o que você plantar, não dá. Nasce e morre. No Cerrado in natura, antes de você fazer qualquer correção, a única coisa que viceja são aquelas plantas que são as endêmicas dali: o pequi, o buriti, os matos que são de lá, o capim, que é típico de lá assim baixinho, pequenininho. E tem outras coisas, tem muitas outras, outras árvores. Por exemplo, uma que dá como se fosse uma pinha, mas já é grandona, chama Bruto, não sei como é que chamam lá, aqui em Barreiras chamam Bruto, tem um cheiro ativo!

VV: Tipo, uma graviola... não?

IP: É da família, mas ele é assim: grande, duro a casca por fora, e dentro ele tem um gosto muito forte, um cheiro muito ativo, o povo chama Bruto. Aqui em Barreiras tem muita gente que gosta. Então, mas se você reparar, mesmo essas árvores, elas não são árvores muito altas, ‘cê’ vê que elas crescem com dificuldade pela própria acidez do... E então, eu penso, que quem cunhou esse nome, que esse nome é

novo: cerrado. É porque as árvores ficam, talvez, fechadas, porque são todas assim. As nativas mesmo elas não... 'Cê' vê que elas não crescem, assim, ela vai pra lá, ela vai pra cá, quer dizer que ela, ela... Mesmo as endêmicas, as nativas sofrem pra crescer, isso porque o que caracteriza o Cerrado, o solo do Cerrado, é ele ter uma quantidade muito grande de alumínio na sua composição química. Você já foi na Cachoeira do Acaba Vida?

VV: Já!

IP: Olha, na Cachoeira do Acaba Vida, a gente sai de lá com os pés (se ficar andando por ali), assim meio, escurecidos. Não sei se você já prestou atenção a isso, já?

VV: Já! É, realmente...

IP: É o alumínio. 'Cê' vê que o alumínio, ele tem um negócio de escurecer.

VV: Uhum...

IP: Eu, quer dizer, isso aí eu já tô dizendo: não foi ninguém que me disse não, eu sou uma pedagoga, eu não sou química, mas eu desconfio que seja pela influência do alumínio. Então, o alumínio faz com que o solo fique muitíssimo ácido e é essa acidez que dificulta o nascimento das plantas, por exemplo, o capim típico, nativo do cerrado não passa assim disso. E eu não sei, se você sabe de uma característica dele, se não for corrigido o solo. Se você colocar o gado pra comer esse capim, em se passar de três meses o gado começa a morrer, porque... o gado... ele tem que passar assim e cortar o capim. Não pode passar e em vez de cortar, ele é tão frágil, as raízes, que o gado engole e como engole as raízes, engole com terra, com areia. Aí, naquele aparelho digestivo complicado, que gado tem que volta pra boca, que rumina, então vai entupindo tudo de areia. Então, uma das utilidades que o Cerrado tinha aqui, quando lhe mostrei essa faixa de lá todinha era na época da seca, levar gado pra lá pra ficar comendo aquele capinzinho, mas assim: não chega a três meses não, porque senão o gado fica tocado (foi o nome que deram pra essa doença que dava no gado se ficasse mais de três meses no Cerrado).

VV: E esses gados vinham de onde?

IP: Daqui.

VV: Daqui mesmo da região pra essa região mais do cerrado pra lá pra poder...

IP: Então, o gado na época de seca, acabavam os pastos, então se levava pra lá as boiadas cada fazendeiro tinha um pedaço lá colocaram, não tinha cerca, não tinha nada. Depois antes de três meses trazia e muitas vezes ele já vinha magro, embora tivesse no meio de todo aquele capim, porque na hora que ele ia cortar, ele era acostumado a cortar aqui no vale que não precisa correção. Por que cortava? Porque as raízes são firmes no solo e esse capim nativo do cerrado, mesmo sendo nativo, ele sofre tanto ali com a acidez que a raiz dela é muito superficial, quando o

gado passa assim, não consegue cortar porque não segura no solo, arranca. E aí, o gado vai ingerindo areia. Então, essa doença, eles chamavam de toque “o gado tá com toque”. Eles não sabiam que era por isso, e isso já foi definido depois... Então o que é o gado com toque!? É o gado tocado, o gado que ficava muito tempo comendo aquele capim nativo que dá nos Gerais, porque vai entupindo o aparelho digestivo dele de areia e, se não tirar dali, ele morre. Então, passava algum tempo lá, enquanto aqui os pastos descansavam, era a hora que choveu, o pasto brotava, aí então, se trazia e agora, olha, dava-se muito sal porque ele comendo muito sal, ele ia beber muita água e aí, ia expulsar naturalmente a areia junto com o estrume dele. Então, era uma coisa que todos os anos se fazia. Agora, quando na década de 70 o Brasil ‘tava’ naquele impulso desenvolvimentista, então houve diversos estudos de órgãos, é... Órgãos avançados de agronomia para, em primeiro lugar: por que que essa terra plana facilmente agricultável, tendo água, tendo nascentes, tendo chuva, por que ela é hostil as plantas, que não sejam nativas? Você planta o feijão, ele nasce, logo morre; você planta tomate, morre... Um pouquinho assim, ele pode dar: arroz, porque arroz é um tipo de graminha, como dá capim, não é? Dá arroz, mas mal, e outras coisas não dá. O pessoal que morava lá no cerrado, eles viviam lá em primeiríssimo lugar de caça, tinha muita, de pesca e daquelas plantas que são de lá: buriti na época do buriti, pequi e muitas outras frutas que são nativas mesmo do cerrado. Então, durante a década de 70 foi sendo desenvolvido no Brasil um esforço muito grande, olha, porque um país não pode se dar ao luxo de pegar uma quarta parte dele e dizer “isso aqui não serve pra nada”. Uma terra plana, ótima pra ser...

VV: Cultivada...

IP: ... Cultivada, não tem pedra quase, é muito melhor que aqui no vale. No vale você planta, a planta dá etc, lá não, você planta por que? Então, foi uma coisa que... Um trabalho que começou no laboratório, fazendo a análise química, foi então onde viram que o alto teor de alumínio na composição do solo do cerrado faz com que ele fique muito ácido e agrida a raiz das plantas. As que são nativas, elas sofrem essa agressão também, mas elas já desenvolveram mecanismos pra sobreviver ali. Então, isso que lhe falei do capim, o cerrado nativo tinha muito capim, mas era assim, nessa condição o gado não pode ficar muito tempo, senão ele fica com toque e morre. Então, já se sabia: leva e depois traz. Então, me dê aí seu caderno, deixa eu escrever aqui uma sigla... Então, no final da década de 70... Posso escrever aqui?

VV: Pode!

IP: ... Houve um trabalho em Brasília cuja sigla era PADF, era Projeto... Olha, eu esqueci agora a sigla, eu não ‘tava’ esperando falar com você sobre isso, mas eu tenho a chave disso aqui...

VV: Acho que eu pesquisei algo sobre isso mesmo...

IP: PADF,

VV: É, tinha um projeto, foi um projeto...

IP: Então... Houve um projeto...

VV: Que realmente...

IP: Em Brasília...

VV: Modificou...

IP: E esse projeto convidou um professor universitário do Rio Grande do Sul, que se distinguia muito de universidade lá em curso de agronomia pra vir coordenar o trabalho em Brasília, porque Brasília, embora lá em Brasília o solo seja assim vermelho, mas é cerrado também, com essa mesma falta de condição de suportar o crescimento das plantas que não sejam aquelas nativas. Então, esse professor veio (eu ainda procurei, mas não achei o nome dele depois que eu falei com você, aí desisti, mas depois eu acho) ele convocou ex-alunos dele de agronomia (então escreva aí você pode até conhecer as pessoas: Antônio Guadagni, escreve Guada... G...).

VV: Ele é daqui, né?

IP: Não, ele é do Rio Grande do Sul.

VV: Mas não tem algum Antônio Guadagnin por aqui?

IP: Tem aqui, tem lá e lá em Luis Eduardo fez loteamentos. Então, Antônio Guadag e tem um G que pronuncia...

VV: Guadagnin, né?

IP: É... Guadagnin... Agrônomo, foi convidado pelo professor, foi professor...

VV: Foi ex-aluno dele...

IP: E Hilário Kappes

VV: Com H?

IP: Hilário com H, Kappes K, a letra K, A, dois P, E S...

VV: Também era agrônomo?!

IP: Então, quem me passou esses dados me deu todas essas explicações, foram eles dois, eu era amiga dos dois na época, da época que eles chegaram aqui, e aí eu pensei: "a gente tem que escrever logo essa história senão depois vai dar o maior trabalho. Quando tudo tiver acontecido, fica muito mais difícil" e então, eu os entrevistei, eles me explicaram isso do PADF...

VV: A senhora chegou a conhecer um pesquisador, um professor também do Rio de Janeiro chamado Rogério Haesbaert?

IP: Eu não sei...

VV: É porque ele fez ('tava' pesquisando), ele fez uma tese de doutorado em 95 em cima dessa questão dos sulistas no nordeste, publicou um livro inclusive, mas eu não acho de jeito nenhum esse trabalho dele...

IP: Olha, muita gente vem conversar comigo, é tanta gente que só se eu tivesse anotando os nomes... Porque eu não... O IBGE não é quem dá dado pra todo mundo? De repente chega uma equipe do IBGE aqui em casa, que eu tinha que explicar como é pra eles, que eles não 'tavam' entendendo como é que foi (e isso já tem muitos anos) que de repente que isso aí que era praticamente um deserto virou uma terra de agricultura tão pujante. Então, eu tenho... Depois eles me deram a declaração, fizeram o trabalho que vieram fazer graças a entrevista, eu tenho isso aí guardado. Bom, então lá nesse trabalho eles localizaram exatamente o problema: era a acidez produzida pelo alumínio, e aí vamos fazer a experiência com que se neutraliza essa acidez: calcário dolomítico moído foi uma das coisas que mais...

VV: Dolomítico?

IP: Dolomítico... Calcário dolomítico porque o calcário, por exemplo, São Desidério tem muito calcário, serras e serras de calcário, aqui não, as serras daqui são... as que você vê são de arenito, mas em São Desidério são calcário, tanto que lá tem grutas maravilhosas, porque o calcário, cê sabe que ele derrete, ele derrete com o ácido e então quando chove em cima das serras ficam lugares assim, que empoça água e tem folha, as folhas apodrecem, e aí forma a água ácida, e aí vai...

VV: Descendo...

IP: Derretendo... Depois forma aquelas estalactites, estalagmites, aquelas que eles chamados espeleotemas (eu tenho muitas fotos, maravilhosas). Bom, e então eles chegaram à conclusão que os melhores dentre tudo que foi experimentado, calcário dolomítico moído, pó de gesso. Onde tiver gesso, por exemplo, Araripina em Pernambuco, não muito longe daqui, é a terra do gesso, e então, se lá (lá não tem cerrado), se lá tivesse cerrado, seria uma maravilha, o pó de gesso. Onde tem mármore, no que cerra o mármore pra cortar, pra fazer as coisas, é igual a madeira, sai o pó, então, o pó de mármore é também porque é tudo da mesma origem...

VV: Da mesma família...

IP: ... Tudo é da mesma família. Então, o calcário dolomítico, pó de gesso, pó de mármore etc, e esses aí são os principais e então...

VV: Então, através desses elementos aqui faziam com que retirassem essa acidez do...

IP: Do solo.

VV: ... Do solo.

IP: Então, é assim: pega aquilo que é que temos aqui em abundância, o calcário dolomítico. O governador baiano João Durval (cê devia ser criança quando ele era governador da Bahia na década de 80, mas você lembra do nome dele...)

VV: Lembro.

IP: Ele foi um governador (pra mim um dos melhores), como havia a maior dificuldade, já 'tavam' aqui os sulistas na década de 80 e com aquela dificuldade pra neutralizar a acidez do cerrado, indo buscar em outros estados, frete muito caro... Que é que ele fez? Mandou estudar onde se poderia encontrar aquilo que precisa, pois o que precisa tem muito, é o calcário dolomítico. Ele instalou um moinho de calcário em São Desidério, 'cê' conhece?

VV: São Desidério, conheço...

IP: Não, lá o local que mói...

VV: Não, não.

IP: É praticamente dentro da cidade isso aí que foi errado, porque é uma coisa que faz criança ter problema, verme e tudo, fizeram praticamente dentro da cidade, quando devia fazer numa distância, mas na hora nem pensaram. Então...

VV: Então, o governador ele criou (repete, por favor), essa...

IP: O governador baiano João Durval, ele pra resolver o problema da dificuldade e o preço do frete de se ir buscar o calcário, que era sempre calcário que eles traziam em outros estados, ele instalou como uma empresa estatal, estadual, um moinho de calcário (eu sei lá se é moinho que diz, eu não sei, é um moedor, sei lá) uma moagem de calcário em São Desidério, é uma coisa, que você, na minha opinião, isso é tão importante que você devia ir lá fotografar, ver. Porque você vai ver lá...

VV: Ainda existe, né?

IP: Existe e você...

VV: Funciona não?

IP: Meu Deus, direto funcionando, e os caminhões enchendo as carrocerias. E então, isso facilitou muito...

VV: O desenvolvimento da...

IP: Da região.

VV: Da região, né?

IP: Porque eles começaram a chegar aqui justamente nesse período, depois que deu muito certo, o estado tá aí pra administrar outras coisas, não é pra produzir calcário. Então, botaram à venda, foi privatizada e dá certo...

VV: Hoje tá privatizado...

IP: Há muito tempo tá privatizada, desde quando a coisa funcionou, o estado da Bahia...

VV: Deixou de lado...

IP: Não. Privatizou.

VV: Pra poder...

IP: Porque pensa assim, tudo que o que o estado tem que fazer, ele não tem que tá produzindo calcário, ele tinha que fazer como fez

VV: Ele deu o ponta pé...

IP: O ponta pé inicial, criou a indústria e tudo mais lá em São Desidério. Você chegando em São Desidério, 'cê' pergunta onde é, que logo lhe mostram.

VV: Vou fazer esse registro dessas fotos.

IP: E você vai lá, você pode até fotografar, conversar. Olha, isso foi na década de 80, agora eu não 'tô' lembrando exata a data, mas eles devem ter... Foi antes de 86, foi logo no começo na década de 80. Bom, uma vez que chegaram nesse ponto desses, principalmente esse três, fizeram todos os testes, o carro que vai despejar, tem que despejar tanto por cento na terra, depois passar no subsolador pra incorporar na terra, aí deixa descansar seis meses, com seis meses você faz a análise da terra porque ela é muito fraca pra ver que tipo de fertilizante 'cê' tem que colocar ali. Inclusive, lá mesmo em Luís Eduardo existe fábrica de fertilizante. Como é o nome dela, meu Deus?

VV: Ahn, Galvani...

IP: Galvani... Por exemplo, uma coisa que precisa muito em Luís Eduardo: fosfato. Aqui na Bahia tem fábrica de fosfato, inclusive, nessa parte aqui nossa, da margem esquerda do São Francisco, só falta estrada direta, se tivesse estrada de Luís Eduardo pra lá... Meu Deus, seria um pulo! Como não tem, tem que fazer uma volta enorme. Chama Campo Alegre de Lourdes, o local. Então, essas... Vamos dizer assim, falta de um planejamento porque o governo precisava de aprender com a iniciativa privada o planejamento certo. Você pensa assim, os caminhões às vezes têm que passar por Barra pra fazer, quer dizer, vem de Luís Eduardo, vai, vai, vai pra depois voltar. Porque ele tá mais ou menos, Campo Alegre, é vizinho do Piauí, aqui nós somos vizinhos do Tocantins. Não é tão longe, se tivesse estrada pra lá, mas não tem.

VV: Já cortava, né?

IP: Já cortava. Então, o fosfato, eu sei que grande parte dele ou todo é adquirido em Campo Alegre de Lourdes, e o restante eles devem adquirir. Bom, então... Porque eu comecei aqui, porque se não fosse esses estudos, se não fosse toda essa prática, toda essa experimentação. Então, tanto Antônio Guadagnin, como o doutor Hilário Kappes, eles me explicaram tudo isso. Aí, então com a adição do corretivo, cuja base é calcário, porque gesso é calcário, mármore é calcário ou o próprio calcário dolomítico ou calcítico, não sei, tem muito calcítico, calcário calcítico. É o dolomítico. Aí então, depois faz a análise da terra, vê o que precisa adicionar conforme o que você vai plantar também, aí você põe o adubo ou põe o fertilizante, pronto, a terra que não servia pra nada passa a ser a terra melhor do mundo. Porque você vê, não tem muita pedra, parece o mar de tão plano. Todas as nascentes dos rios aqui do oeste estão lá.

VV: Engraçado que tudo que eu pesquisei falava dessa questão do solo da região, da fertilidade por conta dos rios, mas não fazia esse cruzamento com a questão do cerrado, né, com essa deficiência que nós temos, tínhamos do cerrado na década de 70, né... Interessante.

IP: Então, por exemplo, o pessoal do IBGE veio pra cá encarregado de dar um panorama para o IBGE entender (já tem muitos anos) como é que de repente onde não prestava...

VV: Começa...

IP: ... De repente dar...

VV: Dar um salto...

IP: Tirou a palavra da minha boca, dar um salto... Então, eu considero que houve uma coincidência muito feliz porque nós aqui éramos ilha. Você pra chegar aqui, a não ser que você viesse do Tocantins, mas fosse em direção ao mar, as capitais, você só chegava ou de avião, que nós tivemos desde a década de 40...

VV: É, eu peguei essa informação...

IP: O aeroporto...

VV: 48, 46...

IP: Não, foi inaugurado em 1941. Como base aérea...

VV: Que era o aeroporto internacional...

IP: ... Americana de guerra, 'tava' a guerra mundial os EUA, pediram ao Brasil dois aeroportos, esse que já estava sendo feito por uma companhia PanAm, que ela fazia... Olha, Santos Dumont inventou o avião no começo do século XX, em 1937 os aviões ainda eram pequenos, como eram pequenos o tanque de gasolina também

pequeno pra ter os voos internacionais dos EUA pra cá era de Miami. Saía de Miami já fica mais perto aqui pelo sul, pousava em duas ilhas do Caribe, porque esses aviões são tinha tanque que dava pra quatro horas, eles só tinham independência, autonomia de voo, que é como se chama, em quatro horas. Então, depois de pousar em duas ilhas do Caribe, eles saíam de Miami, com quatro horas pousava numa ilha, quatro horas pousava em outra e, quer dizer, pousar pra pegar combustível, aí pousava em Belém do Pará. Eles fizeram o cálculo, se de Belém do Pará houvesse no meio um aeroporto pra o avião reabastecer-se faria em oito horas e meia. Vinha de Belém quatro horas pousava e reabastecia, demorava ali alguma coisa, tornava levantar voo, quatro horas já 'tava' no Rio de Janeiro. Mas como não havia esse aeroporto pra abastecimento, eles tinham que fazer a curva lá a leste do Brasil, que é tão redondo assim (não é assim que vai, o Brasil não é assim que ele vai, aí faz assim e vem e vai ficando bem mais pra cá, não é assim?). Pra fazer a curva ia ser dois dias o avião de viagem, quer dizer, saía de Belém e ia pousando...

VV: Até completar essa...

IP: Até chegar no Rio de Janeiro, dois dias com, claro, duas noites no meio passadas em hotel, claro. Pense o preço dessa passagem e a demora dessa viagem, sendo por aqui pelo centro do Brasil...

VV: Eu tenho duas perguntas já, inclusive eu 'tô' curioso.

IP: Oito horas se fazia aí, e mais meia pra abastecer.

VV: Pra abastecer. Mas isso era por conta dos voos internacionais, saindo dos EUA...

IP: Sim, então...

VV: Mas os voos domésticos eles aconteciam normais...

IP: Esses existiam poucos, já tinha alguma coisa, mas era pouco.

VV: Então, a gente pode considerar que o aeroporto de Barreiras foi um dos primeiros do Brasil?

IP: Ele foi, não vou dizer um dos primeiros, mas foi... No interior foi um dos primeiros e já foi logo como aeroporto internacional. Então em 1937 chegou aqui uma comitiva representando a PanAmerican ou PanAm, porque essa PanAmerica como ela fazia voos para o Brasil, ela fundou aqui uma companhia local de sociedade com brasileiros a PanAir do Brasil. Essa PanAmerica veio aqui em Barreiras, já 'tava' com todas as licenças lá da presidência da república, de todos os órgãos do Itamaraty pra fazer um aeroporto aqui, porque Barreiras fica exatamente no meio da rota de Belém ao Rio de Janeiro, Barreiras tá no meio e, olha só, a margem do Rio Grande como porto, o Rio Grande sai daqui entra em Barra do São Francisco e vai até o último porto que é Juazeiro, não é isso? Em Juazeiro o trem de ferro pra Salvador. O combustível vinha dos EUA pra Salvador de navio, Salvador trem de ferro, até

Juazeiro, Juazeiro aqui pegava os navios a vapor, que você se é de Ibotirama, 'cê' conhece as fotos deles.

VV: Conheço, na época das escolas a gente visitava os vapores.

IP: Então, quando chegava, aqui descarregava do vapor, a gente tem foto disso tudo, enchia o caminhão, levava lá pra cima, os que iam, vinha em tonéis, tambores, que iam secando e eles botavam assim, tem foto também.

VV: Então não tinha estrada Barreiras a Salvador, né?

IP: Não, estrada Barreiras a Salvador é coisa, não é nem de ontem. é de hoje de manhã, foi feita a estrada Barreiras/Salvador no finalzinho da década de 60 e parou...

VV: Depois de Getúlio Vargas, não, é depois de JK, depois de Brasília, né, que já veio...

IP: Não. Brasília é outro departamento. Salvador foi feita de Itaberaba já tinha pra Ibotirama no final da década de 60 e em Ibotirama atravessava o rio de balsa e foi feita só aberta, só abriu, quer dizer, desmoro...

VV: Desmatou ali...

IP: ... Desmatou e acertou um pouquinho, mas não teve ainda terraplanagem, nem nada, só abriu no governo de Luiz Viana Filho, aí vem o Antônio Carlos, a primeira coisa que ele fez foi parar a estrada. Então, nós tivemos então no finalzinho na década de 60 a estrada aberta pra Salvador, sendo daqui até a margem do rio lá em Muquém do São Francisco, que é frente de Ibotirama muitos anos, foram quase uns dez anos sem nada... A estrada, olha aqui o quê que era a estrada, claro que eu botei aqui nesse livro sobre o 4º BEC, nos momentos piores que eu mesma passei porque tinha que ir a Salvador. Isso aqui tá sem os grampos porque toda hora tem que tirar xerox tem alguém fazendo... Olha aqui abrindo a estrada, serra do Muquém.

VV: 79...

IP: Explodindo porque tem muita serra ali. 'Cê' já foi a Salvador de ônibus, num já?

VV: Já, sempre ia/vou de ônibus.

IP: Olha aqui ela sendo aberta, olha isso aqui quando o São Francisco enchia – a estrada aqui – água de um lado, água do outro...

VV: Eu peguei uma enchente em Ibotirama quando eu morava lá.

IP: ... De repente cortava, aí ia um ônibus de cá, amarrava uma corda de cá, outra de cá, e as pessoas iam segurando nessa corda se molhando pra pegar o ônibus. Não, 'cê' tá vendo isso daqui...

VV: É bem...

IP: ... Era isso que era a estrada antes de ser feita porque só fez cortar o mato, derrubar as árvores e acabou o governo de Luiz Viana. Aí chegava em Ibotirama a gente tinha que tomar a balsa até ser feita a ponte.

VV: Ah é, tem a ponte.

IP: Não, primeiro foi feito esse trecho da estrada, depois foi feita a ponte. A ponte, o 4º BEC só fiscalizou, porque o 4º BEC não tinha tecnologia pra fazer estrada. Então, agora vamos entrar aqui nesse departamento aqui. Eu considero pra nossa região, que houve duas grandes coincidências. Uma, o governo federal ter trazido o 4º BEC, transferido de Crateus no Ceará para Barreiras em 1972 pra fazer as estradas. Então, primeiro o 4º BEC foi fazer daqui a Brasília...

VV: 60 e...?

IP: 72... 1972. Porque no tempo de Juscelino Kubistchek, porque o Juscelino queria era integrar o Brasil, ele não poderia fazer Brasília e ficar lá.

VV: Isolada.

IP: Desolada, fez estrada pra todo canto, inclusive a daqui. 'Cê' já foi a Brasília, claro, né? A gente, não passa assim perto de Formosa do Góias?

VV: Sim.

IP: Então, eu acho que é uma de Brasília mais ou menos, não é muito longe é pertíssimo de Brasília.

VV: É perto.

IP: Então, 'tava' aberto e com asfalto até Formosa. Juscelino deixou feito, e aquele que ele deixou DENOCS, transferiu pra cá DENOCS, escreva aí D, E tudo com maiúscula, chama sigla Departamento Nacional Obras Contra as Secas, que também constrói, pelo menos naquele tempo, quando tinha seca muito grande, eles iam fazer coisa pra poder dar emprego aos homens, pra poder ganhar um pouquinho, e era o que chamavam frentes de trabalho. Então, quando Juscelino 'tava' construindo Brasília, foi transferido praqui pra Barreiras o DENOCS, pra abrir a estrada, a gente diz de Brasília, mas era de Formosa. Na verdade, até Formosa... Olha ela aqui, 'tava' construída à Fortaleza (Fortaleza x Brasília) pegando as... porque aqui em Barreiras é onde fica o leque, onde abre o leque, vem de Brasília pra o Nordeste é aqui, mais ou menos por ali na rodoviária, um pouquinho assim depois da rodoviária que já segue aqui vai pra o Piauí...

VV: Riachão, aquela estrada pra Riachão.

IP: ... É, e Maranhão também, até Maranhão. Então 'tá' aqui... Olha aqui, tá de cabeça pra baixo eu já enxergo pouco.

VV: *** tá aqui, Formosa...

IP: Formosa, então daqui já 'tava' prontinha tá vendo? E então de Formosa vindo... (aqui existem as retas maiores do mundo porque justamente passa pelo cerrado que é super reto e não tinha nada ali)

VV: Posso tirar uma foto desse?

IP: Pode. Isso aqui eu perdi o original, foi a primeira parte inaugurada até Posse. De barreiras até Posse ('perai' deixa eu puxar bem) e aqui tem o convite do Comandante teve a inauguração.

VV: Deixa eu tirar aqui só.

IP: Olha aqui ó, ela sai daqui de Barreiras, ó um galho aqui vai pra Teresina, o outro galho vai pra Fortaleza e vai se subdividindo...

VV: Uhum, 'perai', professora, deixa eu só...

IP: ... As regras pra empréstimos de agricultura, que uma regra básica era essa a de gerentes "não se empresta dinheiro para plantar, o cerrado é uma terra infértil, é uma terra que não serve pra nada".

VV: Hm, essa orientação era do Banco Central para os bancos...

IP: Era regra do Banco Central para os bancos...

VV:; Aí os sulistas chegaram ***.

IP: Então lá vem outra coincidência, quando terminaram, vou falar personalizando em Antonio Guadagnin e Hilário Kappes que foi com eles que eu mais conversei...

VV: Eles eram gaúchos?

IP: Todos os dois.

VV: Todos os dois, né? Deixa eu só colocar aqui... É porque depois eu tenho uma pergunta.

IP: Eram não, são. Pode fazer...

VV: Eles estão vivos, né?

IP: 'Tão' aí vivos...

VV: Minha pergunta eu vou até antecipar, eu tinha anotado aqui pro final, mas então, tipo assim, pra esse meu trabalho, eu já saio agora com a sensação que os gaúchos, eles foram a peça chave de todo o desenvolvimento de toda região.

IP: Ah, mas é claro!

VV: Justamente desde partindo do início que a senhora comenta aqui do professor que foi coordenador lá das pesquisas que era gaúcho.

IP: Isso aí foi uma coincidência, né, nesse do PADF, mas tem outras pesquisas terão sido outros, né, porque esse professor foi lá e teve que criar a técnica de se neutralizar o cerrado estudado em laboratório e tudo mais, e as experimentações. Então...

VV: Que era uma coincidência também...

IP: Lá vem outra coincidência também, a terceira, estava sendo feita a hidrelétrica que é lá em Foz do Iguaçu. Como é o nome? Ai, meu Deus do céu, eu esqueci o nome agora...

VV: Itaipu, não?

IP: Itaipu! Itaipu binacional e logicamente um rio volumoso, na hora que barra a quantidade de terra que ele vai alagar, é enorme. Então, muitíssima gente, pequenos produtores iam ter suas terras indenizadas e as terras lá valem muito, porque o Rio Grande do Sul é pequenininho lá... Aliás, a Itaipu é até no Paraná e esses estados são pequenos Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul são estados bem pequenos. 'Cê' vê aqui as imensidões, 'cê' olha o mapa do Brasil como é, vai ficando... Então, é pequeno, as famílias naquele tempo eram grandes, e lá não tinha mais pra onde crescer, a pessoa tinha uma terra ela queria ampliar, não tinha como comprar etc. E ainda houve o fechamento da barragem de Itaipu neste período.

VV: No período de quanto? 60...

IP: Na década de 70, final da década de 70. Então, Antônio Guadagnin e Hilário Kappes foram chamados pelo ex-professor dele pra tomar parte no trabalho do PADF, e eles aprenderam toda técnica ali, no final diz que os locais que houve as práticas 'tava' verdadeiros jardins. Então, todo mundo, todos os agrônomos que tomaram parte daquilo só tinham um pensamento: comprar cerrado. Foram pra Minas, eles 'tavam' lá em Brasília que é em Goiás, quiseram comprar em Goiás, no estado de Goiás mesmo, que Brasília fica dentro do estado de Goiás, já 'tava' muito cara. Andaram por Minas acharam muito caro, aí alguém disse a eles "o pai da Jusmari", Constantino Oliveira era amigo deles e os convidou pra eles virem porque disseram a ele que aqui na Bahia tinha um cerrado completamente virgem, que não tinha ninguém nunca feito nada. Aí, vieram os três quando eles passaram... Olha, então você tá vendo como tudo fechou, eles saíram de Brasília e, talvez, não foi imediato porque eles começaram a vir pra cá no fim da década de 70, já 'tava' muita coisa construída, e vieram e tiveram assim aquela experiência de ver aí a imensidão do cerrado. O que é que eles fizeram? Os três eram de famílias grandes no Rio Grande do Sul, voltaram lá, Antônio Guadagnin trouxe o pai, a mãe, irmã, cachorro, periquito, papagaio; o Hilário Kappes também trouxe a família dele, o irmão dele, Lourenço Kappes, que Lourenço mora lá em Luís Eduardo, né.

VV: Eu vou até pesquisar. Eu conheço um pessoal Kappes.

IP: Aqui também tem.

VV: Aqui tem, não sei se são parentes, devem ser, né.

IP: 'Cê' sabe onde é que é... A esposa de Hilário Kappes, ela é dentista. Então 'cê' sabe ali onde era o Supermercado Castro, que fechou e depois foi... Como é?

VV: Safra, Costa Azul...

IP: Costa Azul, naquela rua atrás, ali...

VV: Doutora Elza.

IP: Doutora Elza!

VV: Ela era minha dentista...

IP: Hoje já 'tá' todos os filhos formados, a quantidade de gente Kappes formado hoje aqui em Barreiras é enorme. Chegaram aqui, os filhos todo mundo era pequeno, então...

VV: Eu conheço o Evandro, que ele é advogado, Evandro Kappes. Ele é bem novinho assim... Deve ser parentes deles, né?

IP: Então deve ser um dos filhos. Eu conheço os dois Hilário e Lourenço, pode ter vindo mais, por exemplo, do Guadagnin veio uma irmã dele, Esmeralda, que já era também agrônoma, veio o pai, veio a mãe, vieram muitos irmãos. E aí, eles vieram para comprar a terra do cerrado.

VV: Isso no final da década de 70...

IP: O primeiro que comprou a primeira terra (eu escrevi isso, agora depende de achar, tenho escrito isso), era irmão do Constantino... Ele conseguiu comprar uma fazenda com o nome de André Kissé em São Desidério, ele passou a escritura antes de terminar 79. Foi a primeira pessoa que passou a escritura de cerrado. Olha, eu não vou entrar no negócio da legitimidade das escrituras, porque a falta de vergonha na cara começou do nosso governo. Porque na hora que esse povo começou a chegar aí a notícia correu lá, que aqui tinha terra baratíssima, tinha que corrigir.

VV: Pelo que eu pesquisei é isso mesmo.

IP: Tinha que corrigir, não era só abrir o buraco e botar, mas tinha empréstimo. Bom, aí o pessoal chegava "e como é que faz, como é que faz?"

VV: Então, era como se fosse uma espécie de subsídio que o governo dava...

IP: Que governo dava!

VV: Mas as terras eles compravam...

IP: Eu vou lhe dizer como era, as terras não eram de ninguém. Tudo isso aí, o que é que o governo baiano tinha que ter feito? Tinha que ter mandado pra cá um instituto de terras, pra fazer a medição e vender pra quem quisesse. O governo da Bahia simplesmente se omitiu.

VV: E eles foram...

IP: E aí, alguém teve a ideia de comprar, porque não sei Ibotirama, mas aqui tem aquelas fazendas muito antigas, que são fazendas mesmo de raiz e que são terras primitivas que elas não são medidas, nas escrituras não falam em quilometro, nem localização. É parte de terra valendo tanto, só o valor. Então, eles iam procurar quem tinha essas terras, aqui na região todinha, todos os municípios. A pessoa tinha herdado 10 mil réis, nos inventários o que a pessoa herdava era mil réis, vamos dizer que o pai tinha 10 mil réis de terra e tinha 10 filhos, vamos dizer que a mulher também já tivesse morrido. Cada filho herdaria o que... um mil réis de terra se a terra fosse pequena, né, mas se fosse grande, era mais do que isso do que 10 mil réis. Então, ele ia, por exemplo, numa pessoa que tinha 10 mil réis de terra, “olha, eu quero lhe comprar um mil réis de terra”. Aí, tinha uma quantidade de nomes de fazendas antigas, fazenda Piedade (eu tenho aí relacionado muita coisa). Então, o cartório passava a escritura um mil réis de terra na fazenda Piedade. Você já viu terra mudar de município? Pois, essas daqui mudavam (risos). A pessoa comprava uma fazenda, vamos dizer que era lá em Baianópolis e ia passar lá no cerrado, aqui em Barreiras pelo menos quem comprasse aqui, aqui tinha cerrado, que é hoje Luís Eduardo e o pouquinho que sobrou pra nós, Riachão também tem cerrado e as outras têm. Mas, por exemplo, Baianópolis não tem. Tem o cerrado lá dentro mesmo, mas esse era pequeno e foi logo vendido. Então, o nosso governo foi conivente com isso, passava no cartório, registrava no INCRA, e o que é que fazia com aquelas pessoas que moravam ali em cima, porque tinha muita gente que morava, não era muita, mas tinha alguns povoados, tinha pessoas, muita gente foi morta, muita gente foi...

VV: Eu li que teve muito conflito.

IP: ... Expulsa de sua terra, conflitos assinado embaixo, queridos, procurados e desejados pelo nosso governo, esse governo é nosso, foi no reinado de Antônio Carlos Magalhães. Então, eu não vou entrar nisso aí, não.

VV: A questão política...

IP: Não, aí não é questão política, aí é questão de justiça, justiça porque essa coisa de cartório precisa da justiça. Aí então, eles, eu só vou dizer assim que começaram a comprar terra, e a primeira terra que compraram, eu tenho isso anotado, mas não achei, assim muito rápido eu não achei, não. Mas depois eu posso procurar. Mas anotado publicado em jornal porque eu nunca fui rica, nunca tive dinheiro pra publicar nada. Então, eu comecei publicando a história de Barreiras em jornal, fazendo um jornal chamado, “História de Barreiras, essas coisas todas eu publiquei

em jornal, depois é que eu passei a publicar em formato de livro. Olha aqui como é que é minhas publicações...

VV: Patrocinado.

IP: Patrocinado! Porque a maioria do nosso povinho aqui não tem interesse em comprar livro, eles querem é ganhar.

VV: É!

IP: Então, quando eu compro um livro, quando eu faço um livro, quando eu entro na gráfica, eu já tenho o dinheiro da tiragem. A pessoa, o empresário me dá... Olha aqui, a FASB comprou muita coisa minha, a FASB daqui de Barreiras, Lins também, SEBRAE. Então, eu fazia assim, eles iam pagar em duas prestações, a metade no ato de assinar o contrato e a outra metade quando eu fosse entregar os livros, porque eu oferecia a eles um pacote de livros pra dar de brinde a fornecedores, bons clientes etc, era assim que eu fazia. Então quando eu dava, quando eu entregava aqui, já 'tava' pago, então, como eu acertava com a gráfica "eu lhe pago metade agora e quando você me entregar os livros, logo depois, eu venho pagar o restante", foi assim que conseguir fazer, que eu consegui fazer todos os livros que eu fiz.

VV: Eu tenho da senhora uma agenda, que a senhora fez uma vez de Barreiras.

IP: Fiz duas...

VV: Tem essa agenda que conta a história de Barreiras e tem as páginas, eu tenho até hoje guardada essa agenda.

IP: Por que, que fiz em formato de agenda?

VV: Acho que foi em 96...

IP: 95.

VV: É, uma coisa assim...

IP: 95 pra 96. Por que que eu fiz em formato de agenda? Porque os comerciantes me diziam "Ah, mulher! Por que que você não faz um formato de agenda?", aí eu falei "É? Então vamos a ela", eu economizava...

VV: É. Tinha os espaços das histórias...

IP: E tinha agenda, ninguém pode dizer que não é agenda porque é. Então, fiz duas vezes, fiz em 95 e fiz em 99 pra ser 2.000, a de 2.000 chama "Oeste Baiano 2.000", é essa que você tem?

VV: Não, eu tenho a de 95.

IP: Pois é, então aquilo ali, a de 95 então, quase me mata pra arranjar o dinheiro porque eu quis fazer com capa colorida...

VV: É plastificada.

-

IP: ... Plastificada e tudo mais. Então... Bom, então retornando aqui, retornando a segunda coincidência, está como gerente do Banco do Brasil, um nordestino chamado Pedro Guedes, que foi que Pedro Guedes fez, desobedeceu a norma do Banco Central e fez os primeiros empréstimos para os sulistas porque uma terra que você tem que começar por desmatar, depois você tem que calcarear e não tinha ainda aqui, foi depois de inaugurado, tinha que buscar o calcário em outros estados, depois fazer análise de terra, depois comprar o fertilizante. Hoje, o fertilizante deve ser mais barato uma vez que é feito em Luís Eduardo, né. É misturado lá a receita do bolo do fertilizante, lá deve ser mais barato do que você comprar, não sei, eu não mexo com isso, eu mexo é com isso aqui, é com a história. Então, o Pedro Guedes deu o maior apoio, inclusive, de repente alguém teve uma ideia pra o banco dar, mesmo com aquelas escrituras fajutas. A pessoa tinha que fazer conversão de limites com os vizinhos. Então...

VV: Já era suficiente...

IP: Já era suficiente, o INCRA aceitava, o banco aceitava, dava os empréstimos. Agora, era preciso retirar o quanto antes aquela proibição do Banco Central. Anote aí os nomes, quem se empenhou nisso... O deputado baiano natural de Vitória da Conquista pelo menos uma das bases era lá e aqui também, Prisco Viana, lutou muito pra convencer os políticos, pra eles convencerem o Banco Central a retirar essas normas, porque já havia tecnologia de ponta pra se fertilizar a terra do cerrado. E outro político, o senador Nilo Coelho, não é o Nilo Coelho que substituiu o Valdir Pires no governo da Bahia não, esse eu acho que é neto ou é sobrinho dele. É o senador por Pernambuco Nilo Coelho, logo depois dele morrer, talvez foi uma das últimas lutas dele. Esses dois foram os que mais se empenharam, pode ter tido outros... Eles iam lá e eles... O prefeito de Barreiras também deu muito apoio, e basicamente o Pedro Guedes, que entendeu que você pode desobedecer quando você vai sair vitorioso, e começou a dar. Ele disse, foi olhar as regras pra altos empréstimos rurais, tem que ter o projeto de um agrônomo, ele até aconselhou que eles tinham que ter uma casa de projetos. Aí, o Antônio Guadagnin fundou ALEMPLAN, era a sigla ALEMPLAN, porque nesse tempo ainda nos xingavam de "Além São Francisco", depois é que passou a ser Oeste.

VV: Então, antes era Além...

IP: Além do São Francisco. ALEMPLAN, ele fundou, quer dizer planejamento no Além São Francisco, 'sei lá' e a sigla era ALEMPLAN, foi ali naquela rua...

VV: ALEMPLAN, PLAN de planejamento, né?

IP: É, PLAN com 'N'. Foi ali, ela funcionou ali naquela rua que já vai dar na ponte da BR-242, a ponte que você atravessa. Ali não tem uma rua que tem uma padaria?

VV: Tem.

IP: Era ali naquele quarteirão da padaria que funcionou a ALEMPLAN, então o Pedro Guedes disse “você vem me trazendo o planejamento certinho como manda o figurino ou vamos experimentar”. Teve uma pessoa também, que ele quis levar o Pedro Guedes lá em Brasília pra ver o PADF, eu tenho isso escrito em jornal, foi ele que – esqueci o nome dele – mas se eu achar esse bendito jornal, essas coisas todas eu fiz ainda em jornal, não fiz em...

VV: Se eu pudesse depois ter acesso, só pra tirar foto pra colocar no caderno.

IP: Pois é, eu não achei hoje, mas ele tá aí, eu espero achar, eu espero que eu ache. Então, tem todas essas coisas. Então, com o apoio de Pedro Guedes, ali aquela casa de projetos que fica perto das Lojas Americanas...

VV: A Plasteca?

IP: Plasteca foi aberta também depois da ALEMPLAN, até hoje está aí.

VV: Bem antiga, né?

IP: Bom, o irmão do 'Seu' Constantino, pai da Jusmari, o irmão dele foi o primeiro que escriturou a terra, a fazenda André Kissé...

VV: Então aqui... Fazenda...

IP: André Kissé, em São Desidério... Ainda em 1979, eles vieram pra cá procurar o cerrado em 1979, e o irmão dele conseguiu escriturar em 1979, e os outros a partir de 1980. Então houve muita gente que foi lá no Rio Grande do Sul...

VV: E como foi que ele, o pai de Jusmari, chegou até aqui?

IP: Então, ele era amigo...

VV: Daquele pessoal, dos três de lá...

IP: ... Dos dois, Antônio Guadagnin e Hilário Kappes e soube que eles dois 'tavam' procurando cerrado, mas todo lugar era muito caro, aí ele disse “olha, eu soube que tem cerrado ainda sem abrir nada na Bahia, vamos lá?”; “vamos”; “tem estrada?”; “tem”.

VV: É que no meu trabalho tem um capítulo que eu vou falar sobre essa questão de rede de parentescos, ou seja, como uns gaúchos vai puxando o outro até a família toda até chegar toda.

IP: Vem a família toda até os pais, até os pais velhos vieram...

VV: É, eu vou falar sobre isso.

IP: ... Seria bom você conversar com Dr. Hilário, com Dr. Lourenço...

VV: É, eu vou procurar esses dois.

IP: ... Com Guadagnin, Antônio Guadagnin e ele tem firma aqui, e ele tem loteamento em Luis Eduardo.

VV: Capaz de eu conseguir falar com ele.

IP: Com eles. Porque você vai falar com pessoas que sabem das coisas, porque viveram. Eu sei um pouquinho porque eles me transmitiram, e eles viveram. Então logo no começo que eles começaram a plantar, na hora que eles abriam as terras, as calcareava, botava o fertilizante, eles plantavam primeiro arroz, naquele tempo chovia muito. Foi iniciado com arroz, depois passava a plantar soja... Olha, deixa eu ver aqui, parece que 'tava' bem aqui...

IP: Fazendo suas fazendas e moravam lá. Eu 'tô' procurando aqui o nome do primeiro habitante, que foi colocado pra tomar conta do porto pelo José Joaquim de... Mas esse nome tem na biblioteca dos municípios, eu tenho ele em todo canto, aqui não devia ter esquecido. Sempre eu falo, mas ele não é o mais importante agora, nesse momento. Então, as pessoas chegando no porto ***, fazendo fazendas e ficava aqui um representante do dono da fazenda Malhada. E aí, foram fazendo umas primeiras casinhas. Pessoas muito pobres que ficava junto com ele carregava as barcas na hora que chegava, carregava as barcas, ia dar recado aos fazendeiros que a barca chegou, essas coisas. Então, aquele crescimento lento que agropecuária ela traz, lento. De repente, bum! Foi igual o cerrado aí, estoura, que só pode fazer...

VV: Plantar...

IP: Que plantar! Plantar eles 'tavam' plantando e, é um crescimento vagaroso, que pode produzir borracha do leite da mangabeira, foram todas derrubadas pra plantação de soja. Se esse país tivesse um pouco de juízo dentro da cabeça não deixava derrubar, porque elas são mais ou menos concentradas e, é uma riqueza enorme a borracha natural. Porque hoje, a borracha que se usa que é a borracha feita do petróleo é muito inferior, acaba muito mais ligeiro.

VV: Diferente da mangabeira, né?

IP: De qualquer natural. Tem a mangabeira, tem a seringueira, tem a maniçoba. A maniçoba não era daqui, acho que era de Barra e tem outras, mas as principais são essas.

VV: Então, a gente pode dizer que o nosso processo de industrialização, digamos assim, partiu dessa...

IP: Não. Aqui não se industrializava...

VV: Mas esse processo da economia...

IP: ... A mangabeira, você pega e corta e, mete aqui uma tijelinha uma coisa pra aparar o látex. Você sai cortando de manhã, no fim do dia você sai com uma vasilha grande pegando todas as tijelinhas e botando junto. Aí depois, você bota numa panela grande, numa coisa grande com forro e vai mexendo como com um pau, aí ela vai coagulando em torno do pau. Quando coagulou tudinho que tem ali naquela panela, você espera esfriar um pouquinho, pega um pedaço de pano um tecido. Bota aquilo ali pra não encher de terra, espera esfriar. Aí, os homens, os mais pesados vão pisar ali pra expelir a água, o mais possível. Aí de uma bola, ela vai se tornando assim, como uma língua desse tamanho assim, vermelha. Vai pisando e ela vai assim...

VV: Tipo, elastecendo.

IP: Encompridando, elastecendo. Aí botava nas tropas de burros nas bruacas... 'Cê' sabe o que é bruaca, aquelas malas de couro cru que eles faziam para transportar coisa. Vinha do cerrado em bruacas, em burros, chegava aqui ia nas barcas pra Juazeiro. Juazeiro trem de ferro pra Salvador e de lá pra o mundo que tá precisando de borracha. E era a coisa que tinha mais valor.

VV: No século XIX, né?

IP: Século XIX começando de 1870. Por que, que eu estou falando isto pra você? Porque dessas pessoas que iam pra o cerrado produzir a borracha muitas pessoas, muitas famílias ficaram lá. E não era intensamente habitado, mas ele tinha habitantes. Então, essas pessoas 'é', as que foram mortas, 'é' as que foram expulsas, não era quem ia chegando depois. Chega depois que eles já 'tavam' precisando de empregado foram chegando gente. Era as nativas de lá. Então por que, que o cerrado era habitado? Porque, no século XIX, ele foi quem criou Barreiras. Porque era assim, aqui em Barreiras era só Plácido Barbosa, o nome do que foi colocado pra tomar conta do porto. E diz que, mais umas casinhas de adobe ali de pessoas pobres que ficava ali no trabalho pesado de ajudar descarregar as barcas. E as pessoas todas produzindo: rapadura, plantando feijão, plantando mandioca produzindo farinha e tapioca, criando gado, secando a carne pra exportar a carne seca. Tudo isso seguia nas barcas pra Juazeiro. E de repente, pam!

VV: Vem a...

IP: Alguém deve ter experimentado se dava uma borracha boa, né, deve ter tido, mas ninguém escreveu uma palavra. O ano passado um rapaz, ele é até do Banco do Brasil, Leonardo. Ele fazendo aí a UFOB, ele quis fazer o TCC dele sobre a borracha. E eu, tenho muita coisa guardada da borracha muita coisa mesmo. Então, ele fez e eu fui emprestando, ele tirando xerox e foi transcrevendo, e fez. Tá até muito interessante, mas ele me prometeu uma cópia e não me deu. Mas eu tenho as coisas que serviram de base pra ele. Então, tá provado aqui pra você, porque que havia habitantes no cerrado. Dos que foram, alguns permaneceram, gostaram era uma vida tranquila. O buriti dá uma palha que servia pra fazer chapéu, fazer cesta,

fazer esteira. Eles lá tinha o alimento, mas pra comprar o café qualquer coisa a mais, a roupa... Eles vinham pra feira daqui e das outras cidades que tem por aí, cada um na sua cidade pra vender a cesta, pra vender o bocapio... 'Cê' sabe o que é bocapio, não sabe?

VV: Só ouvi falar, só ouço falar...

IP: É uma bolsa feita, trançada de buriti com uma... É como se fosse, essas das lojas que você vai comprar uma coisa põe ali dentro. Como é o nome daquilo!? Até esqueci. Das lojas hoje, tem aquelas sacolas, o bocapio é feito de palha de buriti com as duas alças de um lado e do outro, todo mundo usava muito naquele tempo. A esteira, cesta grande assim, eles traziam isso tudo pra vender na feira e voltavam pra lá. Então, foram essas pessoas que foram mortas, foram expulsas. 'Cê' procurar fazer, olha, eu vou te falar uma coisa porque se você for entrar nisso aí, você vai ficar só nisso. Porque o negócio é, foi muita gente morta.

VV: Pesado!

IP: Inclusive um já tinha tomado conta de um pedaço, o outro ia dava tiro matava todo mundo na casa.

VV: Tanto é que minha professora me orientou, tipo assim, pra falar desse assunto da violência no doutorado, se eu quiser chegar fazer o doutorado nessa mesma linha. Ela falou que hoje, por exemplo, Luis Eduardo é uma das cidades mais violentas do Brasil que encabeça aquele ranking. E pelo que eu já andei pesquisando, que eu até falei com minha professora é respaldo dessa questão da civilização e dos sulistas, teria esse aspecto de guerra, da semana farroupilha.

IP: Eu não acho nem que seja o sulista, eu acho que seja a falta de responsabilidade do governo da Bahia que permitiu, porque...

VV: O capitalismo mesmo...

IP: Que capitalismo!

VV: O processo tipo de...

IP: 'Peraí!' Na Rússia no tempo em que era União Soviética, eles tinham que fazer as coisas, não tinha que ter capital!? Esquece negócio de capitalismo, não é questão de capitalismo. É questão mesmo de não dar importância pra nós aqui, até o nome nosso aqui era Além São Francisco. Eles dão importância pra Ibotirama?

VV: Até hoje não. Nessa região eles só querem o PIB daqui, por isso que não tem interesse na criação do estado do São Francisco, né? A Bahia, o povo de lá...

IP: Nós temos um negócio aí, nós paramos porque no Pará, quiseram dividir e aí, o estado do Pará que não queria ser dividido. O governo pediu uma interpretação da constituição que disse que o plebiscito será feito na região interessada. Aí não sei se foi o supremo tribunal, disse que o interessado é o estado inteiro, até o Brasil inteiro.

Então, pronto, nunca mais vai se fazer um estado no Brasil, não vai mais. Porque se for o estado inteiro por lei tem que ser bem menor do que...

VV: Do que o total ***...

IP: O total. Aí nós paramos. Enquanto tiver essa lei nós 'tamos' parados...

VV: Verdade. Dona Ignez, eu não quero nem ocupar muito o tempo da senhora.

IP: Então tá aqui, você pode levar, você pode ler. Então, você tá vendo que a sua professora tá lhe dizendo o mesmo que eu. Porque, rapaz, isso foi terrível foi uma coisa tão terrível, tão terrível, tão terrível. A gente saber o que que 'tava' acontecendo, que as pessoas 'tavam' sendo mortas. Tem uma aqui que eu conheço, até tenho um bom relacionamento com ele, que consta que só esse parece que matou 56 pessoas.

VV: Fazendeiro!?

IP: Um sulista. Todos eles. Agora, eu não sei até que ponto esse Guadagnin, esse Hilário Kappes fizeram isso também, eu não sei. Não 'é' eles, nenhum dos dois.

VV: Pelo que eu pesquisei também, quando eles criaram um galpão lá pra fazer associação em Luis Eduardo...

IP: Fizeram COOPERGEL...

VV: É, e depois fizeram uma outra.

IP: Não. A primeira associação de agricultores chamava COOPERGEL.

VV: COOPERGEL, é...

IP: Era dos Gerais. É Cooperativa dos Gerais Ltda.

VV: Tinha até um clube, né? Eu me lembro quando eu cheguei em Barreiras, tinha alguma coisa assim COOPERGEL, que era um nome bem...

IP: Depois acabou.

VV: É, e depois teve uma coisa que eu sei que teve um incêndio, tiveram dois incêndios nesse galpão.

IP: Criminosos...

VV: Que foram criminosos pelo que pesquisei que, aí já diz que, realmente havia esse embate naquela época.

IP: Oh meu Deus! Agora, um embate que na hora que o sulista botou o pé aqui, o nosso já tinha perdido, que eram pessoinhas da roça, ignorantes, fracas até de saúde e tudo. Eles 'tavam' prontos pra enfrentar gente... Você tá vendo que eu fiz ênfase pra você no negócio dos empréstimos. O Pedro Guedes perdeu até a

gerência do Banco do Brasil, por causa disso. Mas muita gente diz que se não tivesse achado Pedro Guedes aqui pra dar apoio a eles, eles teriam ido embora porque ninguém tinha condição.

VV: Não teria se desenvolvido, né?

IP: Não. Como o tempo muita gente acha que só iria se desenvolver, como desenvolveu, não a partir de 1980, a partir de 90. Quando tinha outros lugares já tivesse dado certo o cerrado, aqui foi um dos locais pioneiros de plantar no cerrado, foi pioneiro.

VV: É, eu vi até que teve esse estudo da EMBRAPA que determinou a área da região, a fronteira, a nova fronteira agrícola do MATOPIBA, já fazendo essas...

IP: Mas, quer dizer, deve ter. Esses dois foram do PADF, era Programa... Não me lembro, não. Tá escrito aí, eles me deram o nome, mas não 'tô' lembrando. Então, eu 'tô' lhe dando esse aqui, porque você pode ler aqui a história de Barreiras e tá aqui quando Barreiras começou. E começou como? Através da mangabeira. Existia, principalmente lá...v

VV: Naquela região do cerrado...

IP:... Ela existia na região toda, mas onde ela era em número maior aqueles mangabais era lá no cerrado.

VV: E essa transição, quando eles tipo, da mangabeira pra soja!?

IP: Não, não houve essa transição porque acontece que nossos governantes são muito irresponsáveis, nunca deram...

VV: A devida importância.

IP: ... A devida importância. E quando começou a se fazer a borracha sintética, eles aderiram tranquilamente a borracha sintética e abandonaram a borracha natural, hoje se faz pouca.

VV: E aí, começaram a plantar soja... E aí, foram...

IP: Não, 'perai'. Quando os sulistas chegaram aqui em 1980, já não se fazia borracha desde 1960. Existe a lei da oferta e da procura, você produz borracha se tiver gente pra comprar, mas aí a borracha sintética é muito mais barata do que a borracha natural. Embora, seja a borracha sintética muito inferior a borracha natural. Mas na hora que entrou a borracha sintética acabou a borracha natural, ainda se faz muito pouco, muito pouco mesmo. Então, quando os sulistas chegaram aqui não tinha mais produção de borracha nenhuma e o que tinha eram aquelas famílias, que foram pra lá na época da borracha. Tinha uns lugares, tem uma Roda Velha, tem duas Rodas Velha. Tem uma que é de gente dali mesmo e tem outros lugares assim onde tem pequenos ajuntamentos e tinha pessoas que moravam a uma casa, duas casas. Não se sabe ao todo quantas pessoas foram mortas, quantas pessoas eles

expulsaram, tocaram fogo na casa, foi assim, um horror. As pessoas chegavam expulsas aqui em Barreiras e apelavam para o governo do estado e, o governo do estado não fazia nada.

VV: É, o governo foi...

IP: Conivente!

VV: Conivente.

IP: Conivente. O governo do estado foi conivente e agora, tá querendo perturbar muitos agricultores exigindo documentos corretos, quando ele – governo – que é quem tem que dar o documento, quer que espere, né, o cartório. O cartório não é um órgão estadual?

VV: Hmmm, e eles não...

IP: A pessoa vendeu tudo que tinha lá pra vir pra cá. Chega aqui não pode... Ele vai cerca o mundo aí. Mas ele não pode passar a escritura pra poder ter o direito de um empréstimo bancário? Bom, eu acho que por isso aqui...

VV: Já dá pra...

IP: Você anotou aí COOPERGEL, não é?

VV: Uhum. Vou colocar aqui primeira cooperativa

IP: Foi a primeira cooperativa. E anote aí um nome, Otacílio Monteiro da Franca, que era prefeito, era prefeito Baltazarino. Mas Baltazarino na hora em que os sulistas chegaram, ele não deu assim, apoio nenhum. Acabou o tempo de Baltazarino veio o Otacílio. Aí, Otacílio deu todo o apoio a eles. Foi quem levou Prisco Viana lá, levava deputados pra ver. Ele fez tudo o que ele pôde, o prefeito de Barreiras Otacílio deu todo apoio a COOPERGEL. E daí no local, onde esse senhor, esse Negão, ele vinha muito aqui em casa era amigo do meu marido. Ele fez um restaurante tinha vários, porque eram...

VV: Que era um posto de gasolina, não?

IP: Antes do posto de gasolina.

VV: Antes do posto de gasolina...

IP: Muito antes. Bom, ele disse que no momento em que, abriu a estrada as pessoas começaram a viajar de caminhão. Porque é muito mais fácil andar numa estrada ruim do que você ir daqui pra Pirapora, diz que se fosse tempo de seca levava 15 dias de viagem no vapor e outro tanto de trem de ferro. É muito melhor você levar dois dias, você mesmo fazendo a estrada levar tudo em cima do caminhão...

VV: Muito melhor que 15...

IP: Era dois dias, três dias no máximo. Então, foram surgindo alguns como: o “30”, que é aqui perto em Barreiras, 30km; lá, o Luis Eduardo era o “90”. Tinha esse restaurante do Sr. Negão, mas você já tem o nome dele. Aí então, o pessoal de ‘Seu’ Arnaldo comprou, comprou assim, comprou mil réis de terra de alguém aqui, chega lá bota as pessoas pra fora, mata quem não quiser sair. E fizeram um loteamento, eles viram que ali naquele lugar tinha toda condição de ser um ponto de apoio, porque antes eles tinham que vir aqui comprar o óleo para os tratores e, então, ele fez primeiro o posto e depois o loteamento. Me dê aqui, que eu vou escrever a sigla do loteamento. Era essa sigla ó: CARIG, esse G deve ser de Gerais. ‘Cê’ vê que Luis Eduardo apesar de... Porque muita cidade que foi feita assim é toda desorganizada, lá não. Foi um loteamento...

VV: Será que essa sigla, é uma sigla... tipo, será que... depois eu vou pesquisar pra ver se eu acho.

IP: CARIG, eu acho que é essa sigla do loteamento. Isso foi muito importante, foi muito importante o posto de gasolina que ele fez e, quer dizer, ele investiu em fazer ali um posto de gasolina, que em pouco tempo era o posto de gasolina que vendia mais óleo no Brasil.

VV: É, eu vi essa informação diz que, teve um ano que eles entraram no livro dos recordes, Guinness, né.

IP: Foi. Porque venderam o maior número de litros de, sei lá do quê, de óleo no Brasil.

VV: Óleo diesel.

IP: Óleo diesel. ‘Cê’ pensa assim: sendo abertas todas aquelas terras, trator lá derrubando árvore, trator lá espalhando calcário.

VV: Então, aqui foi no Posto 90, que foi no mesmo...

IP: Não. No km 90... Negão tinha...

VV: Da mesma área de Negão, ali do mesmo restaurante.

IP: Sim. Aí, ele comprou, ele adquiriu a terra, quer dizer, adquire um mil réis de terra, dois mil réis de terra. Podia ser de qualquer fazenda daqui e essa fazenda atravessou tudo e foi pra lá, quer dizer, nesse tempo terra passou a andar, né. E, quer dizer, o adquirir era isso: comprar um mil réis de terra que era coisa barata de quem tinha terras primitivas das fazendas primitivas daqui e, depois ir lá e aí, um brigar com o outro, matar gente. Todas as espécies de conflito, teve. Teve inclusive, uma família que foi morta de avião, acho até que eram estrangeiros. Outros vieram e fizeram, outros vieram e fuzilaram de cima de avião. Agora já tá mais tranquilo, mas isso fica. Esse sangue derramado e essas pessoas injustiçadas, isso clama os céus, pede a justiça de Deus. Justiça não vai ter deles... Isso aqui, eu ‘tô’ lhe dando, mas...

Aquilo, aquela capacidade de matar gente de invadir, muita gente ainda tem, pelo menos os mais velhos.

VV: É, eu acho que já tá no instinto, no sangue dele...

IP: 'Cê' não vê, a Jusmari, o instinto de furtar!? Meu Deus do céu!

VV: É bem parecido.

IP: Ela tá inelegível agora. Não pode se candidatar a nada por causa dos roubos aqui em Barreiras.

VV: Que fique bem longe daqui.

IP: Que fique bem longe daqui... Pois é, então a partir daí, desse ALEMPLAN que foi de Antônio Guadagnin, da Plasteca, de outros e foi chegando e, foi chegando.

VV: A cidade foi se desenvolvendo...

IP: E aí, foi vendendo os lotes. Você pensa, que facilidade ter 90km a menos pra andar e a economia também, quando teve o posto de gasolina lá.

VV: Que é aquele posto que fica bem na entrada da cachoeira, né?

IP: Não. É lá em Luis Eduardo, dentro de Luis Eduardo.

VV: Ainda tem esse posto?

IP: Eu acho que é um que a família Porto daqui de Barreiras comprou.

VV: Ah, é! Eu pesquisei, eu acho que tem isso mesmo. Pra mim, era naquele posto antes chegando...

IP: Não, não. Aquele é mais novo, muito mais novo.

VV: Então, é lá dentro da cidade...

IP: Depois, o governo do estado fez o anel da soja pra poder chegar até lá, mais alto. Formosa do Rio Preto, por aí...

VV: Eu vou ter que procurar essa foto do posto.

IP: Pois é... Isso aí...

VV: Eu tenho de uma casinha, a foto histórica de uma casinha, que fica próximo, do lado do posto. Acho que a primeira residência parece, que eu achei.

IP: Aí a coisa foi indo por ela mesma. A COOPERGEL conseguiu muita coisa, aí já foi produzindo e pronto e, chegou aonde tá hoje. Aí, fundaram a AIBA.

VV: Que é bem forte, é atuante.

IP: É.

VV: Aí depois, Jusmari emancipou, né. Eu até 'tava' lendo que não tinha como emancipar, por dois motivos lá: primeiro pelo plebiscito e segundo não tinha como no mesmo que você faz o plebiscito não pode eleger um prefeito e ela conseguiu.

IP: Não foi Jusmari, isso foi Antônio Carlos Magalhães.

VV: Mas foi ela que encampou o projeto? Ela que votou?

IP: Ela chegou aqui com 12 anos com o pai dela. O pai dela foi dos que matou gente, ele respondeu júri aqui em Barreiras por matar gente, por assassinato. Depois ele morreu sem ser condenado, nem nada, Constantino Oliveira. E ela então, se candidatou primeiro à vereadora, depois à deputada estadual e, ela batalhou muito por isso, mas ela conseguiu por meio de Antônio Carlos Magalhães. 'Cê' acha que ela conseguiria isso? Olha, o meu filho de criação, eu tenho dois filhos que são advogados. Eu tenho três filhos biológicos que já se formaram há muito tempo, eles saíram daqui pra poder estudar, porque eles não queriam nem pedagogia, nem ciências contábeis. Então, tiveram que sair, foram pra fora. O mais velho fez direito em Salvador, mas terminou nem, só atuou cinco anos e trabalhando em direito de impostos, como é?!... tributário numa empresa. Primeiro trabalhou dois anos em Salvador, depois outro tanto em São Paulo, depois aí ele já foi trabalhar em um banco, na área executiva e aí, foi pra frente. Mas ele deixou completamente de ser advogado tributarista, depois que ele foi trabalhar em banco e passou a... Mas ele também tinha feito uma pós-graduação em Administração de Capitais e foi... Mas depois que meus filhos tinham saído de casa há muitos anos, apareceu um rapaz aqui mandado por uma amiga minha que tinha uma fazenda na cidade dele e mandou... Ele querendo estudar e ela mandou ele me procurar. E ele disse que ela ia telefonar pra mim. Ela telefonou recomendando e tudo mais, e ele veio pra cá estud... fraquinho ele é de uma cidade muito pequenininha, estudou muito comigo, depois teve uns cursinhos aí. O primeiro foi o bispo que pagou, o bispo que morreu Dom Ricardo, ele fez; depois teve outro cursinho, que não sei quem foi que deu, acho que foi a UNEB, ele fez. E eu sei, que ele fez direito na FASB, não, na UNYAHNA e o TCC dele, foi justamente a inconstitucionalidade do processo de emancipação de Luis Eduardo Magalhães. Então, quando eles já iam voltar a ser de novo distrito de Barreiras, porque não houve plebiscito.

VV: É, *** por isso mesmo.

IP: Eles conseguiram... 'Cê' sabe que PEC é Projeto de, não sei o quê lá, Emenda Constitucional, eles devem *** muito dinheiro e foram dar dinheiro aos deputados federais. Eles entraram com um projeto de emenda constitucional, assumindo tudo que tinha sido feito de errado, essa que é a verdade, mexendo lá na con..., sei lá. E aí, pronto, não precisou de fazer nada, mas foi no tempo de Antônio Carlos Magalhães. Se você quiser saber sobre isso, você tem que falar com ele. Ele chama Gilmar... Gilmar Almeida de Souza.

VV: Ele mora aqui ainda?

IP: Ele mora aqui em casa ainda, mas eu acho, que ele não tá aí agora, não. Bom, então...

VV: Vamos encerrar...

IP: Eu acho que vou, eu 'tô' arrumando essas coisas minhas todas e...

ENTREVISTADO G:

V: Nesse caso, a senhora chegou a morar em Barreiras?

C: Não, já tive casa, mas não me acostumei lá, só pra ficar quando 'nós ia' (sic) cuidar 'os negócio', nunca morei lá.

.....

V: Qual foi o motivo da sua vinda pra LEM?

C: Na época, eu me casei, e o meu marido, no caso, meu namorado. Eles eram em oito irmãos e daí, tipo, foi ficando poucas terras lá, pra eles ficar todo mundo junto... daí, meu sogro comprou a terra aqui, e como 'nós era' os mais 'novo' (sic) na família, ele mandou nós pra cá pra começar aqui, né, por causa que a terra lá 'tava' (sic) ficando pouca pra todos os 'filho' (sic). No caso, a gente veio fazer um teste aqui pra ver se produzia ou não.

V: Quais familiares a acompanharam?

C: Tinha minha primeira filha. Veio eu, o meu marido e uma cunhada com o marido.

V: Como era a cidade e região logo quando vocês chegaram aqui?

C: Aqui não tinha nada, né, aqui era só cerrado, muita poeira, não tinha luz, não tinha água, não tinha telefone, não tinha rádio, não tinha televisão.

V: Quais foram as principais dificuldades que vocês encontraram?

C: A distância pra cidade de Barreiras, no caso.

V: Até porque não tinha transporte, né?

C: Não tinha comunicação, a gente era também recém-'começando' (sic), nosso carro era precário e daí, faltava tudo. Pra comprar um quilo de carne a gente tinha que fazer quase 400 km, porque eu morava em placas, no caso, dá 60 km daqui, daí vinha daqui até Barreiras.

V: A senhora acredita que os sulistas foram os principais responsáveis pelo desenvolvimento da região?

C: Com certeza, sem dúvida.

V: E quais os traços da cultura prevaleciam na época da sua chegada?

C: Era quase tudo sulista, prevaleceu a tradição gaúcha.

V: Como é composto o setor da cultura aqui da cidade em relação a hierarquias, como é que funciona?

C: Como é composto... A secretaria aqui ela tem várias oficinas, no caso. A cultura é separada do esporte. Tem várias oficinas ligada a dança, né, é mais ligada a dança mesmo, teatro...

V: Tem algum critério, por exemplo, pra essas pessoas se inscreverem, faixa etária?

C: Não, não. A partir de 'três ano' de idade...

V: Então, essas oficinas vão acontecendo de acordo com a faixa etária...

C: É, por exemplo, uma criança que não sabe ler, não pode aprender violão, entendeu? Ou, por exemplo, uma menina menor de doze anos não tem nada a ver fazer zumba, zumba é mais pra adulto, então depende, a faixa etária é o que ela faz...

V: E todas as atividades são gratuitas, né?

C: Todas, todas gratuitas.

V: Vocês têm um perfil de público, geralmente, quem é mais o público de vocês, tipo assim, classe A, B ou C?

C: Tem todos os 'público' (sic), mas mais é a classe média aqui, o povo do centro e da... A gente aqui não é 'trabalhado' muito assim com pobreza, é mais a classe média mesmo que procura, mas tem todos os tipos, não vou dizer que só tem um... Porque a gente não pede o cadastro da pessoa pra fazer a matrícula, * a gente vê sancionado, aí é todo mundo, quem paga imposto tem direito, né?

V: Tem quanto tempo que o centro cultural 'tá' (sic) atuando?

C: Na gestão do... Mas no ano passado não tinha todas as oficinas que tem hoje, fui eu que entrei e fiz o movimento. Eu entrei aqui em fevereiro, mas essas oficinas não 'tinha' (sic) ano passado. Mas que 'tá' (sic) tendo esse movimento... Fui eu que fui a bagunceira, a festeira...

V: A senhora acredita que ainda há uma segregação na cidade em relação às moradias, por exemplo, bairros baianos/bairros sulistas...?

C: Não, hoje tá tudo misturado. É como eu disse, o bairro Santa Cruz, é um bairro mais nordestino, mas não quer dizer que não tem gaúcho misturado, tem né. Então, misturou, e hoje casou todo mundo com todo mundo.

V: O que a senhora, por exemplo, sente mais falta hoje aqui em LEM?

C: Aqui falta muito lazer... Aqui, Luís Eduardo, é uma cidade pra trabalho, ela não é uma cidade assim que tem divertimento, não tem nada. Barreiras ainda tem os 'rio' (sic) pra tu ir, aqui não tem nada, os rio nosso não tem nada. Barreiras eu creio que tem mais opção de divertir do que aqui...

V: Mas eu digo que no campo cultural é bem fraco, tipo, manifestação de teatro, dança, de shows, a gente percebe que ainda é pouco...

BLOCO 2

V: De que forma os projetos culturais são desenvolvidos nos bairros ou são somente no centro de cultura?

C: Ele tem nos 'bairro' (sic), mas, no caso nos bairro é ação social que cuida, não é a cultura. A secretaria de cultura cuida só aqui, a gente cede professor pros 'bairro', por exemplo, um professor que dá aula terça e quinta aqui, dá segunda, quarta e sexta nos 'bairro', entendeu, porque, no caso, os professores são 'contratado' (sic) pelo município, assim como nós 'temo' (sic) professores da educação, de outros setores que 'ajuda' nós aqui na secretaria.

V: Então, já existem essas oficinas em escolas. Todos os bairros, né, ou por exemplo, vocês pegam mais os bairros periféricos?

C: Todos, não digo, mas muitos 'bairro', mais os periféricos mesmo, mais 'distante'...

V: Existe algum projeto voltado pra valorização da cultura sulista, caso exista, por que sentiu essa necessidade?

C: Aqui não. Só lá no CTG mesmo. Bem que eu queria ter, já fui procurada pelo pessoal do CTG, pro professor vir pra cá e tudo. Mas não começou ainda porque o prefeito 'tá' (sic) meio...\$

V: Existe alguma dificuldade pra gerenciar esses projetos culturais aqui na cidade, e qual?

C: Acho que a maior dificuldade ainda é a falta de verba, né, 'tivesse' (sic) mais dinheiro pra investir o povo vem mesmo.

V: Até porque você já tem muitas atividades, né!?

C: Tenho, tenho. O pouco que eu tenho aqui tem muita coisa. Eu não sei, eu creio que tem mais de cem crianças que 'faz' (sic) balé.

V: Mais de cem crianças?

C: Tem, bem mais de cem...

V: É isso que eu ia perguntar... No geral, vocês atendem quantas pessoas...?

C: Eu não fiz esse levantamento ainda, não fiz, mas eu creio que dá mais de uns 350/400... Em torno de 400 pessoas, entre crianças, jovens e adultos, porque daí, tem o teatro, tem a música, é muita gente que transita aqui.

V: Esses grupos são daqui mesmo, né?

C: Tudo daqui, tudo das 'escola' (sic).

V: Houve alguma dificuldade no início da gestão municipal em estabelecer qual o principal foco a ser dado aos projetos culturais da cidade, uma vez que o município possui uma diversidade cultural muito acentuada?

C: Não, não houve nenhuma dificuldade. Como eu falei pra ti mesmo, a dificuldade mesmo é falta de verba.

V: Mas, em relação alguma resistência de implementar uma dança específica, por exemplo, uma capoeira, então isso não teve, né?

C: Não, não tem. Até porque a gente abre as vaga, assim... tu abre a vaga pra tantas, por exemplo, o hip-hop, daí, tipo, quem vai vir fazer matrícula do hip-hop é quem gosta do hip-hop, no caso. A capoeira, vem quem gosta, quem quer capoeira, mas, no geral, misturou tudo. É que nem eu falei, a gente vê o gaúchinho ali, dançando capoeira, misturou tudo. Hoje em dia não tem mais esse negócio, não. Misturou tudo, todo mundo gosta de tudo. Assim como a maioria dos 'nordestino' (sic) toma chimarrão, a gente faz chimarrão aqui e, todo mundo toma, às vezes tem gaúcho que não toma, e daí o nordestino vem e toma.

V: Quais as características sulistas mais presentes na cidade de Luís Eduardo?

C: Aí, eu acho que a comunicação é um deles... Porque o gaúcho mesmo já vê de longe, que você não 'diga' que é gaúcho, o sotaque, eu mesma já vivi muito mais aqui, mas o meu sotaque é de lá; gastronomia, a gastronomia também, porque o gaúcho ****, eu mesmo não aprendi comer feijão tropeiro, não tenho jeito de aprender comer aquilo; a música também, o gaúcho gosta mais da..., apesar que tem muito nordestino que gosta da festividade típica, gosta das músicas gaúchas; festividades típicas, porque eu acho que o nordestino... ele procura mais festa de São João, outras coisas, o gaúcho mais a semana farroupilha...

V: Esse projeto, por exemplo, que vocês trouxeram do arraiá, do São João, foi uma forma de valorizar um pouco a cultura nordestina, ou foi porque realmente 'cês' (sic) queriam colocar no calendário uma festa forte?

C: As duas coisas. Porque a gente vê como é forte a tradição nordestina.

V: E por que vocês optaram fazer no Bairro Santa Cruz?

C: Por causa do espaço, eu creio, o espaço é maior. Porque aquilo lá lota de um jeito... Esse ano foi muito mais bonito... Eu não tenho uma foto aérea, mas, hoje ainda, eu 'tava' (sic) olhando as 'festa' (sic) do São João, gente, eu tiro o chapéu...

V: E a participação, Cleide, nessa festa... ela é mista também, né?

C: É, é!

V: E os profissionais que fizeram são daqui mesmo, né?

C: Nós 'mesmo' (sic), 'tudininho' (sic) nós, todo mundo.

V: A senhora acha que, por exemplo, teve alguma resistência por parte da população pela festa ser no bairro Santa Cruz?

C: Eu acho que existe sim, muita gente deixou de ir, porque ali...

V: Até porque é uma festa muito tranquila, eu não vi nenhum índice de violência...

C: Eu creio que não houve nada, não...

V: Então, a senhora acha que talvez pode ter um pouco dessa resistência, né, das pessoas, que a medida que a festa vai crescendo...

C: Não por ser os nordestino, mas por causa do bairro, mas se fosse aqui no centro muitos de lá não vinha por causa da distância também, porque ali muita gente vem por causa que é mais próximo...

V: Então, talvez, 'cês' (sic) pensaram lá também, além do espaço porque pra eles o acesso fica mais fácil, né...

C: Mas eu creio que o motivo mesmo de ser ali é por causa do espaço, porque nós não 'temo' (sic) espaço que nem ali em lugar nenhum, que aquilo ali encheu tudo, de um lado e do outro, de ponta a ponta.

V: Conversando com outro entrevistado, Cleide, toquei nesse assunto de praças, porque tem uma praça aqui que é próxima a um prédio bem bonito, não sei acho que é no Jardim Paraíso, o pessoal tem o hábito de fazer piquenique, equipamento de ginástica... E eu não vi isso muito nessa praça lá do Santa Cruz. Então, por exemplo, não tem equipamentos, ou é porque o pessoal destrói?

C: Não, mas tem nos outros bairros sim, só não tem nessa praça porque eu acho que é uma praça que ela 'tá' (sic) projetada mais pra eventos 'grande' (sic), porque nas 'praça' (sic) pro lado de baixo tem, entendeu... Porque tem no M2, no M1, tem aqui perto do hortifrúti... tem equipamentos...

V: Independente do bairro...

C: Tem em todos...

V: No Santa Cruz também tem?

C: Tem.

V: E pessoal preserva direitinho...

C: Mais ou menos, o pessoal adora destruir, né...

V: Ao longo dos anos houve uma adaptação, por exemplo, nos modos de vida em LEM ou eles foram preservados?

C: Misturou tudo. E os filhos dos 'gaúcho' (sic) 'casaro' (sic) com as 'nordestina' (sic), e aqui não é só sulista e nordestino também... aqui tem muitos americanos, japonês, (teve um evento do Japão semana passada que foi a coisa mais linda do mundo).

V: Foi o que o evento?

C: Foi uma ópera, cantora de ópera.

V: Do Japão?

C: Do Japão, se apresentou aqui...

V: E a comunidade japonesa que mora aqui toda veio prestigiar?

C: Toda, e quem não é japonês também, que é casado com filho de japonês, foi um 'misturão'(sic) isso aí...

V: Vou até colocar isso na pesquisa, porque eu até já tinha falado sobre essa questão dos japoneses que 'tavam' (sic) vindo pra cá e tal.

C: Foi muito linda a ópera. Eu nunca tinha visto uma cantora de ópera...

V: Não tem no facebook da prefeitura...

C: Não, a prefeitura não veio fazer cobertura, eu que gravei e botei.

V: O que mais te desagrada em LEM?

C: Pra mim, eu, como cidadã, o que mais eu acho ruim é o 'desdeixo' (sic) do povo com o lixo, a cultura do povo ainda 'tá' bem a desejar.

V: A questão da violência, a senhora vê como fator que tem crescido muito aqui?

C: Não, não. E na cidade, eu acho, que o que mais, pra mim como cidadã, eu, como mulher, o que deixa a desejar é a falta de infraestrutura, por exemplo, asfalto. Nossa cidade precisa de muito verde, de flor, de jardim, mais jardim... A gente vai lá pro Sul passear, a gente vê lá tão lindo, tudo flor plantada, árvore frutífera, e aqui não tem isso. Se eu fosse prefeita dessa cidade, o que eu queria fazer era isso, e nos 'bairro' (sic), aqui no bairro Santa Cruz, por exemplo, não aqui, mas lá pra baixo é muito lixo jogado, a cultura do povo... Mas não é o baiano, isso é gente que vem de Alagoas, de não sei 'aonde' (sic), daí se implanta gente de toda parte, né, os 'bairro muito pobre' (sic), mas é falta de cuidado. Porque lá no Sul mesmo bem pobrezinho, tu vê

tem um pé de flor na frente, uma árvore, e ali deixa muito a desejar isso, o embelezamento da cidade no caso. Não precisa tu pintar a casa, mas se tu plantar uma árvore na frente...

V: O sr. João também comentou isso... Ele falou as coisas do conhecimento, da ignorância, acho que ainda falta muito o acesso a estudo também...

C: Eu que sou gaúcha mesmo, quando eu vou passear no Sul, tu vê uma casinha pequenininha, de madeira, daí um gramadinho na frente, um pezinho de rosa, uma arvorezinha e coisa, já fica bonitinha, não fica? E aqui o povo é relaxado mesmo...

V: Eles não conseguem manter...

C: Pelo menos coletar o lixo deles pro caminhão levar, eles 'joga' (sic) a sacola plástica e os 'lixo' (sic) 'tudo' na rua pro vento levar... A gente não, a gente pega a sacola plástica, bota o lixo dentro, e coloca pra coleta, né... Esses dias eu 'tava' (sic) olhando, eu disse: "Meu Deus, eu queria fazer um mutirão..."

V: Então, deve ser bem... É que eu quero tirar um dia pra vir aqui e fazer essa visita de...

C: Se tu ir lá no M3, no Santa Cruz 3... Meu Deus do Céu!

V: É bem mais pra dentro, né?

C: É, lá na beira do rio... É uma coisa assim...

V: É perigoso?

C: É. Lá é onde mais matam, porque eu acho que tem muita gente escondida.

V: Por exemplo, se eu for durante o dia dá pra ir?

C: Não, mas não vai andar lá, né, tu tem que ir com alguém.

V: Tipo, não descer do carro, só fazer o reconhecimento da área...

C: É. Só andar assim...

V: A última pergunta é: se a senhora pretende voltar como sulista para a sua terra natal ou não, se a senhora já está adaptada...?

C: Nunca. Não, minha terra é aqui...

V: O que que a senhora acha mais de bacana, de legal, e que dessa adaptação aqui da cidade, da região oeste...?

C: Minha vida é aqui, minha família tá aqui. Não, não pretendo voltar...

V: E esses laços, por exemplo, afetivos com as pessoas daqui, que já foram estabelecidos, a senhora vê isso como uma qualidade?

C: Luís Eduardo 'tá' (sic) difícil de fazer amizade, a cidade cresceu muito, não é aquela cidade que nem foi um dia, a gente conhecia todo mundo, era amigo de todo mundo, todo mundo passeava. Até por causa da violência, tipo, antigamente tu sentava na frente da casa, tomava chimarrão, hoje em dia, tu tem que ficar trancado, né...

V: Então, a senhora pretende continuar se firmando aqui...?

C: Jamais vou sair daqui. Minha família e meus 'filho foro' (sic) pra Palmas embora... eu vou passear e olha lá... Eu gosto daqui. 'Temo' (sic) que melhorar aqui, né, fazer de tudo pra ficar melhor aqui, é, pra não precisar sair...

V: Eu acho que é uma cidade que 'tá' (sic) em desenvolvimento, né, 'tá' (sic) o tempo todo aí...

C: Devia parar um pouco de crescer... Agora, chega, né, é só melhorar...

V: É... Porque tem a diferença do crescimento e do desenvolvimento da cidade...

.....

C: As oficinas que funcionam: balé kids, violão, instrumentos (todo tipo)...

V: Nesse caso do violão eles têm que trazer...

C: Não. Tem tudo aqui, muito violão...

V: A senhora falou outra coisa...

C: ... Teclado, instrumentos (que entra todo tipo de sopro).

V: Tem coral?

C: Tem coral.

V: Fazem apresentações?

C: Fazem. Coral foi feita apresentação na páscoa, deve ser feito no Natal. Coral, tu colocou? Bateria, violino, zumba, danças rítmicas, hip-hop, teatro.

V: Muita coisa!

C: Nós temos a escola de música aqui, que aprende todos os tipos de instrumentos, tem coreografia...

V: Então, é um negócio que realmente não tem como parar, o ano todo tem atividade...

C: Não, não. Isso tudo aí começou comigo, eu entrei aqui, eu fui pedir ao professor por educação, pedia aqui, pedia pra ação social, emprestava os meu daqui pras 'outra' (sic) também.

V: Aí foi crescendo o campo de atuação.

C: Uhum. Tem tudo isso e mais um pouco, tem as fanfarra também, que nas 'fanfarra' (sic) aprende todo tipo de instrumento também.

V: É, realmente só a cultura que consegue minimizar pelo menos os problemas, que a gente 'tava' (sic) falando aqui, violência...

C: E tem pouca gente aqui pra trabalhar, mas é muito trabalho mesmo. Mesmo pouco é bem organizado mesmo...

V: É porque também, nessa área de instrumentos, é mais difícil conseguir professores, né.

C: É, mas nós 'temo' (sic) dois 'professor' (sic) de instrumentos; tem mais, tem o Shaolin. Aqui todo mundo faz tudo.

ENTREVISTADO F:

V: Primeiramente, qual o motivo da sua vinda pra cidade de LEM?

J: Olha, eu primeiro vim pra cá, até com um cliente meu... 'tá' (sic) escrito aí, por aí...

V: Antenor Zanch.

J: Antenor... Zanchi, aqui falta um "i". Eu vim junto com ele... e daí eu me interessei pela terra, sempre quis ter terra, além de ter a profissão; o meu pai discordava porque "Tu é profissional da área de Agronomia, tu não tem tempo pra mexer com roça."

V: Lá, o senhor já era agrônomo, né?

J: Sim. Eu atuei anos lá. Trabalhei numa multinacional, conheço quase o Rio Grande todo, porque eu trabalhei, primeiro, em Cachoeira do Sul, bem no centro do RS, e, depois, fui pra São Gabriel... daí conheci a fronteira quase toda. Conheci bem o RS, até uma das coisas que me levou a gostar cada vez mais do CTG, que era a única associação que eu ia, que eu, como agrônomo, tinha prestígio... Aqui o agrônomo é um 'pé de chinelo' (sic), mas nós vamos mudar isso, porque ele é um profissional de nível superior. [...] O meu pai foi fundador do CTG, então, eu tinha origem nisso aí. [...] Volta e meia, na Câmara de Economia de Salvador, tinha um cara lá que era assessor de um deputado... preconceituoso... que, quando 'nóis' (sic) fizemos uma 'intinerante' (sic), aqui, da BAHIA FARMSHOW, ele não veio porque aqui tinha muito veneno... - Eu dei assistência no Sul quase só pra pequeno produtor, que o pessoal da serra, se tu for ver a história... por exemplo, meu pai... os antepassados, alemães, desembarcaram em São Leopoldo em 1824, acho... da Áustria... e vieram,

justamente, porque eram 'pobre, trabalhador e valente' (sic)... aí, por isso tudo, eu dava assistência, 90 por cento, a pequenos proprietários. – Aí, ele entendendo que a gente não apoiava, só que aqui, e é um diferencial importante, isso prejudica o estado. O que que se considera produtor familiar aqui? O Bolsa Família... o Bolsa Família é escravidão, é miséria... “ Por que que eu te dou o Bolsa Família? Porque eu quero que tu vote em mim sempre.” Esse é o conceito, nas entrelinhas, e isso eu não concordo, todo o mundo tem a mesma oportunidade. O lema do CTG... não sei se você já viu...?

V: Hum, não...

J: O lema do CTG eu escrevi... na noite da inauguração, 'nóis' (sic) não tinha lema, ainda... “Reacender o brilho da chama da tradição no novo pago do nosso chão.”

V: O pago... o que seria o pago, o novo pago? Desculpe a ignorância...

J: Pago é o nosso chão... O pago é onde a gente tá residindo... é um termo usado pelo povo mais rústico.

V: E, nesse período, sr. João, que o senhor veio pra Mimoso, na época, quais familiares vieram com o senhor?

J: Quando eu vim de Barreiras para cá?

V: Não, quando o senhor veio do Sul... em 85... aí o senhor falou que veio com um amigo, visitou, tal...

J: Ah... isso aí foi em 83. Daí eu vim pra fazenda. Comprei a fazenda, pro meu irmão cuidar 'a' (sic) fazenda. Eu só comprei porque ele aceitou a ideia de vir cuidar... daí, eu queria ficar no Sul, com o escritório lá, porque 'tava' (sic) bem, tanto é que em 84, eu fiz uma casa nova lá. Mas, como eu vi que não dava, aí em 85 eu vim para cá.

V: Aí o senhor já era casado... veio com a esposa...?

J: Eu tinha casado, casei em 79... 78 me formei... a Sônia tinha dois anos de Odonto lá no Sul, abandonou pra casar. E daí, quando a gente veio em 85, já existia 'aqueles' (sic) três ali, ó.

V: Ah... você já veio com os filhos, então. Então, veio com o senhor, a esposa, os três filhos e o seu irmão, que já trabalhava aqui...

J: O irmão já 'tava' (sic) aqui, ele veio em 83.

V: Como vocês trouxeram esse desenvolvimento, também, com outros profissionais de outras áreas? – Por exemplo, o Hilário... ele trouxe, os parentes que eram dentistas, né...

J: A esposa dele.

V: Esses profissionais, também, impulsionaram o crescimento da cidade e região.

J: Uhum.

V: Então, o senhor migrou de Ibirubá...

J: Para Barreiras... eu morei 5 anos em Barreiras.

V: Em 85, né?

J: Em 85.

V: Então, em 90...

J: Eu vim no meio de 90...

V: 90... chegou em LEM.

J: Acho que já era agosto de 90. Mas daí vem a história do porquê do CTG... Como eu 'tava' (sic) dizendo há pouco, a respeito dos costumes, é a única entidade que acolhe 4 gerações numa festa única. Quando eu cheguei em Barreiras, a gente sentia falta disso... e também observava que Barreiras não tinha... Barreiras tinha ÁGUA – ABCD... não sei se ainda existe isso...

V: Aham, tem.

J: ... Era a única entidade mais ou menos organizada, aí... o resto não tinha... aí, eu pensava sempre "O que que eu vou oferecer, amanhã, pra esses 'piá' (sic) quando...?" – "Piá" que a gente fala é guri, né, é filho,,,

V: O gaúcho...

J: Por isso que eu quis criar a CTG, e tinha várias pessoas que topavam a ideia, e aceitavam, também... só que não tinham tanta persistência... Aí, eu quis fazer em Barreiras... fiz uma reunião na frente da *OVERBASE* pra ganhar a área da Prefeitura... o prefeito 'tava' (sic) presente, o baltazariano 'tava' (sic) presente, o secretariado, várias autoridades... e uma leva de gaúchos. Aí, vários conversaram, aí eu falei, pedi uma área pro Paulo Braga, na época, prefeito; e ele, prontamente, pegou o microfone e disse que ele garantia os 5 hectares, eu pedi, 5 hectares... "Se eu não puder dar da Prefeitura, eu dou da minha família", porque ele é dono de meio mundo ali...

V: É... ele tinha muito loteamento, na época.

J: Mas, daí, quando ele falava isso, eu olhei pro lado, e disse pro Napoleão, que 'tava' (sic) do meu lado, e disse "Olha, Napoleão, 'nóis' (sic) não vamos ganhar área nenhuma." E não deu outra.

J: Daí, o que que aconteceu... tu deve conhecer, até... que a CEVAL, pra vir pra cá, o estado exigiu que fosse em Barreiras.

V: Pra região?

J: Isso... a sede tinha que ser em Barreiras, a fábrica, do jeito que foi a *OVERBASE*. E daí, no dia da reunião com os diretores da CEVAL, que o *Hidone Hiroli* tinha organizado, que é o gerente daqui, o Paulo Braga tinha marcado um jogo de carta, e não adiou o jogo de carta para falar com os diretores... E daí, ele não foi, e o Hidone conversou com os diretores, e disse “Nós temos que fazer lá em cima, por isso...”. E foram pro governador, Valdir Pires, na época, que a gente fez uma força pra eleger, em 88... e aceitou a proposta da CEVAL, de assumir o compromisso, fez um contrato com a CEVAL de fornecer energia pra fábrica, aqui, por isso que ela veio pra cá. E daí, as ‘coisa’ (sic) foram invertendo ‘tudo’ (sic), né, com energia aqui... se vai ter pra CEVAL, vai ter pra nós, também... e os telefones da mesma forma... Os dois primeiros fui eu que comprei, assim que abriu a loja, de tarde, eu fui lá para comprar mais, e já não tinha mais (eram 300). Mas tudo isso foi benéfico porque, se ele assumiu o compromisso de fornecer energia, e multa, do atraso de energia pra CEVAL, dentro do contrato, era alta... por isso, o Mimoso cresceu. E por que que eu ‘tô’ (sic) contando isso? Porque, daquela área da CEVAL, a CEVAL doou pra Associação Atlética Gaúcha, lá em Barreiras. Daí, logo depois da reunião com o prefeito, a Associação queria fazer uma reunião com nós, daí eu falei pro Napoleão “Tu pode ir, porque eu não vou nesse tipo de reunião... as coisas têm que ser objetivas.” Daí, o que que eles quiseram fazer? Criar o CTG dentro da Associação Atlética Gaúcha, mas os sócios da Associação, todos, tinham que automaticamente, ser sócios do CTG. Aí o CTG nascia falido, do jeito que era aquele lá.

V: E essa Associação já existia, então, lá, na época, só que não atuava?

J: No papel... no papel... Até ontem, era no papel, não sei hoje. E aqui eu enfrentei a mesma coisa... Aqui tinha o Clube Estrela... quando eu cheguei em 90, eu já vim com a ideia de criar o CTG, e também queriam criar o CTG dentro do Estrela. Não, não misturamos as coisas. O CTG vai ser uma coisa pra funcionar, e o Estrela, já faz 5 anos que está aí, e não mostrou a que veio.

V: Então, nesse período lá em Barreiras, vocês não abriram o CTG lá?

J: Não. A ideia era abrir, mas precisava duma área... E o Paulo Braga, que ia dar da família dele, nem isso o baltazarino não ele deixou fazer.

V: E de quanto tempo vocês desistiram do CTG em Barreiras e abriram aqui em Mimoso?

J: Eu vim pra cá em 90, e ‘abrimo’ (sic)... ‘criamo’ (sic) o CTG em 19 de janeiro de 91, exatamente por causa do Grupo Estrela, senão teria fundado antes. Mas, como ‘nóis’ (sic) queria fazer um CTG independente, que funcionasse, que todos tivesse o mesmo direito... o que que o Estrela e o outro tinham, tinham de característica? Um título, um título caríssimo, pra elitizar... esse é o melhor jeito de ‘quebrar’ (sic). Se tu

elitiza, as pessoas que se propõem a trabalhar não... Quem acumula bens, é porque não tem tempo de ser social.

V: É... verdade. Como era a cidade ou região logo que o senhor chegou? – Quando o senhor veio pra cá.

J: Quando eu cheguei, o posto tinha três ‘bomba’ (sic), aliás, duas ‘bomba’, diesel e gasolina, em 83, né, quando eu vim pra cá, na primeira, vez... só não tinha telhado, não tinha nada... o restaurante... o telhado era de lona preta, uma barraca de lona preta.

V: No posto?

J: Do lado do posto.

V: Então, o senhor pegou bem no início do desenvolvimento, mesmo, da cidade...

J: É. E o Enedino da Paixão tinha sido expulso daqui, nem sei onde é que ele andava, parece que já ‘tá’ (sic) velho... Ele foi... indenizado pra sair fora.

V: O senhor acredita que os sulistas são os principais responsáveis pelo desenvolvimento da região, ou da cidade de Luís Eduardo?

J: Com certeza.

V: Em que ano o CTG foi fundado, o senhor já me respondeu, 19 de janeiro de 91... Como surgiu a ideia de criar o CTG numa região tão longe de sua localidade?

J: Surgiu da necessidade de integrar ambiente familiar, e proporcionar uma diversão saudável pra filharada, né....

V: Quais são as principais atividades, senhor João, que o CTG desenvolve? – Tanto lá dentro, como, também, algum projeto fora, social...

J: O CTG tem que ter uma campeira, que é... atividades com cavalo, laço e vários tipos de prova, prova do tambor...tudo... essas provas que, algumas têm ‘aí’ (sic) na Bahia, também... o que é mais forte, no caso do CTG, é o laço.

V: Eu vejo, também, que vocês promovem muitos churrascos finais de semanas, eventos como o Dia das Mães... eu pesquisei sobre isso...

J: É uma característica do CTG, e todo o mundo admite isso, comida boa, churrasco de primeira, porque ali tem gente sobrando que sabe fazer o churrasco, e os demais acessórios, tem que ter maionese, essas coisas, que é uma cultura lá do Sul, né?

V: Atualmente, vocês têm quantos associados?

J: Eu não sei te dizer exato, não... mas deve ‘tá’ (sic) beirando os 300, por aí... esse número eu não sei te dizer, pode ser que eu ‘tô’ (sic) chutando, que eu ‘tô’ (sic) chutando feio, aí...

V: É... mas é pra ter uma base... de participantes...

J: Mas a dança... na parte campeira, é o laço, principalmente, e aquelas provas de cavalo, lá... mas, no salão, é a dança de salão, bailes e as danças típicas da cultura gaúcha... coisas antigas...

V: E, por exemplo, pro pessoal que é do Nordeste, e 'tá' (sic) chegando agora lá, 'tá' (sic) integrando... Vocês promovem essas aulas, esses encontros, pro pessoal aprender?

J: É... e o que que tem de interessante... e aí é até uma forma de aglutinar mais... a gente oferece curso de dança desde o "Dente de Leite", que a gente chama, a partir dos 4 'ano' (sic), aí, o cara pode levar o filho lá pra aprender a dança... no Dente de Leite, e, a partir dali, tem Mirim, Juvenil, Adulta, e, finalmente, a Veterana.

V: Sobre a Semana Farroupilha, aqui em Luís Eduardo... pelo o que eu pesquisei, é bem atuante em setembro... é uma programação do CTG, né, vocês criaram e tal...

J: É...

V: Aí, vocês fazem desfiles... eu não cheguei a acompanhar...

J: O que que 'nóis' (sic) fazia antigamente... e continua mais ou menos fazendo... a gente faz um desfile, até em 7 de setembro, a Prefeitura convida o CTG, então, aí uma turma vai a cavalo, outra turma vai num caminhão, decorado com as característica do Rio Grande... e participa... e daí, a partir do dia 13, até o dia 20, que é o "O 2 de Julho" da Bahia...

V: Isso... pra vocês, né? Que foi a... coisa da... Guerra dos Farrapos, né...

J: É... Guerra dos Farrapos... eu sempre tive lá em Salvador... 2 de Julho... é a Semana Farroupilha da Bahia... 'morreu muito baiano' (sic) em defesa do Brasil... a maioria dos 'baiano' (sic) não sabe disso... Mas foi uma guerra ferrenha, porque os portugueses queriam manter a forma de captar, de sugar dinheiro... mais ou menos do jeito que continua hoje... o governo só suga, oferece muito pouco, e o povo não sabe que tem direito de mudar... todo o mundo "Ah, mas eu não posso falar contra fulano, porque ele 'tá' (sic) no poder..." E aí, tem uma leva de 1/3 da população brasileira que é escrava, e não sabe, por causa desse Bolsa Família... induzido a ficar nessa miséria... essa é que é a verdade. E tem mais um agravante, que eles estimulam o cara a assaltar, pra ir pra cadeia pra ganhar o Auxílio Reclusão... esses dias eu vi a entrevista de um cara... o cara ganha 4 'pau' (sic) por mês... pra 'tá' (sic) lá... além do custo que ele tá proporcionando... enquanto um servente ganha um salário mínimo por mês. É justo isso? Não é... tem que mudar.

V: É uma fábrica de fazer ladrão. Atualmente, senhor João, do que o senhor sente mais falta aqui, em Luís Eduardo? – Em vários aspectos... político, social, cultural, também...

J: Na verdade, o que eu mais sinto falta, é a falta de conhecimento do povo... tem muita gente, e aí incluí até gente do Sul, que hoje 'tá' (sic) bem financeiramente, mas é quase semianalfabeto. Isso é ruim pra sociedade como um todo. E o pessoal que veio daqui, a grande maioria, eu sei porque eu fui professor, um ano... eu tive a experiência de ver... a região de Irecê vinha de caminhão pra cá...

V: Eu falo isso na minha pesquisa.

J: E vinham de caminhão porque diziam que aqui dava dinheiro sem trabalhar...

V: Que era o Novo Eldorado...

J: Exato. E aí... e as pessoas não se sentem no direito e no dever de sair disso.

V: Em conversa com o Jother, ele até comentou, que foi até uma dificuldade, no início da região... porque eles vinham na época da safra, ganhavam dinheiro, e daí, voltavam lá pra cidade, gastavam o dinheiro todo, até mesmo em festas, e depois não queriam voltar para trabalhar. Então eles enfrentaram muita dificuldade, até na qualificação da mão de obra mesmo.

J: Outro problema sério, que tem aqui, nesse aspecto aí, é que, muitos moradores 'tão' (sic) aqui há 15 anos, e o título é de lá...por quê? Porque, na eleição, ele ganha a viagem de graça pra lá, pra visitar a família, pra votar... e esse que paga o ônibus, com certeza não vai ser com o dinheiro dele.

V: Com certeza.

J: Então, esse é um dos problemas que tem... é uma das dificuldades que 'nóis' (sic) temos aí, né... porque, por exemplo... quando 'nóis' (sic) tivemos... eu fazia parte da Comissão pra Emancipação...'nóis' (sic) fizemos uma campanha pra não mudar o nome, e aí, fizemos um abaixo-assinado, de quem tinha título, e de quem não tinha título também... quatro mil, cento e poucos assinantes, que os eleitores da Vila eram 3 mil e oitocentos... Então, tinham mais assinaturas do que eleitores contra a assinatura do nome... no entanto, foi adiado, e adiado... que o velho fez... foi contra a Legislação... fez pra satisfazer o nome dele, levar o nome do filho... foi tudo ilegal..

V: É... pelo que eu pesquisei... foi *Constitucional, né?

J: Ah, e plebiscito foi em épocas que não podia fazer nada, porque era em véspera de eleição... 2000, acho que foi...

V: É... foi 2000, quando foi emancipado.

J: ... Se tu tiver vínculo com qualquer partido político, não pode ser Conselheiro, como eu sou lá, qualquer coisa dentro do *CREA... tem que ser imparcial, pode emitir teu parecer, mas sem partido nenhum... mas foi assim, e 'tá' (sic) até hoje. A única coisa que a gente pretende é mudar o nome de novo.

V: E aí voltaria para "Mimoso do Oeste?"

J: Mimoso do Oeste. O que que o velho Arnaldo fez, o dono do loteamento... quando ele criou o loteamento, ele botou o nome da cidade Rancho Grande... Vou até te mostrar... “Aprovado pelo Decreto Municipal, 07/84 como loteamento Rancho Grande, alterado o nome para loteamento Mimoso do Oeste 05/86.” Então, em 84, quando ele criou o loteamento, ele botou Rancho Grande para homenagear a gauchada, porque rancho... é um termo gaúcho... mas aí não ‘pegou’ (sic), ninguém falava esse Rancho Grande...

V: E Gerais... já foi... depois que... “Ah, vai se chamar Gerais...”

J: Gerais... toda a área alta aí...

V: Entendi.

Bloco 3: Identidade, Hábitos e Costumes

V: Qual foi a principal cultura encontrada na cidade de Luís Eduardo, ao chegar no município?

J: Não tinha nada...

V: Na verdade, não... porque vocês foram os primeiros, né?

J: É.

V: De que forma os membros do CTG buscam manter e preservar a cultura sulista na cidade de LEM ?

J: Por incrível que pareça, é o chimarrão, porque o chimarrão junta as pessoas, o chimarrão é uma forma de se relacionar... sentar sem ocupação, tomando chimarrão, conversando... Por tradição, se você recebe uma visita, normalmente, em seguida, você faz um chimarrão...

V: Pra socializar...

J: Pra socializar todo o mundo... e aí, cada dia mais um, e mais um... porque o pessoal do Sul, a maioria... mas têm uns que é do Sul, que não tomam...

V: Será que tem alguma interferência com o clima... aí tomam o tererê?

J: Pode ser alguma coisa... porque, o pessoal do Mato Grosso, um percentual bem significativo, toma tererê... É a mesma coisa... só muda a temperatura.

V: Tiveram dois entrevistados que disseram que o objetivo é justamente esse... se reunir, na praça... numa roda de chimarrão...

J: Na Semana Farroupilha vai ter uma Mateada...

V: Bacana... essa Mateada já existe, né?

J: Existe.

V: Faz parte da Semana Farroupilha?

J: É...

V: Então, é como se fosse um evento que vocês...

J: Inclusive, tem uma empresa que produz a erva, e distribui a erva, gratuitamente, em parceria com a Tv Oeste.

V: Isso na Semana Farroupilha, né?

J: Num dia da Semana Farroupilha, num noite dessas... Mateada na Praça Jardim Paraíso.

V: Hum, vou procurar alguma foto... Há alguma identidade cultural estabelecida na cidade de LEM? E qual seria esse principal traço?

J: Eu acho que é muito diversificado, não é?

V: Misto, né...

J: Não é a maioria do pessoal que se envolve com a cultura gaúcha... já foi... mas hoje tem muita diversificação.

V: Até com chegada desses, né, imigrantes, também...

J: É... tem gente de tudo... tem gaúchos que não têm a origem, e também nunca foram lá, não sabem como é, então diversifica bastante. Agora o que atrai, a gente observa, pessoas que não têm nada a ver com o CTG... quando o filho completa 4 anos ,por aí, alguém leva o filho... muitos que não têm nada a ver com a tradição gaúcha; 'tá' (sic) lá pra oportunizar o filho.

V: Interessante.

J: E se envolve por causa do filho.

V: Senhor João, o processo de migração pra cidade de Luís Eduardo ocasionou uma série de mudanças, principalmente, ao que se refere aos hábitos cotidianos. Nesse sentido, quais as principais transformações ocorridas na cultura original, no que se refere aos seus códigos culturais sulistas?

J: Eu acho que... nessa aí ainda predomina... não sei se é benéfico ou maléfico... mas acabou dividindo, quase, a cidade, né... porque aqui é Mimoso, e lá é Santa Cruz... Iraque, o pessoal nativo começou a chamar lá de Iraque assim... Então, de lá, até pela distância, pela dificuldade, muitos ainda não vêm pra cá, e o CTG é lá ainda, né...

V: No Mimoso...

J: É. Daqui dá 1000 metros. E outros... têm também as pessoas que são preconceituosas, né, sempre têm, né...

V: É... tanto é que, talvez, esse aspecto da segregação, que eu até coloco aqui na minha pesquisa... é visível... de uma forma que, as ruas lá do Santa Cruz, eles nomearam como ruas de cidades daqui do Nordeste, próximas... Tem rua Irecê, Aracaju, acho que Aracaju é até aqui... rua Juazeiro, Ibotirama... Enfim, né... talvez fosse a forma de reafirmar a cultura deles, né...

V: Aqui é o...?

J: Esse é o CTG.

V: Esse é o CTG... Eu vou tirar uma foto da foto... Aqui foi logo no início, né? Eu posso até colocar na pesquisa como...

J: Esse foi o primeiro galpão...

V: Aqui.. qual foi o ano, senhor João?

J: Esse foi em 91. Aqui é uma foto, da área que eu comprei depois, quando eu cheguei aqui, em 83... Aqui dá para ver de cima, o CTG...

V: Uma área enorme. Eu vi uma notícia... eu acho que é um dos maiores...

J: É o maior.

V: Da Bahia, alguma coisa assim?

J: É o maior CTG do Brasil... mas, como no exterior também tem CTG, nenhum vai ser do tamanho desse aqui, então é o maior do mundo.

V: Então, nesse caso, é em relação ao tamanho...?

J: Ao tamanho.

V: São quantos hectares lá?

J: 25 hectares.

V: Um área bem grande. Bacana. Ao longo dos anos, houve alguma adaptação dos seu modo de viver ou eles foram preservados?

J: No meu caso, acho que eu mudei pouco, eu me adapto com tudo... já ganhei concurso de Forró, por acaso, ganhei um prato de sarapatel. A gente não deixa uma coisa pra entrar em outra... mas, qualquer situação, a qualquer ambiente a gente se adapta.

V: Qual foi a principal contribuição da cultura sulista na cidade de LEM?

J: Eu acho que foi... a socialização... nós conseguimos mudar um pouco... Tem muita gente nativa daqui que aceita a ideia, e que se organiza mais em termos de

família – se bem que família já é uma coisa do passado, pra muitos, né, infelizmente, é.

V: Como o grupo sulista se insere no contexto regional – procura se integrar ou se manter à parte?

J: O que ‘nóis procuramo’ (sic) , na época que eu fui patrão, fizemos duas apresentação na festa do município de Barreiras, ali naquela praça, onde hoje tem um Centro de Cultura... Sempre havia essa integração... e o que ‘nóis’ (sic) fazia para contrabalançar? Tinha um rapaz, um professor lá em Barreiras, que coordenada um grupo de... aquela dança de São João...?

V: De quadrilha?

J: Quadrilha. ‘Viero’ (sic) apresentar pra ‘nóis’ (sic) aqui, também. ‘Nóis pagamo’ (sic) e vinda e... ‘damos’ (sic) o lanche. Foi muito bonita a integração...

V: Bacana. É... aí é um exemplo...

J: Mas é uma ótima oportunidade de integrar as culturas. Esses dias eu ‘tava’ (sic) até dizendo, naquele Mateada... a cultura que mais se aproxima com a nossa é justamente a baiana. Porque o estilo de algumas danças é muito semelhante... tem uns gingados diferente e tal... mas a essência da cultura baiana, que é mantida, essa é muito semelhante à nossa.

V: Então, vocês promovem, por exemplo, lá no CTG, também há um espaço que, se alguma manifestação... que local...?

J: Já teve.

V: Já teve. Como o exemplo da quadrilha, que o senhor...

J: É umas coisas importantíssima...fazer essa integração. Agora ‘nóis tamo’ (sic) ‘se organizando’ (sic) pra ir fazer uma apresentação num baile lá... não lembro como é que é o nome... é quase Tocantins... ali na divisa... é Bahia, mas é lá na divisa... eles vão ter um baile, agora, não sei quando, e daí pediram... assim também fizemos apresentação no Rosário e tal, mas aí é mais o pessoal de lá, mais sulistas... e ali também é pessoal de *Panambi.

V: Então, o senhor já respondeu até outra pergunta, que seria a próxima: “Como o grupo social sulista abre espaço para participação de outros grupos que não sejam sulistas no CTG, sinônimo de Gerais?” Tu fala que é livre, né, que a participação é aberta...

J: É aberta.

V: Inclusive, já é tradição...

J: A única exigência, por exemplo, se tu for dançar numa dança típica, aí tu tem que ter bombacha, tem que ter lenço...

V: Os trajes típicos, né...

J: Os trajes... conforme... Normalmente, a gente procura fazer todo o mundo parecido... então, é tudo igual... e o vestido, a mesma forma.

V: Quais as características, senhor João, sulistas mais presentes na cidade de LEM? (3 opções)

J: Gastronomia, sem dúvida nenhuma é uma.

V: Até porque tem muitos restaurantes, né, muita...

J: Religião, é outra também. Dificilmente, alguém vai trocar de religião... porque é católico. A maioria lá do Sul, católico ou protestante... também tem outro *tipo, de outra região, é... luterana.

V: Que 'tá' (sic) crescendo bastante, né...

J: Aqui 'tá' (sic) meio complicado... Mas eu acho que é esse aqui

V: "Valores", né?

J: É. Vestimenta não é. Essa aí, aí vai eliminando.

V: Agora a última pergunta, porque eu já tomei muito o seu tempo... O senhor pretende voltar pra sua cidade ou mesmo para o Rio Grande do Sul? Né... como é que 'tá' (sic) hoje, como é que o senhor vê a adaptação em LEM... Sente falta da cidade, né, de coisas familiares?

J: Uma coisa que eu dizia que sentia falta quando morava em Barreiras, três coisas que me faziam falta, uma era o pão de milho da mãe, outra era o pinhão... conhece o pinhão?

V: Conheço.

J: ... E outra o CTG. E hoje tem os três aqui, hoje, de sobra.

V: Verdade.

J: E outra coisa: o melhor clima que eu já vivi é aqui. O único problema no clima daqui é a umidade relativa cair muito...

V: Muito quente.

J: Não é quente, até... o quente não é o problema... o problema é a umidade relativa cair muito, daí, o calor se acentua... acaba atingindo a respiração. O sol, a gente administra... eu tenho herança do tempo de campo, sem chapéu, mas hoje... nossa pele é diferente da dos nativos daqui... é fina... e se acentua mais em alemães...

italianos, também... tem muita diversificação. A nossa filha, a Monalisa, a gente toma muito cuidado com ela, que já não tomava em outros tempos, por causa dos efeitos do sol...

V: A longo prazo...

J: ... Queima mesmo... mas o clima é muito bom.

ENTREVISTADO C:

V: Por qual motivo se formou a ACELEM?

J: Bom, a ACELEM ela se formou praticamente no ano de emancipação do município. Luís Eduardo foi emancipado no dia 30 de março de 2000 e, em virtude dessa organização política do município, se tornar município, sair de uma cidade maior que foi Barreiras e tal. Eu vou ver na cidade uma forma de se organizar, né, pra que o município pudesse andar, tivesse mais credibilidade, e aí, quando foi dia 30 de fevereiro de 2001, pouco tempo depois, menos de um ano depois, surgiu a ACIS na época, que era ASSOCIAÇÃO COMERCIAL INDUSTRIAL E SERVIÇO, que é de Luís Eduardo Magalhães. Ela foi fundada na época por um grupo de empresários, né, exatamente na finalidade de ajudar a administração pública, de ajudar o comércio, de trazer melhorias pra cidade, essa foi a finalidade básica da associação na época.

V: Os empresários da cidade de Luís Eduardo, eles vieram, na sua maioria, de qual região do país?

J: Sul. Os empresários, pode-se dizer, mais de 70 por cento, são vindos do Sul do país, entre o estado do Paraná e Rio Grande do Sul. Hoje tem uma parte - na época era mais sulista - hoje tem uma parte do pessoal do Sudoeste que já vem pra cá, que pega assim Mato Grosso, um pouco de Goiás, pega aí São Paulo, já tem empresas, várias e várias empresas de São Paulo, né, mas, na época da fundação do município e da associação, era praticamente sulista.

V: Basicamente todos. Minha próxima pergunta seria até essa, qual a naturalidade por estados da maior de parte dos associados do Paraná...

J: Rio Grande do Sul, Paraná...

V: São maioria, né?

J: É, são maioria.

V: O senhor acredita que os sulistas foram o principais responsáveis pelo desenvolvimento da região Oeste?

J: Sim, eu acredito, até porque foram os desbravadores realmente do município né, o pessoal que pegou o município, praticamente no cerrado, e transformou no que é essa potência aí, não desmerecendo os outros estados, né, mas foi o pessoal que realmente tomou frente do negócio. O primeiro posto começou aqui, só que de origem sulista, as primeiras empresas, como vieram empresas, como BUNGE, por exemplo, a administração dela a maioria é o pessoal de fora, de São Paulo, desses estados, do Rio Grande do Sul, as empresas que vieram montar os maquinários, a maioria é de lá também, porque essas máquinas, o Sul do país era que dominava na época, né...

V: Toda tecnologia, né, veio de lá...

J: Exato.

V: E quais as principais características dos sulistas que provavelmente impulsionaram o crescimento dessa região?

J: A característica que eles têm, que é peculiar, é serem realmente desbravadores... o pessoal que gosta de mexer com a terra, porque o que trouxe realmente... incentivou que eles viessem pra cá foi a escassez de terra no Sul e a abundância de terra aqui na região Oeste da Bahia. Hoje nós temos aí três milhões de hectares abertos e, segundo alguns especialistas, tem mais aí quase dois milhões de hectares pra serem abertos. É, como no Sul as famílias foram crescendo, a área territorial é pequena, e as famílias queriam crescer, os filhos... porque vêm aquelas terras de geração em geração, aí procurou oportunidade... como desbravou o Mato Grosso, desbravou Goiás, e aí, 'vai' (sic) surgindo as oportunidades... surgiu a Bahia. E, esse Oeste da Bahia, descobriu-se que o cerrado tinha potencial pro plantio, né, todo mecanizado, mas aí foi isso que chamou realmente. Então, o gosto pela terra que eles têm e essa característica realmente de ser desbravador, de ir à frente, de não olhar adversidade, mas olhar oportunidade.

V: Foi o mesmo discurso da Rose Cerato da AIBA, ela fala exatamente isso, né, dessa dificuldade da rede familiar que eles começam trazer os parentes, e aí, tipo médicos, dentistas que até acabaram construindo também...

J: Eles 'tão' crescendo também, né, o avô, aí era o casal mais dois, três filhos, aí vem os 'filho' (sic), aí o filho casa, aí vem o neto, vem o bisneto, e esse povo tem que ir pra algum lugar, né? E lá, as propriedades não 'comportava' (sic) isso aí, e fora que os filhos foram migrando 'pras' (sic) cidade, estudando, se capacitando, 'tornando' (sic) engenheiro, dentista, médico e tal.

V: Depois voltam pra auxiliar no desenvolvimento, né? O senhor acha que houve alguma dificuldade pra implementar a associação aqui em Luís Eduardo, e qual?

J: Na época que houve a dificuldade, porque tudo era novidade, tudo que se inicia que 'cê' (sic) não tem uma referência, e a região aqui não tinha, e ainda hoje a gente tem dificuldade em encontrar a cultura de cooperativismo, de associativismo, e a

grande de dificuldade, o grande problema foi realmente fazer com que os empresários 'entendesse' (sic) que há uma necessidade realmente de unir forças, até porque a gente vem de uma cultura de concorrência... hoje mudou-se a cultura pra parceiro, mesmo onde há competitividade, se tornou parceiro hoje. Antigamente, era concorrente mortal, então, o pessoal tinha essa ideia de que se fizer associação, se reunir e tal 'cê' (sic) vai ter problema no seu comércio, e, na verdade, é o contrário, quando 'cê' (sic) reúne, tem uma associação, 'cê' (sic) une forças, né, 'cê' (sic) melhor capacita seu pessoal, tem mais acesso à informação, tem mais força pra brigar pelo objetivos comuns, né, que é o crescimento do município. Então, a dificuldade era a cultura de associativismo mesmo e cooperativismo, o que o Sul já tinha um pouquinho, por isso que começou, inclusive o fundador - o primeiro presidente - era sulista.

V: Tanto é que a gente percebe que hoje, quando a gente compara Luís Eduardo e Barreiras, a gente percebe que a classe empresarial daqui é muito unida, né, tem muita coisa que é feita na cidade por iniciativa privada, não pelo...

J: É. Pra você ter uma ideia, a questão da organização é exatamente pra melhorar a sociedade e o município em si. Há fatos, por exemplo, em Luís Eduardo, que consegue reunir todas associações, todos os presidentes de associações juntos, pra um bate papo isso mostra unidade. Então, por exemplo, nós temos um bom relacionamento com sindicato rural, tem bom relacionamento com a AIBA, com a ABAPA, não tem dificuldade nenhuma, porque nosso objetivo é o bem comum do município, então precisou de apoio na BAHIA FARMSHOW, a associação 'tá' (sic) lá, eu preciso de apoio deles, eles 'tão' (sic), querem ajudar, as portas estão abertas e tal. A gente entendeu que esse é melhor caminho, né, a união.

V: Com certeza. Até porque todos ganham com a união da classe, né.

J: Todos ganham.

V: Eu acho essa pergunta o senhor já respondeu, mas a gente pode, verificar aqui. Qualquer a principal contribuição do grupo social sulista pra economia do município?

J: É... Do grupo sulista foi exatamente abrir essa região aqui, investir o recurso que eles tinham, a mão de obra deles, que é o capital, é o dinheiro, que é o conhecimento, que é a experiência, né, que eles trouxeram pra cá, porque já vieram de regiões que mexiam com o plantio. Eles trouxeram esse conhecimento pra cá, ainda que cada região tenha suas peculiaridades, né. Mas, o plantio em si, ele é mesmo, né, trabalhar com a semente, jogar na terra, acompanhar, pulverizar, colher e vender, isso eles já trouxeram do Sul, agora, o que faltava era conhecer os detalhes da terra, né. E, então, assim, o sulista tem essa coragem de investir, ele acredita no sonho dele, né. Coisa que alguns estados do país não têm, algumas pessoas não têm essa cultura de sair da sua cidade, sair do seu município: "Vou pra tal lugar, vou chegar lá, vou entrar na terra, vou derrubar, vou abrir, vou plantar e

vou colher e vou investir minha vida lá”, eles tem essa característica, * a vida dele na terra.

V: Frisa muito essa questão do empreendedorismo, né, são muito empreendedores.

J: São empreendedores por natureza, eles não têm medo de ir no banco, pegar um capital e já ‘tá’ na terra, e esperar chover, ‘dá’ sol pra colher, não tem esse medo, não.

V: Verdade.

IDENTIDADE, HÁBITOS E COSTUMES

V: Há alguma dificuldade de interação entre a classe empresarial por conta da naturalidade do grupo de associados? Então, por exemplo, o grupo dos sulistas com o grupo dos nordestinos ou baianos, não sei... Há algum impasse ou alguma dificuldade de interação entre eles?

J: Na verdade, assim, a associação... ela procura atender tanto de uma cultura, como de outra cultura, tanto o pequeno como o microempresário como o grande empresário, a maioria dos sulistas... eles são empresários já de média empresa pra cima, né, o pessoal que ‘tão’ (sic) vindo, que ‘tão’ (sic) começando, que ainda são dessa região do Nordeste, vamos dizer assim, são os microempreendedores individuais. Então, como a associação... ela procura abranger todos, então a gente tem que ter uma certa facilidade, a gente não faz ‘segmentalismo’ (sic), a gente não prega isso, a gente prega a diversidade. Então, com essa de pregar a diversidade, de agregar todos, a gente tem uma certa facilidade. Então, por exemplo, nós temos um evento que a gente faz anualmente aqui, que é a EXPOLEM. A EXPOLEM, ela atende tanto o pipoqueiro, como atende aquele que vende o carro na concessionária de veículos. Então, tem espaço pra todos, e a gente faz questão de ter esse espaço exatamente pra agregar, pra não ver essa segmentação, essa diferença cultural, ou que tem menos recurso, mais recurso, ou grande ou pequeno, não, a ideia, exatamente, é agregar a todos.

V: Tem algum dado, Sr. Jother, que eu posso consultar em relação ao segmento empresarial, por exemplo, na indústria comércio e serviços, os empresários vêm de tais e tais lugares?

J: Especificamente, não. Hoje, se existe, por exemplo, se você quiser saber quantas empresas tem, microempresas, ‘cê’ (sic) vai ter essa informação, o próprio SEBRAE tem isso. Agora, de quanto a sua naturalidade, a gente não tem esse dado, nós não temos.

V: Mas pelo que o senhor me falou 70% são sulistas...

J: 70% ‘é sulista’ (sic)...

V: Qual a principal dificuldade encontrada em relação a alguns hábitos específicos entre os associados?

J: Questão realmente cultural, porque o sulista... ele gosta de preservar suas tradições, os seus costumes, no entanto, que nós temos em Luís Eduardo é... o CTG, sabia disso, ele é um dos maiores do mundo. Então, aí eles juntam, sulista tem essa característica de 'tá'(sic) sempre em comunidade. É o CTG – CENTRO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS, já... quase o Nordeste não tem muita, talvez surja algumas cidades que querem preservar a sua cultura, em Luís Eduardo tem uma dificuldade de preservar a cultura nordestina, né, de realmente ter um centro de eventos voltado pra cultura nordestina ou a cultura baiana, infelizmente, nossa região não tem isso.

V: Meio que misturou as tradições, né.

J: Exatamente. Mas o sulista não, ele quer preservar a tradição dele, tem família que até conversa em alemão ainda...

V: Aqui em Luís Eduardo?

J: Aqui em Luís Eduardo.

V: Bacana! É... A classe empresarial teve que se adaptar a um estilo específico de cultura organizacional devido a questão cultural sulista? Teve alguma influência, se teve, qual?

J: Eu acho que a maior influência que nós tivemos que nos adaptar, chama-se: organizacional. Eles têm uma característica de organização, cada coisa no seu devido lugar, nós talvez de outras regiões do país não temos uma cultura, assim, de ser organizado, de ser criterioso, de trabalhar com qualidade, com pontualidade, então, eles têm essa característica. Então, a maior dificuldade que a gente precisa se adaptar a cada dia, chama-se: organização e administração, realmente, de fato, como ela é, que é planejar, organizar, controlar e coordenar, isso eles têm pesado.

V: E, por exemplo, existe algum hábito específico, que foi alterado ou que foi inserido na cultura de gestão dos empresários, devido algum aspecto de interferência da cultura sulista?

J: Se você olhar pra região, há uma migração muito grande da mão de obra para equipamentos e máquinas. Quanto mais se evolui as máquinas, eles procuram realmente acompanhar esse processo para exatamente reduzir a mão de obra, porque a mão de obra... ela tem uma certa dificuldade na região: primeiro - de conhecimento, técnica, que, hoje, plantio em larga escala tem que ter técnica, tem que ter conhecimento, não é de jogar a semente no chão, não se planta, e eles têm realmente essa cultura de fazer, e fazer bem feito, produzir e produzir quantidade. Então, você percebe isso quando há essa migração, diminuição de mão de obra pra questão de máquinas e equipamentos de ponta, tecnologia que vai ajudar realmente; então, a tendência, por exemplo, futuro próximo é usar a máquina sem ser humano dentro, foram lançados nos EUA, em alguns lugares, foram

'lançados'(sic) máquinas que não exigem mão de obra humana - do escritório, o cara vai fazer o processo dele todinho no campo. Essa é a dificuldade. O sindicato rural, por exemplo, constantemente, faz treinamento de capacitação de mão de obra pra tratorista, pra cozinheiro, pra eletricista, a associação essa semana agora, ontem entregou o diploma de, por exemplo, de auxiliar de dentista, de auxiliar administrativo, de veterinária. A gente 'tá' (sic) tentando capacitar o pessoal porque a gente vem de uma cultura de falta de conhecimento, falta de técnica, de qualificação da mão de obra muito grande; então, às vezes, o pessoal sai do sertão, infelizmente, não tem acesso à educação, à saúde, a saneamento básico, e ,pra trabalhar numa fazenda, hoje, é exigente o negócio. Então, no comércio, hoje... o comércio é exigente, as pessoas 'tão' (sic) exigentes, o consumidor 'tá'(sic) mais exigente. Então, assim, se você não treinar seu pessoal, 'cê' (sic) não tem como sobreviver.

V: Aqui no meu trabalho eu até falo um pouco dessa característica, porque, quando a cidade começou a se expandir, eles chamavam aqui do novo El Dourado, né. Então, vinha muita gente pra trabalhar nas fazendas, que não tinha essa mão de obra qualificada, que eles iam pra desenvolver o trabalho braçal, mesmo nas fazendas.

J: O pessoal via oportunidade de trabalhar e ganhar o sustento da sua família, não de crescimento profissional, porque você procurar uma oportunidade pra crescimento profissional é uma coisa, você procurar um emprego é outra coisa, e as pessoas vinham atrás de emprego, trabalhar uns seis meses, cinco meses.

V: A qualificação era muito ruim, então?

J: Era. Era quatro, cinco, seis meses, voltava pro sertão... aí vinha na época da safra, trabalhava três, quatro meses, cinco meses, voltava pro sertão.

V: Eu vi uma outra dissertação, uma tese de um escritor, ele investigou Luís Eduardo em 96, aí ele falou, que, às vezes, o pessoal vinha, ganhava o dinheiro e não voltava mais pras fazendas, inclusive porque...

J: Era uma população flutuante. Só vinha na época de safra, o pessoal saía daqui ia pra região de Irecê, lotava ônibus e ônibus, lá vinha, jogava o pessoal na fazenda, acabava safra, pegava esse pessoal, e voltava tudo pro sertão.

V: Mas hoje o senhor percebe que, em relação a qualificação, melhorou?

J: Tem melhorado, porque o mercado 'tá' (sic) mais exigente, as empresas não 'tão' (sic) querendo pessoas que entram hoje e 'sai' (sic) amanhã; não dá, porque a gente gasta, investe, a gente treina, capacita, leva curso, traz pra curso, ensina. E, pra daqui a pouco, uns seis meses, você perder essa mão de obra, não compensa. Então, essa é uma cultura que nós 'tamo' (sic) mudando na cidade, a gente quer pessoas que 'tenha' (sic) compromisso com a empresa, de que ela vai entrar e permanecer, vai ser capacitada e vai ficar.

V: O senhor é empresário de qual segmento?

J: Produto siderúrgico.

V: Tem uma pergunta aqui que eu faço em relação ao que é mais presente da cultura sulista aqui na região, aqui na cidade...

J: Comunicação é base. O sotaque deles é bem... A minha filha estuda na escola, ela é baiana, ela nasceu aqui na Bahia tem 13 anos, eu sou mineiro, minha esposa é nordestina. E minha filha não sabe o que fala, tem dia que ela chega falando sotaque gaúcho, daqui a pouco nordestino, daqui a pouco mineiro, é uma confusão na cabeça, porque a escola dela é praticamente de gaúcho, tudo sulista. A única 'pretinha' da escola é ela. Casas e Edificações é bem característico deles aqui.

V: Como são as casas aqui? Eu conheço pouco aqui, mas preserva...?!

J: Por exemplo, 'cê' (sic) vai lá, conversar com Dona Lídia agora, 'cê' (sic) vai entrar num bairro chamado Jardim Paraíso, 'cê' (sic) vai ver as características das casas, são casas, assim, com um porte maior, com uma qualidade de vida maior, eles gostam de um jardim, gostam de espaço, tem casas que a arquitetura... Então, 'cê' (sic) sai da cultura sulista, aí vai pr'um bairro que a cultura é nordestina, 'cê' (sic) vê o sofrimento maior, as casas não têm uma estrutura, eles não se importam, vivem 'aglomerado' (sic), 'pega' (sic) um terreno 'faz' (sic) três, quatro, cinco casas, saneamento básico eles não cuidam por si só, infelizmente. E lá não, você pega um bairro, que a maioria é sulista, 'cê' (sic) vê é mais condomínio, casas com edificações diferenciadas, com a estrutura melhor...

V: Aí é um bairro mais sulista?

J: É um bairro sulista, praticamente.

V: É o Jardim Paraíso?!

J: Jardim Paraíso.

V: Que é diferente, até falo aqui, do Santa Cruz...

J: Santa Cruz... São totalmente diferentes, são dois universos distintos.

V: Santa Cruz, eu falo, inclusive, da questão das ruas, né... porque a maioria das ruas lá, pelo que eu pesquisei, são ruas de cidades do Nordeste, então é rua Ilhéus, Irecê, não sei o quê e tal...

J: Lençóis, Itabuna...

V: Eu até mapeei essas ruas aqui.

J: Exatamente. Jardim Paraíso, então, 'cê' (sic) vai pegar: Vinicius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade, Santos Dumont, 'cê' (sic) vai ver lá as ruas do Jardim

Paraíso são 'tudo' (sic) assim, nome de escritores, de pessoas que fizeram alguma coisa no decorrer de sua vida aí, que mudou a história do país, às vezes.

V: Vou até pontuar sobre essa questão das ruas.

J: E a religião também, que é muito forte.

V: Como é a religião?

J: O sulista ele é tradicionalmente católico, né.

V: Tanto que eu acho que a igreja daqui foram eles que construíram, né?

J: Construíram. No Jardim Paraíso eles 'tão' (sic) fazendo uma 'mega' igreja. Praticamente todos os bairros aqui tem uma igreja católica de grande porte; 'cê' (sic) vai nas Acácias, tem uma igreja enorme ali, de grande porte, porque eles têm uma certa estrutura eles 'investe' (sic) nisso também, né. Eles 'investe' (sic) na religião, 'investe' (sic) no social, 'cê' (sic) vê... a Carminha * , que é presidente do Sindicato Rural, ela, foi vários anos, foi presidente da APAE, o pessoal que gosta de mexer com *Lions*, instituição filantrópica, então, tem esse lado, também positivo, que eu acho neles. Marquei três aí.

V: Essa pergunta aqui meio que a gente começou a entrar nela agora. O senhor percebe algum tipo de segregação em relação aos sulistas e outra parte da população daqui?

J: Sim. É visível, né. 'Cê' (sic) pega a cidade de Luís Eduardo, pode dividir ela, praticamente, hoje não dá para ver tanto, mas antigamente era dividido em três. Aí, 'cê' (sic) pega aqui o centro, que é o comércio; Jardim Paraíso...

V: Aqui é a BR, né, como se fosse cortando...

J: É... Aqui é a BR e aqui, o bairro Santa Cruz. Antigamente, Luís Eduardo era exatamente isso aqui. 'Cê' (sic) pegava o centro, que é a região comercial; aqui o Jardim Paraíso, residência; e aqui, o proletariado.

V: Então, ficava bem visível.

J: É visível. Inclusive hoje ainda, né?! Se você sair de um bairro pro outro 'cê' (sic) vai ver que, realmente, é visível.

V: Eu fiz até uma pesquisa... O São João é uma festa muito forte no Santa Cruz. O senhor, como empresário, será que o formato da festa, hoje, que foi desenvolvida dentro do Santa Cruz foi pra deixar ainda mais segregada a festa?

J: Na verdade, são intenções políticas, não se pode falar da associação, mas a intenção, por exemplo, de fazer um São João no Santa Cruz é só o fator chamado político, só político. É 100%, "Ah, tem que fazer uma festa pro povo", aí peço pro povo... tá concentrado Santa Cruz, entendeu?

V: Tá concentrado lá. Ao longo dos anos, houve uma adaptação nos seus modos de viver em Luís Eduardo, ou eles foram preservados?

J: É... O churrasco, o chimarrão... Minha filha come churrasco, característico nosso; chimarrão, por exemplo, minha esposa, que é nordestina, toma chimarrão, eu tomo chimarrão em casa; questão de frequentar praça pública e levar a família, sentar lá, botar uma cadeira...

V: Aqui tem muito piquenique, o pessoal faz...

J: ... Exatamente. Só pra... ficar vendo o tempo passar, 'cê'(sic) conversar em família, em amigos, tal... Uma cultura totalmente sulista. O nordestino ele não tem, se juntar ele tá fazendo um som, um forró, um frevo, um pagode, não sei como 'é' (sic) as música 'nordestina' (sic) e tal, mas tem um carro no meio e um som. O sulista... ele vai pra sentar e conversar com os amigos, conversar com a esposa, tomar um chimarrão, deixar as crianças 'brincar' (sic) na praça enquanto tá assistindo. A praça do Jardim Paraíso é enorme, todo dia a tarde às 18h, a praça 'tá' (sic) cheia de gente lá sentada, famílias em volta com as cadeiras. Lá em casa tem três cadeiras, eu levo abro na praça e sento, minha filha, minha esposa senta.

V: E vocês ficam lá... É uma cultura diferente... Meu trabalho, ele também tem essa característica, assim, como as pessoas já estão se adaptando a uma cultura deles, né...

J: 'Tá' (sic) se adaptando, sim. A gente acaba que gosta, porque realmente é um momento que a gente tem pra 'tá' (sic) ali, despreocupado, alguns falam de como é que 'tá' (sic) a lavoura, outro 'tá' (sic) ali vendo o menino correr em segurança, né, porque tem segurança no bairro, é um bairro, assim, seguro. Nas outras praças, 'cê' (sic) vê a praça abandonada... Lá não 'tá' (sic) abandonada, todo dia tem gente, de manhã tem gente andando, sentada, sai da escola as 'criança' (sic) vão tudo pra lá, que moram no bairro... vai pra praça, os pais 'fica' (sic) lá andando conversando, as crianças lá com o uniforme da escola na praça. Isso é cultura sulista.

V: Bacana. Acho que a prefeitura, vou até perguntar isso pro secretário de cultura, né, porque já deviam pensar em praças também nos bairros periféricos, já que essa cultura...

J: Exato. Tem a Praça do Bem e tal, mas 'cê' (sic) chega lá... ela tá abandonada.

V: Não tem nenhuma praça que tenha equipamento ali no Santa Cruz

J: Daqui a um mês 'cê' (sic) faz uma praça no bairro, depende do bairro, 'cê' (sic) dá um mês pra praça acabar, só fica lá a grama abandonada, não cuidam, destrói, destrói lixeira, destrói equipamento de ginástica, que o pessoal teve o trabalho de fazer algumas praças... Jardim Paraíso... os equipamentos 'tão' (sic) 'tudo' (sic) lá, novinho ainda, todo dia tem gente usando, mas preserva. Aí 'cê' (sic) vai no Santa Cruz, na praça Ayrton Senna foi colocado o mesmo equipamento, não tem nem a

carcaça mais, infelizmente. Então, nós temos a cultura, o sulista tem a cultura de preservação, e tem outras pessoas que tem a cultura de destruição.

V: E a última pergunta, o que mais te desagrada atualmente em Luís Eduardo Magalhães?

J: Acho que o que mais desagrada em LEM é falta de segurança pública e infraestrutura na cidade, é o que me deixa mais chateado.

V: A infraestrutura... todos falaram mesmo.

J: Infraestrutura e segurança 'é' (sic) básico, até pra criar a família da gente; saúde a gente se vira...

V: É, saúde o pessoal também reclamou bastante.

J: Saúde a gente se vira, agora segurança é complicado. Lá na minha casa, por exemplo, eu tenho cerca eletrônica, tenho vigilância eletrônica, e nós temos segurança que cuida das nossas casa, ainda, na rua,

V: Tanto é que, pelo que eu pesquisei, teve um ano, eu acho que foi há três atrás, LEM ficou como a terceira, ou segunda cidade mais violenta da Bahia, entrou no ranking.

J: Nesse sentindo, entendeu?

V: Pr'um município que é relativamente novo.

J: Lá nosso bairro que a gente mora, o que a gente sofre lá é assalto e roubo, que é um bairro um pouco melhor, de estrutura melhor, 'cê' (sic) vai num bairro mais simples, aí 'cê' (sic) vê todo dia assassinato, roubo, drogas, a pessoa morre por causa de droga, esses dias 'morreu' (sic) duas senhoras, uma hora da manhã o usuário de droga 'matar' (sic) a pessoa dentro de casa, acerto de contas, recebimento de contas. No Jardim Paraíso não tem nenhum bar, pode procurar lá, não tem.

V: No bairro que o senhor mora?! Interessante bares, vou falar sobre isso.

J: Não tem, lá a gente não permite, lá tem dois 'mercado' (sic), um em frente à praça e outro mais no centro do bairro, não tem uma danceteria...

V: Porque acaba atraindo o pessoal pra lá...

J: É... Bandido. Porque 'cê' vai num bar, 'cê' fica lá meia-noite, uma hora da manhã, aí tem álcool, droga e prostituição, 'cê' tem morte, né, 'cê' só vive procurando morte.

V: E opções de lazer, então, vocês acabam indo pra restaurantes, outro bares...?

J: A gente brinca que quer comer, né, quando não vai pra academia, vai pra praça, cê vai jantar, vai comer, ou então 'cê' sai pra fora, né, por isso muita gente viaja, né.

Final do ano a cidade fica vazia, todo mundo vai pro Sul, vai pra praia, vai passear, porque durante a temporada normal não tem, né, esse é um hábito nosso aqui também, bastante viagem.

ENTREVISTA DO D:

.....

V: Um agricultor, Paulo Schimdt...

L: É daqui, né, esse já... De quando a gente chegou aqui. Depois, o meu marido, ele começou a trazer gente, foi o primeiro que começou a trazer gente, ele começou a ir pro nosso Sul pra lá, né, onde a gente conhecia tudo e ele começou a trazer gente né, então, esse Paulo Schimdt foi 'nóis' (sic), por intermédio nosso que veio, ela é muito minha amiga, ela, Dona Helena...

V: Eu vou entrevistar eles também, como agricultores...

.....

V: Naturalidade?

L: Era Rio Grande do Sul, né, naquele tempo era * de Soledade onde eu nasci, só que depois lá, no nosso lugar, começou quando veio mais gente 'fizerem' (sic) fizeram a cidade... daí é Espumoso, existe até hoje essa cidade, que a nossa cidade era Espumoso, quando eu nasci era * de Soledade, acho que no meu registro tem isso.

V: Profissão?

L: Sempre foi agricultora. Agricultores 'pobre' (sic), eu me criei sem pai lá no Sul, né, o meu pai morreu, quase nem conheci, me criei sofrida 'ca'(sic) minha mãe pobre, pra * sempre trabalhando, né, a vida *.

V: A senhora chegou a concluir os estudos?

L: Não, eu não.

V: Mas chegou a fazer ensino médio, qual a escolaridade da senhora?

L: Não. Eu até fui muito pouco na aula, eu.. quer ver onde eu aprendi na escola a ler!?

V: Bíblia, né?

L: Bíblia, até que agora eu leio mais ou menos. Naquele tempo os pais não 'dava' (sic) estudo, não. Você ia na aula, dava bastante chuarada, precisava trabalhar na roça, e deixa você ir, mas não tinha esse negócio que nem tem hoje, né, hoje mesmo meus 'neto' (sic), meus 'bisneto' (sic), eu também fico assim "Tem que estudar, tem que estudar. Chega a bisa que não estudou, a vó que não estudou",

batendo cabeça sofri toda vida, só sabendo 'trabaiá' (sic) em roça, né, roçando mato, derrubando mato e fazendo roça, assim foi a minha vida. Agora que eu 'tô' (sic) assim mais, né, * minhas 'roça' (sic) tudo, mas, por exemplo, hoje eu não trabalho mais, tenho quem trabalha, né? Mas, antigamente, era eu mesmo que lutava desde arado com boi, arei com vaca, arei com cavalo só pra... no meio do milho assim a gente * mato, você tinha os aradinho. Sabe o que que é arado?

V: Sei, é pra poder plantar depois.

L: O aradinho... Mas, por exemplo, esse já era o animal, a gente ensinava um animal, depois de se plantar o milho aí vinha muito mato, daí você *, mandava fazer *, era de ferreiro fazia, e botava, assim, dois, a gente dizia marreta assim, e você ia dirigindo e ajudava mais limpar a planta, a planta vinha 'mais melhor' (sic). É, se eu for te contar tudo, você fica louco...

V: Onde mora?

L: Olha, ontem eu 'tava' (sic) até lá minha casa, eu gosto de lá porque lá eu morei, imagina, farei tantos anos lá, aqui faz sete anos que eu moro aqui, nem tem sete 'ano' (sic) que eu 'tô' (sic) morando aqui. Aí meus 'filho' (sic) tudo aqui, só tem o mais novo que mora em Barreiras, ontem eu 'tava' (sic) em Barreiras, que a minha filha Jusmari, ela tem sendo deputada, né, * politica, negócio político, que meu genro que é prefeito, né.

V: Daqui de Luís Eduardo...

L: É. Ela já foi deputada estadual já duas 'vez' (sic), deputada federal, daí ela passou pra prefeita de nossa cidade lá de Barreiras, primeira cidade era Barreiras.

V: Há quanto tempo mora na região Oeste? A senhora saiu do Sul nos anos 70?

L: Na região, nós 'cheguemo' (sic) aqui em 79, *****.

V: Ah, você chegou a voltar na sua cidade, já chegou a visitar lá no Sul, a senhora sempre vai?

L: Eu vou, tenho a minha irmã, até diz * pra cá, tem uns * *, que são meus sobrinhos, então a mãe desses *, * há muitos anos e a minha 'mana' (sic) ficou viúva, né, mas tem os 'filho criado' (sic) daí, os 'filho' (sic) aqui os * meus sobrinhos, que são tudo * também, foi a que trouxe eles também pra cá.

V: Então a senhora saiu da cidade de Soledade, na época, Espumoso.

L: Que eu saí de lá da minha cidade, eu vim pro Paraná, também o Paraná era mata... tinha onça tinha tudo lá, eu sofri muito também. Casei novinha, com quinze anos, eu casei treze de dezembro, quando foi trinta de janeiro que eu me criei lá e casei daí, nós 'viemo' (sic) pro Paraná. Era só mata, não é mata que os 'baiano' (sic) diz mata aqui, aqui não é mata, aqui é cerrado, cerradinho. Mata é aquelas 'árvore' (sic) assim... No Paraná tem mata mesmo. Que aqui eles chamam mata, Maranhão,

* no Maranhão é só um cerrado assim, não existe mata, até que no Maranhão * tem árvores no meio, lá tem mais mata do que quando a gente chegou aqui. Aqui era só cerrado.

V: E qual o motivo que a senhora veio pra cá com o marido da senhora?

L: ... Vou te dizer assim: os sulistas são ‘tudo doido’ (sic) por terra e pra vencer na vida, né. Tu pode falar comigo e falar sobre aquilo que eu ‘tô’ (sic), que com isso ele vai falar e vai dizer, gente vai onde é que quer achar melhor, onde que ‘cê’ (sic) quer achar melhor, eu acho que todo mundo também é assim, se você é de comércio, você quer um lugar que o comércio é melhor, e assim a gente vai andando, vai andando... daqui já comprei fazenda no Maranhão, já ‘tô’ (sic) aqui, já ‘tô’ (sic) lá, e porque eu comprei lá, porque é baratinho. Eu tenho um neto, que ele é neto vou dizer, (?) neto e filho, porque o neto mais velho sempre é dos avós, né, aí meus ‘filho tudo’ (sic) que eu tenho no que eu morrer é tudo deles, e esse neto que sempre ficou comigo desde a idade de onze anos, acho antes de onze anos, sempre ele ficou na minha companhia, toda vida, até hoje trabalha junto, dali agora eu comprei lá no Maranhão, porque aqui a terra é muito cara; se eu for vender o pedaço de uma fazenda minha aqui, não dá, aí o que é que eu fiz: eu me sinto assim, que eu tenho que deixar ele bem de vida também porque ele viveu, né, e a mãe e o pai dele moram aqui do lado *. Então, ele sempre deixou do pai e da mãe, e ele era o mais velho deles, e ele é o meu neto mais velho e muitos avós tem sempre os netos mais velhos * junto, né. Então, eu fui no Maranhão conhecer lá, meu filho tinha ido pra lá, meu filho em frente aqui, aí ele convidou “Mãe, ‘vamo’ (sic) pra lá, lá é tão bonito, tem terra boa”, ele sabe que eu gosto e eu falei “‘vamo’ (sic), meu filho, então”, * da madrugada, e ele falava pro meu neto, meu filho diz assim “Cleiton, você e a mãe que ‘gosta’ (sic) de criar gado lá é lugar de criar gado, terra boa pra criar gado lá, tem pasto bem alto”, e ele falava assim “quero nem saber desse Maranhão, quero nem saber”. No dia que era pra sair o meu filho veio aqui de tardinha cinco ‘hora’ (sic) da tarde, ele disse assim *, de tardinha quando ele não tá na fazenda, ele vem, a gente usa... tomar chimarrão, se reúne neto e vó e filhos e nora, tudo que ‘tá’ (sic) perto, manhã cedo o café aqui na minha casa, eu faço um café, um chimarrão... daí, vem minha filha, meu genro, aí minha nora toma, meu filho não toma chimarrão, ela vem aqui toma café comigo, é assim... Aí dizia, que não, que não queria, não queria, de repente quando é ‘pra’ (sic) nós ‘sair’ (sic) ele diz assim “Vó, eu não podia ir junto ‘ca’ (sic) vó?”, eu falei “Claro, aqui tem os ‘funcionário’ (sic) que cuida das ‘fazenda’ (sic) aqui, ‘vambora’ (sic), você quer ir...”. Eu fiquei admirada e foi, quando chegou lá ficou doido, foi o que eu queria. Porque eu daqui não ia tirar ‘do’ (sic) meus ‘filho’ (sic) também pra dar, né, o que eu tenho é ‘do’ (sic) meus ‘filho’ (sic), claro que hoje eu que domino, ‘tá’ (sic) tudo nas minhas ‘mão’ (sic), né, mas o que tenho vai ser dele, e ele era neto, claro, que ele vai herdar pelos pais dele, aí pensei “Não, vou ter que deixar bem ajeitado”. Chegou lá, ficou doidinho, lá comprei uma ‘fazendo’ lá, que ela era mais barato’ (sic), mas já ‘tá’ (sic) bem mais caro, já. E assim, o sulista, ele é tão doido, que você vê aqui *, agora ‘tá’ (sic) mais tranquilo, vai lá no lugar novo, compra de novo que é mais barato porque, né, precisa de terra o sulista só

quer trabalhar em terra *. A natureza, porque a gente já nasce, eu nasci e me criei com meus pais 'pobre' (sic), e, trabalhando numa terrinha, era aquilo que a gente tirava a vida, tirava coisa pra se comer, pra se vestir, e vai indo e vai indo e vem de avós, de bisavós, de netos e vai indo... Construindo, a vida é assim.

V: E como era a cidade aqui de Luís Eduardo vocês chegaram aqui? Não tinha nada praticamente...

L: Não. Só tinha esse... nós 'chamava' "o negão que dava risada", eu não sei o nome dele, só tinha ele e tinha esse senhor *, e eles 'tinha' (sic) muita terra aqui, esse senhor eu não sei, dizem que tinha muita terra, mas ele morreu na miséria, inclusive, a minha filha que acolhia ele, né, tinha dó, porque era a pessoa que 'tava' (sic) aqui, mas que ele era outra geração de gente, e a mulher dele era brasileira, mas parece que ela faleceu também, conhecia ela, era bem negra, e ele era um senhor bem corado, bem branco.

V: Ele não era brasileiro?

L: Eu acho que não, a minha filha sabe... que a minha filha lutou muito, antes que não morava aqui ainda, ela ficou com dó dele e os 'filho' (sic) 'abandonaro' (sic), e eles eram melhor de vida aqui, tinha ele que morava pra lá da área que vai Brasília... ele morava pro lado de lá assim, então não deixava ninguém chegar lá, * uns pauzão grosso assim, * os 'toco' (sic) , e lá ninguém chegava. Ele era geração, aquela geração dele * brasileira, era outra geração, não posso me lembrar, agora, como era a geração dele. Aí depois, ele ficou tão mal, que ele andava de mendigo, aí a minha filha tentou, eu não morava aqui ainda, morava em Barreiras, e daí ela falava "Mãe, tem que...", aí eu falei, mas ele não tem, coitado, 'tá' (sic) sofrendo, os filhos 'abandonaro' (sic) ele, daí, a minha filha levava ele, ele fazia cocô na roupa tudo, mas fugia, não adiantava, aí, eu acho que ele morreu aí nas ruas...

V: Deve ter tido algum problema psicológico.

L: É, acho que sim.

V: Então, a cidade mudou bastante, né, desse período pra cá...?

L: Nossa! Quando a gente veio aqui não tinha nada.

V: E qual atividade agrícola a senhora desenvolvia lá no Sul, e trouxe pra cá, pra região?

L: O que a gente plantava lá era milho, feijão, na época, a gente já plantava soja, as * que tem aqui foi a gente que trouxe...

V: As mesmas que vocês plantavam lá, trouxeram pra cá...

L: Trouxeram para cá... a gente vivia disso.

V: Na época que a senhora veio com seu marido, quais eram os membros da família que vieram junto com vocês?

L: (Ela fala bem baixo)... Tenho a filha casada que mora ali, que eu tenho meu neto comigo.

V: 'Cê' (sic) já trouxe os filhos, então?!

L: É. Eles 'viero' (sic) todo mundo junto, veio muita gente, depois veio também o Guadain,

V: Que é amigo, né?

L: É amigo... Ô meu deus, pensava * dizer o nome das pessoas, mas hoje eu não posso dizer (?), tem um outro senhor também... logo que nós 'viemo', ele veio também.

V: Que, até hoje, moradores...

L: São. Até um deles tem filhos que são médicos, mas como é nome dele? Meu deus, ontem nós 'falamos' (sic)...

V: Caps, Hilário Caps?

L: Anh?

V: Hilário Caps, não?

L: 'Isse, isse' (sic)! 'Cê' (sic) tá sabendo...

V: Ignez Pitta me passou.

L: O Guadain e o Caps foi também um dos 'primeiro' (sic) que 'veio' (sic), depois, quando nós 'viemo' (sic), eles também 'viero' (sic) * chegando...

V: É, ele tem um pessoal que é dentista, acho que é Dra. Elza, aquele pessoal lá em Barreiras.

L: ... O Guadain... até eu fiquei tão triste ontem, que faz tempo que não vejo, aí, foi se expandindo uns pra cá, pras suas terras, outros pra lá, criando seus filhos tudo, né. Então faz muitos anos que eu não vejo ele, nós 'tava' (sic) falando ontem ali do Caps *, e do Guadain. [...] Então, todos 'pessoal' (sic) já vinha chegando, né, daí meu marido começou levar filmagens pro Sul e trazendo gente do Sul, e tem muitas famílias, que * falam, eles vão te contar... Aí, ele começou ganhar de comissão, meu marido... ele começou, né, o pessoal não dava valor nas 'terra' (sic), os 'pessoal' (sic) só 'ficava' (sic) na beira de rio, e o resto eles 'queria' (sic) vender tudo... O meu marido começou assim; eu 'trabaiava' (sic) de roça, cuidava de roça, sempre fui de roça, ele já foi mais... sempre gostou mais de comércio, daí meu marido ia, fazia filmagem e mostrava e vinha, e encheu, encheu...

V: A cidade começou a desenvolver, mas eles vinham trabalhar com agricultura também, né, comércio, tudo o que eles tinham e experiência na época.

L: É... Ele ia e mostrava a filmagem das 'terra' (sic) aqui, que era barata, isso e aquilo.

V: Vocês sempre trabalharam com agricultura, né?

L: Sempre com agricultura.

V: E vocês ainda têm parentes lá no sul?

L: Tem, mas não muitos mais, né, tem... do lado do meu marido tem mais, do meu lado é que tem menos... tem essa minha irmã, e tenho sobrinha, essa minha irmã diz que 'trouxero' (sic) ela - eu tenho até que procurar ela - diz que 'trouxero' (sic) ela lá do Sul, que foi meu sobrinho e minha sobrinha lá, e tá aqui. Ela tá com 93 anos *, só eu e ela que existe ainda da nossa família.

V: E a senhora acredita que os sulistas... eles foram os principais responsáveis pelo crescimento da região/LEM?

L: Com certeza. Porque foi só...

V: Os primeiros moradores...

L: Agora não, agora tem baianos, tem 'muita' (sic) gerações de gente aqui, tem de 'Alemãs' (sic) e tem tudo, né. Mas que foi o sulista, foi, porque se nós não 'viesse' (sic) descobrir essas coisas aqui, né, porque o sulista... ele é assim, ele é muito de gostar de terra e de 'trabaiá' (sic), e de plantar e assim... 'Cê' (sic) não tá vendo que agora já 'tô' (sic) indo lá pro Maranhão? Ói minha idade!

V: A senhora ainda vai pra lá?

L: Mas óbvio. Eu não comprei lá!?

V: Tem que ir...

L: Comprei lá... três mil hectares de terra, então... mil eu vou 'dá' (sic) pro meu neto, eu não quero mais terra, e os 'outro' (sic) é deles, dos meus filhos. Mil 'hectare' eu dei pro meu neto, né, que eu tenho obrigação, que sempre 'teve' (sic) comigo, e, os outros dois mil, eu tenho mais agora, hoje ainda comprei um lotezinho lá, que lá é um lugar que foi dado os 'lotezinho' (sic), como é que se diz, o INCRA, e o pessoal vendeu tudo, agora você compra fazenda, e também compra lotezinho de um e de outro, eu vou emendando, e vou fazendo. Agora eu 'tô' (sic) fazendo 'pro' (sic) meus filhos, pra mim não, mas eu sou da luta, até que eu 'tô' (sic) viva, eu tenho que lutar. Eu sou da luta, 'tô' (sic) com saudade pra lá...

V: Então esses netos ajudam a senhora também pra administrar, tal...?

L: Eu tenho esse neto, que é o neto mais velho... ele tá sempre junto comigo, eu gosto muito de criar gado, ele também gosta; gosta que nós 'compremo' (sic) um gadinho, engorda um gadinho, vende um gadinho, nós 'temo' (sic) gado lá, eu 'temo' (sic) gado aqui, que eu tenho em Tocantis uma fazendinha, daí eu tenho um gadinho ali e assim, vai indo... que agora eu não posso mais trabalhar de enxada, de foice, dali eu compro o bezerro e crio 'eles' (sic), grande boi, depois vendo o boi gordo, assim vai fazendo 'os' (sic) dinheirinho, e assim vou comprando mais um pedacinho de terra pra eles, e , assim, vai indo. Até que eu for viva. O sulista ele... é muito doido, não digo doido... não sabe ter uma vida de descansar, tranquila ou de passear mais, ele quer saber de 'tá' (sic) 'trabaiando' (sic) aqui, 'trabaiando' (sic) lá, é assim... uma raça assim muito dura/ruim.

V: O que a senhora sente mais falta aqui em Luís Eduardo?

L: Olha, eu gosto do Sul... mas pra morar no Sul eu não me acostumaria mais... Eu gosto também do frio, né, não é que eu tenho medo do frio, mas é que assim... a Bahia, nós 'abre' (sic) a condecoração e a gente gosta do povo daqui tudo, e aqui tem gerações de gente de tudo que é geração, aqui tem, que eu nem conheço. Eu gosto muito de Barreiras.

V: Quais foram os principais hábitos sulistas que vocês trouxeram pra cá pra Luís Eduardo?

L: O vício que a gente tem é o chimarrão, hoje esses mais 'novo' gosta de tererê que toma frio, mas negócio de vício, assim, é o chimarrão, aonde vai é o chimarrão, hoje já os meus netos 'toma' (sic) chimarrão toda vez. [...] Mas só que eu não conhecia esse tererê, conheço agora, com eles, com meus netos... até porque a gente não tinha isso, era só chimarrão. A gente toma antes dos 'café' (sic), cedinho, então a gente vai na roça, toma o chimarrão, escuro ainda, cinco horas tá tomando chimarrão, toma o chimarrão, toma o café, depois vai trabalhar.

V: Como se deu esse processo dos sulistas quando eles se agruparam aqui na cidade, havia separação de quem era sulista, quem era baiano nesse período?

L: Eu acho até que..., Depende, tem pessoas que não têm esse negócio que é baiano, eu penso assim, que todos nós somos cristãos, seja o negro, seja o branco, seja quem for, né, a gente que quer seguir a lei de Deus, 'cê' (sic) vê, eu tenho a bíblia... ali é o meu livro que eu estudo, e aprendi ler ali, que eu só sabia soletrar, porque fui muito pouco na escola, não deu pra 'mim' (sic) aprender, né... e, naquele tempo os professor, nem eles sabiam 'quase' (sic) muita coisa. Mas eu fui muito pouco na escola, porque a gente era pobre, tinha que 'trabaiá' (sic) na roça... minha mãe ficou viúva muito cedo, e nós 'tudo pequenininho' (sic). Então, ela criou a gente só trabalhando, a gente não estudou, nem eu nem meus irmãos... alguém fez o quinto ano, mas eu não, não fiz nem terceiro, nada.

V: E a senhora acha que há alguma separação por parte da cidade?

L: Olha, pode até ser que alguém tenha, eu não posso dizer porque eu não tenho isso, mas tem gente que talvez tenha, não é porque eu sou sulista, por exemplo, 'cê' (sic) tem também, pode ser até que tenha. Agora nós, eu e minha família, ensinei, 'seje' (sic) qualquer pessoa, de qualquer cor, é cristão, é filho de Deus, né, eu creio 'isso' (sic) aí. Então, eu acho que eu não tenho, dizer assim verdade... sou 'meia' (sic) chucra assim, não sou muito 'fazedeira' (sic) de amizade, quer dizer assim, reservada. Eu vejo assim... que umas pessoas meio que têm luxo, eu não vou ter *, quando eu vejo que uma pessoa olha pra mim, eu tenho assim... que sou 'meia' (sic) chucra, e que não devia ser assim, porque também, né, a gente lida com tanta gente, mas não sou assim, tem gente que se 'arrumam' (sic) bem e eles passam assim pela gente... até no banco, em qualquer lugar também, você sabe que tem de qualquer *. Então, não sou muito de 'entrar' (sic) nas pessoas que eu vejo que eles não ligam muito pra gente. Eu gosto assim... tem gente, assim, que é humilde, simples, mas não é que eu não goste das pessoas, 'cê' (sic) já vem de um outro estilo de vida, mas, às vezes, tem gente que não tem muita coisa e eles querem ser assim, um jeito melhor que os outros.

V: A senhora pretende voltar pro Rio Grande do Sul, não?

L: Não. Eu aqui 'é' (sic) Bahia... A Bahia é uma bênção pra nós, todo mundo 'dquirir' (sic) suas 'terrinha' (sic) pra viver pros 'filho tudo' (sic), né... a gente ajeitando, eu acho que é uma bênção.

V: As pessoas daqui são bem, como a senhora falou, 'recebe' (sic) bem, 'abraça' (sic) bem as pessoas que vêm de fora... Quais são as características...?

L: O que que eu vou te dizer...

V: Acho que o sotaque é bem sulista, poderia ser um dos, porque a gente percebe que o sotaque de vocês é bem presente...

L: É, o sulista 'tudo ele' (sic) é o sotaque é igual, bem dizer, agora têm uns com estudo, eles já 'fala' (sic) um pouquinho diferente... vejo assim... meninos 'novo' (sic) que 'estuda' (sic) e 'faz' (sic) faculdade, eles 'sabe' (sic) falar melhor do que eu, eu não estudei.

V: A senhora acha que a comida também?! Tem muita churrascaria aqui na cidade...

L: Tem, tem muita churrascaria.

V: Bem tradicional do sul...

L: Bem pertinho aqui. Aqui tem minha casa, tem a minha filha, e tem outra casa, depois ali é uma churrascaria, só que nos feriados eles não fazem, só dia de semana. Aí perguntei "Por que vocês não fazem no domingo?", no domingo eles fazem..., mas são sulistas também, são gente que 'chegar' (sic) de quando 'cheguemo' (sic) aqui. No feriado, eles vendem marmita.

V: Ao longo desses anos, houve alguma mudança pelo fato da senhora morar aqui? Por exemplo, tem alguma coisa da cultura da Bahia que a senhora teve que se adaptar?

L: Olha, pra dizer a verdade pra você, eu morei em Barreiras, quarenta e poucos anos, e eu convivi só com gente 'baianos'.

V: E a senhora tem alguma coisa aqui em Luís Eduardo que te desagrada? A infraestrutura, ou violência, saúde...

L: Agora, a violência 'tá' (sic) em todo lugar, isso é triste, não tem esse lugar, no nosso Sul existe... existe aqui muito, que fico com tanta dó, tanto jovem que morre por causa dessas drogas, dessas coisas, né, é triste demais, mas isto ali, não é só aqui que tem, em todo lugar. 'Cê' (sic) vê Barreiras tem muito também, jovens se matam, né? Então isso ali é... Até no Sul, não sei tanto, até porque não convivo mais lá... assim, muito, né, mas creio que nessas cidade existe, né. Acho que tem tudo que é lugar essas drogas, que isso foi a pior coisa que apareceu, né? Tantos jovens que perdem a vida tão cedo... Isso é muito triste.

V: Que mais a senhora acha que te desagrada aqui em Luís Eduardo? O clima...?

L: Mais não. O clima aqui melhor que Barreiras. Barreiras é mais quente. 'Cê' (sic) conhece Barreiras? 'Cê' (sic) é 'da' (sic) onde? Moro em Barreiras há quase cinquenta anos, quarenta e tantos anos. Na minha casa... lá, em tempo de calor, quando abre a porta, parece que sai até um fogo de dentro, mas eu amo Barreiras, que eu convivi mais lá, né? Mas lá eu tenho mais amizades que aqui, minhas mais 'amizade' (sic) é com a minha família, que a minha família também é grande, quase todos aqui, só tem um filho que não 'tá' (sic) aqui... o mais novo.

[...]

V: A roça é aqui 'próximo' (sic) a Luís Eduardo...

L: A 40 quilômetros.

L: ****, que te conto as coisas, e não esqueço disso ali. Então, tinha muito o cerrado, era o próprio cerrado, esse cerrado, ele tirava pra fazer borracha, ele tirava a resina. Então, ele ia muito visitar 'nós' (sic) lá... Eu que ficava na roça, ele nunca foi de roça, sempre fui eu que ficava no meio do mato, no meio das 'onça' (sic), e daí, então, ele ia muito lá... ele tirava e dava dó, porque nós 'semos' (sic) 'trabalhador' (sic) e 'destruidor' (sic), também; uma coisa que ele fazia, a gente destruía, porque era o próprio cerrado... esse negócio.

V: Eram plantas do cerrado, né?

L: Eram plantas do cerrado, que ele tirava aquele negócio, e ele vendia não sei pra onde, ele dizia que era pra fazer borracha... que ele dizia, e ele sorria, os 'dente' (sic) dele 'branqueava' (sic). Nossa, era uma felicidade quando ele chegava.

V: Ele era casado?

L: Ele tinha família daí, mas eu não conhecia a família. Mas tem família dele aqui, se você falar com a *, conhece muito a família dele.

ENTREVISTADO E:

V: Podemos, viu, professor?

P: Quais foram as principais políticas públicas criadas para o desenvolvimento da região Oeste da Bahia!? Isso aqui em rigor e diretamente nunca foi criada política nenhuma, o desenvolvimento do oeste da Bahia, ela tem uma conotação 'casualística', como se diz, por um efeito indireto da integração nacional via transporte rodoviário, também se foi o... Anh, não sei se teria mais alguma coisa pra dizer.

V: Sobre aqueles programas, professor, que o senhor comentou antes de ontem...?

P: Não... Mas... os programas indiretos...

V: Indiretos, sim, de planejamento...

P: No planejamento federal não havia, assim, planejamento, propriamente desenvolvimento do país, que seria o IPEA, onde eu trabalhava. Não havia nada de específico com relação a esta região. Na perspectiva assim de considerar a região, o oeste da Bahia foi um vazio de políticas públicas. Permaneceu o vazio, o abandono total, ninguém pensou na região. Vamo dizer o seguinte: na SUDENE, que foi aqui no Nordeste, a única coisa que aconteceu, uma vez, foi o interesse de um órgão do Nordeste, eu não sei, não era propriamente a SUDENE, mas um órgão lá do Nordeste, * porque, se essa política de irrigação que é a CODEVASF, (DENOCOS eu não sei exatamente a época quem era, né), que foi realmente, vamos dizer... ela fez duas coisas: ela facultou ao engenheiro Geraldo Rocha escrever o livro dele, promoveu, eu acho que até remunerou, pra ele fazer esse livro. Então, o Geraldo Rocha escreveu isso, mas em função do São Francisco, escreveu, apontou uma série de indicativas sobre isso. E aí também a questão da irrigação, porque, com a chegada de Brasília, previa-se assim que haveria demanda por produtos, né, pra abastecimento de Brasília. E essa região aqui poderia * configurava através da irrigação, que era de interesse, tanto da CODEVASF quanto do interesse de Brasília, que se promovesse a produção agrícola aqui que * a irrigação. Então, foi o que vinha acontecendo, no mais tudo ficou por conta da pecuária extensiva, não havia propriamente isso. Aí, quando eu falo agora de casual, né, aí nós viemo fazer que foi muito importante para a região o ciclo da borracha, quando se tirou a borracha da Mangabeira aqui, né, então houve um surto muito grande de progresso localmente, né, que de certa forma veio suprir a importância que era a mineração aqui no Tocantins, mineração de ouro, né. Então foi um ciclo muito importante na

região, para a região, essa borracha da Mangabeira. Aí, em seguida, outra casualidade foi a necessidade de construir esse aeroporto de Brasília durante a guerra, a guerra do início do século XX, que é a primeira grande guerra. Porque a única possibilidade técnica de sobrevoar o atlântico foi aqui entre Natal e Dakar, então isso aí possibilitou, e eles viram a necessidade transportar comida para o front de guerra, né. E aqui, tinha uma produção de carne, tinha, acho que basicamente, a produção de carne, né. Então, eles... Era interessante que os aviões passassem aqui e levasse pra atravessar o atlântico e já levasse esses alimentos, aproveitava a ida, né, e também a necessidade da ligação do transporte aéreo entre o Norte e o Sudeste...

V: Parece que Barreiras ficava no centro desse...

P: Ficava no centro, à meia distância, então o aeroporto teve essa conotação, né, e ele foi fundado em 1942, aí já era a segunda guerra mundial, então os aviões já estava aí para levar comida, e os próprios aviões irem para lá, né, e transportar soldados também nessa coisa. Então esse aeroporto, ele promoveu muita navegação do Rio Grande e também favoreceu a criação de gado, aí se implantou inclusive um frigorífico, que foi da família *, da Sertaneja. E então as rendas locais que provieram disso facilitou ou 'facilitaro' ou 'permitiro' a essa criação da usina elétrica, né, que me parece que dentre..., parece que só haviam quatro cidades interioranas que tinham energia, em Barreiras tinha energia elétrica. Agora, toda essa dinâmica que provinha desses fatos, né, teve um impacto muito negativo em 1965, com essa mudança política, né, que foi a militarização do governo brasileiro, aí, sim, você pode ver que eles 'fizeram' uma economia no setor público, né. Aí, ia juntando o aumento da tecnologia na aviação, e ele simplesmente, o aeroporto foi desprezado, eles pra conservar a energia e os barcos, não tinham interesse porque não havia interesse econômico, então acabou tudo. Então, na verdade, foi a única coisa que sobrou, foi a influência do comércio de Barreiras local, regionalmente, que persistiu onde é o foco de dinamismo regional. Agora, aquela parte que eu te falei que as casas de comércio sediadas em Barreiras também tinham sido bancos, essa situação, ela terminou também porque o banco do Brasil se instalou aqui em 1942 também, e a partir daí, então o banco do Brasil quebrou aquele ciclo, né, esse lado dessas casas, mas aí representou a presença do setor público mesmo, muito aqui foi o banco do Brasil, expressivo, né, o mais expressivo foi o banco do Brasil. Aí, outra casualidade foi essa questão da integração nacional via transportes, né, como Brasília já tava se consolidando, havia a necessidade pra ligar o Nordeste com o Centro Oeste, mas fazer o círculo lá por baixo, por Minas Gerais, né, e vim por aí... Então, houve um interesse em fazer uma ligação mais próxima. Então surgiu a necessidade de abrir essa... 042, né...?

V: 242.

P: 242, né, que liga Feira de Santana a Barreiras, né. E aí, chegou a Barreiras o batalhão rodoviário, né, pensando nessa outra que foi a 020, né, e essa ligação também, né, com o Piauí, essa região aí... Então, entrou a presença do transporte

rodoviário, que veio por isso aí. E aquilo que nós falamos: o impacto que teve isso, vamos dizer, no predomínio e na influência da cultura ribeirinha em Barreiras, né, ela passou por um impacto muito forte, de abertura, vamos dizer até de globalização, né, que até então não havia sido possível. Então, esse impacto de globalização é que vai, vamos dizer assim... vem atingindo, inclusive eu vou dizer assim uma palavra entre aspas, “infectando”, a cultural local. Mas também nunca houve uma preocupação local, não tem nenhuma, cultura local, ela não tem nenhuma autodefesa, ela fica muito mais assim em *, eu penso ainda dessas... Tradicionalismo religioso ligado ao catolicismo e as festas religiosas, né, ficou mais ou menos assim... Mas isso mesmo também, você pode ver que isso tá sendo enfraquecido pela vinda dessas mudanças. Assim como também foi, que eu te falei, aquele financiamento da vinda de pastores dos EUA, ***, para protestantes da América Latina, tem um interesse internacional por isso. Então, isso vai caracterizando uma mudança local muito significativa, mas o seu processamento assim, ele é muito imperceptível, vai acontecendo sem que a gente se dê conta da força, né. Então, essa globalização ela está aí, né, mas a cultural local não está aí, né, vamo dizer, sacrificada em relação a isso. E aí, então, eu acho que é preciso destacar: é o fato de que a UNEB se instalou aqui, eu não sei exatamente a data, mas a UNEB representou então, peculiarmente para a educação local, um fato muito relevante, local-regional, um fato muito relevante. E ela tem prestado muitos bons serviços, principalmente na área de educação. E posteriormente, ‘começaro’ a aparecer aí também... A UNYHANA também veio pra cá, e depois então veio a FASB e agora a UFOB. Então, a prestação de serviços educacionais passou a ter importância local-regional. E também de qualquer forma, já é de longa data que aqui em Barreiras tem um serviço médico, né, sempre teve esses médicos sediados aqui, e esses médicos, eles eram muito importantes e como você vê tinha o hospital aqui, criou-se um hospital, quase que uma raridade na região, mas com o atendimento muito pequeno. Porque com a O20 aqui, por exemplo, a saúde, essas questões mais graves de saúde, elas iam tudo pra Brasília, iam pra lá pra resolver por lá. Mas aí, agora com esse hospital, a UFOB, essa coisa... Você vê que a geração de serviços públicos e privados, eles ficam basicamente no * da região Oeste e consolidando Barreiras o polo local-regional. Isso é uma tendência que é difícil reverter, Barreiras então vai se afirmando o polo local-regional do que acontece por aqui, é assim com essa característica: um polo de serviços. Hoje, o que tá interessante foi que a região passou a ser muito produtor de abastecimento de Brasília de banana, que ela se tornou realmente, vamos dizer assim, é muito importante localmente a produção de banana.

V: Eu tenho um amigo que o pai dele trabalha com produção de banana em Bom Jesus da Lapa.

P: Bom Jesus da Lapa é logo ali embaixo. Então, eu acho que com isso aí, a gente fecha, viu. Pra você ver que não vão, mas indiretamente, nós temos então que pensar agora que ‘foro’ as pesquisas do governo do estado de São Paulo, a base do Instituto Agrônomo de Campinas - IAC, que eles passaram a pesquisar a

possibilidade do cerrado ser adaptado para a produção de cereais, no caso o arroz, e eles 'conseguiram' demonstrar essa coisa. E a produção do arroz, essa produção passou a ser uma espécie de dinamização, de melhoria da agropecuária local, porque aí eles usavam o arroz para abrir o cerrado pra plantar capins, como capins novos... Então, iam abrindo o cerrado, produziam o arroz, e em seguida colocavam o capim nessas áreas e, então, você passou a ter... Aumentou a intensidade, né, mudou o paradigma da agropecuária que era extensiva, e aí, já passou a ser intensiva.

V: Foi esse o instinto responsável pelo estudo da correção do solo com o calcário?

P: Não. Isso é normal, isso aí é muito antigo, mas sempre a agricultura já no Sul e em toda parte tem isso. Quando se usa muito o solo, ele fica ácido, e aí, é preciso fazer essa correção, nessas áreas planas, extensas, né, isso já acontecia no Paraná muito, mais no interior de São Paulo, né. Essa questão da correção do solo, tudo isso veio mais em função da agropecuária, necessidade de melhoria do solo pra fazer as pastagens mais melhoradas, de fato, mais aptas para dinamização da produção agropecuária. Então, nós chegamos aí... Criou-se perto de Brasília aquilo que se chama PADEFÉ, onde basicamente a EMBRAPA se instalou de Brasília, né, ela passou a se valer disso para trazer a produção de soja para o cerrado. E aí, ela conseguiu esse feito. Eu acho que foi, sem dúvida nenhuma, uma das coisas que mais repercutiu, * que hoje chamamos o setor primário, a exportação de grãos. Porque a soja, realmente ela representou assim uma novidade mais extraordinariamente dinâmica para o comércio exterior. E espanta até a pecuária, né, porque você não tá mais usando os espaços que era da pecuária extensiva, e mesmo a outra que foi intensiva. A rentabilidade da soja é muito superior... Então você vai, aí a soja ela vai tomando conta, ela avança, né. Agora tá havendo uma diversificação um pouco, né, não pode se plantar sempre soja. Aí também, chegou agora o algodão, o milho, né, pra fazer o rodízio que é indicado, né. E a pecuária, ela tá sendo deslocada mais para essa região aqui, eu acho que pro lado de Formosa, mas também pra lá vai a soja e a produção, né... Eu acho que tá vindo aqui também, aqui pro lado de...

V: Próximo do Goiás?

P: Não, não. Aqui na saída pra Salvador, ali pra baixo, pra cima tem as cidades ali: Angical, Cristópolis. Por ali parece que já está havendo muito essa, né... Eu fiz um périplo aqui passando pela margem esquerda do São Francisco e fui até Santa Maria da Vitória, e eu vi que ali tem existido um retrocesso espantoso dos núcleos urbanos. E é porque o progresso desses núcleos estava relativo a pecuária. Você vai lá em Santana, você vê que até aquele local lá, os espetáculos, aqui ainda persiste, né, não sei se ainda tem, essa festa que faz em julho...

V: De vaquejada...

P: As vaquejadas que era, vamos dizer, era o grande acontecimento. Em Formosa ele ainda é forte, mas aqui ele perdeu, tá se modernizando essa festa, mantém o evento, mas já perdendo a importância da vaquejada. Mas a vaquejada, por exemplo, lá em Santana acabou, tá lá só a ruína do espaço onde era a vaquejada. Isso é muito triste da gente ver, houve um retrocesso muito grande, uma perda assim de dinamismo dos centros urbanos tradicionais, né. Não geral, mas dependendo, os que ficaram mais próximos da 242, a estrada ajudou até surgir novos, no meu entender, mas as que estavam mais distantes, que não contaram com isso, elas estão... Aquela estrada que liga Ibotirama quase a Santa Maria da Vitória, ela tem pouco uso. Então, ela não chegou a se conseguir uma dinâmica por ali. Então, nós vemos, aí, que o quadro geral de desenvolvimento, hoje ele está em torno realmente da produção agropecuária, que a região está se desvelando... Isso do ponto de vista nacional, agora do ponto de vista local, nós 'fazemos' que é Barreiras com seus serviços, notoriamente os serviços educacionais hoje. Em primeiro lugar os serviços de saúde e depois também os serviços de comércio, né. Barreiras é tradicionalmente uma feira. Esses são os três centros de desenvolvimento local. Mas parece que você tá interessado mais como é que se encontra a questão de Luis Eduardo, né.

V: Sim, também. Como é que eles chegam até a descoberta da cidade pra criar esse vetor de desenvolvimento econômico também, que acaba meio que misturando com Barreiras, aí depois hoje a gente percebe que tem uma divergência.

P: Bom, aí eu gostaria de dizer pra você como é que se explica a emergência de... Mas em primeiro você tem que saber que houve no IAC a pesquisa, a pesquisa possibilitou a produção aqui, mas a experimentação desse desenvolvimento, de produzir aqui, ela foi meio assim de aventureirismo de empresários, uma aventura, que é o caso típico da primeira produção de arroz no cerrado.

.....

V: Luiz Ricardi.

P: Luiz Ricardi foi esse quem iniciou a produção de arroz no cerrado, e fez uma * danada pra justificar os empréstimos do banco do Brasil, porque a população não queria de forma nenhuma (é um horror financiar a produção do cerrado que não dava certo... não daria certo). E ele plantou arroz, uma metade não deu certo e a outra metade deu certo, então levou mundo de gente pra ver só a parte que deu certo, consolidou-se o interesse, o banco do Brasil foi justificado a emprestar dinheiro [...] Agora, um grande empecilho, que eu não sei como é que foi resolvido, foi a questão do acesso legítimo às terras, que esse era um grande problema porque culturalmente aqui quem permaneceu praticamente sempre aqui nos registros de terras foi a igreja, os *, essas coisas... Mas aqui acontece o seguinte, as gerações se sucediam e não resolviam no papel, então essas áreas, esses cerradões aí todos, eles tinham um problema muito grande de legalização, só sei que o banco do Brasil resolveu isso, e não sei como.

V: Pelo que eu conversei com Rose Ceratto da AIBA, até hoje têm surgido muitos casos dessa coisa de reintegração de posses. e que os donos das fazendas têm aparecido, e entrado na justiça, parece que ainda tem esse embate...

P: Ainda tem. Foi um embate muito sério. A coisa teria sido muito mais rápida, se isso fosse uma coisa resolvida. Então, ficou aí também sempre uma espécie assim, um pouco de aventura entrar nessa área aí dos cerrados, do oeste baiano pra fazer a produção, né. Isso aí foi institucionalmente, esse foi um dos entraves; e outra coisa também, que teve muitos crimes, * ligadas a isso, violência... Nós vemos, então, que aí a soja veio, né, veio o arroz, mas em seguida veio a soja que já tinha se adaptado em Brasília, veio pr'aqui também e foi uma beleza... E você hoje, consolidou um polo produção 'tecnificada', e vocacionada para ser dinamizada pelos avanços tecnológicos de ponta pra ser usada. É quase que um laboratório assim pra você fazer uso de máquinas, porque os solos são especialmente aptos pra isso. Agora uma coisa também é o problema do desmatamento desses cerrados, né, porque eles 'tá avançando. Quando eu sobrevoei essa região no início da FASB, lá por 1998, era tudo ainda cerrado mesmo, só tinha a rodovia, mas um deserto. Tinha naquela quina, que hoje vai pra LEM, um posto de gasolina, e depois você tinha que andar horrores até chegar a Roda Velha, que lá tinha *, mas não tinha posto de abastecimento... Então, aos poucos veio vindo o desmatamento e hoje o horizonte dele descendo para o Sudoeste; já a rota do avião, de lá de cima já não quase dá pra ver onde tá chegando o desmatamento... Já avançou muito, ele aprofundou muito, né. E aí, eu não sei qual é a política que vai ter aí, mas ele também se expandiu assim, também ali pro lado de Alvorada, aqueles altos assim que são mais pro Sudoeste, né. Ali a gente vê ao longe os desmatamentos todos e a plantação de cereais. [...] Essa saída aqui pro Piauí, que agora tá chegando no sul do Piauí, sul do Maranhão, tá chegando lá, né. E até criaram um logotipo aí, não sei como é que é, a união do Maranhão, do Piauí...

V: MATOPIBA!? Que é a nova fronteira agrícola...

P: Isso. Como se fosse a nova fronteira, que começou e possibilitou isso aí, por exemplo, se é estrada de ferro vai ser instalada, que veio até pertinho não terminou, cê. Mas e justifica uma hora ou outra, né, se entregar pro governo chinês ele implanta esse ferrovia já, porque eles têm interesse em pegar a soja daqui e levar, e tem que importar umas 40 milhões de toneladas, né. E agora com essa briga com Trump lá com eles, é bem possível que essa estrada agora saia, de repente resolvam fazer...

V: Da ferrovia que o senhor fala do sul, acho que vai até...

P: ****, vem de Ilhéus pra cá... Ela seria muito importante para a dinamização local, né. [...] Eu acho que são perspectivas, né, mas sem dúvida nenhuma, a produção, e a influência vai chegando em direção até Irecê etc., e outra coisa, o interesse por irrigação ele está ficando muito grande assim na margem esquerda do Rio Grande, se você passar de avião você enxerga o interesse por irrigação. Então, isso aí vem

aos poucos criar uma demanda de um projeto, que eu diria: um projeto 'sociônico' e não faraônico, né, que seria realmente um canal que tirasse águas da bacia do Tocantins para trazer pra essa região. Uma alternativa de futuro, eu acho que devia se pensar nisso porque a demanda de água que tá tendo nessa margem esquerda do Rio Grande para irrigação ela tá explodindo.

V: Ótimo, professor. Eu acho que algumas perguntas o senhor até já respondeu, por exemplo, se havia interesse de somente o poder público na temática...

P: Não houve interesse. Ele veio a reboque do setor público.

V: Foi como o senhor colocou: que foi realmente uma aventura dos empresários, né?

P: Dos empresários. Agora, se você quer explicar essa aventura. é preciso entender como é que aconteceu a ocupação do Sul do Brasil, né, é o seguinte, o Sul, a reforma agrária precedeu a ocupação, foi uma coisa que não é aqui, Nordeste, onde é essas áreas onde há pecuária, que foi o fator de ocupação do solo, a colonização do Sul com os imigrantes italianos, alemães... A reforma agrária precedia porque eles entregavam pra cada imigrante um pedaço, chamava colônia, que é um pedaço de terra que a família que tava chegando se instalava em cima dele, mas quando a família se desmembrava com os casamentos, não tinha lugar pros outros. Então, foi normal que esses fossem migrando rumo a oeste de Santa Catarina, oeste do Paraná, hoje 'tão' em Mato Grosso, já 'tão' chegando em Rondônia e até lá cima...

V: Talvez explica um pouco dessas características deles de irem atrás de terras, né.

P: Sim. Porque a família, quando os filhos ficam adultos... Como é que fica? Não dá pra ficar ali, e aí, sempre você tem os centros urbanos que tem comércio, igreja, cartório, registros, essas coisas, né, esses serviços essenciais, sempre tem que haver esses vilarejos, que são criação de núcleos, né. E outra coisa, a necessidade de fazer dinheiro, produzir alguma coisa que dê dinheiro, porque isso era o que faltava pra poder comprar um produto industrial, remédio, essas coisas todas. Como fazer dinheiro? A única alternativa foi a produção de suíno para frigorífico, que se instalou em Santa Catarina, foi basicamente o início, a produção de suíno, que caracterizou o noroeste do Rio Grande do Sul, o planalto central do Rio Grande do Sul, o oeste de Santa Catarina, o sudoeste do Paraná, e vai indo aí, né. Aí, dali pra frente já começou a produção de cereais a se misturar com essa coisa de produção de suíno. Então, a produção de cereais era de soja sobretudo, de arroz, de trigo, foram ocupando essas áreas, e então os minifúndios também acabando. E assim, essa produção de suíno etc., essa venda que ia tudo pra São Paulo passou ser exportado também. Então, tudo isso gerou a possibilidade de dinamização do Sul em direção ao centro do Brasil e tá se expandindo pra cá. Então, ali se formou um mínimo de capital que possibilitou o desenvolvimento, o crescimento, eu diria mais o crescimento econômico, que veio subindo. Então, você tem um pessoal que já tem

dinheiro, mas já não tem mais como usar pra crescer, produzir mais, aí eles aparece ** aqui, ou então tem dinheiro e tem gente sobrando.

V: Expandindo naturalmente... E aqui na terceira, eu coloco, como se deu a chegada dos sulistas na região, o senhor já falou um pouco sobre esse processo das pesquisas...

P: Foi isso aí, foi esse processo das pesquisas, mas também essa cultura sulista, como é que a família essa coisa, o dinamismo “tem que fazer dinheiro, tem que fazer dinheiro”, então, eles lá sai atrás de fazer dinheiro...

V: Quando eu entrevistei a Dona Lúcia, ela falou “meu filho, sulista adora terra”, então onde tem terra eles vão saindo atrás e desbravando realmente. Como era a paisagem da região logo no início da década de 80?

P: Era simplesmente o cerrado, né. Onde a presença da agropecuária extensiva era normal, não tinha outra coisa, né. Então, quando os aviões da NORDESTE passavam por cima aqui, ou também a gente ia pra Salvador, que a gente voava nesses aparelhos assim mais baixos dava pra ver realmente que é só ainda a mata, né, aquela cobertura vegetal ainda originária, podia ser que tinha seus incêndios, mas eu nunca vi que é pra matar os carrapatos, as cobras pra poder soltar o gado, né. Então, a região era assim.

V: Quais as tecnologias trazidas ou implementadas nessa época, que configurou o desenvolvimento da região? Eu me lembro ontem que o senhor comentou que não teve tecnologia, eles foram expandindo e a tecnologia, claro, foi vindo...

P: De originária, e veja o seguinte, até a pecuária que, vamos dizer, era o foco da região, ele não teve um avanço. Você não tem aqui nenhum, eu acho que, no Brasil inteiro, eu não vejo assim essa coisa de um laboratório assim para a dinamização da produção pecuária, o gado leiteiro. Não sei aqui, por exemplo, a adoção de ordenha mecânica num rebanho grande de vacas, gado holandês, ficou ainda com o gado tradicional.

V: Realmente, não houve essa expansão da pesquisa. A gente percebe que eles atribui a tecnologia, muito a questão de máquinas e equipamentos que trazem ali a coisa da FARMSHOW...

P: Tá muito ligado ao que eles chamaram esse tal de agronegócio, né, que virou assim um diabo para algumas * do Brasil, esse termo agronegócio, um verdadeiro demônio para os ‘siderurgistas’ de esquerda. Mas apelidou-se assim porque negócio é uma palavra que evoca muito o capitalismo e aí, vem as siderurgias anticapitalistas ou capitalistas a se defrontarem. Isso ainda é muito sério no Brasil, principalmente no setor político. Mas assim para o desenvolvimento local *não tem que dá* muita importância, não.

V: Na 2.6, o senhor acredita que os sulistas foram responsáveis pelo crescimento, vou tirar aqui a palavra desenvolvimento da região oeste e LEM também?

P: Sim. A migração foi decisiva, né.

V: E puxa um pouco pra próxima pergunta: quais as principais características do sulistas que provavelmente impulsionaram o crescimento dessa região...?

P: Eu diria, que eles têm assim, essa importância de possuir terra na cultura de origem Europeia, dos imigrantes de origem Europeia, a terra pra eles é onde pisar, a terra é muito importante. E aí, vem terras e terras, quais são as terras melhores, tá certo!? Então eles vão sempre em busca das terras melhores. E a terra aqui, só quando houve, vamos dizer, a pesquisa lá no Sul, possibilitou avanços tecnológicos na produção agrícola, 'é' que o pessoal pôde vir pra cá, senão não teria vindo pra cá. Então, é nessa perspectiva que você vai colocar, mas aí tendo a tecnologia também se torna mais lucrativa a atividade agrícola, agropecuária, né, ela se torna mais lucrativa. Então você vai dizer: é terra e dinheiro, ganhar dinheiro.

V: Sempre vai ser com essa...

P: Essa é a lógica.

V: Eu coloquei aqui entre parênteses empreendedorismo talvez eles não entram nessa...

P: O empreendedorismo é consequência disso, não tem um idealismo de empreender, não, isso não existe.

V: Eles vão mais na perspectiva da terra mesmo, né?

P: É, de ter terra, patrimônio e lucrar no avanço e na produção agrícola, que aliás é o que sabe fazer, né.

BLOCO 03

V: ... Hábitos e costumes...

P: Deles, né? Bom, nessa parte * hábitos, os sulistas levados para a cidade de LEM. Bom, isso aí já veio assim com uma conotação bastante relativizada, ou seja, porque de geração pra geração esses tradicionalismos, eles perdem importância, ele é enfraquecido. Então, por exemplo, tradicionalismo gaúcho, aquelas músicas. Enquanto a música nordestina, ela se afirma ainda hoje como um gênero musical que todo mundo gosta. Aquela musical regional do sul vai desaparecendo, cedendo lugar até pra essa coisa Goiana aí do sertanejo. Então, aquelas danças, as coisas típicas, que tinham em Santa Catarina, então, saindo do pampa gaúcho, passando para as áreas de migração, depois 'vai' as migrações cada vez mais distantes da origem. Essas coisas culturais, elas estão perdendo força. O que realmente permanece, vamos dizer assim, é a cultura religiosa. Então, as festas propriamente religiosas é que ainda consegue manter a tradição, e o acesso à cultura. E aí, agora a presença do estado, a importância é através da educação, aí eu vou ver como e quanto a educação passa a ser importante nesse processo. Se a educação se

interessasse por preservar essas coisas, tudo bem, mas o pessoal não tá nem aí pra estudo. A educação no Brasil, eu diria, ela é 'metropolista'. Você pode ver que essas universidades de peso, tipo USP, isso aí eles querem trazer o que existe lá em Tóquio, Nova York, Berlim ou Londres. O que tá lá é o que elas têm que trazer pra dentro do país.

V: E às vezes nem condiz com a realidade...

.....

V: ... Se havia segregação...

P: Isso nem se pensava, porque a tecnológica, ela permite uma espécie de ausência do produtor do campo, ele praticamente não mora lá. Essa produção que tem aí precisa de um técnico, ou ele vai pegar um morador de deixar lá, alguém que fica lá mais como vigia. Aí ele aprende a passear lá, ver se havendo alguma invasão de algum bicho. Mas eles já fazem tudo mecanicamente em determinados momentos eles já mandam os aviões passar o veneno em cima da plantação... Então, eles não vão morar no local da produção agrícola, eles vão morar numa cidade. Então, criaram uma cidade mais próxima possível das sedes produtivas. Aí então, Barreiras não só era longe, mas também tinha adaptação cultural... Aí que eu digo que eles se auto-segregaram em relação a cultura local. Esse auto-'segregamento' ele também se reproduziu lá, porque você tem uma cidade que tem um determinado fluxo de gente pra ele, e outro que vem para migrantes, porque esses migrantes não vêm de Goiás, eles vêm de Irecê. Aquilo que a gente chama de reserva migratória, que a Bahia é principalmente é uma bolsão de pobreza, né, vocacionada pra migrar. Então, a Bahia é principal bolsão de pobreza no Brasil, né. Eu gosto sempre de falar nisso da omissão baiana, que eu acho que a bancada baiana é a maior e devia tomar as grandes decisões pro desenvolvimento do nordeste, eles não 'tão' nem aí pra isso, é só se divertir Salvador é...

V: Como o senhor comentou ontem, que acabou virando uma mini São Paulo nesse processo (LEM).

P: Luis Eduardo é uma mini São Paulo, né, é atração, né, com o 'segregamento'. Então, lá acontece. O migrante não tem como viver naquele custo de vida do outro lado, no moderno né. Então, eles 'tão'... Parece que eles receberam um terreno que na verdade, elas foram organizadas aquelas vilas, tem ruas, tem casas, tem terrenos... Agora, eu não vi lá foi propriamente favela, não sei se existe, eu acho que não tem ainda.

V: Favela, favela no formato, não. Mas o Santa Cruz, por exemplo, é um bairro bem periférico...

P: Então, você já vê que é mini São Paulo.

V: Mas lá a pobreza do Santa Cruz é bem visível. Eles reclamam muito da questão do saneamento básico e da poluição sonora...

P: [...] Fica próximo do Rio de Pedras?

V: Perto do Rio de Pedras...

P: Eita, meu Deus! Esqueçam o Rio de Ondas.

V: Aí ficou do lado o Santa Cruz, do outro lado o Jardim Paraíso.

P: O *** do Rio de Ondas é certo. Porque se tivesse sido do outro lado da cidade, ainda vai... Sempre que eu cheguei ali, eles 'pegaro' o bairro pobre e já 'botaro' do lado direito da rodovia, quando se pensa de lá pra cá, né. Já não devia ter sido, devia ter sido o contrário: o rico devia ter ficado na direita e botar o pobre do outro lado. Aí tem um erro fundamental de planejamento urbano aquilo ali. Foi um empirismo urbano o que aconteceu ali em Luis Eduardo.

V: Eu acho que foi um loteamento de Arnaldo Horácio na época, ele, quando chegaram esses migrantes, meio que ele começou a vender essas terras bem baratas pra esse pessoal. Então, meio que ele já separou automaticamente no planejamento urbano dele.

P: Não tinha nenhuma orientação de futuro, nem nada, é um casuísmo. Então, veja que LEM é quase que um absurdo urbano, quer dizer, de futuro urbano, porque abastecimento de água, poluição, segregação social... Precisava ter uma visão, não é uma cidade planejada tipo Brasília, é uma cidade que aconteceu espontaneamente sem nenhuma diretriz urbana ou de pensamento, não chamaram nenhum pensador urbano pra fazer, foi acontecendo. E hoje, eles começam a sentir os efeitos disso.

V: Eles falam muito da questão, da questão cultural desse grupo específico lá do Santa Cruz, por exemplo, Jother da ACELEM, ele falou que as praças que tem lá no Jardim Paraíso, os moradores, eles preservam os equipamentos, tá do mesmo jeito que a prefeitura entregou, diz que, no Santa Cruz, depois de uma semana, já tinham destruído todos os equipamentos da praça, não tem nada na praça, tá tudo acabado. [...] As ruas do Santa Cruz têm nomes de cidades, acho que talvez dos migrantes, então eu fiz um 'mapinha' no meu trabalho. Eles têm lá rua Ilhéus, rua Irecê, rua Ibotirama, todos os nomes de ruas são de cidades. Já no Jardim Paraíso, 'cê' percebe que são nomes de músicos, tem a rua Vinicius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade, escritores... Interessante como eles se agruparam.

P: Engraçado isso. Eu não tinha visto, mas é interessante a ligação com a origem, né. Você vê que é muito mais forte a cultura de origem, aí que vem então as novas gerações, que vão dar outra conotação a isso, mas essas que são os primeiros migrantes, eles vão ficar com a influência da origem, né, é bem claro.

V: Qual a sua percepção em relação a interação dos demais moradores do LEM com a cultura sulista da cidade...? ... Dos nordestinos...

P: Eu acho que a possibilidade de interação é nenhuma.

V: Por que fica muito naquela discussão que nós fizemos ontem, do poder, né.

P: Aí, eu acho o seguinte, a interação ela tem assim uma perspectiva política, eu acho que bastante perigosa por que o maior número de eleitores é dessas aí... Então, eles vão acabar elegendo esse pessoal que na Bahia costuma reproduzir o processo político totalmente avesso ao desenvolvimento social. Isso pode ser uma coisa terrível pra Luis Eduardo. Eleições, candidatos.

V: Até ontem o senhor colocou sobre a questão do político x econômico, né.

P: Hoje, o econômico, ele prevalece. Então, tá um equilíbrio, mas é um equilíbrio momentâneo. Mas o político vai reverter isso, o político vai se tornar o mais importante porque você tem mais voto do lado dos migrantes – como é que esse pessoal tá acostumado a votar? – então, aí você tem uma questão muito perigosa no ponto de vista do que pode acontecer com Luis Eduardo. A não ser então, que você vai ter, de repente, aquele núcleo urbano de rico, lá vai ter que fazer um muro e ficar dentro dele...

V: Que fique bem demarcado nos limites...

P: Eu vejo a coisa numa perspectiva assim, exagerando, né. Projetando, assim, de uma forma exagerada, mas é o que tá acontecendo. A questão política aí, nós temos momentaneamente uma prevalência do econômico sobre o político, mas isso não é estável, não tem uma perspectiva duradoura. Então, a cultura sulista aqui ela tende a sumir. Até por um movimento interno dela, que as novas gerações pouco se interessam. A tendência é ela sumir. Até o chimarrão... eles não vão querer mais saber de chimarrão, o exemplo típico é o chimarrão. Vê se os filhos dos fazendeiros ali eles estão a fim de tomar chimarrão. Agora, sei lá, o pessoal que vem de Mato Grosso pra cá toma o seu “não sei o quê”... Tererê. No Paraná, basicamente também é chimarrão, mate, chimarrão, né, os paranaenses que vêm pra cá; os paulistas, não vejo, que no interior de São Paulo algo típico, não. Eles não têm isso aí, né, só se for o japonês. Japonês tem lá os seus..., mas a própria cultura japonesa também no Brasil se dilui, né. Ainda bem que não se tornam preguiçosos...

V: Paramos na 3.5...

P: ... se há segregação por parte dos sulistas com outras culturas na cidade... Se há, ela tende a desaparecer. Eu não constatei isso, eu digo, que aqui a segregação ela veio de origem. Eu vejo aqui que era a cultura de Barreiras, aquilo que eu falei do novo e o velho. Lá eles queriam só o novo, mas não deu porque a * não deixou. Então, eles separaram o novo e o velho. Então, lá o novo e o velho, ele veio separado. Aqui você pode falar isso: há segregação por parte dos sulistas com outras culturas da cidade. Aí, você tem que falar cultura no sentido amplo, né, não festas, eventos, mas a cultura ribeirinha de Barreiras. Vamos dizer, que o *fulco* dela pra mim é a afetuosidade da cultura ribeirinha e religião. O catolicismo de herança muito antiga, eu acho que isso aí caracteriza muito bem a cultura ribeirinha. Então, do ponto de vista dos sulistas lá, eles tem religião, mas já está contaminada

pelo protestantismo, creio eu, que é forte lá também. Então, já não tem mais essa característica da cultura ribeirinha. Então, as outras culturas que vem ali, eu digo o seguinte, que é muito mais provável, que essa cultura, inclusive de eventos se preserve entre os migrantes do que entre os sulistas. [...] Não há perspectiva de expansão da cultura sulista no LEM, seria assim, não diria natural, mas espontânea ou inercial... A expansão seria quase que uma extrapolação vinda de outra área, e não foi uma expansão, foi uma extrapolação da cultura sulista que veio parar ali, né. E ali, ela tá tendo um núcleo de sobrevivência, mas assim de dinamismo de se expandir, influenciar as outras áreas. É difícil ela firmar.

V: Por que manter viva a tradição sulista...?

P: Hábitos não se mudam tão fácil... Principalmente esses hábitos culturais, ligados à alimentação ou a religião... Esses são inerciais, eles só mudam a médio, ou a longo prazo, e isso mais em função da educação. Hoje, por exemplo, os currículos educacionais eles não tem uma tendência de salvar essas culturas locais, regionais...

V: Quais características sulistas mais presentes na cidade de LEM? Marque até 03 opções

P: ... Comunicação oral, sotaques, eu acho que isso aqui tem isso é muito forte. Comunicação, eu acho que essa é decisiva; gastronomia: eu acho que essa daqui também é importante; vestuário típico, isso aqui é mais ou menos, né; música, estilo: acho que isso * numa decadência; casas e edificações também; religião: aqui eu tenho dúvida; festividades típicas: 'é' mais fraco que religião; valores, regras morais... Respeito a crenças etc., isso aqui é quase que inovador, né... Eu acho que esse aqui – valores – eu colocaria como o primeiro deles. Isso são coisas que não mudam, entendeu?... Essa coisa do dinheiro, do amor a terra, eu acho, que isso aqui deveria vim em primeiro lugar. Bom, as ideologias, por exemplo, do capitalismo que tá por trás do agronegócio. E, o próprio nordestino gosta muito de comércio, feira, eles tem isso, é muito forte... Eu não sei aqui, se você, não deveria talvez, modificar esse critério pra você colocar a questão da política, as tradições políticas... Porque essas tradições políticas não tem ideologia... Eu acho que as tradições políticas dos migrantes, eles não tem uma conotação ideológica, é de interesse imediatista; convenções de família e sociedade: aí, eu também não tenho assim, uma vivência, isso é forte. Eu acho que isso aí é mais forte que música, vida, estilo, essas coisas; mas também não sei se a comunicação oral...

V: Na cidade do LEM, o que o senhor ainda acha que tem que melhorar...?

P: Em muitos aspectos. Olha... isso aqui você deveria sugerir a eles: de que eles teriam que ter um núcleo local de inteligência, um núcleo cultural de inteligência pra pensar o futuro da cidade. A base de largas tendências, não só do imediatismo. Eu acho que você deveria sugerir a eles isso...

V: Acho que eu posso colocar nas considerações finais...

P: Nas considerações... Porque, eu acho que como você viu, eles precisam duramente pensar o seu meio, inclusive pelo artificialismo dele, né. Não foi assim uma formação espontânea, demorada... Foi assim uma coisa violenta, caiu de paraquedas em cima da gente.

V: Quais os aspectos negativos? Eu sei que o senhor não vai muito lá, mas o que tem em mente da cidade hoje!? Nós discutimos ontem sobre violência, acho que talvez, infraestrutura ainda prevalece...

P: Núcleo urbano, não sei... Eu acho, que eles precisariam fazer um plano de desenvolvimento da cidade em função do meio que ela está instalada. Aquilo que o governo exige né, algum técnico, alguma coisa... Mas lá, eu acho que eles precisariam disso pra eles 'começar' a pensar o meio deles, porque o meio deles aconteceu. Eles não 'tão' pensando no meio, então, o que tá acontecendo tá sendo muito assim, empírico, circunstancial. Não houve um planejamento precedente, não é de caso pensando, é de solução imediata do problema que aparece. Não tem diretrizes de desenvolvimento, em que se 'considere' limites de possibilidades.

V: Professor, e como o senhor enxerga o futuro de LEM, daqui há 20, 30 anos?

P: Olha, eu não sei, não. Mas eu acho que a tendência de LEM é estacionar no tempo. Porque grande indústria não tem água. Grande indústria tem que se estabelecer aqui, aqui nessa Barreirinhas pra lá, tem água, tem espaço pra fazer indústria. Lá não tem. Se eles fossem pensar assim, teria uma indústria econômica de água, né. Eu acho que o futuro de Barreiras e LEM, deveriam ser pensados juntos. No sentido seguinte: de eles 'pleitear', ou quem sabe assim dos líderes locais pensarem o seguinte: desenvolver assim um núcleo de produção artesanal, mas com alguma tecnologia, quer dizer, produzir essas coisas que produz na China... Produzir bugiganga que não tenha imposto municipal, que tenha isenção federal, produzir livre de toda tributação. E que esses empresários, eles possam tocar essa produção e que haja uma possibilidade dela escoar pra Brasília, Salvador, não sei... Então, seria uma zona franca de Manaus às avessas. Mas de interesse mútuo entre Barreiras e Luis Eduardo.

V: Essa coisa da união da cidade nessa perspectiva de um caminho promissor...

P: Criar uma ocupação, não é? Agora, onde é que isso podia acontecer? Onde é que tem água, onde é que tem...? A divisa deles, né, fica difícil, como é que você vai manter isso aí. Por que água de onde é que você vai levar pra lá!? Eu ainda penso, que aqui em Barreiras mesmo, né, deveria se fazer um grande projeto de energia solar para bombear água do Rio Grande para o Planalto. [...] Então, eu acho que deveria ter uma cultura em torno da água. Eu acho que isso interessa tanto a Barreiras, quanto a LEM. [...] Porque eu acho que seria possível, né, porque vai ser necessário levar a água.

V: Já que eles estão acabando com isso, né!?

P: Acabando com isso... Porque não há assim grande possibilidade de armazenamento de água, né. Porque o Geraldo Rocha ele queria barrar o Rio Grande ali no Boqueirão, e aqui não existiria nada. Cê conhece esse projeto?

V: Não.

P: O Geraldo Rocha propôs barrar o Rio Grande, e aqui 'tava' tudo inundado, não existiria Barreiras...

ENTREVISTADO B:

- Naturalidade?

- Ponta Grossa – Paraná.

- É sulista também. Eu 'tô' (sic) chamando de Gaúcho no trabalho todo mundo que é do Paraná, Santa Catarina e... Rio Grande do Sul.

- Então, quando você fala todos, é melhor você usar sulista, porque há uma distinção muito grande entre Santa Catarina... Entre Rio Grande, Santa Catarina e Paraná, inclusive Paraná, ele tem muito churrasco e o chimarrão, mas são estados... É como se você... Quando 'cê' (sic) fala...

- Como se fosse o Nordeste, Fortaleza, Bahia...

- É! 'Cê' (sic) falou... Como é que 'cê' (sic) falou? Rio Grande do Sul... 'Cê' (sic) falou os Gaúchos, não?

- A gente tá chamando os Gaúchos todos os sulistas.

- Então, é como se você chamasse todo nordeste de baiano, e não é.

- Agora, pelo o que eu pesquisei aqui na cidade de Barreiras, a gente tem esse hábito justamente de chamar todo mundo de gaúcho, né? Então, no início do trabalho, eu explico que, embora tenha a distinção dos três estados, a gente vai considerar como gaúchos, né, todos os sulistas. Mas no título do trabalho 'tô' (sic) colocando como sulistas mesmo.

- É... porque o correto do título seria sulistas, não gaúchos. Senão, você estaria se limitando ao estado do Rio Grande do Sul.

- No início, eu faço essa separação.

- Profissão?

- Produtora rural... Empresária, só que deixa como produtora rural.

- Renda familiar? (A gente pode colocar só uma estimativa, só pra...)
- Aham... 15 mil.
- Escolaridade?
- 3º GRAU.
- Atualmente a senhora reside aqui em Barreiras ou Luís Eduardo?
- No meu caso específico, eu tenho casa nos dois lugares. Eu resido em Barreiras, mas tenho residência em Luís Eduardo.
- E há quanto tempo a senhora reside na cidade, região?
- 24 anos.
- Sobre o processo migratório em Luís Eduardo. Qual foi o ano que a senhora chegou aqui no cerrado baiano?
- 1994.
- Então, 'tava' (sic) bem no processo de desenvolvimento...
- Sim.
- O que motivou sua vinda pra Luís Eduardo?
- Meu esposo é agrônomo e veio por uma multinacional. Veio trabalhar na parte agrícola, né, de uma multinacional.
- Nesse período, quais foram os familiares que acompanharam? No caso, veio só a senhora e ele, já tinha filhos?
- Primeiro momento, sim. Não, nós tivemos os dois filhos aqui, e após, ele trouxe os três irmãos dele, a mãe e eu trouxe um irmão.
- Então, trouxe...
- Ele trouxe três e eu trouxe um.
- Porque eu falo aqui sobre a questão também da extensão familiar, né, da rede, que a rede ela vai crescendo a partir do momento em que eles vão se estabelecendo aqui na região. Então, os sulistas vão trazendo pessoas pra, também, tocarem o desenvolvimento da cidade. E como era a cidade-região, logo quando a senhora chegou aqui?
- Pelo buraco. Barreiras, Luís Eduardo, quinze horas de viagem. Barreiras, eu não encontrava naquele momento pra mim, que era primordial, um açougue. Então, a carne era na feira, né, qualidade assim, de açúcar refinado não tinha, ovo de páscoa... Então, a minha realidade de lá com a daqui foi um choque.

- E a paisagem, por exemplo, Luís Eduardo nessa época então, era Mimoso.
- Luís Eduardo era Mimoso, um posto de gasolina e umas vinte casas, mais ou menos. Eram dois postos, né; um posto do lado de cá, o hotel do Porto Brasil; o outro posto que é o Noventa, onde foi a rodoviária e umas vinte, trinta casas assim, tudo perdida.
- Solta, né?
- Solta...
- A senhora chegou a conhecer o morador chamado Negão? Enedino...
- Não.
- Tem uma foto dele aqui. Ele foi..., pela pesquisa que eu fiz com Ignez Pita, ele foi um dos primeiros habitantes da cidade, porque ele tinha uma pousadinha na época do posto, era uma casa bem simples e aí ele acabou...
- 'Cê' (sic) conseguiu chegar no primeiro, primeiro, não né?
- Pelos relatos de Ignez Pita, foi esse aqui, Enedino Alves da Paixão. Aqui é a imagem da primeira caixa d'água do posto e aqui era a casinha dele, que também servia de pousada.
- É... Quando nós chegamos aqui, isso daí deve ser 1980, em 94 já tinha os dois postos e já tinha a pousada do Porto Brasil.
- Ah, então a cidade já estava se formando como município...
- Era tudo... Só existia o asfalto da rodovia e o restante tudo chão, não tinha essas ruas asfaltadas, não existia...
- Rose, a senhora acredita que os sulistas são os principais responsáveis pelo desenvolvimento da região de Luís Eduardo Magalhães?
- No agronegócio sim, não tem outro lugar, não. Com eles veio todos os demais: dentistas, médicos, advogados, enfim, foi gerando, vamos dizer assim... Mas a descoberta mesmo foi dentro do agronegócio, dentro do cultivo das plantas. Aqui existia... O algodão rasteiro, né, tinha essa parte do rio aqui com a troca de produtos nas barcas, isso aí tudo a gente ficou sabendo ao longo dos anos, mas acho que não foi só os sulistas no primeiro momento... inclusive, tem pessoas de Minas, de São Paulo que vieram, mas numa quantidade menor. Então, o que veio de lá, veio ligado ao agronegócio... Então, o pai já tinha terra, o próprio produtor. Eu tinha o avô e o pai, minha família é uma família de produtor. Então, se percebe assim, é claro, é nítido que foi através da agricultura mesmo o crescimento de Luís Eduardo, em Barreiras, consequentemente, também.
- Até porque Mimoso era município de Barreiras, então...

- Muitos que moraram, que primeiro moraram em Barreiras, pra depois morar em Luís Eduardo, acho que quase que todos, poucos que chegaram e ficaram diretamente lá, mas hoje vamos dizer assim 90% migrou pra lá, o que deve ter aí. Mesmo a pessoa tendo a fazenda na Parceiral, que ela estaria a 100km daqui a Formosa, ele reside em Luís Eduardo, peças você encontra aqui, mas, a maioria das peças pra trator, pra caminhão, tudo em Luís Eduardo.

- Quais são os traços da cultura que prevaleciam na época da sua chegada em Luís Eduardo? Existia alguma cultura, ou baiana ou nordestina, ou sulista, existia algum traço de cultura na cidade ou a senhora acredita que essa cultura... ela foi formando aos poucos através dessa chegada de sulistas?

- A cultura foi a cultura gaúcha.

- Até hoje, em Barreiras, a gente tem dificuldade de estabelecer uma cultura, ou nordestina ou...

- Barreiras, ela ainda tem bem essa... pra mim, no meu ponto de vista, uma das coisas que me chamou atenção, quando cheguei aqui... Nós do sul, a gente comemora o natal e o ano novo, né, então ano novo 'é' (sic) muitos fogos e eu casei em junho, dia 25 de junho, então, quando eu cheguei aqui: "mas o que é isso? não é ano novo agora", e era São João, né. No primeiro ano, eu cheguei dia 26 aqui, no ano seguinte, meu pai era João, mas 'era' (sic) muitos fogos e aquilo me chamou atenção, essas... como é que chama? Fogueirinha na frente das casas, hoje eu vejo que não tem mais... são pouquíssimas, mas nós saímos com as crianças pra eles verem as fogueirinhas na frente das casas.

- Então, vocês não tem essa manifestação cultural...?

- Não. Tem festa junina nas escolas, meu pai fazia na fazenda, mas não essa fogueira na frente das casas e não também o foguetório no nível que era aqui, né. Eu até achei que esse ano diminuiu, é uma das coisas que me chama atenção.

- É um período que a gente tem muita dificuldade fumaça, barulho, os próprios animais... o pessoal tem feito campanha sobre isso.

- E o perigo, né?

- É, ainda tem o perigo com os fogos.

- Ao longo dos anos, houve uma adaptação nos seus modos de viver em Luís Eduardo ou eles foram preservados? Por exemplo, você modificou seus hábitos pelo fato de morar lá? No caso, você, como sulista, acredito que não, porque você já meio que foi responsável, também, por trazer esses hábitos sulistas pra cidade. Mas, pras pessoas que a senhora convivia, como nordestinas ou nativas de lá, porque tem muita gente de Irecê pra poder trabalhar nas fazendas, né. A senhora acha que eles adaptaram um pouco pra essa cultura ou não?

- Sim, e assim, os que moraram aqui aprenderam a abrir mais as portas, porque o sulista é porta fechada, né... eu e meus parentes, né, e olha lá... E o que eu percebi é que o sulista que veio pra cá, ele aprendeu com o baiano esse calor humano, então se fez muitas amizades e, entre os próprios sulistas, se migrou essas amizades de ter um compadre, um amigo muito mais próximo do que teria no sul, porque o Sul, ele é mais relacionado a família, então, vem o pai, a mãe e os filhos daí, vem as noras, daí vem os netos e ali fica, não se chama muito o vizinho, não tem esse contato com o vizinho, muito pouco, alguns têm, com certeza, mas você faz até amizades na faculdade, na escola, no clube que você vai, no trabalho, mas, quando tem aquela festa em casa, você convida os parentes, um casamento você convida, você é quase que obrigado, 90 a 100 por cento dos seus parentes, e sobra um pouquinho pra amigos. Aqui, a gente percebe que não, nem que encha a casa, bota todo mundo, bota amigo, bota parente...

- Mas sempre há esse intercâmbio também de...

- E aí, se aprendeu mais esse lado... Eu sempre digo, mais caloroso do baiano.

- O que sente falta, por exemplo, em LEM, naquela época, que tinha e que hoje a senhora acha que mudou, ou desenvolveu ou que tá diferente?

- Você conhecia todo mundo em Luís Eduardo, hoje 'cê' (sic) não conhece mais. Hoje já é cidade grande, vamos dizer assim, antes você andava em Luís Eduardo... todo o mundo se conhecia, hoje não. Hoje 'cê' (sic) olha pro lado, porque a cada dia tá chegando pessoas diferentes, e vindo também de outras regiões, também, a gente percebe. Vem muita gente de São Paulo, por conta das multinacionais, das empresas envolvidas no agronegócio.

- Eu pesquisei, e 'tô' (sic) colocando isso também, depois vem muita gente de fora do país, tem muito oriental.

- Tem, tem muito oriental. Oriental mais aqui, né, mais focado em Barreiras... oriental, lá tem, eu acho que em menor quantidade, com relação a Barreiras, o japonês, porque é mais japonês que chinês, mas Luís Eduardo... foi essa migração de outros estados, tem pessoas do Mato Grosso em Luís Eduardo. Então, você percebe que hoje - até produtor de lá que não deu muito bem lá, veio pra cá - produtor do Piauí veio pra cá. Então, isso tá acontecendo bastante em Luís Eduardo.

BLOCO IDENTIDADE HÁBITOS E COSTUMES

- Quais os principais traços culturais sulistas percebidos na cidade que faz com que seja pensado em algo específico no aspecto da organização, por exemplo, da Feira BAHIA FARMSHOW?

- Pois é... essa pergunta eu não entendi...

- Por exemplo... é... Vocês tiveram que pensar ou alterar – porque essa feira é organizada, também, em outros lugares, ela nasceu, também, acho que em Ribeirão Preto...

- Cada uma é independente, ela... teve uma época que ela foi coordenada pela AGRISHOW, a equipe da AGRISHOW veio para organizar, ‘era’ (sic) os organizadores... Hoje, não mais, hoje a feira é organizada pela AIBA, né, pela associação.

- Então, por exemplo, quando vocês pensam na feira, organizam a feira, vocês pensam em algum detalhe pra poder contemplar aquele aspecto específico da cultura sulista, ou, por exemplo, do jeito do “gaúcho” ou não?

- Mais a comida, a única... não é nem preocupação, até porque o baiano hoje, ele tá muito adaptado a... principalmente, ao churrasco, a maionese, o churrasco... Hoje você vê que o baiano come, tem as... tanto daqui, as comidas típicas, que às vezes o sulista não come, mas o churrasco ele se tornou... Então, a única preocupação que a gente com o restaurante grande é sempre ter o churrasco, até porque é uma comida mais fácil, mais rápida de preparar ali.

- Pelo fato, por exemplo, do sulista ter esse perfil diferenciado, em relação aos modos de trabalho, – que o pessoal sempre fala “Ah, porque o baiano é um pouco mais lento, não sei o quê...” – na montagem dessa estrutura, ou até mesmo...

- Mistura tudo.

- ... Vocês não conseguem enxergar isso, né?

- Não... Não, não tem mais. A gente não percebe isso, e a gente sentiu assim, essa ‘celeração’ (sic), né. Quando eu cheguei aqui, há 24 anos atrás, você chamava o eletricitista... ele levava três dias pra responder o telefone fixo, né, porque na época não existia celular. Então, pra nós de lá é um choque muito grande a mão de obra, principalmente, eletricitista, encanador, pintor, essas mãos de obra mais especializadas, mas hoje eu não vejo mais essa dificuldade, muito pelo contrário. Inclusive, pessoas do sul também envolvidas hoje, aqui mesmo em Barreiras, veio muitas pessoas de fora pra montar móveis, tinha uma dificuldade muito grande de móveis, esses planejados... que na época não tinha essas lojas, então, percebeu muito essa migração de lá pra cá, também. Mas, na feira em si, que tua pergunta é sobre a feira, não... Em momento algum eu penso que tenho que mudar alguma coisa... não.

- Qual a principal diferença ou particularidade de organizar um evento na cidade de Luís Eduardo Magalhães, e em outras cidades em que acontece a feira, ou algum evento parecido?

- Luís Eduardo... que ele concentra a maior parte dos produtores lá, né... Então, por esse número de produtores, pela região - abertura da região - ela se tornou um polo

agrícola, e ela automaticamente contempla, né, Roda Velha, Luís Eduardo, Barreiras, São Desidério, Baianópolis... Então, ela ficou dentro desse circuito que, pra nós, tanto na parte, principalmente, de logística, foi o que contribuiu muito e a iniciativa, também, que houve das pessoas na época, né, de fazer em Luís Eduardo, pelo espaço físico que foi cedido, na época, - não era emancipado ainda - pelo Mimoso do Oeste... Então, foi dentro disso que...

- ... Tiveram todos os incentivos, na época, pra que a feira realmente acontecesse...

- ... Acontecesse lá. E a feira, ela é diferenciada, ela não é uma exposição. Então, muitos anos demorou pra que as pessoas entendessem, né. A BAHIA FARMSHOW não tem bebida alcoólica, não pode ter, é proibido bebida alcoólica, é multado se caso algum *stand* for pego com bebida alcoólica, nos restaurantes não podem vender bebida alcoólica, não pode ter parques de dimensões grandes, a gente põe só aqueles pequenininhos pras crianças, não tem *show*, não existem *shows*, nem nada, nenhum tipo de *show*, a não ser, assim, uma apresentação, como teve no ano anterior, que a gente levou o pessoal do baiano, levou os sulistas com as danças típicas, levou o japonês. Então, mostrou todas as culturas que tem aqui, levou a capoeira tal, aí, houve essa apresentação, mas *shows*, não.

- Até... 'tipo assim' (sic), vocês foram responsáveis, então, pra mudar, alterar, também, o formato como a feira acontecia aqui, em Barreiras, né?

- Cachaça.

- Não... eu digo que aqui a gente tinha a exposição que era nesse formato e, praticamente, acabou se percebendo que...

- O que o expositor queria: ele deixava... ele relaxava o produtor, agradava com vinho, e isso não pode, né, principalmente é contra as éticas... esses, vamos dizer assim, manuais de feiras no porte que é, dos valores que estão movimentando. Então, é uma feira de negócios, não é uma feira de diversão, de entretenimento. Hoje os expositores entenderam que a multa custa cinco mil reais.

- Nossa. Existe alguma dificuldade pra gerenciar o evento na cidade de Luís Eduardo? E qual?

- Transporte e a parte hoteleira, né... O aeroporto 'tando' (sic) aqui dificulta um pouco, então, nós mesmos temos que trabalhar com vans, que 'leva' (sic) o pessoal pra lá, micro-ônibus, e a parte hoteleira, mas, em contrapartida, também se espalha um pouco, vem muito pra Barreiras... os hotéis em Barreiras também ficam com uma lotação de 70 a 80 por cento; lá fica 100 por cento, é difícil ter algum quarto, e hoje tão agregando até em Roda Velha, então...

- Um evento que cresceu bastante, né?

- Exatamente.

- Sobre a questão de hábitos e costumes, o que mais te desagradava hoje, lá em Luís Eduardo?

- Olha, eu acho que Luís Eduardo tá em ascensão, então, hoje eu não consigo ver, as críticas de lá seriam as mesmas daqui, as deficiências que a gente tem na área hospitalar, mas isso... acho que não envolve não só o município, né. É um panorama que é geral... acho que, principalmente a parte hospitalar, que eu acho que é mais crítica, e ruas, né... asfalto, que isso a gente percebe ainda, a parte de esgoto, tanto lá, quanto aqui.

- É geral, também. Rose, quais características sulistas que são mais presentes na cidade de LEM? – e aqui eu ‘tô’ (sic) pedindo pra marcar três opções...

- Gastronomia é forte, né, que tem até o mercado rio-grandense. Esse vestuário típico, seria mais o gaúcho de bombacha, eles usam, mas eles só usam em eventos. Hoje você não vê um gaúcho, muito raramente, têm alguns que andam de bombacha lá, mas são pouquíssimos. A música, sim, mistura, principalmente na rádio, há uma mistura grande, principalmente as rádios, na parte da manhã, elas são totalmente gauchescas, até o cara fala com a voz toda (o locutor); casas sim, eu acho que casas tem essa... é mais moderna, né, se você analisar ela lá com aqui, porque a casa característica aqui, ela é de porta pra rua, aquela casa pequeninha, coladinha na outra. O sulista veio trazendo esse muro, essa edificação diferenciada, ele não usa muito esse estilo, né, de porta de rua... então, se for ver nesse sentido, e a gente vê nas regiões em volta, o baiano tem muito isso, né, nas cidades pequenas, discorde se eu não estiver correta, mas é isso, né, a porta e já a rua. Então, acho que caberia aqui, casas e edificações, que veio muito de lá; religião não; as festividades típicas que agregou o que não tinha aqui.

BREVE HISTÓRICO

- Como surgiu a ideia da feira de negócios na cidade de Luís Eduardo?

- Foi através, até na época eu acho que ele, não sei se prefeito já (Oziel), juntamente com a associação ABAPA, associação daqui, através do seu João Carlos Jacobski, e perceberam a logística muito longe de ir até Ribeirão Preto, que, na época, e é até hoje, a maior do Brasil, a nível Brasil, e a nível internacional. Então, pela logística, que o produtor precisava sair daqui pra ir pra lá, e era uma distância grande, é uma cidade do interior de São Paulo, então, fez com que eles, vamos dizer assim... ‘almejasse’ (sic) ter uma feira, né, iniciar uma feira, não do porte deles, mas de nível principalmente pelo MATOPIBA, porque a região no todo, se você perceber, aqui não tem uma feira como a BAHIA FARMSHOW, então, nem o Tocantins, nem o Maranhão, nem o Piauí... então, pra essa logística do Norte e Nordeste, ela veio a calhar. Então, eles foram visionários ‘há 14 anos atrás’ (sic) e perceberam a pujança que ia ser o agronegócio aqui...

- Então, essa é a 14ª Edição?

- A que terminou agora foi a 14ª Edição, estamos indo pra 15ª.
- De que parte do país vêm os maiores empresários – agricultores ou expositores?
- Do MATOPIBA, do Goiás, temos alguns do Mato Grosso, também hoje, a nível internacional, tivemos visitas da Argentina, delegações da Argentina – Portugal foi esse ano, não né? – Foi Argentina e... teve mais um país, EUA veio, mas eles não puderam ficar, África do Sul também, inclusive vindo com olhares muito pra investimento aqui.
- Bacana. Mas não tem, vamos supor, uma cidade ou região, de onde prevalece a vinda deles?
- Bem misturado... mas São Paulo ‘cê’ (sic) percebe que não vem. Vem mais aqui do Goiás, do Mato Grosso, temos muitas pessoas vindo hoje de Feira de Santana, da região Sul da Bahia, também, que ‘tão’ (sic) descobrindo a feira, e vendo o tamanho da feira, a proporção que ela tem a nível de tecnologia, de inovação, de palestras, então isso tá movimentando e antes nós não tínhamos visitantes de Feira, de Brumado. Então, hoje você vê que, dentro do nosso estado, que não é nada pequeno, também ‘tá’ (sic) vindo agregando muito.
- Quanto movimentou, em valores, a feira de negócios pra cidade, essa última Edição?
- Então, foi outra pergunta que eu não entendi. Você quer me perguntar ela, dentro da feira, em volume de negócios, ou na cidade? Porque da cidade eu não tenho.
- Não, na cidade, não, porque a gente não conseguiria mensurar; só do evento mesmo.
- Ah! Esse ano 1,8bi, ano passado foi 1,5bi. Isso a gente sempre fala em intenção/tensão de volume de negócios, por quê? Porque há uma preocupação, porque alguns empresários, eles fecham, mas passam pra uma instituição financeira, passam pra outra, pra ver onde que é aprovado. Então, às vezes, ele pode tanto optar por ultrapassar, como diminuir um pouco. O que a gente procura e trabalha dentro de uma margem que não diminui, às vezes, ela pode até ser maior que essa, mas a gente procura manter um patamar.
- A senhora consegue pontuar as principais características dos sulistas que, provavelmente, impulsionaram também o crescimento dessa feira?
- Seria tanto o produtor rural, principalmente o produtor rural, porque ele é o maior comprador, né. Então, é ele que vem pra feira. E a tecnologia que vem através dos fornecedores, dos expositores, porque houve também, pra que o produtor comprasse, teve que, primeiro, essa tecnologia chegar até nós, ser desenvolvida, então as multinacionais, a nível mundial, perceberam a pujança que tinha aqui, inclusive, algumas máquinas eles não lançam... eles deixam de lançar na AGRISHOW, pra lançar na BAHIA FARMSHOW. Isso já ocorreu, então, pra que,

também demonstre... é um, vamos dizer assim, um marketing deles mesmo de trazer pra cá. Então, a mesma máquina, tudo o que você encontra dentro da AGRISHOW, que tem em torno de 250 mil visitantes, você encontra o mesmo maquinário dentro da BAHIA FARMSHOW, e em tecnologia, inovação, essa parte de energia solar, também tem vindo muito de São Paulo. Então, hoje a BAHIA FARMSHOW não é só máquina.

- Então, essa parte da tecnologia, também, a senhora acredita que foi um dos fatores que, né, claro... até porque a evolução toda do município, ela veio com a *crista* da pesquisa, né, lá do calcário, pra poder fazer aquela terra uma terra fértil, né?

- Isso, muito importante o que você salientou agora. Por que teria como o próprio baiano ou quem tá na região produzir? Sim, mas ele teria que ter o conhecimento, que era esse de tratar a terra, pra que ela pudesse produzir. Então, sempre teve terras boas, mas não eram tratadas, e isso que tá dando essa forma maior de grilagem hoje, porque dizem que o sulista veio aqui e roubou. Não! Ele veio, comprou, a pessoa foi e vendeu, mas vendeu a um preço X, foi lá no cartório, muitos, né, fizeram tudo certinho. Quando começou a agregar valor, que colocou milhões em cima da terra, calcário e adubo e gesso, o valor elevou lá em cima, quê que aconteceu, a pessoa se sentiu prejudicada... é como, se eu compro um terreno teu, e construo uma mansão, quanto é que vai valer o terreno? Se 'tá' (sic) com a mansão em cima, ele vai valer muito mais; se você me vendeu por 30, e o terreno do vizinho vale 50 hoje, 'cê' (sic) não vai achar que eu passei a perna em você? Então, isso tá acontecendo muito aqui. Então, tem o grileiro sim, como em qualquer mercado, como tem a pessoa honesta e a desonesta, mas muitas das pessoas que chegaram aqui pagaram corretamente, entraram corretamente, e hoje 'tá' (sic) aparecendo esses donos - inclusive donos com 350 mil hectares, que o pai não veio da... era difícil, na época, o pai dele ter comprado 350 mil hectares. Então, isso hoje 'tá' (sic) se proliferando muito aqui e... não sujando a imagem do sulista, mas prejudicando, pra algumas pessoas, que não tem conhecimento e entendimento, porque, quando ele chega aqui, e que ele traz um crescimento, ele traz pro dentista, pro médico, pra escola, pra farmácia, pra livraria; porque eu sempre disse - e eu tive livraria e locadora aqui durante 19 anos- eu vendia bem, quando o produtor colhia bem, se ele não colhesse bem, eu não vendia bem. Então, é aí que tá: a economia, eu tenho amigos baianos hoje, que, no começo, criticavam nós (sic), que você ia levar o filho na escola, te 'olhava' (sic) com a cara feia e, hoje, entende que, realmente, ele não fez sozinho - a cidade em si se ajudou a crescer, mas ainda tem hoje esse olhar de que o sulista é rico, é milionário aqui... se ele ganhou alguma coisa, ele trabalhou pra isso e também com ele cresceram muitos, principalmente, quem trabalha com ele. Eu fiz FASB e lá as discussões 'era grande' e lá eu peguei alguns assim nesse nível de dizer: "Ah, tia Rose, você é rica, você é milionária", eu falei: "Não, meu filho, eu trabalho, no dia que eu for rica, eu paro de trabalhar, no dia que eu parar de trabalhar, você vai lá e me chama de rica". Não é? Você tem que

parar pra você ganhar e sobreviver sem continuar trabalhando, aí 'cê' (sic) tá rica, então, beleza! Mas, hoje, eu já senti que desmistificou muito.

- É... eu também percebo que hoje *eles têm um pouco* dessa visão, eles reconhecem o trabalho, a força do sulista, que isso eu trago muito na pesquisa, principalmente para o desenvolvimento da região como um todo, tanto Barreiras como Luís Eduardo.

- O que seria Barreiras e Luís Eduardo hoje? Ah, mas o baiano poderia ter feito isso. Perfeito, mas por que que, na época que iniciou, que veio os poucos... ele também já não entrou? Alguns entraram, então, "muito bem, obrigado". Porque têm muitas pessoas aqui da região muito bem, e quando não veio a tecnologia, botou o filho pra estudar fora e hoje é um excelente médico, um excelente dentista... quer dizer, trabalhou, cresceu junto.

- É... que é isso que eu falo sobre a questão do empreendedorismo também, né, porque algumas perguntas que eu elaborei aqui, no questionário, tentei puxar pra isso, né, pra que vocês colocassem isso meio que na fala de vocês.

- Minha história, assim, é rapidinha, mas talvez pro teu projeto seja bom e, se não for, você pede pra 'mim' (sic) parar. Quando eu cheguei aqui, eu era filha de produtor, meu vô, grande fazendeiro lá. O Selmo, o pai dele foi vereador, classe média-alta sempre, estudou em escola particular, tudo. Nós casamos e viemos com o salário dele, eu desisti do curso de direito pra casar, na época, casamos no sábado e viemos na segunda. Nós moramos numa quitinete, com colchão no chão... Doutor Lázaro, pediatra, emprestou a pia da quitinete dele... era com quatro tijolos, o Selmo comprou um arquivo, porque ele precisava arquivar as coisas; fomos a Brasília, vimos umas fitas de VHS; foi comprado pra mim 100 fitas, eu entregava a domicílio nas casas; meu pai com quatro carros na 'garage' (sic) - lá no sul, lá em Ponta Grossa. - E nós dois começamos nossa vida aqui. Então, são desafios, aí o Selmo tinha um caminhãozinho, na época lá, ele vendia frutas no Sul, o pai dele era vendedor de frutas, o irmão, também, e falou: "Selmo, leva maçã daqui pra lá", aí o Selmo começou a trazer maçã pra vender na feira, só que um gerente dele da *BASP* veio, e não gostou. Daí, ele falou: "Ei, amor, vou ter que parar", daí eu falei "Não vai parar, não, eu vou pra lá". E aí, eu fui pra feira. Eu trabalhei na feira do Centro e na feira da Barreirinhas. Então, eu entregava fita até 21h/22h da noite, aí eu corria pra casa, daí 4h30 da manhã o Selmo ia lá, montava a barraca... eu chegava 5h30/6h, eu ficava até 18h, corria pra casa, tomava banho, colocava os filmes dentro do uno e saía e ia entregar. Quando eu abri o espaço cultural CD VIDEO - você deve ter conhecido - eu tinha 100 clientes cadastrados e 300 fitas, e hoje, meu esposo produz, nós 'tamos' (sic) aí em torno de 5000 mil hectares de lavoura. Então, assim, eu conheço N's amigas minhas que chegaram e foram morar na fazenda embaixo de lona, e moraram anos; hoje, moram numa cobertura. Mas aí que tá, trabalhou pra chegar. Então é isso, às vezes a pessoa olha: "Ô, mas você tá num carrão", mas como é que ela fez pra chegar ali, o que que ela fez?! E nessa história, o motorista do meu pai passou (o meu pai tinha uma transportadora de

caminhões também), e ele passou na avenida e me viu. Lembra, não sei, se é daqui o Posto CEPIL?! Ele chegou lá e ligou pro meu pai “Nhô João, a Rose tá aqui”, ele disse “É, a minha filha tá aí”. Então, assim, é essa garra que talvez, eu acho, que veio e as pessoas, ou se assustavam ou não tinham esse... Ah, eu lavava o carro na frente de casa, doutor Lázaro até ria: “Menina, o que é isso, uma mulher lavando o carro?”, porque lá na minha casa, meu pai... nós lavávamos o caminhão, às vezes. ‘Cê’ (sic) entendeu? Minha mãe lavava, eu polia o cavalinho da carreta. Então, pra mim, lavar o carro lá no sul, pra mim, era normal. E doutor Lázaro achava, assim, um absurdo, ele gritava: “Menina, para de lavar, Selmo cadê você pra lavar esse carro?”. Então, aí que tá, são hábitos, né, que as pessoas têm e que...

- É... justamente são esses hábitos sulistas, principalmente do empreendedorismo, que a gente revela aqui no trabalho, na pesquisa, e coloca como os diferenciais para o desenvolvimento da região, né, porque talvez nós não estaríamos nesse patamar de desenvolvimento, se o processo migratório tivesse sido feito por outro tipo de personagens, né, ou por goianos ou por paulistas ou outras, né... Então, de fato, isso...

- São desbravadores. Se você vê hoje o Rio Grande do Sul, e algumas cidades, você vê que lá estagnaram, mas são tipos de pessoas no sul que também não são muito de investidor, é o perfil, e outras cresceram, explodiram. Então... Mas lá tem principalmente essa parte o que destaca... Você já foi pro Sul?

-Já fui pra Floripa.

- Ah, então, ‘cê’ (sic) viu... Não parece que você tá noutro país? A limpeza não é a primeira coisa que chama atenção, o asfalto pretinho, a educação, o asfalta, assim, liso, limpo. Quando eu vim morar aqui, que eu ia em Ponta Grossa, eu ficava olhando o asfalto; eu ia pras ‘padaria’ (sic), minha mãe me perguntava “Minha filha, o que que ‘tá’ (sic) acontecendo?”, “Mãe, nós não temos padaria lá assim”... Então, é essa situação, era bem... Hoje não mais! Hoje a gente tem aqui, né, pra nós é muito aqui... você tem o Bob’s, você tem o Spoletto... então, essas redes que ‘chegou’ (sic) hoje você tem uma Havan pra você ir lá...

- Que é também é de Santa Catarina, né?

- Se não é do Lula aquele trem lá, acho que é do Lula...

- Havan?

- Moço, tinha um...

- Mas lá em Floripa eu vi bastante Havan, e alguém me falou que é de lá.

- Não, não é nada. É do Lula mesmo.

- Não sabia.

- Parou um jato dele, esses dias, ali na aba, que todo mundo ficou besta com o tamanho do jato... mas era um jato pra trinta pessoas, lá no final [...], diz que é da filha do Lula, mas eu não sei se é, mas se for também, pra nós trouxe ganho aqui.
- Rose, então, aqui vou entrar na última pergunta: Então, a senhora colocou nas estrelinhas, mas qual a principal contribuição do grupo social sulista para a economia do município?
- O empreendedorismo, né? Ser empreendedor.
- E houve alguma dificuldade na 1ª Edição da BAHIA FARMSHOW, em Luís Eduardo?
- Como todas as outras, né, em infraestrutura, porque a cada ano ela foi se melhorando e foi crescendo mais, mas principalmente em infraestrutura, em vendas, porque, até que as pessoas... que a marca em si se fortalecesse... quer ver, 'há quatro anos atrás' (sic), eu acho que a nossa venda 'tava' (sic) em 700 mil em volume de negócios, hoje nós 'tamos' (sic), em 1bi, quase 2bi. Então essa... Tudo cresceu junto, né? Tudo se adaptou junto.
- A senhora percebe que há algum tipo de exclusão, lá na cidade de Luís Eduardo... é visível algum tipo de exclusão entre baianos e sulistas hoje, ou isso é coisa do passado?
- Olha, eu convivo pouco com a sociedade. A tua pergunta seria mais 'relacionado' (sic) ao trabalhador, também, ele ter dentro do escritório dele só sulista, alguma coisa nesse sentido?
- Sim, pode ser também, no lado empresarial.
- Nisso, no lado empresarial, eu não vejo, no lado social, lá é forte. Então, nesse sentido, sim.
- Mais no campo social, né?
- É. Se você for num casamento lá, principalmente... Aqui não, aqui mistura o baiano, o sulista, todo mundo junto. Lá, eu não sei se é pelo número de moradores e a maioria ser do Sul, você vê mais o sulista. Nosso sentimento 24 anos de Bahia, é que, quando eu vou lá, é como se eu tivesse em Ponta Grossa...
- A senhora tem esse pertencimento...
- Com certeza! 'Cê' (sic) vai almoçar numa churrascaria, você só vê gauchada, chego até brinco, né. A mulher é mais clara, o olho, mais claro, o homem, a maneira de se vestir também, não de bombacha, mas a forma de se apresentar é muito forte em Luís Eduardo.
- Então, é como se a senhora não sentisse muita saudade do Sul, porque meio que a cidade preenche esse vazio...

- Aí você pegou mais pesado. Não vou morar em Luís Eduardo ainda por causa disso, eu amo Barreiras, sou apaixonada no baiano, porque o que acontece com o gaúcho e com o paranaense? Há uma prepotência muito grande. Então, o prédio da minha mãe você vai descer, eu digo, “Bom dia, boa tarde” do porteiro ao cara que ‘tá’ (sic) limpando lá na frente. Lá não, se você vai cumprimentar alguém, ‘cê’ (sic) entrou no elevador e diz “Bom dia”, a pessoa faz assim... “Bom dia”...

- Te mede...

- Eu digo: “Só ‘farta’ (sic) ter esquecido de vestir as ‘calça’ (sic)”. Sabe, ele te mede inteiro pra te cumprimentar... então, em Luís Eduardo tem muito isso aí, mas nem tanto dos homens, principalmente da mulher. Elas são mais vaidosas, essa coisa... essa competitividade, que existe muito grande entre as mulheres, principalmente do Sul. Olha, eu ‘tô’ (sic) matando o Sul agora aí, mas, aqui em Barreiras, você sente o calor, por mais que ‘tá’ (sic) num grupo e que tenha muito sulista junto, mas sempre tem um baiano, inclusive na nossa, e hoje os nossos filhos casando também, ou com baianos ou com baianas. Então, ‘tá’ (sic) havendo muito essa mistura. Lá eu não tenho todo esse conhecimento, mas eu percebo que lá casa sulista com sulista.

- São mais *barristas*, né? Eles preservam mais a...

- É. Aqui não. Aqui a gente tem vários amigos já que os filhos são, né... Eu digo, meus filhos são baianos, eles nasceram aqui, eles têm até o nosso sotaque do Sul, até porque eu não perdi o meu, o nosso sotaque, mas eles são baianos, eles nasceram na Bahia.

- É... com certeza. É justamente isso que eu imaginava, né, que vocês tentam trazer, preservar muito essa coisa da tradição sulista, que é muito forte. Então, pra vocês, vocês levam... o CTG de lá... *eu vim a conhecer o pessoal do CTG*... um dos maiores CTG’s, né...

- Aí ‘cê’ (sic) vai pegar o, como é que diz... O enraizado, a essência mesmo. Chimarrão, eu tomo todos os dias, né, eu tenho a minha amiga no nosso prédio lá... ela é gaúcha, ela é de Casca, do Rio Grande do Sul, mas... e eu sou... o meu pai tomou a vida toda, meu pai andava de bombacha; então, tem paranaense com essa tradição gaúcha, como tem muito no Mato Grosso também. Meus tios que moram lá, tem um tio lá que foi presidente do CTG e ele é do Paraná também, então é muito mais que o catarinense, que tá no meio ali, entre os dois estados, mas essa tradição sim... Pinhão, agora nessa época.

- Eu vi que até no supermercado daqui de Barreiras vende, no período de safra mesmo...

- Ah, vende horrores e antes não tinha. O ovo de Páscoa aqui, eu acho (a Ignez Pita vai saber melhor que eu), mas eu acredito que foi o sulista. Eu fui uma das primeiras livrarias a trazer, quer dizer, eu era a única que trazia o Kinder Ovo, eu ia a Brasília porque ele era um chocolate mais caro e meu carro tinha ar-condicionado, então, eu

conseguia trazer... e então, realmente, o sulista rodava a cidade, e só encontrava ali no Espaço Cultural. Então, isso você percebe, que conseguiu introduzir algumas coisas que não 'era' (sic) só do Rio Grande, mas que aqui não tinham o costume.

- Por ser uma cidade muito isolada de tudo... geograficamente, nós estamos bem afastados.